

IGREJA BATISTA DO CAMBUÍ

ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

TEOLOGIA SISTEMÁTICA I

Material preparado pelo

Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho

*Para uso exclusivo na Escola Bíblica Dominical da Igreja Batista do Cambuí,  
Campinas, S. Paulo. É proibida a reprodução e utilização fora da Igreja, sem a  
autorização por escrito do autor.*





O estudo de Teologia Sistemática deve ser baseado na Bíblia. Por isso que, antes de começarmos um estudo sério da Teologia, é necessário deixar bem definida uma coisa: vamos estudar a Bíblia e vamos usá-la mais que qualquer outro livro. O fato de não seguirmos um determinado livro da Bíblia para estudar, como fazemos na Escola Bíblica Dominical, não significa ausência de Bíblia. Vamos estudá-la. Esta apostila, inclusive, é um roteiro do estudo bíblico, para facilitar uma visão sistemática da Bíblia, e não pretende ser um substituto dela. Por isso, logo de início, é necessário responder a uma pergunta: "como podemos ter certeza de que temos um documento confiável em mão, quando estudamos a Bíblia?". Sim, como é possível acreditar que, ao longo dos tempos não houve modificações feitas pela Igreja ou por pessoas interessadas em apresentar certos pontos de vista? Algumas pessoas costumam dizer que "papel aceita tudo", para negarem o valor da Bíblia. Então, como podemos crer que temos em nossa Bíblia exatamente o que foi dito em tempos remotos? Para responder a estas questões, transcrevo, a seguir, uma pastoral de boletim que produzi para responder este problema embora formulada em outras palavras:

### "É POSSÍVEL LEVAR A BÍBLIA A SÉRIO?"

Um crítico ignorante do assunto alegou não poder levar a Bíblia a sério por não se poder provar a autenticidade dos seus manuscritos que deram origem aos livros bíblicos que temos. Ao longo dos tempos, segundo ele, os cristãos os modificaram, para impor suas doutrinas. A Bíblia teria sido mudada, segundo eles.

Tucídides, historiador aceito pelos estudiosos, viveu entre 460-400 a.C. Sua obra nos chegou com oito manuscritos de 900 a. D. (1.300 anos depois de sua vida). Os manuscritos de outro historiador, Heródoto, são mais raros, mas também aceitos, como os de Tucídides. Chegaram-nos em poucas cópias, bem depois da sua vida. As obras de Aristóteles, filósofo grego, foram produzidas em cerca de 330 a.C. O manuscrito mais antigo é de 1.110 d.C. (1.400 anos após sua vida). Nenhum filósofo impugnou Aristóteles por isso. As guerras gaulesas foram narradas por César entre 58 e 50 a. C., mas o manuscrito mais recente data de 1.000 anos depois de sua morte. No entanto, todos eles são aceitos pelos historiadores como dignos de confiança.



Ninguém negará o valor de *A Ilíada*, de Homero, que tem 643 manuscritos. Pois bem, do Novo Testamento temos cerca de 2.000 manuscritos, cópias de escritos dos anos 46 a 90 de nossa era, bem perto dos eventos, narrados por testemunhas oculares. Quanto ao Antigo Testamento, em 1947, nas cavernas de Qumram, descobriram-se centenas de seus manuscritos, alguns datando de 150 a.C. Até onde se pôde traduzir (e há lingüistas cristãos bem preparados) o texto bate, palavra a palavra, com o que temos traduzido. Não manuseamos uma invenção humana, mas uma revelação verbalizada e cristalizada em escrita há séculos.

Do ponto de vista bibliográfico, a Bíblia possui mais base manuscrita que qualquer outra peça literária da antigüidade. Só a má fé dirá que o texto foi modificado. Não aceitá-la alegando modificação do texto é ignorância ou má fé.

A questão é que a Bíblia incomoda as pessoas com suas exigências morais e espirituais, pedindo-lhes definição. Ela é, ao mesmo tempo, uma carta de amor e um ultimato da parte de Deus. Uma declaração de que ele nos ama, mas que nos chama a mudar a vida. Promessas as pessoas querem. Compromisso, não. Seu ceticismo e sua incredulidade não são intelectuais, mas morais. Como disse Mark Twain: "O que me incomoda na Bíblia não são as passagens que eu não entendo, mas sim as que eu entendo".

Não cremos em algo feito por espertalhões, mas numa verdade que Deus revelou e preservou através dos séculos. "Para sempre, ó Senhor, a tua palavra está firmada nos céus" (Salmos 119.89). "

*(escrito, originalmente, como pastoral do boletim da PIB de Manaus)*

Os manuscritos dos quais dispomos não são da época dos eventos. Mas de uma geração posterior. Esta é outra questão a levantar. Como podemos ter certeza de que relatam o que aconteceu? Duas respostas podemos dar para essas perguntas:

1ª) Embora seja histórica, a Bíblia não é um livro de história. Guardemos isso, também. Ela é a *interpretação da história*, considerando-se os atos que Deus efetuou na história dos homens. Como se lê em Êxodo 3.18, Deus entrou na história do seu povo, para libertá-lo. E toda ela mostra a história de Israel e a história da salvação que Deus oferece à humanidade. Por isso que a questão de não terem sido os manuscritos produzidos na mesma época dos eventos não é tão relevante. Mas mesmo assim, até mesmo o incrédulo



tem que reconhecer uma verdade: o relato bíblico não é uma invenção da Igreja, pois houve anotações escritas paralelas a muitos dos eventos, como se pode ler em Êxodo 24.4: "Moisés escreveu todas as palavras do Senhor". Houve, também, a consulta a documentos escritos que serviram de base na pesquisa feita pelo autor bíblico. No Novo Testamento, por exemplo, Lucas declara que investigou tudo "cuidadosamente" (Lc 1.3). Ficando na área do Antigo Testamento, é bom saber que cada vez que temos em Gênesis a expressão "eis as origens" ou "livro das gerações" ou ainda "estas são as gerações" (a palavra no hebraico é *toledôth*) temos o início de uma obra, provavelmente histórica na época, empregada pelo autor do livro. Ela aparece em 2.4, 5.1, 6.9, 10.1, 11.10, 11.27, 25.12, 25.19, 36.1 e 9 e 37.2. O autor de Gênesis pode ter se valido de relatos de genealogias, que são muito valorizadas e preservadas entre os orientais, para produzir o texto. Isto significa dizer que o texto tem historicidade e que não trata de histórias do arco da velha....

2ª) Existe, ainda nos dias de hoje, uma preocupação muito grande por parte dos orientais com a tradição oral. E isso era muito mais forte nos tempos antigos, quando a escrita era custosa. Eles preservavam a sua história e suas experiências, contando-a de geração para geração. As histórias e narrativas eram repassadas de pai para filho. Assim mantinham os fatos vivos na mente do povo. Preservada em sua essência, a tradição oral, até sua redução à escrita, manteve muitos dos eventos e muitas das históricas vidas na mente do povo. Em conversas à beira da fogueira, à noite, ou à beira do poço, os povos nômades passam suas tradições culturais para as gerações mais jovens. Em tempos de escrita rara, isto era feito muito mais forte, de maneira que o passado não se perdesse. Assim podemos dizer que muito do sucedido com Israel foi contado e recontado para as gerações seguintes. Vemos isso de maneira bem clara na instituição da páscoa, em Êxodo 12.25-27 (leiamos o texto), quando a experiência do passado, dramatizada em uma cerimônia, deveria ser passada para os filhos. Desta maneira, podemos dizer, com segurança, que aquilo que temos na Bíblia não foi inventado nem criado em um momento, mas contado, recontado e vivido por gerações, até que chegasse ao que temos em mão. Além disso, como cristãos, cremos na inspiração das Escrituras, conforme se pode ler em 2Pedro 1.21.





*Introdução* - Por que vamos estudar teologia? Por que complicar a Escola Bíblica Dominical? Por que não podemos estudar “a Bíblia somente?”. Estas perguntas podem ser feitas por algumas vezes, com sinceridade, mas revelam alguns equívocos bem profundos. O primeiro deles é que não existe uma coisa como “Bíblia somente”. Esta expressão já traz, em si, alguns pressupostos (idéias estabelecidas de antemão, antes de começar a conversa) teológicos. Por exemplo: ela presume que a Bíblia é um livro que deve ser estudado (e isso, obviamente, por ser um livro inspirado). Ela pressupõe que a Bíblia não deve ter nada nivelado a ela (ela é um livro singular). Nossa forma de nos aproximarmos da Bíblia, a maneira como a estudamos, o valor que damos a ela, tudo isso é produto de uma atitude teológica.

Estas perguntas também são um pouco preconceituosas. Elas mostram que a pessoa que as faz pensa que teologia é uma coisa complicada, rebuscada, sem valor algum para a vida, e que até mesmo nega a Bíblia. No entanto, a teologia é a essência da nossa fé. Em que cremos? A resposta a esta pergunta será sempre teológica. Ou seja, o que respondermos será teologia. Preguei numa reunião de jovens e a seguir, de forma pouco educada, o líder da reunião disse: “Não quero saber de doutrina. Quero saber de Jesus !”. Voltei ao microfone e perguntei: “Quem é Jesus , para você? Qualquer resposta que você dê, será uma resposta doutrinária!”.

Disse um teólogo chamado Gasque: “a teologia é coisa importante demais para ser deixada nas mãos de profissionais”. Tem verdade. A teologia cristã é uma propriedade de toda a igreja de Jesus . E veremos isso nos estudos a seguir.

1. *Definição* - *O que é teologia?* – Ditas estas coisas, vamos definir o que é “teologia”. “Teologia” é o termo advindo da junção de duas palavras gregas, *theos*, “Deus”, e *logos*, “razão, pensamento, palavra”. “Teologia” é, falando em termos de definição gramatical, um estudo sobre Deus. E a Teologia Sistemática pode ser definida como “a disciplina que busca fazer uma exposição coerente das doutrinas cristãs, fundamentando-se nas Escrituras, em diálogo com a cultura e a época de sua formulação e em conexão com a vida do teólogo”. Se a definição parece longa, vamos tentar explicá-la.
2. *Explicação* - O fundamento da Teologia Sistemática deve ser a Bíblia. Isto a distingue da Teologia Contemporânea que busca responder às questões atuais muitas vezes valendo-



se de explicações filosóficas. Distingue-a, também, da Teologia Patrística, que explica a fé cristã conforme formulada pelos chamados "pais da Igreja" (nome que se dá aos primeiros pensadores cristãos que procuraram formular nossas doutrinas). Mas ela não é apenas um estudo das doutrinas cristãs à luz da Bíblia. Ela deve ter algo a ver com a vida do teólogo. A verdadeira teologia não pode ser feita num "tubo de ensaio mental". Isto porque as doutrinas cristãs não são abstrações intelectuais, mas são a formulação, em pensamentos humanos, dos pensamentos de Deus conforme expostos na Bíblia. E Deus não pode ser compreendido como se fosse matéria intelectual. Numa frase de Helmuth Thielicke, "o pensamento teológico só pode respirar em uma atmosfera de diálogo com Deus" <sup>1</sup>. Na frase deste ilustre teólogo alemão se observa a idéia de que a verdadeira teologia pressupõe espiritualidade. Mais à frente em sua obra, diz-nos ele:

Tenha em mente que a primeira vez que alguém falou de Deus na terceira pessoa (falou sobre Deus, e não mais com Deus), foi no exato momento em que soou a famosa pergunta: "É assim que Deus disse?..." (Gn 3.11). Este fato deveria fazer-nos pensar. <sup>2</sup>

Com isto quero dizer que não se pode ter um real proveito no estudo teológico quando este é feito de maneira acadêmica, profissional, sem sentimento. Poderá haver crescimento intelectual, mas devemos lembrar o que diz a Escritura: "Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1Co 2.14). Uma atitude reverente e um espírito humilde diante de Deus e de sua Palavra são ingredientes necessários para um estudo teológico correto e proveitoso. Sem isto, poderemos ter muitas informações sobre Deus, mas não conheceremos a Deus. Por vezes, até mesmo numa classe de Escola Bíblica Dominical, a preocupação de alguns é com "pegadinhas" para mostrar inteligência ou embaraçar o professor. Há alunos da EBD que gostam de se mostrar espertos... Isso também não produz nada positivo. Uma das finalidades do estudo da Teologia é o crescimento espiritual. E isso se faz com seriedade, respeito e amor, nunca com esperteza. A verdadeira Teologia não produz enfermidade, mas saúde. Esta separação que se tenta fazer entre conhecimento teológico e espiritualidade é falsa. Por isso, com coração aberto e espírito reverente poderemos crescer teologicamente.

---

<sup>1</sup> THIELICKE, Helmuth. Recomendações aos Jovens Teólogos e Pastores. Recife: SETE e S. Paulo: SEPAL, 1990, p. 58.

<sup>2</sup> Ib. ibidem, p. 59.



3. *As possibilidades de termos uma Teologia Sistemática* - Isto não colocaria a Teologia Sistemática numa área subjetiva, em que cada um fará sua interpretação pessoal? Se a atitude de humildade e de reverência do estudante de teologia é indispensável, não está a ênfase sendo colocada no homem?

Respondemos que não. São condições essenciais, mas aludem à postura do estudante e não aos fundamentos da Teologia. Pelo menos três motivos nos mostram a possibilidade de uma Teologia Sistemática, de um estudo elaborado e profundo sobre Deus. São eles:

- (1) A existência de Deus e seu relacionamento com o mundo. A Bíblia não procura nos provar a existência de Deus. Dá-a como aceita e mostra-o como uma Pessoa, que se relaciona com as demais, que se comunica, que mostra sua vontade. Não é uma força ou uma energia cósmica impessoal, mas um Ser que busca relacionamentos. O Deus da Bíblia não é o Deus distante, mas o Deus relacional. Ou seja, é o Deus que busca se relacionar com o ser humano. Se ele se relaciona e se comunica, podemos ter uma teologia, ou seja, podemos estudar algumas verdades sobre ele.
- (2) A singularidade do homem, como "imagem e semelhança de Deus", com capacidade de se relacionar com ele. O homem é singular. Ele é de toda a criação, o único que pode olhar para fora de si, de sua existência, com pensamentos abstratos. Diz Eclesiastes 3.11 que Deus "pôs na mente do homem a idéia da eternidade". Ele é o único que pode fazer metafísica (pensar além das coisas físicas), que pode "teologar". Sendo inteligente, racional e tendo capacidade de entender, o homem pode fazer teologia.
- (3) A revelação. Cremos que Deus existe e que se revelou. Isto é dito de maneira bem clara em Hebreus 1.1-2. Ele se revelou na natureza (Sl 19.1 e Rm 1.19-20), na história (nos atos redentores a favor de Israel), pelos profetas e, por fim, em Jesus Cristo. A estas expressões de sua revelação, todas objetivas, há uma ainda, de caráter subjetivo: ele se revelou na consciência humana. "O espírito do homem é a lâmpada do Senhor" (Pv 20.27). Esta revelação na consciência pode ser entendida por esta expressão de Billy Graham: "Em sua *Crítica da Razão Pura*, Emanuel Kant dizia que apenas duas coisas lhe causavam assombro - os



céus estrelados e a consciência do homem".<sup>3</sup> Podemos chamar ao conjunto de revelação na natureza e revelação na consciência de "revelação geral", isto é, elas pertencem a todos os homens. Não dependem de algo sobrenatural. Qualquer pessoa, mesmo que nunca tenha ouvido falar de Deus nem sequer visto uma Bíblia, tem em volta de si um mundo criado. Este mundo deve ser uma chamada à consciência: "quem fez isto? De onde surgiu isto?". Se Deus não tivesse se revelado, nada poderíamos saber dele Mas como se revelou, podemos saber (João 3.27 esclarece este ponto). É possível, portanto, estudar sobre Deus.

Em nosso estudo vamos nos centrar, acima de tudo, na revelação que Deus fez na história, nos profetas e em Jesus Cristo. Isto porque esta revelação está contida nas Escrituras Sagradas, que consideramos como Palavra de Deus. Numa expressão que Francis Schaeffer gosta de empregar, ela é a "revelação proposicional de Deus", ou seja, é uma revelação que foi formulada em proposições verbalizadas. Simplificando: foi feita em expressões, em frases, de maneira que puderam ser ouvidas e podem ser lidas. Partimos deste ponto: a autoridade das Escrituras, reconhecendo-a como Palavra de Deus. A Bíblia é a Palavra de Deus e nela está tudo o que o homem precisa saber sobre Deus. Ditas estas coisas, centremo-nos mais um pouco na questão da revelação de Deus.

4. *A revelação de Deus* - Os tempos em que vivemos são tempos de negação de um Deus pessoal. O movimento nova era nos traz de volta o paganismo do passado e nos mostra Deus como sendo uma energia ou como uma força cósmica. É até intrigante que uma geração tão avançada tecnologicamente seja tão atrasada em matéria de conceitos espirituais. Em termos espirituais, voltamos ao passado pagão. O paganismo do movimento nova era se caracteriza pelo seu panteísmo. Este é o nome que se dá à doutrina de que Deus está em todas as coisas e todas as coisas são Deus. E uma das características do panteísmo nova era é levar as pessoas a acreditarem que existem duendes, que as pirâmides e os cristais têm energias, etc. Vemos isso até mesmo nos desenhos animados. E em todo tipo de entretenimento, desde o filme "Guerra nas Estrelas", com a expressão "Que a Força esteja com você". A mensagem passada por

---

<sup>3</sup> GRAHAM, Billy. Mundo em Chamas. Rio de Janeiro: Editora Record, 1965, p. 124



este filme é de fácil entendimento: a divindade é uma energia cósmica, uma força, não um Ser Pessoal. A continuidade da idéia mostrada em "Guerra nas Estrelas" se deu com He-Man: "Eu tenho a Força". A idéia da despersonalização da Divindade continua (ou seja, Deus não é uma pessoa, mas uma coisa, uma energia, uma força ou um pensamento, ou, ainda, o próprio universo). As pessoas acreditam em si mesmas e em energia de cristais e pirâmides, mas não numa divindade pessoal. Do ponto de vista filosófico, esta postura é altamente incoerente. Foi abordada com muita consistência por Schaeffer em uma de suas obras, *He is There and He is Not Silent*<sup>4</sup> (*Ele Está Aqui e Não Está Calado*). A questão que ele levanta é a seguinte: o ser humano se comunica. Pode um ente que se comunica, o homem, ter sido criado por um Ser que não se comunica? Se o criador do que se comunica não se comunica, o criador é inferior à criatura, o que, teológica e filosoficamente é, no mínimo, uma situação incomum. Um homem que se comunica (sinal de superioridade) não pode ter sido criado por alguém que não se comunica (sinal de inferioridade). Como cristãos que somos, cremos que Deus se comunica, que falou suas verdades ao homem através de outros homens, e que estas verdades nos foram legadas no que chamamos de "Bíblia". Então voltamos a este ponto, que nunca será repetido em demasia: a Bíblia é a Palavra de Deus. Nela está a comunicação que Deus fez, de si mesmo, aos homens. Ela é o ponto de partida de toda e qualquer discussão teológica que venhamos a fazer. Fora da Bíblia não se pode fazer Teologia Sistemática, ou seja, não se pode sistematizar os pensamentos sobre Deus. E é ela que deve ser o padrão para avaliar toda e qualquer idéia sobre Deus.

Mas isto nos traz um problema: o que queremos dizer com a declaração de que Deus se revelou? Para esta resposta, fiquemos com uma declaração de um teólogo chamado Thiessen:

Pascal falou de Deus como um *Deus Absconditus* (um Deus escondido); mas afirmou que este Deus escondido se revelou e portanto pode ser conhecido. Isto é verdade. Certamente, nunca poderíamos conhecer a Deus se Ele não se tivesse revelado a nós. Mas o que queremos dizer com 'revelação'? Para nós, é o ato de Deus pelo qual ele se mostra ou comunica verdade à mente; pelo qual ele torna manifesto às suas criaturas aquilo que não pode ser conhecido de nenhuma outra maneira.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> SCHAEFFER, Francis. *He is There and He is Not Silent*. Miami: Logoi, 1974

<sup>5</sup> THIESSEN, Henry. *Palestras em Teologia Sistemática*. S. Paulo: Imprensa Batista Regular, 4<sup>a</sup> ed., 1997, p. 10.



Guardemos bem isto: temos uma revelação porque Deus se revelou, não porque o homem a descobriu ou arrancou dele. Nas palavras, já citadas, de João Batista: "O homem não pode receber coisa alguma, se não lhe for dada do céu" (Jo 3.27). Nós não descobrimos Deus, como se ele fugisse de nós. Ele se mostrou à humanidade e tem procurado por ela, desde o éden, como vemos na frase: "Onde estás?". Ele nunca esteve escondido. A humanidade é que se esconde dele e às vezes se esconde dele nas dúvidas.

Como já foi dito, o homem tem a revelação geral, isto é, o conhecimento da natureza e a sua própria consciência, sendo que ambas que o levam a reconhecer a existência de um Criador. O texto de Romanos 1 e 2 trata desta revelação geral. Romanos 1.18-31 (que deve ser lido) trata da revelação natural e Romanos 2.14-16 (leiamos, também) discorre especificamente da revelação geral na personalidade humana. Sobre a revelação na consciência, é oportuno recordar as palavras do reformador João Calvino para quem os homens têm sentimento da Divindade por instinto natural, posto em seus corações. "Para que os homens não permanecessem ignorantes dessas verdades, Deus escreveu, bem dizendo, imprimiu, a lei no coração de todos".<sup>6</sup> Isto significa dizer que cada pessoa tem, dentro de si, uma disposição para Deus. Quando não crêem na Divindade que se revelou na Bíblia, crêem em "deuses" que fazem para si, porque não podem ficar sem crer em alguma coisa.

Ao falar da revelação na natureza, Paulo é bem enfático em mostrar que ela é suficiente para dar ao homem um conhecimento sobre Deus a ponto de servir para sua condenação, caso ele não reconheça o poder de Deus (Rm 1.18-21). Alguns objetam que o testemunho da natureza não pode ser visto como um testemunho forte sobre Deus e se tornar um elemento indesculpável para o homem. Mas pensemos nas palavras de um outro teólogo, chamado Erickson:

A linguagem dessa passagem é clara e forte. É difícil interpretar expressões como 'o que de Deus se pode conhecer' e 'é manifesto' (v. 19) como uma referência a outra coisa, a não ser uma verdade objetiva, cognoscível acerca de Deus. De modo semelhante, 'porquanto, tendo conhecimento de Deus' (v. 21) e 'a verdade de Deus' (v. 25), indicam posse de conhecimento genuíno e exato.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> CALVINO, João. Institución de La Religión Cristiana. Buenos Aires: La Aurora, 1936, p. 29

<sup>7</sup> ERICKSON, Millard. Introdução à Teologia Sistemática. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1997, p. 48



Paradoxalmente, este conhecimento que a revelação natural dá ao homem é suficiente para condená-lo, como se observa bem no texto do apóstolo Paulo, mas não é suficiente para lhe mostrar o plano da salvação. Assim nos diz Paulo Anglada, professor no Seminário Equatorial, em Belém:

A revelação natural é, portanto, suficiente para condenar, mas não para salvar. Devido ao estado decaído do homem, a revelação natural não é clara nem suficiente para que as verdades necessárias à sua salvação sejam compreendidas<sup>8</sup>.

A pessoa pode olhar para um belíssimo por de sol e mesmo assim não se sentir espiritualmente tocada. Acha que é natural, sem qualquer significado espiritual. Não se sensibiliza. Quando o astronauta russo Gagárin foi ao espaço (foi o primeiro homem a fazê-lo) sua palavra, ao retornar, foi esta: "Estive no céu e não vi Deus em lugar algum". Um poeta batista, de São Paulo, Gióia Júnior, respondeu dizendo: "Uma pessoa que não vê Deus na sua própria vida não o verá em lugar algum". A própria vida humana é um milagre que exige um Criador inteligente. Quem não reconhece isso, pouca coisa reconhecerá. Mas de qualquer forma, olhando para o testemunho que a natureza dá, exigindo um criador, a pessoa deveria procurar por ele. Se a natureza não dá um testemunho claro do plano de salvação (nem poderia, porque o plano da salvação está na pessoa de Jesus ) ela mostra que existe alguém maior que o ser humano e a quem este deveria reverenciar.

Corroborando a declaração de Anglada devemos lembrar a afirmação de Paulo: "Logo a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Cristo" (Rm 10.17).

O homem tem um conhecimento de Deus na consciência e na natureza, mas também o tem na história. Deus falou através dos profetas de Israel. Os profetas viram os eventos históricos e os interpretaram como sendo a ação de Deus. Eles anunciaram eventos históricos que aconteceram, e mostraram-nos como sendo ação de Deus. Deus age e fala na história, portanto. O texto anteriormente citado de Hebreus 1.1-2 nos mostra que ele falou de "diversas maneiras". Lendo este texto bíblico podemos compreender bem o esquema de Calvino mostrando o processo divino de comunicação ontem, a Israel, e a nós, Igreja, no presente:

#### ONTEM

1. Falou pelos profetas
2. Falou aos patriarcas
3. Falou em diversas ocasiões

#### HOJE

1. Falou pelo Filho
2. Falou-nos a nós
3. Falou no tempo do fim

<sup>8</sup> ANGLADA, Paulo. Sola Scriptura - a Doutrina Reformada das Escrituras. S. Paulo: Os Puritanos, 1998, p. 28



O que este esquema nos mostra é o que chamamos de "revelação progressiva". Isto é, Deus foi se comunicando de maneiras diferentes, gradativamente, até que, por fim, na plenitude dos tempos (Gl 4.4) deu sua palavra final em Jesus Cristo. Sobre este grande final na revelação, vejamos as palavras do erudito teólogo alemão Joachim Jeremias:

Na sua carta à Igreja de Magnésia, Inácio fala de Cristo como o Logos de Deus: 'Jesus Cristo, que é o Logos de Deus, saiu do silêncio' (Magnésios 8.2). Inácio pressupõe que Deus estivera em silêncio antes de enviar Jesus Cristo. O silêncio de Deus é uma noção que provém do judaísmo, onde estivera ligada com exegese de Gn 1.3: 'E Deus disse: faça-se a luz!'. O que havia antes de Deus falar? - perguntam os rabinos. E davam a resposta: o silêncio de Deus. O silêncio que precedeu a revelação de Deus na criação precedeu igualmente a revelação da cólera contra o faraó e se reproduzirá antes da nova criação. No mundo helenístico, o 'Silêncio' tornou-se o símbolo da mais elevada divindade. Existe até mesmo uma oração ao Silêncio. No grande papiro mágico de Paris, chamado de 'Liturgia de Mitra', o místico, que na rota do céu é ameaçado por deuses hostis e por potências estelares, recebe o conselho de pôr o dedo na boca e pela oração pedir ajuda ao Silêncio:

*Silêncio, Silêncio, Silêncio*  
- *Símbolo do Deus eterno e imortal* -  
*Toma-me sob tuas asas, ó Silêncio!*

Prece comovente! Deus é silêncio. Está absolutamente longe e não fala. Diante deste silêncio imperturbável, o homem só pode levantar os braços e gritar: 'Toma-me sob tuas asas, ó Silêncio!'. É num mundo que considerava o silêncio como um sinal de sua indizível majestade que ressoa a mensagem da Igreja cristã: Deus não é mais silencioso - ele fala! De fato, ele já agiu; ele revelou o seu poder eterno através da criação, fez conhecer sua santa vontade, enviou seus mensageiros, os profetas. Mas, apesar de tudo isto, ele continuava cheio de mistérios, incompreensível, imperscrutável, invisível, escondido atrás dos principados e potestades, detrás das tribulações e angústias, atrás de uma máscara que era tudo o que se podia ver. Todavia, Deus não ficou sempre escondido. Houve um momento em que Deus retirou a máscara; de repente ele falou distinta e claramente. Isto se deu em Jesus de Nazaré; isto se deu sobretudo na cruz.<sup>9</sup>

Chegamos a este ponto: a revelação final, definitiva, de Deus se deu na pessoa de Jesus Cristo. Antes, tudo era um pouco nublado e apenas uma sombra do que viria. Em Cristo tudo se torna claro. Agora, prestemos atenção em algo que deve ficar bem claro. Revelação progressiva não significa sair do errado para o certo, como se alguma parte da

<sup>9</sup> JEREMIAS, Joachim. A Mensagem Central do Novo Testamento. S. Paulo: Edições Paulinas, 3<sup>a</sup> ed., 1986, p. 114-115



Bíblia fosse errada e depois se caminhasse para o certo. Significa, sim, ir do obscuro para o claro. Significa ir do bem simples para o mais profundo. E há uma implicação, aqui, que não pode ser deixada de lado: Jesus é a chave para se entender a Bíblia. Não é Moisés nem o Espírito Santo, mas a pessoa de Jesus. Tudo deve ser analisado e entendido à luz da pessoa de Jesus. Muita gente, hoje, tem trazido o Antigo Testamento para dentro de nossas igrejas e desejado que cumpramos suas recomendações e guardemos suas festas. Ora, não somos judeus. Somos cristãos. E não podemos analisar o Novo Testamento pelo Antigo, mas sim analisar o Antigo Testamento pelo Novo e este pela pessoa de Jesus.

Mas voltemos a Hebreus 1.2: "nestes últimos dias a nós nos falou pelo Filho". A expressão "últimos dias" não deve ser entendida em termos escatológicos, como se referisse ao fim do mundo, mas em termos messiânicos. São "os dias" na acepção teológica do termo "o dia de lahweh" nos profetas: um dia em que lahweh interveio na história. Jesus Cristo é a intervenção final e decisiva de Deus na história em termos de revelação. Jesus Cristo é a revelação plena e cabal de Deus, sua expressão máxima. Em Colossenses 1.15, Paulo diz "o qual (Jesus) é a *imagem* do Deus invisível". *Imagem* é o grego *eikon*, de onde nos vem "ícone", que além de "imagem" significa "gravura". Nesta palavra se pode dizer que Cristo é a figura exata de Deus. Quem quiser ver Deus deve olhar para Jesus porque nele, mais do que em qualquer outro nível, Deus se revelou. Por isso Jesus pôde dizer a Filipe: "Quem me viu a mim, viu o Pai" (Jo 14.9). Jesus é o melhor "retrato" de Deus que podemos ter. Uretta assim se expressou sobre este ponto:

Em Jesus Cristo revela-se, também, o que Deus é, não em termos de declarações e conceitos, mas em termos de uma pessoa concreta e tão real que "como em nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Hb 4.15) <sup>10</sup>.

O que há de mais profundo na revelação de Deus em Jesus Cristo é que Deus se revelou a si mesmo não de forma abstrata, em conceitos ou palavras, mas revelou-se concretamente, em forma humana, embora sem pecado. Foi o máximo em matéria de revelação porque é uma revelação altamente contextualizada, ou seja, no nível da existência do destinatário da revelação. A encarnação é a mais profunda contextualização da mensagem divina. Deus contextualizou a mensagem, o mensageiro e o meio de comunicar. Ele se comunicou tornando-se um como as pessoas que deveriam receber a mensagem. Só pode haver uma comunicação perfeita quando entramos no mundo da

<sup>10</sup> URETTA, Floreal. Elementos da Teologia Cristã. Rio de Janeiro: Juerp, 1995, p. 21



pessoa com nos comunicamos. Deus entrou no nosso mundo, na nossa experiência, como homem, para ter uma comunicação perfeita conosco.

5. *Deus ainda se revela?* - Esta questão merece ser discutida e com bastante cautela. Se dissermos que ele ainda se revela, estaremos dando oportunidade para revelações adicionais às Escrituras, além de dizer que elas são incompletas. E não podemos aceitar nem uma nem outra posição. Se dissermos que não se revela, corremos o risco de dizer que ele não mais se comunica. O que também não podemos aceitar. Um dos postulados da Reforma Protestante foi *Sola Scriptura* (Só a Escritura), no sentido que ela era guia suficiente para a humanidade em seu relacionamento com Deus. Cremos que "toda a Escritura é inspirada por Deus" (2Tm 3.16). O termo grego usado para o adjetivo "inspirada" é *theopneutos*, composto de duas palavras gregas: *Theós*, "Deus" e *pnéo*, "soprar". A idéia é que Deus soprou suas verdades para dentro do escritor bíblico. Cremos também que "homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo" (2Pe 1.21). Mas a questão a ser considerada agora é a seguinte: cremos que toda a Escritura é revelação, mas toda a revelação é Escritura? Toda a revelação de Deus foi "escriturizada" (reduzida a Escritura)? "Embora as Escrituras sejam, na sua totalidade, a Palavra de Deus, nem toda a Palavra de Deus está nela", afirmam alguns. Esta afirmação está correta? Mais uma vez, uma declaração do Prof. Anglada nos ajuda no rumo desta discussão:

Isto não significa que as Escrituras sejam exaustivas. As Escrituras não contém toda a vontade de Deus. O conhecimento a respeito de Deus e da obra são ilimitados. Muitas coisas a respeito do ser de Deus, dos seus atributos, da criação, do homem e dos propósitos eternos de Deus não foram reveladas. As próprias Escrituras afirmam que 'As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus; porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei' (Dt 29.29) [...] Nas Escrituras também não nos são fornecidas todas as informações concernentes à vida e ao ministério de Jesus na terra. Na verdade, elas não registram quase nada sobre os primeiros trinta anos da sua vida. O apóstolo João encerra o seu Evangelho testificando quanto à veracidade do seu conteúdo, mas reconhecendo: 'Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos' (Jo 21.25)<sup>11</sup>

<sup>11</sup> ANGLADA, op. cit., p. 74



Como entender, então, este problema? Elas são exaustivas ou não? Exaustivas quer dizer exclusivas? Elas não são exaustivas no sentido de terem guardado dentro delas toda a revelação de Deus, mas ela é autoritativa (portadora de autoridade) em matéria de religião. E é exclusivamente autoritativa, ou seja, nenhuma outra revelação pode competir ou se ombrear a ela. Nenhum livro, palavra alguma de pregador algum, por mais culto e santo que seja, pode se nivelar à Bíblia. Deus pode falar ao homem de muitas maneiras, ainda hoje, mas em termos de revelação, a palavra dele final está na Bíblia. É neste sentido que dizemos que ela é a nossa única regra de fé. E neste sentido, ela é exclusiva de qualquer outra obra. Os mórmons têm *O Livro do Mórmon* e *a Pérola de Grande Preço* como regras de fé, particularmente o primeiro. Da mesma forma os adventistas têm suas fontes auxiliares de revelação. O ex-adventista Ubaldo Torres Pinheiro, convertido à graça, em uma igreja batista, escreveu o seguinte em uma obra sua:

Na última assembléia da Igreja Adventista do Sétimo Dia, realizada em Dallas, Estados Unidos, no mês de abril do ano passado, foi aprovada uma resolução onde se diz que Ellen White é “inspirada no mesmo sentido em que o são os profetas da Bíblia” e que “como mensageira do Senhor, seus escritos são uma continuação e fonte autorizada de verdade”<sup>12</sup>

Não podemos colocar escrito algum de pessoa alguma ou documento algum de denominação alguma como regra de fé ou como digna de aceitação sem contestação. Por exemplo, como batistas, não aceitamos que a *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira* seja um documento digno de fé. É um documento muito bem feito, e, podemos dizer, sem qualquer erro doutrinário. Mas é apenas um documento que expressa o que os batistas crêem, e que não pode ser equiparado à Bíblia. Ele pode ser um documento *indicativo* do que cremos, mas nunca pode ser *normativo* do que cremos. Ou seja, ele mostra o que cremos, mas não é uma regra de fé para nós. Indica a nossa fé, mas não é nossa norma de fé. Por isso que esses documentos devem sempre ser tidos como relativos e temporais, ou seja, não são palavra última e estão restritos a uma época, a um tempo histórico determinado.

Deus ainda fala à humanidade, mas em termos de se revelar, a revelação cessou. Não confundamos falar com revelar. Se disséssemos que Deus não fala aos homens, por que pregaríamos? Por que oraríamos pedindo a Deus que nos orientasse em decisões a

---

<sup>12</sup> ARAÚJO, Ubaldo. *O Adventismo*. Edição do autor, sem mais dados, 1981, p. 96.



tomar? cremos que Deus fala, mas não cremos que Deus se revela mais. Isso parece confuso? Vamos explicar. Para se entender bem o que queremos dizer com esta declaração é preciso entender uma coisa: Deus não revelou verdades ou fatos, na sua Palavra. Não falou sobre alguns assuntos. Falou sobre si. Ele revelou-se a si mesmo. É neste sentido que dizemos que Jesus Cristo é a palavra final de Deus. É a revelação climática (o clímax) de Deus aos homens. Tudo o que Deus tinha para mostrar de si aos homens foi mostrado em Jesus. O neo e o baixo pentecostalismo têm dado muita ênfase "à Palavra", mas parecem agir como os neo-ortodoxos (um grupo teológico liberal): usam o termo sem a conotação conservadora. Nas mensagens de Valnice Milhomens, observei que várias vezes ela se referia "à Palavra", mas não havia nenhuma citação bíblica. Descobri que quando Valnice fala de "Palavra" está falando da palavra dela, da mensagem dela. Muitos pregadores confundem a *Palavra* com *uma palavra*. E muitas vezes colocam sua *palavra pessoal* como sendo a Palavra de Deus. É fácil de explicar: tanto o neo como o baixo pentecostalismo têm dado muita ênfase à revelação, mas usando o termo no sentido de uma revelação pessoal para a vida do indivíduo, geralmente vinda pela instrumentalidade do pregador. Então o pregador se sente muito "inchado", se julgando um porta-voz de Deus acima da maneira como se deveria ver. A Bíblia, em alguns círculos, tem deixado de ser normativa para ser apenas um livro de milagres que não é autoritativo em matéria de doutrina. É um registro de milagres, mas não autoritativo, porque a autoridade fica com o pregador que têm revelações especiais de Deus<sup>13</sup>. Neste sentido, temos uma aberração teológica: ela lhes dá autoridade, mas não é, em si mesma, autoridade. A autoridade é a palavra deles. Isto é muito perigoso, além de ser uma heresia. A Bíblia passa a servir para justificar a posição que essas pessoas dão a si mesmas.

Um outro problema neste conceito de revelação no neo e baixo pentecostalismo é a ênfase que é colocada na experiência, na subjetividade. Por isto que neste trabalho não abordo a questão que muitos teólogos, como Strong e Thiessen, entre outros mais, seguem, a do testemunho do Espírito Santo junto a nós para confirmar a validade das Escrituras. Não nego a obra do Espírito em nos confirmar as verdades divinas, até mesmo porque esta é uma de suas missões (Jo 16.13). O problema, para mim, é que esta atitude torna a discussão relativa por colocar no subjetivo, na experiência, o elemento que valida a

---

<sup>13</sup> Veja, a propósito deste processo hermenêutico, o livro [Igreja Universal do Reino de Deus - Sua Teologia, Sua Prática](#), da Comissão Permanente de Doutrina da Igreja Presbiteriana do Brasil



autoridade. Porque qualquer pessoa pode emitir sua opinião alegando o testemunho do Espírito Santo. Um mórmon, por exemplo, argüido por um pastor batista sobre a duplicidade de fonte de autoridade em sua confissão religião, tendo que conviver com a Bíblia e com o Livro do Mórmon, argumentou que "sentia que o Espírito lhe mostrava que a obra de Joseph Smith era inspirada". Por isso, precisamos estabelecer desde já uma verdade teológica que deve ser imutável: *toda e qualquer discussão a respeito de postulados teológicos deverá ter a Bíblia como regra infalível de fé e elemento autoritativo sobre qualquer outra fonte*. Nunca deve ser o que pessoa sente, mas o que a Bíblia diz. As pessoas podem sentir emoções erradas. Neste sentido, a base de toda a nossa argumentação teológica neste estudo será a crença na autoridade das Escrituras. Esta crença na sua autoridade nos vem da crença em sua inspiração (ela é soprada por Deus) e sua inerrância (ela não contém erros), termo que iremos caracterizar mais à frente. É por esta razão que a *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira* tem como seu primeiro tópico "As Escrituras Sagradas". O pressuposto é que não é possível elaborar uma Declaração Doutrinária sem uma base proveniente das Escrituras. Primeiro se deve caracterizar o que se crê sobre as Escrituras Sagradas para depois se discutir o restante. Ela é a fonte e a base para qualquer discussão teológica. Guardemos isto também: tudo estudo teológico deve começar pelas Escrituras, seguir pelas Escrituras, e terminar com as Escrituras. A Bíblia é o início, o meio e o fim de nosso estudo. Não é o que a pessoa sente ou que a pessoa acha, mas é o que a Bíblia diz. Ela é que é a Palavra de Deus e não o que achamos ou o que sentimos.

Por todas estas coisas é que vamos entrar, agora, na unidade II, que trata da Bíblia.





1. *A questão* - Nesta altura do nosso estudo teológico se presume que o estudante da Escola Bíblica Dominical já tenha informações suficientes sobre a Bíblia como Palavra de Deus e o porquê de sua validade para nós. Se é um aluno antigo, já sabe o que significa a palavra "Bíblia", de onde vem, etc. São aspectos bem simples que já ficaram para trás. Isto deve ter sido visto em muitos outros estudos de EBD. Desta maneira vamos discutir agora três aspectos: (1) os conceitos de inspiração, revelação e iluminação; (2) o conceito de inerrância; (3) o critério hermenêutico para interpretação da Bíblia. E vamos explicar o que é "critério hermenêutico". Que ninguém desanime pensando que as coisas vão se tornar difíceis. Nosso trabalho é tornar as coisas que parecem ser um pouco difíceis o mais claro possível. E, propositadamente, como já dissemos, deixaremos de lado questões como "o que significa a palavra *Bíblia*". Isso é matéria já estudada pelo aluno da EBD quando foi junior. Estamos estudando Teologia.

2. *Inspiração, revelação e iluminação* - Estes três conceitos caminham bem juntos, mantendo uma estreita ligação entre si, e são muito necessários para se compreender bem o ensino da Escritura. Algumas vezes, pela estreiteza de sua proximidade, confundem-se um com os outros, na maneira de nossos crentes se expressarem. "O Pastor estava inspirado hoje", diz alguém ao ouvir o sermão do pastor e gostar do que foi dito. Entende-se o que o irmão quis dizer, mas do ponto de vista teológico seria mais correta a declaração: "O Pastor estava iluminado hoje". Isto não é discussão ociosa nem perda de tempo. Vamos esclarecer o sentido de cada palavra. Desde o início, uma declaração de W. C. Taylor, um dos maiores missionários batistas pioneiros no Brasil, nos ajudará a entender a relação destes conceitos entre si e o sentido de cada um:

Três doutrinas vão sempre juntas, na inteligente apreciação do valor da Escritura: revelação, inspiração e iluminação. Para o autor (do texto bíblico) veio a REVELAÇÃO; para a Escritura que ele transmite veio a INSPIRAÇÃO; para o leitor que busca saber por meio dela a verdade e a vontade de Deus, virá, nas condições de espiritualidade, a ILUMINAÇÃO. O profeta e o apóstolo foram MOVIDOS. Suas Escrituras foram INSPIRADAS. Nós somos ILUMINADOS <sup>14</sup>.

Feita esta observação, bem necessária, analisemos agora cada um dos conceitos mencionados.

<sup>14</sup> KASCHEL, Werner. "Revelação e Inspiração no Velho Testamento", in Revista Teológica, ano VI, no. 11, janeiro de 1955, p. 81. O trecho entre parêntesis é meu, para esclarecer a citação de Kaschel.



(1) *Inspiração* - O termo nos vem do latim *inspiro*, que significa "soprar para dentro". "Inspiração" significa que Deus soprou para dentro do autor bíblico a sua verdade (reveja a definição de "inspirada" de acordo com o termo grego). Obviamente que isto não é literal, como se o escritor bíblico fosse um balão de encher com sopro, mas sim que Deus colocou sua verdade na mente do autor. Com isso queremos dizer que as Escrituras são inspiradas no sentido de que Deus soprou para dentro delas o que tinha de dizer ao homem. O conteúdo das Escrituras não é uma especulação ou uma descoberta humana após uma longa e cansativa pesquisa filosófica. Deus até poderia usar este método. Afinal, muito dos livros históricos podem ter sido produzidos após pesquisa (a citação de O Livro dos Justos e O Livro das Guerras do Senhor mostram isso) e os livros de Provérbios e de Eclesiastes podem ter sido produto de uma longa reflexão. E, sem dúvida, Moisés usou material de outras fontes ao escrever suas obras, se ele é o autor de Gênesis. Mas seja qual foi o método que o autor usou ou que Deus usou com o autor, isto é *inspiração*. Foi Deus quem colocou na mente e no coração do escritor bíblico a capacidade de apreender e de registrar sua Palavra. Assim dizemos que a Bíblia nasceu no coração e na mente de Deus. E ele soprou suas idéias para o homem. Isto é *inspiração*.

Mas creio que ainda é necessário mais uma observação nesta área. Ela nos vem de Estevan Kirschener:

A autoridade delegada, porém, reside especificamente na Palavra, pois é a Palavra de Deus. Neste sentido, também há uma certa confusão quanto ao conceito de inspiração. Na realidade, o que é inspirado não é o escritor humano, mas sim o texto bíblico; "Toda Escritura é inspirada". O termo "inspirada" (*theopneustos*), de 2 Timóteo 3.16, expressa, mais do que qualquer outra coisa, que o "produto final" de todo o processo, a *Escritura*, é o que possui a qualidade de ser Palavra de Deus e, portanto, autoridade divina. Os escritores humanos foram "conduzidos" (*pheromenoi*) pelo Espírito Santo para que registrassem o texto 'soprado por Deus', o qual possui a autoridade de Palavra de Deus e cuja prerrogativa é ser obedecido (2Pe 1.21, cf. 1.19)".<sup>15</sup>

(2) *Revelação* - O termo significa "tirar o véu" e mostrar algo que estava encoberto. Neste sentido, "revelação" é o conteúdo registrado pela inspiração. A relação entre os dois termos pode ser definido assim: a *inspiração* é o automóvel e a *revelação* é o passageiro. Quando dizemos que "Deus se revelou" estamos dizendo que ele tirou o véu que o encobria

<sup>15</sup> KIRSCHENER, Estevan em artigo "O papel normativo das Escrituras", in *Vox Scripturae*, vol. Ii, número 1, março de 1992, p. 7.



diante dos homens (lembre-se da citação de Joachim Jeremias sobre Deus ter dado sua última palavra em Jesus) e se deu a conhecer à humanidade. O propósito da Bíblia é trazer a auto-revelação de Deus aos homens. Ele não revelou fatos ou o futuro ao homem. Estes são acidentais. Também não revelou questões pessoais, sobre o que comer ou o que não comer. Há regras alimentares no Antigo Testamento, mas elas fazem parte de um contexto que passou. O propósito da Bíblia é falar de Deus. Ele revelou-se a si mesmo. Esclareçamos a questão com a própria Bíblia. Já sabemos que Jesus é o clímax da revelação de Deus. Então podemos entender bem este ponto com o texto de João 1.18: "Ninguém jamais viu a Deus. O Deus unigênito, que está no seio do Pai, esse o deu a conhecer". Jesus é a maior revelação de Deus e a finalidade da revelação é tornar Deus conhecido dos homens. Nele, o Pai se dá a conhecer aos homens.

Devemos, antes de considerar *iluminação*, deixar bem clara a conexão existente entre *revelação* e *inspiração*. Pensemos, então, nestas palavras de um teólogo chamado Chafer:

Revelação e inspiração estão estreitamente ligadas., mas distinguem aspectos da verdade bíblica. Nas Escrituras, ambas, inspiração e revelação, se combinam para nos assegurar que a Bíblia é a Palavra de Deus e revela fatos sobre Deus com completa acurácia. A revelação foi o ato da divina comunicação aos escritores da Escritura. Inspiração foi a obra de Deus em guiar e dirigir os escritores da Bíblia para que o que eles escrevessem fosse absoluta verdade mesmo quando estivesse além do seu entendimento. A inspiração foi limitada à Bíblia em si, e é mais adequado dizer que as Escrituras foram inspiradas do que dizer que os escritores foram inspirados<sup>16</sup>

(3) *Iluminação* – Esta palavra significa "fazer a luz brilhar". Nós não somos *inspirados* simplesmente porque não recebemos a revelação, mas somos *iluminados* para conhecê-la. Entendemos mais isto à luz de uma palavra de Paulo: "sendo iluminados os olhos do vosso coração, para que saibais qual seja a esperança da vossa vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos" (Ef 1.18). A iluminação é para que os crentes descubram as grandes verdades reveladas por Deus na sua Palavra e sua aplicação para as suas vidas.

A conexão entre estes três conceitos nos possibilita compreender um pouco mais como Deus se revelou e como podemos receber, hoje, essa revelação.

---

<sup>16</sup> CHAFER, Lewis. Systematic Theology. Wheaton: Vicotr Books, 1988, vol. I, p. 63.



3. O conceito de *inerrância* - O conceito de inerrância pode ser bem descrito nas palavras da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira sobre a Bíblia: "seu conteúdo é a verdade, sem qualquer mescla de erro, e por isso é um perfeito tesouro de instrução divina" <sup>17</sup>. A Bíblia não tem erros, portanto. Mas uma questão deve ser levantada: em que sentido seu conteúdo é a verdade? A Bíblia é toda a verdade? Isto é diferente de perguntar se toda ela é verdade. Cremos que tudo o que ela diz é verdade. Mas só existe verdade nela? Ela é toda a verdade? Ela está sempre certa, mesmo quando faz declarações que não podem ser sustentadas e são até refutadas? O episódio do sol e da lua detidos por palavra de Josué (Js 10.12-15) refletem uma visão geocêntrica (a Terra seria o centro) do universo, antes de Copérnico e que não pode ser sustentada por ninguém, nem pelo crente mais fiel. Sabemos hoje que o universo é heliocêntrico (o Sol é o centro). Como entender isto? Outro aspecto: a visão do mundo conforme o pensamento dos hebreus do Antigo Testamento é a de um edifício com três pisos, um subterrâneo, o *xeol*, o nosso nível que seria o térreo, e o espiritual, que é o pavimento superior. É possível harmonizar estas idéias com o nosso conhecimento hoje? Para alguns vultos cristãos do passado, a inspiração das Escrituras produziu uma inerrância absoluta e de acordo com eles e seus seguidores, hoje, a resposta seria "sim". Veja-se esta declaração de Boice:

O estudioso mais erudito da igreja primitiva foi Orígenes. Para ele, a inspiração se estendia até aos *iotas* das Escrituras e às letras. As Escrituras não continham falha alguma, sendo inspiradas pelo Espírito Santo. Acrescentou ele que esta doutrina da infalibilidade era ensinada em todas as igrejas. <sup>18</sup>

Não podemos, no entanto, insistir nesta postura de Orígenes. Crer que Deus inspirou as palavras e as letras da Bíblia pode nos trazer mais dificuldades do que pensamos, à primeira vista. Como fazer, por exemplo, com as diferenças textuais que temos, que evidenciam um erro no manuscrito? Um exemplo: em Isaías 9.3, o Texto Massorético (o texto escrito em hebraico), em vez de "a alegria lhe aumentaste" traz " a alegria não aumentaste". Em vez de *lw* (para ele), o TM traz *lô* (não). O copista cometeu uma homofonia, isto é, trocou palavras homófonas, palavras que têm sons parecidos. O sentido do texto ficou sendo completamente diferente. O texto hebraico não faz sentido por

<sup>17</sup> Declaração Doutrinária da CBB, artigo I.

<sup>18</sup> BOICE, James. O Alicerce da Autoridade Bíblica. S. Paulo: edições Vida Nova, 1982, p., 30. A declaração de Orígenes está na sua *Homília* sobre Números 27.1.



causa do erro do copista. A Versão Revisada traduziu diferente do texto hebraico e traz "lhe aumentaste". A Versão Matos Soares traduziu o texto hebraico e traz : "não aumentaste".<sup>19</sup> O versículo ficou sem sentido. E teríamos um problema: qual das duas versões estaria correta?

A contra-argumentação é que Deus inspirou o autógrafo (ou manuscrito) original, aquele produzido pelo escritor bíblico, e não as cópias que dele se fizeram. Mas desde que não temos acesso a esses autógrafos ou originais, que diferença isso fará? Por isso que devemos definir esta questão: a inerrância é textual ou conceitual? Ou seja, é literal ou plena? É inerrância dos conceitos ou das palavras? Voltando ao ponto anterior: quando a linguagem científica enfocada pela Bíblia mostra estar equivocada, como proceder? Vejamos esta declaração de Lindsell:

A inspiração está inextricavelmente ligada à autoridade e à inerrância. Charles Hodge percebeu isso quando foi inquirido se a Bíblia continha equívocos históricos e científicos. Ele asseverou que há uma diferença fundamental entre os que os escritores bíblicos pensaram e escreveram em nível pessoal e o que eles escreveram nas Escrituras. Eles podiam crer que o Sol gira ao redor da Terra, mas eles não ensinaram isso na Escritura. A linguagem da Bíblia é a linguagem do cotidiano e é baseada no aparente. Foi usada uma linguagem fenomenológica, como ainda hoje usamos<sup>20</sup>.

Sobre os erros dos copistas, aqui entra o trabalho do tradutor, que se não é inspirado, deve ser iluminado. Entra, também, o trabalho do exegeta (o pregador ou escritor que extrai as verdades da Bíblia para comunicar aos homens), que se não é inspirado, deve ser iluminado. E a reverência e submissão do crente para com a Escritura para entender bem qual é o seu propósito. A compreensão da verdade divina não inclui apenas a revelação e a inspiração, mas também a iluminação. Isto é necessário de se repetir para que fique bem nítido em nossa mente.

Mas voltemos à linha de argumentação anterior. O que dizer da inerrância, então, se há erros de copistas? A primeira coisa a dizer é que isso não tira a autoridade da Bíblia. Se pedíssemos a uma pessoa para digitar um texto bíblico no computador e a pessoa errasse

<sup>19</sup> Para mais exemplos de erros de copistas, veja o capítulo "A Baixa Crítica do Antigo Testamento" em ARCHER, Gleason. Merece Confiança o Antigo Testamento?. S. Paulo: Edições Vida Nova, 2ª ed., 1979.

<sup>20</sup> TENNEY, Merrill (ed.). The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible. Grand Raids: Zondervan Publishing House, 2ª ed., 1977, 3º volume, p. 289. Sobre a linguagem fenomenológica usada ainda hoje: falamos que o Sol se põe, quando não é assim. O movimento não é dele, mas da Terra. Do ponto de vista científico, a linguagem também está errada. O Sol não nasce nem se põe, mas a Terra é que se move.



alguma tecla, o texto sairia com incorreções. Não deveríamos desprezar o trabalho, mas corrigir os erros de digitação (não do texto bíblico). Os copistas não invalidaram a obra inspirada de Deus. O que temos que fazer é entender onde cometeram equívocos e, iluminados pelo Espírito Santo, tentar entender o que Deus disse.

Há três opções no conceito de inerrância. Vejamos cada um deles e busquemos situar-nos aqui.

*O primeiro é a inerrância absoluta*, que sustenta que a Bíblia é absolutamente correta mesmo quando emite opiniões científicas e históricas que são contraditadas hoje. Nesta postura, os escritores bíblicos tinham a intenção e a possibilidade de oferecer conhecimento científico e histórico exatos. Novamente um exemplo para nosso raciocínio. 2Crônicas 4.2, falando do mar de fundição, diz que seu diâmetro era de 10 cúbitos, enquanto que a circunferência era de 30. Mas a circunferência de um círculo é  $\pi$  (3,14159) vezes o diâmetro. Se o mar de fundição era realmente circular, temos aqui um equívoco bíblico que exige explicação.<sup>21</sup> Mas os defensores da inerrância absoluta mantêm sua posição e apresentam suas explicações, nem sempre convincentes.

*O segundo é a inerrância plena*. Basicamente ele segue a mesma linha de *absoluta*, mas diz que o propósito da Bíblia não é prestar informações científicas e históricas, mas quando o faz, está correta. As discrepâncias devem ser entendidas como "referências fenomenais", ou seja, como se apresentam aos olhos humanos. Não são exatas rigorosamente falando, mas como se apresentam aos olhos humanos., como os homens captaram o fenômeno.

*O terceiro é a inerrância limitada*. Ela também aceita a Bíblia como infalível e inerrante mas em suas doutrinas, no seu discurso sobre Deus. Não a considera como antiintelectual ou obscurantista, mas reconhece que há assuntos empíricos (provados e não de fé), naturais, e assuntos não-empíricos, os revelados. A Bíblia deve ser entendida como um livro de assuntos não-empíricos, isto é, assuntos espirituais, e não um manual de ciência ou de história. Eis o que nos diz Erickson:

A revelação e a inspiração não colocam os escritores acima do conhecimento habitual. Deus não lhes revelou a ciência ou a história. Por conseguinte, nessas áreas, a Bíblia bem pode conter o que chamaríamos de erros. Isso, porém, não

---

<sup>21</sup> Este exemplo foi tomado de Erickson, op. cit., p. 80, na sua discussão sobre os conceitos de inerrância aqui alistados.



têm grandes conseqüências. A Bíblia não se propõe a ensinar ciência nem história. Mas dentro dos objetivos para os quais foi dada, a Bíblia é plenamente verdadeira e inerrante.<sup>22</sup>

Esta discussão tem boa dose de valor, mas creio que ela é relativa e não absoluta. Discutir a inspiração de letras e palavras bem como tentar ver declarações científicas ou históricas na Bíblia pode desvirtuar seu real sentido para nós. Afinal, esta não é a sua finalidade. Voltamos a este ponto: ela não é um manual de ciência. É necessário reafirmarmos nossa crença na Bíblia como Palavra inspirada de Deus aos homens. Isso é inegociável, como verdade teológica. Não abrimos mão disso. Mas devemos deixar bem claro que seu propósito fundamental é mostrar Deus à humanidade e não cuidar de aspectos periféricos ou secundários. Porque senão correremos o risco de olhar as árvores e não ver a floresta, ou cuidar do varejo e deixar o atacado. A finalidade da Bíblia, como bem nos diz a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, é "revelar os propósitos de Deus, levar os pecadores à salvação, edificar os crentes, e promover a glória de Deus"<sup>23</sup>. Devemos ter isto sempre em mente. Tentar harmonizá-la com a ciência pode nos trazer um problema maior ainda: a ciência é evolutiva, mutável e recebe novas descobertas. Deus não quer ensinar ciência na Bíblia, mas o caminho da salvação. Afirmações que hoje são sustentadas pelos cientistas, amanhã serão desmentidas, como as de hoje fazem com as de ontem. Teremos que reinterpretar a Bíblia à luz de cada nova descoberta. Estaremos sempre refazendo a doutrina cristã. Por isso, reconhecendo seu campo e seu propósito, sabendo do que ela trata, consideramos uma verdade inicial: *em tudo que ela ensina sobre Deus sua autoridade é última*. Livro algum a supera nem homem algum pode presumir que se colocará acima dela. Mas não devemos fazer ciência com a Bíblia.

4. *Uma formulação teológica da doutrina da revelação especial* - O esquema seguinte é de Hammett<sup>24</sup> e o crédito deve lhe ser dado. Ele nos ajuda a entender mais a questão de como nossa doutrina da revelação especial de Deus pode ser entendida:

1º Passo - Os pensamentos na mente de Deus

2º Passo - Os pensamentos na mente do autor >>>> REVELAÇÃO

<sup>22</sup> ERICKSON, op. cit., ps. 80-81

<sup>23</sup> Declaração Doutrinária da CBB, artigo I.

<sup>24</sup> HAMMETT, John. Apostila Para os Alunos de Teologia Sistemática. North Carolina, apostila não comercial, 1995, p. 22



3º Passo - Estes pensamentos na forma escrita >>>> INSPIRAÇÃO

4º Passo - Coleção completa destes escritos num livro >>>> CANONIZAÇÃO

5º Passo - Cópias e traduções deste livro >>>> RESERVAÇÃO

6º Passo - Os pensamentos de Deus em nós hoje >>>> ILUMINAÇÃO

Não tratamos nesta apostila dos conceitos de canonização (como o Espírito selecionou quais livros deveriam fazer parte da Bíblia) e preservação (como Deus manteve os documentos que deram origem aos livros da Bíblia), porque são temas que fogem ao nosso propósito. Mas preste-se atenção nos conceitos e no que cada um significa.

Podemos confiar em que temos uma Escritura digna de confiança? A resposta é uma só, sem dúvida: sim! Cremos que Deus se revelou a si mesmo, inspirando os homens que escreveram a Bíblia. Cremos que por ação sua, em obra do Espírito Santo, o cânon bíblico foi formado, e que por preservação, tais manuscritos nos chegaram às mãos. Não temos os autógrafos originais, mas a ciência bíblica que trata da canônica (o estudo do cânon) pode nos assegurar que temos hoje traduções de originais antigos e confiáveis. Cremos também que um intérprete, bem capacitado e sob iluminação do Espírito Santo, pode trazer os pensamentos da mente de Deus ao homem contemporâneo. Cremos que uma congregação séria, reverente, buscando conhecer a Palavra de Deus e não apenas buscando um culto agitado, pode ouvir a voz de Deus na Bíblia. Esta é razão pela qual buscamos um estudo sério da Bíblia e procuramos primar por uma apresentação coerente de seu conteúdo.

Encerrando a discussão sobre a Bíblia, mesmo que um pouco fora de contexto em termos de argumentação, que fiquem conosco as palavras de Immanuel Kant: "A existência da Bíblia é a maior bênção que a humanidade jamais experimentou" <sup>25</sup>. E é verdade. Sem a Bíblia, quanto de ensino proveitoso este mundo teria perdido!

4. O CRITÉRIO HERMENÊUTICO – Hermenêutica é o nome que dá à ciência da interpretação. Critério hermenêutico é o padrão que vamos usar para interpretar a Bíblia. Vamos estabelecer alguns princípios, desde já, com base no que estudamos.

---

<sup>25</sup> SAYÃO, Luís. Cabeças Feitas - Filosofia Prática Para Cristãos. S. Paulo: Grupo Interdisciplinas Cristão, 2ª ed., 1998, p. 57



- (1) Sendo toda Palavra de Deus, a Bíblia não pode se contradizer. Deus não se contradiz. Quando encontrarmos um versículo que, *aparentemente*, se choca com outro versículo, não temos o direito de jogar um contra o outro. Eles deverão ser interpretados à luz do contexto histórico, cultural, da gramática e do propósito do livro. Esta matéria não é de Teologia Sistemática, mas esta informação deve ser dada. Há pessoas, tolas e que gostam de se colocar sob holofotes, que têm prazer em procurar passagens bíblicas que, aparentemente, contradizem outra. Infantilidade.
- (2) Se Jesus Cristo à revelação final de Deus (relembre Hebreus 1 e 2), ele é a chave hermenêutica para se entender a Bíblia. Lembre-se do que está na página 12: é o Novo Testamento que interpreta o Antigo Testamento. Sem Jesus, a Bíblia não tem sentido. Sem Jesus, a leitura do Antigo Testamento é incompleta. Leia 2Coríntios 3.14-16. Em outras palavras, o que está sendo dito ali é isto: quando um judeu se converte a Jesus, o véu da antiga aliança (o Antigo Testamento) é removido em Cristo. É em Cristo que se pode entender a Bíblia. Ele a reinterpreta. Veja, em Mateus 5.21-22, 5.27-28, 5.31-32, 5.33-34, 5.38-39, como ele afirma sua autoridade sobre a de Moisés. Em 5.43-44 (a lei não mandava odiar os inimigos, mas sim os fariseus e os essênios) como ele afirma sua autoridade sobre a dos líderes religiosos. Toda a Bíblia deve ser entendida à luz da pessoa de Jesus. O Antigo Testamento era uma preparação para ele. O Novo Testamento é a confirmação da vida e ministério dele. Por isso é que o Antigo deve ser entendido à luz do Novo.

## 5. A DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CBB - ESCRITURAS SAGRADAS -

Transcrevemos, a seguir, o trecho da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira sobre "Escrituras Sagradas". É o tópico I, o que mostra o entendimento da CBB: o ponto de partida para confecção de seus postulados doutrinários é a Escritura, a Palavra de Deus. O ideal é que o estudante da Bíblia veja cada tópico da Declaração e examine as passagens bíblicas.

A Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana (1). É o registro da revelação que Deus fez de si mesmo aos homens (2). Sendo Deus seu verdadeiro autor, foi escrita por homens inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo (3). Tem por finalidade revelar os propósitos de Deus, levar os pecadores à salvação, edificar os crentes, e promover a glória de Deus (4). Seu conteúdo é a verdade, sem mescla de erro, e por isso é um perfeito tesouro de instrução divina (5). Revela o destino final do mundo e os critérios pelos quais Deus julgará todos os homens (6). A Bíblia é a autoridade única em matéria de religião, fiel padrão pelo qual devem ser aferidas a doutrina e a conduta dos



homens (7). Ela deve ser interpretada sempre à luz da pessoa e dos ensinamentos de Jesus Cristo (8).

- (1) Salmos 119.89, Hebreus 1.1, Isaías 40.8, Mateus 24.35, Lucas 24.44-45, João 10.35, Romanos 3.2, 1Pedro 1.25, 2Pedro 1.21
- (2) Isaías 40.8, Mateus 22.29, Hebreus 1.1-2, Mateus 24.35, Lucas 24.44-45 e 16.29, Romanos 16.25-26, 1Pedro 1.25.
- (3) Êxodo 24.4, 2Samuel 23.2, Atos 3.21, 2Pedro 1.21
- (4) Lucas 16.29, Romanos 1.16, 2Timóteo 3.16-17, 1Pedro 2.2, Hebreus 4.12, Efésios 6.17, Romanos 15.4
- (5) Salmo 19.7-9, Salmos 119.105, Provérbios 30.5, João 10.35, e 17.17, Romanos 3.4 e 15.4, 2Timóteo 3.15-17
- (6) João 12.47-48, Romanos 2.12-13
- (7) 2Crônicas 24.19, Salmo 19.7-9, Isaías 34.16, Mateus 5.17-18, Isaías 8.20, Atos 17.11, Gálatas 6.16, Filipenses 3.16, 2Timóteo 1.13
- (8) Lucas 24.44-45, Mateus 5.22, 28, 32, 34, 39, Mateus 17.5 e 11.29-30, João 5.39-40, Hebreus 1.1-2, João 1.1-2 e 1.14.



Começemos o estudo sobre a doutrina de Deus com uma declaração de Agostinho: "nenhum homem diz 'Deus não existe', a não ser aquele que tem interesse em que ele não exista" <sup>26</sup>. A frase do ilustre teólogo do século V tem um sentido bem claro: para ele a dúvida ou negação sobre a existência de Deus tem muito mais base ética do que intelectual. O homem não crê não porque isto seja um absurdo intelectual, uma ofensa à sua inteligência, mas simplesmente porque não quer crer. Declarar a existência de Deus traria implicações éticas. Na maior parte das vezes, segundo Agostinho, a negação da existência de Deus é mais moral do que intelectual. É melhor não crer do que crer, para a pessoa que não quer levar uma vida correta. Dizer que a Bíblia é a Palavra de Deus e viver contrariando-a nas suas atitudes é um contra-senso. Então, é melhor negá-la ou não ligar para ela.

Há uma boa dose de verdade nestas palavras. Mas muitas pessoas gostariam, sinceramente, de crer em Deus e enfrentam dificuldades para fazer assim. O ensino de Freud, por exemplo, amplamente divulgado em sua obra *O futuro de uma ilusão* (que é uma crítica bem dura ao sentimento religioso), é de que Deus é a ampliação da figura paterna. Não foi Deus quem criou o homem, mas este que criou Deus. Não será Deus uma mera personificação dos anseios humanos? O que a Bíblia tem a dizer para provar a existência de Deus? De início, digamos que esta não é a preocupação da Bíblia. Como já foi dito, ela parte do pressuposto de que Deus existe e que seus leitores aceitam tranquilamente este fato. Para ela, negar sua existência é um ato próprio do *nabhal*, que é a palavra hebraica para designar o homem "insensato" de Salmos 14.1. É verdade que o ateísmo do texto é mais de ordem pragmática (conduta) que filosófica (pensamento), mas permanece o princípio. Afinal, é possível ter-se noção da existência de Deus, conforme lemos em Romanos 1.20. A Bíblia não tem a preocupação de provar que Deus exista, mas não impede que se tente fazê-lo. Ao longo da história, a Igreja tentou. Não tendo a preocupação de gastar espaço com este assunto, pois estamos discutindo a pessoa de Deus e não tentando provar sua existência, fiquemos com uma citação de Hammett:

... A Bíblia dá algum apoio às provas cosmológica e teleológica (Atos 17.24-29, Romanos 1.20) e moral (Romanos 2.14-15). Também, há evidência científica e filosófica para a existência de Deus. Esta evidência pode ser usada para fortalecer a fé dos crentes e responder às perguntas intelectuais dos não-crentes, mas não é necessário nem possível provar a existência de Deus. Não é

<sup>26</sup> Ib. ibidem, p. 56



necessário porque cada pessoa já sabe que Deus existe (Rm 1.20); não é possível provar completamente a existência de Deus porque é questão de fé (Hb 11.6). Crer na idéia de teísmo ou ateísmo é questão de fé. Toda pessoa tem fé em alguma coisa. A existência de Deus não é a questão mental, mas moral: vamos aceitar que Deus existe e que somos responsáveis diante dele? <sup>27</sup>

Nas palavras de Hammett está a mesma formulação de Agostinho: crer na existência de Deus implicaria na responsabilidade de viver corretamente diante dele. E isto nem sempre as pessoas estão dispostas a pagar. Como disse Kierkegaard, *saber se Deus existe não é relevante, mas o relevante é saber se Deus é relevante para mim*. A discussão sobre a existência ou não de Deus, que foi muito forte nos anos sessentas, perdeu muito de sua força, atualmente. Eis uma observação nesta linha, feita por Blank:

Há aproximadamente cinqüenta anos, no meio científico, era moda negar a existência de Deus. Hoje em dia, após as últimas descobertas das ciências da natureza sobre a estrutura fascinante do universo, o início do cosmo e os mecanismos complexos da evolução, são os grandes cientistas que, pelo contrário, admitem que Deus deve existir. Encontramos tais declarações com Einstein e Max Planck e, mais recentemente, com J. E. Charon e outros <sup>28</sup>.

A seguir, na sua obra, Blank alista algumas declarações de alguns cientistas contemporâneos, declarações bem cuidadas, em que a necessidade de um Ser supremo é mostrada como resposta necessária para o mundo material. Mas mesmo as declarações destes cientistas não podem ser tomadas como absolutas. Deus não é matéria de ciência. Nem da Filosofia. E o máximo que a ciência pode nos dar é um ser criador, e assim mesmo nada nos revelar sobre seu amor e sua revelação, bem como seu propósito para o mundo. E a Filosofia, no máximo pode nos dar uma Razão, um Motor, uma Causa não Causada, mas não um Deus de amor. Pode-se ter, na especulação científica e filosófica, um Deus impessoal, uma causa não causada, mas nunca um Deus de amor e moral, com propósitos definidos para o homem. Isso só a Bíblia pode nos dar. Por isso que as tentativas de provar a existência de Deus nem sempre serão satisfatórias.

Mas, quem ou o que é Deus? Como ele é? Qual é a sua natureza? Todas estas perguntas podem ter muito sentido para o pretendido teólogo, mas a questão que se eleva sobre todas essas é a seguinte: quais as implicações da existência de Deus para nossa vida? A vida de um crente será determinada pelo seu conceito sobre Deus. E muitos dos

<sup>27</sup> HAMMETT, op. cit., p. 28

<sup>28</sup> BLANK, Renold. Quem, Afinal, é Deus?. S. Paulo: Edições Paulinas, 2<sup>a</sup> ed., 1988, p. 11.



problemas da igreja contemporânea decorrem daqui: um conceito muito baixo de Deus, que é visto como um “quebrador de galhos” ou alguém à nossa disposição para resolver qualquer problema nosso. Uma compreensão correta da Divindade, portanto, será fundamental para nossa vida. Por isso, comecemos com esta pergunta: quem é Deus?

1. *Quem é Deus?* - Responderemos com uma citação de Mullins:

Deus é o supremo espírito pessoal; perfeito em todos os seus atributos; que é a fonte, o sustentador, e o fim do universo; quem o guia conforme seu propósito sábio, reto, e amoroso, revelado em Jesus Cristo; quem mora em todas as coisas mediante seu Santo Espírito, procurando sempre transformá-las conforme a sua própria vontade e trazê-las a seu reino <sup>29</sup>.

Parece uma definição um pouco longa, e há outras menores do que esta. Bem, se há definições menores, por que, então, optar por esta? Porque ela aborda alguns aspectos relevantes à nossa discussão:

- 1º) O que Deus é em si mesmo,
- 2º) Os atributos de Deus,
- 3º) A relação de Deus com sua criação,
- 4º) O propósito de Deus em Cristo,
- 5º) Deus e a natureza progressiva do Reino,
- 6º) Deus e a obra do Espírito Santo no Reino,
- 7º) O propósito de Deus na consumação do reino.

Esta definição é humana, visando abrir espaço para uma exposição doutrinária a seguir. Mas, o que diz, exatamente, a Bíblia sobre Deus? Como ela o define?

Nas palavras de Jesus, "Deus é espírito" (Jo 4.24). Mais tarde, temos outras palavras de Jesus: "Apalpai-me e vede; porque um espírito não tem carne nem ossos como vedes que eu tenho" (Lc 24.29). Podemos deduzir que Deus não tem corpo, não é matéria, não está limitado ao tempo e ao espaço, que são categorias da matéria. Esta declaração bíblica,

---

<sup>29</sup> MULLINS, Edgar. La Religión Cristiana en su Expresión Doctrinal. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, s/d, p. 218.



apesar de simples e lacônica, é profunda, porque mostra que Deus tem uma dimensão que o homem não tem. O homem *também* é espírito, mas Deus é espírito. Deus, um dia, *foi* carne. O homem é carne. Há grande diferença aqui. “Também” é uma coisa. “É” é outra coisa. “Foi” é uma coisa. “É” é outra coisa.

Uma outra definição bíblica sobre Deus diz respeito ao seu caráter: "Deus é amor" (1Jo 4.8). No relato posterior de João se vê que foi seu amor que o impeliu para a ação de enviar Jesus (1Jo 4.9). Neste sentido, seus atos são motivados pelo seu amor. Mesmo quando se trata de seu juízo, o que o leva a julgar é o seu amor à retidão e à santidade. Com isto se quer dizer que em Deus não há motivação injusta ou maldosa, mas que é seu amor que o leva a agir. Foi por isso que, mais do que apresentar uma definição, Langston declarou sobre Deus: "Esta é a idéia cristã de Deus. Deus é Espírito Pessoal, perfeitamente bom, que em santo amor cria, sustenta e governa tudo" <sup>30</sup>.

São poucas as boas definições de Deus. Elas podem nos satisfazer em algum aspecto, mas permanece um ponto: como definir o indefinível? Como um ente limitado (o ser humano) pode definir aquele que é ilimitado (Deus) ? Por isso que não gastaremos muito tempo com este aspecto. Basta-nos o que aqui está.

2. *A transcendência de Deus* - Um postulado teológico inevitável quando se fala de Deus é sua transcendência. O que significa esta palavra esquisita, “transcendência”? Isso significa que Deus está fora dos limites físicos e sensoriais (isto é, dos sentidos). Que não se restringe ao mundo físico, que não pode ser compreendido pelos sentidos, que não está preso ao mundo material. Deus não pode ser visto, tocado, cheirado. Transcendente é aquilo (aquele) que transcende ou ultrapassa a esfera da experiência racional do homem. Esta transcendência divina fica patente nas muitas declarações do Antigo Testamento exaltando a santidade de Deus em contraste com a pecaminosidade humana. Todo o sistema sacerdotal, por exemplo, é uma amostra de como Deus está distante dos homens e é diferente deles. E, na realidade, o sistema sacerdotal, embora instituído por Deus, é praticamente pedido pelo povo, como lemos em Êxodo 20.19: "E disseram a Moisés: Fala-nos tu mesmo, e ouviremos; mas não fale Deus conosco, para que não morramos ". O povo sabia que havia uma distância enorme entre ele e Deus, em

<sup>30</sup> LANGSTON, A . B. Esboco de Teologia Sistemática. Rio de Janeiro: JUERP, 5<sup>a</sup> ed., 1977, p. 45.



termos de caráter. Mas é em Eclesiastes 5.2 que encontramos isto bem definido: "... porque Deus está no céu e tu estás sobre a terra; portanto sejam poucas as tuas palavras". Há um abismo entre Deus e o homem e isto não é apenas em distância. O que está em foco é a diferença qualitativa entre os dois: Deus é celestial e o homem é terreno. Deus é santo e somos pecadores. É por isso que ele exige santidade do seu povo (Lv 11.44-45 e 1Pe 1.16).

Em termos clássicos pode-se dizer que esta transcendência de Deus se verifica na natureza (ele é à parte dela, não sendo um com ela, sendo ele imaterial) e no espaço (ele não é limitado, estando numa dimensão imaterial e não-espacial). E é isto, a noção de transcendência, que torna a fé bíblica tão distinta das demais. Porque, diferentemente do ambiente cultural em que os hebreus viviam, há uma diferença entre o Criador e a criação. Ele não se confunde com ela, em momento algum. No Egito, o Nilo era uma divindade. Entre os hindus, "tudo é Deus e Deus é tudo", um panteísmo absoluto. Para os hebreus, a Divindade não está no mundo material e sensível. Está acima da natureza. Ele não faz parte dela. E ela não é emanção, uma onda, dele. A matéria também não é divina, foi criada, mas nunca é exaltada como sendo igual ao Criador. Criador e criatura, Criador e criação são distintos. A transcendência de Deus fica bem patente em todo o relato bíblico. Deus é diferente do mundo criado. Deus e uma árvore, Deus e uma vaca, são bem diferentes.

Ajuda-nos a compreender mais esta questão o conceito de "numinoso", de Rudolph Otto. Para definir o elemento sagrado, bem como a sensação do homem diante do sagrado, ele criou este termo, derivado de *numen* e explicou:

Eu uso a palavra numinoso. Se *lumen* pode servir para formar luminoso, *numen* pode formar o numinoso. Falo de uma categoria numinosa como uma categoria especial de interpretação e de avaliação, um estado de alma que se manifesta quando essa categoria é aplicada, isto é, cada vez que um objeto é concebido como numinoso<sup>31</sup>.

Mas, o que é numinoso? O que é *numen*? *Numen* é o termo latino para divindade, e numinoso é tudo aquilo que não pode ser explicado ou entendido racionalmente. *Numen* tem um sentido que ultrapassa o conceito de "divindade". Segundo Brown, "é algo que é bem diferente da perfeição moral. É algo que é 'Totalmente Outro' em relação ao mundo

<sup>31</sup> OTTO, Rudolph. O Sagrado. S. Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985, p. 12.



natural"<sup>32</sup>. Ou seja, Deus é o Totalmente Outro, completamente distinto do mundo natural, quer seja a natureza seja a humanidade.

3. *A imanência de Deus* - Mas a transcendência de Deus não significa que ele não seja, também, imanente. Esta palavra significa, mais ou menos, "estar presente". "Um importante par de ênfases que devemos preservar com toda certeza é a doutrina da imanência de Deus em sua criação e de sua transcendência em relação a ela. Ambas as verdades são ensinadas na Escritura"<sup>33</sup>.

Mas como pode Deus ser transcendente e imanente ao mesmo tempo? Não estaremos ficando muito confusos? Parece que as coisas estão se complicando! A definição de imanência nos mostrará que não há choque de declarações. Imanência é a presença de Deus na criação e na história da humanidade. Ele não é um com a criação, mas ele a sustenta. Ele a controla. Nos capítulos 38 e 39 de Jó, ao responder a este, Deus mostra sua atuação na natureza, criando-a e sustentando até mesmo os animais. A imanência não significa panteísmo (idéia segundo a qual Deus e a natureza são uma coisa só), mas significa a presença de Deus no mundo (idéia segundo a qual Deus está *com* a sua criação, embora não esteja *na* criação).

E embora seja o Totalmente Outro de Rudolph Otto, ele é o "Deus que está aqui", nas palavras de Francis Schaeffer. Embora pareça contraditório, podemos dizer que ele está longe, mas, ao mesmo tempo, está perto. "Porque assim diz o Alto e o Excelso, que habita na eternidade, e cujo nome é santo: Num alto e santo lugar habito, e também com o contrito e humilde de espírito, para vivificar o espírito dos humildes, e para vivificar o coração dos contritos" (Is 57.15). Ele é o Deus que pode ser achado. Que está longe, pelo seu caráter de santidade absoluta, mas que está perto, pelo seu caráter de amor absoluto. E a maior proximidade de Deus se verificou em Jesus de Nazaré. A encarnação da Divindade é a prova maior de sua imanência: ele esteve no mundo como matéria.

A imanência de Deus significa que ele não está banido da sua própria criação, impedido de agir nela, mas que está presente e ativo nela. Ele não abandonou o mundo que criou. Ele atua pela natureza e na história dos homens. Um Deus absolutamente

<sup>32</sup> BROWN, Colin. *Filosofia e Fé Cristã*. S. Paulo: Edições Vida Nova, reimpressão de 1989, p. 149.

<sup>33</sup> ERICKSON, op. cit., p. 100



transcendente não nos seria de grande valia, porque seria apenas uma força cósmica criadora, seria apenas uma energia impessoal. Poderia nos encher de um sentimento numinoso, isto é, cheio de respeito e até de medo, mas nunca nos encheria de esperança ou de significado. O próprio universo seria desprovido de sentido. Isto de pouco nos serviria. Um Deus absolutamente imanente poderia estar sujeito às mesmas fraquezas, inclusive morais, da criação. Seria igual a nós. E isto também de pouco nos serviria. Logo, transcendência e imanência são, como bem o disse Erickson, um par de ênfases que devemos preservar. Uma boa compreensão da natureza de Deus exige que as entendamos e as ajuntemos. Separá-las ou não compreender a relação entre as duas nos dará um visã equívoca de Deus. As duas não são conflitantes, mas harmoniosas, necessárias.

4. *Os atributos de Deus* - Costuma-se dividir os atributos (ou características) de Deus em dois grupos: os atributos naturais e os morais. Por atributos naturais queremos dizer aqueles que só Deus possui e ninguém mais. São particularidade própria e exclusiva da Divindade. Por atributos morais queremos nos referir àqueles que Deus possui, mas que podem ser encontrados no homem, que é sua *imagem e semelhança*, e exatamente por isso o homem os possui, embora em escala bem inferior. A forma de abordar os atributos de Deus tem variado de teólogo para teólogo. Erickson, por exemplo, prefere usar os termos *atributos de grandeza* em vez de *atributos naturais* e prefere empregar *atributos de bondade* em vez de *atributos morais*. Mas a questão é apenas semântica, e não de substância.

Mas, pode-se falar dos atributos de Deus? Podemos falar de suas características? Para alguns isto seria uma grande pretensão. "Pode o finito descrever o Infinito?" é a pergunta deles. Talvez não possa descrever, mas a tarefa da teologia é tornar a idéia de Deus mais clara à mente humana. É perfeitamente possível falar sobre os atributos de Deus. "Porque Deus é, podemos fazer afirmações fatuais a respeito dele. O método de obter tais afirmações é decisivo para sua verdade. Atributos verdadeiros de Deus são, então, formas do evangelho"<sup>34</sup>. Descrever, ou pelo menos tentar descrever os atributos de Deus, é encontrar o sentido da própria Bíblia em geral e dos evangelhos, mais detidamente.

<sup>34</sup> BRAATEN, Carl e JENSON, Robert. *Dogmática Cristã*, S. Leopoldo: Editora Sinodal, vol. I, 1990, p. 192.



No entanto, isto não é uma tarefa que pode ser feita ou entendida como um ato de dissecar Deus ou colocá-lo num tubo de ensaio. Valham-nos, para que isto fique bem claro, estas palavras de Lutero:

O verdadeiro teólogo não é aquele que chega a ver as coisas invisíveis de Deus, pensando a respeito das coisas criadas; o verdadeiro teólogo é aquele que pensa a respeito das partes visíveis e posteriores de Deus, tendo-as visto nos sofrimentos e na cruz <sup>35</sup>.

O que isto significa? Que buscar os atributos de Deus não é um ato de especular sobre o invisível, mas ver sua relação com o mundo criado. Os atributos de Deus nos ajudam a entender o próprio mundo e ver que há nele um sentido moral. Há um sentido no mundo que não faz parte dele, porque um Ser que tem atributos de *grandeza* (nas palavras de Erickson) o criou. O Criador deu significado ao mundo. E isto porque repartiu alguns deles com a criação (repartiu os atributos de *bondade*, ainda segundo Erickson).

5. *Os atributos naturais de Deus* - Alistaremos aqui seis deles, entre outros que são mencionados, variando conforme cada teólogo, e comentaremos cada um, brevemente: onipresença, onisciência, onipotência, unidade/unicidade, infinidade e imutabilidade.

6. *A onipresença de Deus* - Dois equívocos se devem evitar ao falarmos da onipresença de Deus. Um deles é dizer que "Deus está em todos os lugares" e o outro, dizer que "Deus enche o espaço". Aí, corrigidos estes equívocos, poderemos definir bem o que é onipresença. Deus está em todos os lugares? Está Deus dentro de uma lata de lixo? Está dentro do forno de um fogão? Dentro de um congelador? No inferno? Ora, uma das coisas que distinguem o inferno é a expressão que Jesus põe na boca do Pai, a ser dita no dia do juízo: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos" (Mt 25.41). Ou seja, uma das características do inferno é a ausência de Deus. O inferno é, entre tantas outras coisas, um lugar aonde Deus não está.

---

<sup>35</sup> LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas. S. Leopoldo: Editora Sinodal, P. Alegre: Editora Concórdia, vol. I, 1987, p. 39.



A onipresença de Deus não quer dizer que ele esteja em todos os lugares. Não confundamos Deus com os átomos ou com o ar. Quer dizer, sim, que não há lugar onde Deus não possa estar e que não há lugar em que sua graça seja impedida de chegar aos homens. Jonas orou do ventre de um peixe e "falou, pois, o Senhor ao peixe, o peixe vomitou a Jonas na terra" (Jn 2.10). Sua oração foi atendida. A graça de Deus foi ao fundo do mar. Onipresença quer dizer simplesmente que nosso Deus não está limitado ao espaço. Esta é uma categoria da matéria e Deus é espírito. Não existe espaço para Deus. Ninguém o impede. Nada o limita.

Também é equívoca a declaração de que "Deus enche o espaço". Isto porque, como já foi dito, o espaço não existe para Deus. Como bem disse Langston:

Sendo Deus Espírito, não ocupa espaço. Só a matéria ocupa espaço ... A idéia de que Deus está distribuído por todo o espaço, como a atmosfera, é errônea. Tal idéia pertence ao materialismo, e não cristianismo. O espaço não existe para Deus<sup>36</sup>

Mas o que é, exatamente, a onipresença de Deus? Significa isto: ele age com a mesma facilidade como pensa e como deseja, sem limitação de lugar. Ele não precisa ir a um lugar para agir, pois não há distância para ele. Ele pode agir instantaneamente em qualquer lugar do mundo e em mais de um lugar do mundo simultaneamente. A onipresença de Deus é uma segurança para o fiel: onde quer que seja necessária sua presença ele está lá em toda a sua personalidade. Ele não necessita se dividir nem se desdobrar. O Antigo Testamento nos mostra que havia a crença dos antigos em deuses tribais, regionais, com domínio sobre determinadas jurisdições: "seus deuses são deuses dos montes..." (1Rs 20.23). Por isso Jacó se admirou de lahweh "funcionar" fora de seus "limites geográficos" (Gn 28.16-17). Aliás, esta ingênua crença supersticiosa se vê, ainda hoje, no catolicismo, com os seus padroeiros regionais (cada cidade e cada lugarejo tem seu padroeiro) e se vê, de maneira invertida, na curiosa teologia da "batalha espiritual": cada cidade tem seu demônio. Mas o Deus Pai de nosso Senhor Jesus Cristo é Deus de todos os homens e de todo o universo.

A onipresença de Deus é também um alerta para o fiel. Citamos, a propósito, as palavras de Tillich:

---

<sup>36</sup> LANGSTON, op. cit., p. 50.



Na certeza de que Deus é onipresente, moramos sempre num santuário. Moramos num lugar santo quando nos encontramos até mesmo no lugar mais secular, e o lugar mais santo é ainda secular comparado com nosso lugar no fundo da vida divina. Sempre que somos sensíveis à onipresença divina, se quebra toda a diferença entre o sagrado e o profano. A presença sacramental de Deus é uma conseqüência e uma manifestação real de sua onipresença <sup>37</sup>.

Neste sentido, toda a nossa vida é sagrada porque Deus está presente em toda a vida humana. E sua onipresença é um sacramento ou, pelo menos, deveria ser: conferindo-nos graça. Deus não está num prédio chamado de "igreja" numa hora chamada de "culto" e fica lá preso, porque é "sua casa", quando vamos embora. Ele está em nossa vida o tempo inteiro e em qualquer lugar. Não é a construção que chamamos de "igreja" que é sagrada. Todo o universo é sagrado, pois que Deus não fica preso ao prédio, mas está em todo o universo. Isto é muito confortador. Nunca estamos distantes dele nem estamos desamparados. Ele é o Deus que é, mas ao mesmo tempo é o Deus que está. A vida deve ser vivida com seriedade por ser um dom de Deus. E deve ser vivida com seriedade em qualquer lugar, e não apenas num prédio que chamamos de "igreja", pois em qualquer lugar em que estejamos, estamos na sua presença. Devemos ser em casa, no trabalho e na rua o que somos na igreja, pois Deus está em nossa casa, no nosso trabalho e na rua conosco tanto como está na igreja, no momento que chamamos de culto. Podemos orar a ele e ter comunhão com ele em qualquer lugar.

7. *A onisciência de Deus* - Esta característica é uma conseqüência inevitável da onipresença de Deus. Ele é onipresente e onisciente porque presencia tudo. Não há lugar onde alguém se possa esconder dele. Ele vê tudo. "E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele a quem havemos de prestar contas" (Hb 4.13). Porque vê tudo, ele sabe tudo: "Porque vosso Pai celestial sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes" (Mt 6.8). Neste texto, *sabe* é o grego *oída* que, embora muitas vezes usado com o mesmo sentido de *guinoscôu*, tendo ambos o mesmo sentido de "conhecer", tem, quando diferenciado, o sentido de "nítida percepção mental, conhecimento objetivo" <sup>38</sup>. É muito provável que o uso do verbo em Mateus 6.8 não tenha nenhum sentido especial, mas quero chamar a atenção para o fato

<sup>37</sup> TILLICH, Paul. *Teología Sistemática*. Barcelona: Ediciones Ariel, vol. I, 1972, p. 356.

<sup>38</sup> TAYLOR, William. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1968, 3ª ed., p. 317.



de poder ele ser entendido como um conhecimento objetivo, que é pessoal, não de informação, e com o sentido de nítida percepção mental e não uma percepção um tanto incompleta. Deus sabe *tudo* e não algumas coisas e sabe tudo *completamente* e não um pouco de cada coisa.

A onisciência quer dizer que Deus não aprende por observação ou por experiência, mas que simplesmente sabe. Ele não aprende porque não tem o que aprender e ninguém lhe ensina nada. Ele simplesmente sabe. "Todo o presente, todo o passado e todo o futuro estão diante dele. O que Deus sabe, não o *soube* em tempo algum, visto que para ele não existe tempo; não há passado nem futuro - tudo lhe é presente" <sup>39</sup>. Ele simplesmente sabe. As trevas e a luz para ele são a mesma coisa (Sl 139.12).

Perguntará alguém: "Deus sabe a cor da minha roupa de baixo?". A pergunta é infantil e mostra uma compreensão inadequada do que está sendo tratado. É até leviana. Sem dúvida ele sabe qual é a cor, mas sua onisciência é mais do que isso: significa que nada se faz sem seu conhecimento.

Mas qual a relação da onisciência com a sua ação? Se Deus sabe que uma pessoa vai ser atropelada amanhã, ao atravessar a Avenida Orozimbo Maia, porque não arranja um jeito de a pessoa não precisar ir à Avenida Orozimbo Maia naquele dia? Conhecer completamente não quer dizer estabelecer as coisas. E não significa que Deus intervirá, cada momento, na nossa vida, para impedir que algo de ruim nos aconteça. A onisciência de Deus não anula o arbítrio humano nem a imprevisibilidade da vida humana. Mas a questão não é tornar o conhecimento absoluto de Deus como um conhecimento detalhista ("ele sabe qual a carta que vou tirar do baralho?"), mas sim que, por ser onisciente, ele é sábio. Conhecendo todas as coisas, ele sabe o que é bom. Sabe o que é melhor. Se ele sabe o que é melhor, o cristão pode descansar nele e entender bem o sentido de Romanos 8.28: "E sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo seu propósito". À semelhança de José, no Egito, mesmo com a situação sempre indo de mal a pior, podemos ter como refrão em nossa vida o mesmo que é declarado a respeito de José: "e o Senhor era com José", até que se chega a Gênesis 50.20, onde está a doutrina da Providência divina: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; Deus, porém, o intentou para o bem, para fazer o que se vê neste dia, isto

---

<sup>39</sup> LANGSTON, op. cit., p. 52



é, conservar muita gente com vida". Deus nunca pode ser impedido em seus planos (isto é sua onipotência) nem pode ser corrigido neles, como se estivesse errado (isto é sua onisciência – ele sabe não apenas as coisas, mas o que é o melhor).

A onisciência de Deus é fundamental na própria revelação. É verdade que Deus, mais que fatos ou acontecimentos, revelou-se a si mesmo. Já dissemos isso. Mas a revelação se dá num contexto histórico e, embora profecia não seja predição, muito da profecia, que é um elemento constituinte da revelação, traz predição. Isto nos abre o entendimento para termos uma teologia da história <sup>40</sup>.

A onisciência também responde à questão: "Deus sabia que o homem ia pecar? Se sabia, por que não o impediu?". Deus sabia que o homem ia pecar. Tanto sabia que Apocalipse 13.8 chama a Cristo de "o Cordeiro morto desde a fundação do mundo". Tanto sabia que já havia providenciado o meio de salvação. Tanto sabia que já havia decidido criar a Igreja, pois ele nos escolheu antes da fundação do mundo (Ef. 14). Quanto a impedir, lembremos que o homem é um ente com capacidade de tomar decisões. O Senhor poderia ter feito um homem à prova de queda, mas não haveria moralidade nele. O amor do homem para com Deus não seria uma resposta, mas uma obrigação. E, como disse Kant, "não se ama por decreto". Não se pode obrigar uma pessoa a amar alguém. Seríamos apenas robôs e não pessoas com capacidade de sentir e de tomar decisões.

Dirá alguém que o futuro não existe, por isso Deus não pode saber o futuro. A observação é feita por um ângulo de quem está limitado por realidade temporal. A Bíblia diz que Deus vê o futuro: "Os teus olhos viram a minha substância ainda informe, e no teu livro foram escritos os dias, sim todos os dias que foram ordenados para mim, quando não havia ainda nem um deles" (Sl 139.16). De forma brilhante, mais que ninguém, o Isaías da Babilônia cantou lahweh como o Deus que sabe o futuro e que controla a história das nações: "Quem há como eu? Que o proclame e o exponha perante mim! Quem tem anunciado desde os tempos antigos as coisas vindouras? Que nos anuncie as que ainda não de vir" (Is 44.7). Ele conhece os tempos. Conhece as estações e a vida das pessoas.

---

<sup>40</sup> A este respeito, veja minha apostila de Teologia Bíblica do Velho Testamento, onde o primeiro capítulo é exatamente este: a teologia da história. Mesmo sem tratar do assunto exaustivamente, até mesmo porque é uma apostila, abordo esta questão: Deus se vale da história, age nela e muitas vezes anuncia o que vai acontecer e até mesmo o que ele vai fazer.



8. *A onipotência de Deus* - A onipotência de Deus traz consigo dois significados: a onipotência moral, relacionada com ele, e a física, relacionada com a criação. Agora estabeleçamos o sentido de cada uma.

"Se Deus pode tudo, ele pode pecar?", perguntam os desocupados mentais, com suas eternas perguntinhas de algibeira (esperamos que os estudantes da EBD sejam mais sérios nas suas perguntas). A onipotência moral significa que Deus é tão poderosamente moral que não pode pecar. Samuel assim declarou: "Também aquele que é a Força de Israel não mente..." (1Sm 15.29). Até mesmo o curioso Balaão declarou: "Deus não é homem, para que minta.." (Nm 23.19). A questão não é saber se Deus, que pode tudo, pode pecar. Outra vez uso este tom: a pergunta é leviana e mostra um espírito tolo, de querer parecer brilhante. A questão é que seu poder não quer dizer que ele pode fazer o que lhe der na telha, como nós pensamos que seja a possibilidade de quem tem poder. Pensamos em poder dissociado de sabedoria e como capacidade de fazer tudo que nossos instintos pecaminosos desejam. A questão correta é dizer que ele pode nunca pecar porque está acima do erro e do mal. Pecar é fazer o mal. E fazer o mal não significa ter poder. Significa não ter poder. Não significa ser forte e sim ser fraco. Pecar e fazer o mal é ser escravo. De Deus pode se dizer que ele é tão poderoso moralmente que não peca. A idéia de Deus fazer o mal acaba sendo um absurdo pois isto levaria Deus a agir contra sua própria natureza, o que faria dele um ser patético. Ele faz apenas o que lhe dá prazer: "ele faz tudo o que lhe apraz" (Sl 115.3). E o pecado não lhe traz prazer, mas desgosto. Ele faz o que quer, mas ele quer o bem. Sempre.

A onipotência física está relacionada com seu poder criador. "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo sopro da sua boca" (Sl 33.6). Ele é o criador do universo o que mostra ter ele um poder incomensurável. O universo é grandioso, mas quem o fez, evidentemente, é maior do que ele, pois o artífice é maior do que a sua obra (Hb 3.3). Mas ele não é apenas o Criador, é também o sustentador do universo. Hebreus 1.3, embora falando do Filho, diz que ele sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder. E a ordem do universo é uma evidência do seu poder absoluto.

A onipotência de Deus deve ser entendida também como tendo conexão com a história dos homens e com a vitória final sobre o mal. Para uma Igreja que estava morrendo sob a perseguição do Império Romano dos césores, o Apocalipse, mesmo reconhecendo que ela sofreria ainda mais do que estava padecendo (2.10), pode trazer o brado de triunfo:



"O reino do mundo passou a ser do nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos" (11.15). É a onipotência divina que nos faz crer no triunfo final do reino de Jesus e na vitória de Deus sobre o poder do mal: "Então virá o fim quando ele entregar o reino a Deus o Pai, quando houver destruído todo domínio, e toda autoridade e todo poder. Pois é necessário que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos seus pés. Ora, o último inimigo a ser destruído é a morte" (1Co 15.24-26). Esta declaração de Paulo significa que o mundo tem um propósito que é controlado por Deus e que tudo terminará em Deus. Esta atuação de Deus na história evidenciando seu poder absoluto pode ser, entre muitos outros episódios bíblicos, bem ilustrada com Jeremias 32.17: "Ah! Senhor Deus! És tu que fizeste os céus e a terra com o teu grande poder, e com o teu braço estendido! Nada há que te seja demasiado difícil!". A propósito de quê, Jeremias fez tal observação? A propósito da declaração de Iahweh de que Judá, que estava deserta, destruída diante do poder caldeu, ainda seria reconstruída. Quem iria comprar terra em uma nação destruída, em um país abandonado com seu povo tendo sido levado para cativo? Deus manda Jeremias comprar terra, um símbolo de que a nação vai viver. Ele podia fazer a nação reviver. Mais tarde, o próprio Deus declarará ao profeta: "Eis que eu sou o Senhor, o Deus de toda a carne; acaso há alguma coisa demasiado difícil para mim?" (Jr 32.27).

A onipotência de Deus é mais do que brincadeira sobre o que ele pode e não pode fazer. Evitemos ser desrespeitosos com Deus. Reconhecer a onipotência de Deus é reconhecer que ele nunca pode ser frustrado em seus planos. Seu poder é tal que tudo terminará como ele deseja que termine. Para a Igreja este atributo de Deus é outra garantia extraordinária, soando-nos como uma promessa de vida e também como uma garantia de que nosso ministério, como igreja do Senhor, pode ser um ministério triunfante se permitirmos que ele aja em nossa vida. Ele faz a história caminhar para o ponto que ele deseja.

9. *A unidade/unicidade de Deus* – Vamos precisar de um pouco de atenção aqui. Os dois termos não são sinônimos. Unidade quer dizer que Deus é uno. Unicidade quer dizer que Deus é único, singular. E são idéias muito necessárias de se entender. Normalmente os livros de teologia enfocam mais a unidade de Deus, mas aqui falaremos um pouco de sua unicidade, também. Alguns comentaristas falam de unidade quando querem falar de



unicidade. Dizer que Deus é único não é unidade, mas unicidade. Distingamos os dois termos para uma boa compreensão. Começemos, então, por este aspecto, a unicidade de Deus. Sua base está em Deuteronômio 6.4: "Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor". Em hebraico a expressão é *Shemá Israel, lahweh Eloheinu lahweh Ehâd*. Sobre ela, assim escrevi em outro lugar:

O maior tesouro teológico dos judeus sempre foi a unicidade de Deus, cujo teor está em Deuteronômio 6.4: *Shemá Israel lahweh Eloheinu lahweh Ehâd*. O texto recebeu o nome de *shemá*, por causa da primeira palavra. A *shemá* consiste em apenas quatro palavras hebraicas, de uma profundidade ímpar: *lahweh Eloheinu lahweh Ehâd*, "lahweh Deus Nosso, lahweh Um". O Deus de Israel era único, singular, e não podia ser confundido com nenhum outro. Os judeus guardavam, zelosamente, esta doutrina: a unicidade de Deus<sup>41</sup>

O texto de Deuteronômio 6.4 era o primeiro que uma criança hebréia, no tempo de Jesus, aprendia de cor. Ela está para o judeu como João 3.16 está para nós. O judeu piedoso, ainda hoje, a recita duas vezes por dia, de manhã e à noite. Ela significa que há apenas um Deus, lahweh, e que os outros são invenções humanas. A rigor, não existem "outros deuses". A expressão pode ser entendida, mas teologicamente falando, só existe um e não se pode falar de um outro deus. Há um corinho que diz "não há Deus maior, não há Deus melhor, não há Deus tão grande como nosso Deus". O corinho tem letra inadequada. Não há Deus nenhum fora dele. Só ele é Deus. Todos os demais são invenções humanas. Conforme lemos em Jeremias 2.11, Deus nem sequer os considera como se fossem existentes: "Acaso trocou alguma nação os seus deuses, que contudo não são deuses?". A mesma idéia é repetida em 5.7: "pois teus filhos me abandonaram a mim, e juraram pelos que não são deuses".

Por unidade queremos dizer que Deus é uno (isto nada tem a ver com a negação da trindade). Por ser Deus uno queremos dizer que não há um Deus do bem e um Deus do mal. Não há um dualismo, como em muitas religiões orientais. Nem como na umbanda, um "deus" da floresta, uma "deusa" do mar, uma "deusa" das águas doces. Isso é paganismo. Significa, também, que não há uma Divindade em conflito nem em luta em suas partes. A Divindade não pode ser dividida. É uma unidade indivisível. Mesmo tendo a trindade, temos uma unidade porque não há conflito na trindade nem pode ela ser entendida com triteísmo,

---

<sup>41</sup> No meu livro sobre o Pentateuco, lançado agora, em junho de 2000, pela Juerp.



que significa três deuses em um só. Na Divindade não há conflito de opinião nem choque ou luta por poder.

No Antigo Testamento Deus é tratado por muitos nomes: Elohym, El, Eloah, lahweh, Adonay, El-Shadday, Elyon, El Elyon, mas não temos uma pluralidade na divindade, como se estes nomes fossem nomes de divindades diferentes. Temos, sim, momentos especiais em que cada nome tem um significado ou em que o uso é meramente accidental. Não é correta também a afirmação que muitos fazem de que Deus, no Antigo Testamento é o Deus da ira, e que no Novo Testamento é o Deus de amor e de perdão. Deus não tem conflitos de personalidades. Quem leia o livro do profeta Oséias verá a extensão do amor de Deus como poucas vezes o Novo Testamento conseguiu mostrar. E, no Novo Testamento, lemos “do furor da ira do Deus Todo-Poderoso” (Ap 19.15).

Da mesma forma, é um equívoco tratar o Pai e Jesus como algumas ilustrações fazem: um rei que quer castigar um criminoso que é fraco e vai morrer com o castigo e o filho do rei vem e toma as chicotadas em seu lugar e assim o criminoso fica inocentado. O Pai é rei inflexível, e Jesus é o filho do rei, bonzinho. Então, Jesus contrariou o Pai e tomou o castigo que deveria cair sobre nós. Esta ilustração é um absurdo. Como é absurda a compreensão de que o Pai nos queria nos ver mortos por sermos pecadores e que Jesus veio para satisfazer sua ira e morreu em nosso lugar. Pensemos nestas palavras de Stott:

Notamos aqui que sempre que o verbo “reconciliar” ocorre no Novo Testamento, Deus é o seu sujeito (ele nos reconciliou consigo) ou, se o verbo estiver na passiva, nós o somos (fomos reconciliados com ele). Deus jamais é o objeto do verbo. Jamais se diz que “Cristo reconciliou o Pai conosco”<sup>42</sup>.

O Pai é o agente da reconciliação porque o Pai é amor, tanto como o Filho e tanto como Espírito o são. Há unidade na Divindade. Não há conflitos nem choque de vontade. Mais disto será tratado na abordagem da trindade e por enquanto o que temos agora é suficiente.

10. *A infinidade de Deus* - Isto significa que Deus é infinito. Isto é, não tem fim. Poderia se fazer esta abordagem mais em nível de eternidade, que ele não teve princípio e não terá

---

<sup>42</sup> STOTT, John. A Cruz de Cristo. Miami; Editora Vida, 1991, p. 177.



fim. Mas Langston, de quem tomei emprestada a relação de atributos (como poderia ter tomado de outro, com variações), emprega esta expressão e faz o seguinte comentário:

Deus é onipresente porque não pode haver limites à sua presença; é onisciente porque a sua sabedoria se estende sobre todas as coisas, e é onipotente porque, pelo seu poder, guia e dirige o mundo, que é infinito. É assim que chegamos à idéia da infinidade de Deus e concluímos dizendo: *Deus é infinito*<sup>43</sup>.

Qual o sentido de se apontar este atributo? É o de dizer que não há limites para ação e presença de Deus. Que sua ação é infinita e a possibilidade de sua presença também é infinita. Na memorável noite de 1969, quando o homem pôs os pés na Lua pela primeira vez, antes da descida do primeiro humano ao nosso satélite, na nave, leu-se o Salmo 8. Um dos astronautas era um diácono de uma igreja batista. Isto foi fantástico! Deus estava sendo invocado na Lua. Ele é infinito em poder, em presença, em ação. Ele pode ser invocado e adorado em qualquer lugar, pois é infinito. Ele não é o espaço, ele não é o mundo criado, mas não é menor que o espaço e o mundo que ele mesmo criou. E creio que melhor definimos esta questão citando as palavras de Berkhof:

A infinidade de Deus é aquela perfeição sua por meio da qual ele fica livre de todas as limitações. Ao atribuí-la a Deus negamos que haja ou possa haver algumas limitações para o Ser Divino ou para seus atributos. Na infinidade se entende que Deus não pode estar limitado pelo universo, pelo tempo-espaço do mundo, ou confinado a uma localidade<sup>44</sup>

11. *A imutabilidade de Deus* - Deve-se fazer uma distinção, aqui, para evitarmos erros de interpretação. Não devemos identificar imutabilidade com imobilidade, fixidez ou passividade. Consideremos estas palavras de Chafer:

Imutabilidade não deve ser confundida com imobilidade. Deus é ativo quando se trata de aplicar seu julgamento justo ao mundo, quando este está agindo fora de seus santos propósitos. Mas seu tratamento com o homem pode ser modificado conforme a situação, e é claro que Deus faz isto na história. Quando sua declaração de juízo não se concretiza, como em Jonas 3.4 e 10, por exemplo, isto não é uma contradição em sua imutabilidade. Significa, simplesmente, que Deus adaptou sua ação à situação humana que mudou<sup>45</sup>

<sup>43</sup> LANGSTON, op. cit. p. 54. O itálico é dele.

<sup>44</sup> BERKHOF, Louis. Teología Sistemática. Grand Rapids: TELL, 3ª ed., 1974, p. 69

<sup>45</sup> CHAFER, op. cit., p. 151.



Além destas palavras de Chafer, acrescento aqui as de Jack Miles: "Deus é constante; não imutável"<sup>46</sup>. Podemos justificar sua argumentação, porque entendo que há uma figura de retórica (de exagero) na palavra de Miles: ele, Deus, não muda sua essência e seu caráter, mas muda planos e modo de agir. Mas em termos de caráter ele é o sempre o mesmo. É constante. Deus, portanto, não se arrepende, porque não tem nada do que se arrepender. Nada fez, nada faz e nada fará de errado. Mas, e as declarações, como em Jonas 4.10, de que Deus se arrependeu? Temos aqui um caso de antropopatia, ou seja, atribuição de sentimentos humanos a Deus para facilitar a argumentação. A linguagem bíblica, principalmente a do Antigo Testamento, não é abstrata, mas simbólica. O hebreu não falava por conceitos, mas por figuras. Uma interpretação literal poderá ser problemática para o bom entendimento da Palavra.

Deus é imutável, como dito anteriormente, porque não muda seu caráter. Deus não muda sua santidade. Deus não muda seu plano geral para a humanidade, embora mude planos particulares quando vê arrependimento de homens e nações sob juízo, por exemplo. Tiago nos diz que em Deus "não há mudança nem sombra de variação" (Tg 1.17). Ele não pode melhorar pois não há como ele vir a ser melhor, posto que já absolutamente é perfeito. E não pode decair porque é absolutamente santo. Sua perfeição absoluta faz com que ele não tenha para onde subir, moralmente falando. E também faz com que ele não tenha como descer, moralmente falando. Ele não pode ser mais santo do que é. Nem pode deixar de ser menos santo do que é.

Ele não muda seu amor, por exemplo: "Pois eu, o Senhor, não mudo; por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos" (Mt 3.6). Não temos um Deus em evolução ou aperfeiçoamento, que está melhorando com o tempo, "aprendendo" a ser Deus, nem mesmo um Deus que, com o tempo, poderá entrar em decadência física ou mental. Temos um Deus de quem diz a Escritura: "Eles perecerão, mas tu permanecerás; e todos eles, como roupa, envelhecerão, e qual um manto os enrolarás, e como roupa se mudarão; mas tu és o mesmo e os teus anos não acabarão" (Hb 1.11-12).

Com as palavras que se seguem, de Thiessen, podemos considerar encerrada a discussão sobre a imutabilidade de Deus:

---

<sup>46</sup> MILES, Jack. Deus - Uma Biografia. S. Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 25.



A imutabilidade de Deus se deve à simplicidade da essência de Deus. O homem tem corpo e alma, duas substâncias; mas Deus só tem uma, portanto Ele não muda. Deve-se também à Sua existência necessária e auto-suficiente. Aquilo cuja existência não é causada, por necessidade de sua natureza, tem que existir como existe. Deve-se também à Sua perfeição. Qualquer mudança em Seus atributos O tornaria menos Deus; qualquer mudança em Seus propósitos e planos O tornaria menos sábio, bom e santo. Mas imutabilidade não significa imobilidade. Algumas pessoas parecem pensar que por ser imutável, Deus não pode agir. Sabemos, entretanto, que Deus é imutável e também que Ele age; por isso, as duas coisas devem ser compatíveis<sup>47</sup>

Entendemos o que está se dizendo aqui sobre a imutabilidade de Deus. No entanto, ele muda suas atitudes para com os homens (dependendo de como estes reagem aos seus apelos e advertências). Por isso, sem fazer disso uma questão fundamental, cabem bem aqui as palavras de Miles: "Deus é constante; não é imutável"<sup>48</sup>. Ou seja, ele pode mudar sua maneira de agir (pois é criativo), mas sua essência e seu caráter continuam os mesmos. Ele muda em suas ações, em suas formas de se revelar, no jeito de tratar as pessoas, mas mantém a constância do seu ser e de seu caráter.

12. *Os atributos morais de Deus* - Mantida a forma de dividir os atributos em naturais e morais, tendo visto os naturais, centremo-nos agora nos atributos morais de Deus. São atributos que ele pode repartir com os homens. Isto porque Deus é um Ser relacional e criou um homem relacional. Ou seja, ele se relaciona e criou um homem que se relaciona. Ele mantém relação com o homem e, como reflexo da *imago Dei* (expressão que se usa para designar a imagem de Deus no homem), colocou no homem alguns traços de seu Ser. Alistaremos aqui três dos mais comentados: santidade, justiça e amor. A listagem varia de teólogo para teólogo, mas ficaremos com estes.

13. *A santidade de Deus* - O termo hebraico para "santo" é *qôdesh*, que vem de um radical com a idéia de "cortar, separar". Mas o sentido teológico do termo é bem mais amplo que apenas algo separado, como se Deus fosse somente distanciado e dessemelhado dos homens. A santidade é integrante da essência de Deus e fonte motivadora de seus atos. Geralmente se pensa na santidade de Deus como estando relacionada tão

<sup>47</sup> THIESSEN, op. cit., ps. 80-61, mantida a sua grafia. Quanto a mim, preferiria dizer que o homem *é* corpo e alma em vez de *tem* corpo e alma, mas respeite-se a citação de Thiessen.

<sup>48</sup> MILES, Jack. Deus - Uma Biografia. S. Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 25.



somente com seu juízo: sendo santo ele julga os pecadores e os condena, algumas vezes destruindo-os. Este é um conceito de santidade equívoco, como se ela fosse algo negativo para o homem. Deus é santo, mas isto não pode ser visto como a fonte de ameaça e insegurança para os pecadores. Sua santidade é fonte de segurança para o homem, também.

Exemplo disto vemos em Oséias 11.9: "Não executarei o furor da minha ira; não voltarei para destruir a Efraim, porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti; eu não virei com ira". Sua santidade era a segurança de uma não condenação: estava dando sua palavra. A santidade de Deus não é, necessariamente, a condenação e o terror do homem. Pode ser segurança, também.

Sobre a santidade de Deus três afirmações podem ser feitas: 1<sup>a</sup>) ele é santo; 2<sup>a</sup>) ele quer ser santificado; 3<sup>a</sup>) ele comparte sua santidade. Vejamos o que isto significa.

*Ele é santo.* Isto é tão óbvio em toda a Bíblia que se torna desnecessário o dispêndio de tempo para argumentação do tema. Limitemo-nos, aqui, pois não apenas as muitas declarações bíblicas bem como as teofanias (este é o nome que se dá as aparições de Deus no Antigo Testamento, de forma assombrosa, como a sarça ardente, por exemplo) necessárias para sua revelação já nos mostram isso. Mas fiquemos com o texto de Isaías 6.3, que tem sido mostrado como a declaração tríplice da Escritura sobre a santidade de Deus. Mas não é bem esta a idéia do texto, mostrar o Deus três vezes santo. Como bem disseram Schökel e Diaz, os serafins "entoam um cântico alternado ou um clamor dialogado" <sup>49</sup>. Um par deles grita "santo", o outro responde "santo" e outro os segue dizendo "santo" e assim continuam sucessivamente. Trata-se do Deus infinitamente santo e não apenas três vezes santo. Isaías compreendeu isto muito bem e é por isso que o seu termo predileto para designar a Deus é "o Santo de Israel." Como disse Motyer: "Na literatura isaiânica, o adjetivo 'santo' (*qadôsh*) é usado para se referir a Deus com mais freqüência do que em todo o resto do Antigo Testamento" <sup>50</sup>.

Para Strong, a santidade de Deus é o seu maior atributo, porque os demais decorrerão dele. Boa dose de razão tem ele. Porque é santo, Deus é puro, é verdadeiro, é reto, é justo, é amor. Por isso que uma das definições de Deus que vimos, a de Strong e de

<sup>49</sup> SCHÖKEL, Luís, e DIAZ José. Profetas I - Isaías e Jeremias. S. Paulo: Edições Paulinas, 1988, p. 143.

<sup>50</sup> MOTYER, Alec. The Prophecy of Isaiah. Downers Grove: InterVarsity Press, 1993, p. 17.



Langston, diz que "Deus é Espírito Pessoal, perfeitamente bom, que em santo amor cria, sustenta e governa tudo". Seus atos são sempre santos. Isso nos basta, por enquanto. E lembrando que sua santidade não é destrutiva para nós, mas segurança: ele sempre agirá bondosamente e nunca como alguém descontrolado.

*Ele quer ser santificado.* Isto é tão real que, na oração modelo, a do chamada de pai-nosso, Jesus nos ensinou a dizer "santificado seja o teu nome". Se Deus é absolutamente santo, o que significa isso? Significa que "Deus quer ser reconhecido como santo, ser tratado como o único verdadeiro Deus, e manifestar assim por meio dos homens a sua própria santidade" <sup>51</sup>. Ou seja, quando pede para ser santificado, Deus quer ser reconhecido como realmente é. Talvez aqui a palavra do teólogo Strong tenha razão: este é seu maior atributo e ele quer ser conhecido como é na sua inteireza. Não é um qualquer, mas o *numinoso*, o *Totalmente Outro*. Nunca deve ser tratado de maneira leviana nem os compromissos com ele assumidos pelo seu povo podem ser descartados. A punição de Israel foi por nivelar lahweh às pseudo-divindades orientais e, em alguns momentos, até rebaixá-lo, em relação a elas. Ele é singular e requer ser tratado como tal.

*Ele comparte a sua santidade.* Em Isaías 6 vemos que a santidade que aterroriza o profeta, a ponto de exclamar ele que está perdido, é compartilhada com os homens. Deus toca nos lábios de Isaías o torna santo. Ele chama o povo de Israel à santificação, no Antigo Testamento (Lv 11.44-45), e chama a Igreja de Jesus à mesma atitude, no Novo Testamento (1Pe 1.16). A Igreja é chamada de "nação santa" (1Pe 2.9), título que outrora fora de Israel. A natureza de Deus é compartilhada com seu povo e ele deseja que seu povo, como ele, seja reconhecido como santo. E que seu povo viva como um povo santo.

14. *A justiça de Deus* - Justiça ou retidão é outro atributo moral de Deus. A idéia é de algo colocado diante do fio de prumo e então se verifica que está absolutamente reto, sem desvio algum. O último canto de Moisés tem esta declaração sobre a retidão de Deus: "Ele é a Rocha; suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são justos; Deus é fiel e sem iniquidade, justo e reto é ele" (Dt 32.4). Normalmente nosso conceito de justiça é sempre legal, ou seja, de tribunal. Mas em termos teológicos a palavra significa "retidão, fazer (ser) certo".

<sup>51</sup> LEON-DUFOUR, Xavier. Vocabulário de Teologia Bíblica. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2z. ed., 1977, p. 948.



A justiça de Deus é mais do que o ato de trazer castigo aos maus e a aprovação aos bons. É a certeza de que ele sempre fará o que é certo. Isto é necessário de se afirmar porque, para muitos, justiça e amor são incompatíveis. Um Deus justo, que aja como juiz, pensam alguns, não pode ser amor. O equívoco decorre, primeiro, de se pensar em justiça em termos de tribunal. E depois, de presumir que amor significa indulgência. Amor e frouxidão não são a mesma coisa. Um justo tem que ser feroz, pensam alguns. E o amor, pensam ainda, tem que ser bonachão, inseqüente, passando sempre a mão sobre a cabeça das pessoas erradas. Esta é uma concepção muito equivocada dos dois termos. Para os escritores bíblicos, justiça e bondade não significaram conceitos opostos. Lemos no Salmo 145.17: "Justo é o Senhor em todos os seus caminhos, e benigno em todas as suas obras". Justiça e benignidade estão caminhando juntas. Os dois termos hebraicos são *tsedaqah* (justiça) e *hesed* (amor imutável eterno, o amor do pacto). A retidão de *lahweh* está caminhando lado a lado com a sua mais profunda forma de amar. São conceitos paralelos e não colidentes, isto não é, um não colide com o outro.

É necessário ter isto em mente porque, no pensamento de Paulo, exatamente por ser justo é que Deus justificará os homens: "para que ele seja justo e também justificador daquele que tem fé em Jesus" (Rm 3.26). Paulo não apresenta o amor como a fonte da justificação daquele que crê, mas a justiça de Deus. Porque ele é justo, ele justifica. Ele quer tornar os homens, em caráter, iguais a ele.

Por ser justo, Deus deseja que haja justiça nos relacionamentos humanos. O Israel do Antigo testamento pensou que Deus desejasse receber culto mais do que tudo (à semelhança de tantos hoje que enfatizam tão somente o louvor e esquecem a ética). Mas os profetas trouxeram a declaração de Deus, muitas vezes repetida, de que o verdadeiro culto era a prática da justiça. A este respeito, leiamos os textos de Isaías 1.11-17, Amós 5.21-24 e Miquéias 6.8. e guardemos isto: o culto que o Deus Santo mais deseja não é o cântico, mas retidão na nossa vida. Culto não são apenas palavras. Culto é vida. Pode-se louvar a Deus com cânticos, mas ter uma vida que o desonre e, conseqüentemente, não o esteja adorando. A vida vale mais que palavras. É uma pena que em muitos de nossos cultos haja mais ênfase em louvor do que em santidade. Sem santidade o louvor é falso, apenas de lábios. Chega a ser uma ofensa a Deus porque dá a idéia de que ele não conhece o que se passa no íntimo da pessoa.



15. *O amor de Deus* - Este atributo é tão forte que, na maior parte das vezes, é o que mais vem à mente das pessoas quando se fala de Deus. "Deus é amor" é uma das primeiras declarações que nossas crianças aprendem em nossas igrejas.

Deus é amor e não apenas *tem* amor pelos homens. Isto é fundamental. E seu amor não é de palavras, mas de atos. Ele manifestou seu amor: "Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós sendo nós ainda pecadores" (Rm 5.8). Seu amor é dadivoso, ou seja, se manifesta em dádiva e não em dádivas de segunda categoria, como bênçãos materiais, mas a dádiva de seu Filho (Jo 3.16). É um amor que é dado aos homens sem que estes mereçam, como lemos em Deuteronômio 7.7: "O Senhor não tomou prazer em vós nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que todos os outros povos, pois éreis menos em número do que qualquer outro povo". Ele nos amou e nos ama porque quer. Não é que sejamos merecedores. Não é o nosso mérito. É a vontade dele.

Exatamente porque é amor, Deus deseja que seus filhos sejam amorosos e que vivam em amor uns com os outros, além de amá-lo também. Nossas igrejas privilegiam muito a fé (e a pregação que exalta os sinais e os prodígios exalta muito a fé), mas o apóstolo Paulo é bem claro: "Agora, pois, permanecem a fé, a esperança, o amor, estes três; mas o maior destes é amor" (1Co 13.1). O amor é maior que a fé e é maior que a esperança. O relacionamento ideal da Igreja de Jesus é o relacionamento de amor: "e andai em amor, como Cristo também vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave" (Ef 5.2). Amar a Deus é a maior necessidade da Igreja. A queixa de Jesus à igreja de Éfeso foi esta: "porém uma coisa tenho contra vocês: é que agora não me amam mais como no princípio" (Ap 2.7, Linguagem de Hoje). A igreja tinha firmeza doutrinária, era muito ativa, mas Jesus a advertiu: "Lembrem-se do quanto vocês caíram" (Ap 2. 5). Amar menos era a mesma coisa que cair. E o que ele mais espera da igreja é que ela o ame.

Este amor norteia as ações de Deus e se manifesta em quatro aspectos, que alguns teólogos, por vezes, apresentam como se fossem atributos: bondade, graça, misericórdia e benignidade. O amor de Deus nunca faz o mal, mas é sempre bondoso e sempre se manifesta em bondade para com seu povo. O amor de Deus também se evidencia na sua graça que ele derrama sobre todos os homens. Não é por merecermos que ele nos dá as coisas, mas é por ato de sua graça. Na realidade, não merecemos nada. Sua graça pode ser específica, em alguns pontos, para os que são seus (como a graça da salvação, por



exemplo), mas é geral em outros pontos: ele "faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos" (Mt 5.45). Seu amor se evidencia também em misericórdia, que é uma extensão da bondade. É a sua disposição de perdoar. Ele perdoa os pecados de quem se arrepende e se compadece dos que sofrem, como várias vezes os evangelhos falam do sentimento de Jesus ao ver as multidões desorientadas. Seu amor se manifesta em benignidade, que pode ser entendida como "constância". Sua benignidade, seu *hesed*, "dura para sempre" (Sl 136). É o amor e é a misericórdia presentes todos os dias. Ele não é um Deus instável nem um Deus mal-humorado, mas é sempre fiel, sempre benigno: "Se somos infiéis, ele permanece fiel; porque não pode negar-se a si mesmo" (2Tm 2.13). Sua fidelidade tem a ver com seu caráter, de amoroso, de imutável, de justo e de santo. E não com nossa maneira de agir. Felizmente para nós...



A questão da trindade não é apenas complicada, como também demanda grande reverência em seu estudo. Simplificá-la é não atentar para sua grandeza e profundidade e negá-la somente porque é complexa é uma atitude de pouca sensatez. A crítica mais comumente feita à doutrina da trindade, e elaborada pelos testemunhas de Jeová, é que a palavra não se encontra na Bíblia. É verdade. No entanto, a expressão "salão do reino" também não se encontra na Bíblia e os jeovistas a usam, assim mesmo. Uma coisa é uma determinada palavra não estar na Bíblia. Outra coisa é um conceito estar presente na Bíblia e não haver uma palavra bíblica para mostrá-lo.

Na realidade, até mesmo os cristãos sabem pouco sobre a trindade e pouco se interessam sobre ela. Foi por isso que o teólogo católico Karl Rahner declarou: "Se a doutrina da trindade for considerada falsa, a maior parte da literatura religiosa permanecerá inalterada" <sup>52</sup>. Ou seja, não faria muita diferença para os cristãos, que não a entendem nem se preocupam em entendê-la. Esta ignorância teológica tem trazido muitos absurdos que podem ser notados até mesmo em orações: as pessoas chamam a Jesus de Pai, em oração, e pedem a ele em nome dele mesmo. Chamam a Jesus de Pai e oram em nome da trindade. Outros agradecem ao Pai que morreu na cruz pelos nossos pecados, quando foi o Filho quem morreu. Há até que agradeça ao Espírito santo por ter morrido na cruz! Isto não atrapalha as orações, é óbvio, porque Deus entende o que a pessoa diz, mas traz muita confusão em nossas igrejas. Vamos caminhar um pouco pelo assunto, sem a pretensão de esgotá-lo, mas procurando lançar as luzes necessárias para entendermos tão profunda doutrina. Devemos nos esforçar para compreender o assunto, mesmo que não plenamente. Mas temos que considerar algo:

A doutrina da Trindade é crucial para o cristianismo. Ela se ocupa em definir quem é Deus, como ele é, como trabalha e a forma pela qual se tem acesso a ele. Além disso, a questão da Divindade de Jesus Cristo, que historicamente tem sido ponto de grande tensão, está muito ligada com o conceito de Trindade. A posição que adotamos em relação à Trindade exerce profunda influência em nossa cristologia.<sup>53</sup>

<sup>52</sup> SOUSA, Ricardo. "A Trindade, o Pessoal e o Social na Espiritualidade Cristã", in Vox Scripturae, vol. V, no. 1, mar/95, p. 17.

<sup>53</sup> ERICKSON, op. cit., p. 128.



Nestas palavras descobrimos que para nutrirmos um conceito correto sobre a pessoa de Jesus Cristo precisamos ter uma boa compreensão da trindade. Na realidade, um conceito adequado da trindade também nos permitirá ter uma pneumatologia (nome pomposo para a doutrina do Espírito Santo) correta. Muitos equívocos sobre a pessoa do Espírito Santo sucedem porque ele tem deixado de ser visto como Deus. Torna-se uma espécie de fio desencapado, dando choque nas pessoas. Ou uma gasolina espiritual para o tanque da fé. No entendimento de alguns, é um sub-Deus. Sem uma conceituação correta da trindade cairemos no unitarianismo, doutrina que ensina que Deus é uma pessoa, apenas. E se assim suceder, teremos que nos descartar da pessoa de Jesus Cristo e não poderemos ter uma cristologia, mas apenas, como faz a teologia da libertação, uma "jesuologia", ou seja, um ensino sobre uma pessoa humana chamada Jesus, mas que não é Deus, apenas uma pessoa que se tornou um modelo de vida. E também nossa fé perderá todo seu sentido. Nós não cremos numa pessoa humana que foi um modelo de vida. O que cremos sobre Jesus fica bem claro em 1Coríntios 15.3-4. Todo o capítulo 15 de 1Coríntios, ao tratar da morte e da ressurreição dos homens aponta para Jesus Ressuscitado como garantia de nossa fé. 1Coríntios 15.13-19 mostram que se nossa fé é no Jesus desta vida, apenas, no homem Jesus, nossa fé é inútil. Deve ser no Cristo que venceu a morte, que é mais que um modelo. É o Senhor da vida e da morte.

1. *Uma definição* - Quando falamos de trindade queremos dizer que *Deus existe como três pessoas em uma essência* ou, ainda, que Deus existe como três pessoas de uma mesma natureza em um relacionamento profundo e dinâmico. Não se torna absurdo pensar na trindade quando lembramos que o Deus revelado na Bíblia é um Deus relacional, ou seja, que se relaciona com a sua criação. Um Deus unitário seria um Deus solitário ou necessitado de sua criação. Isto se observa numa frase do rabino Kushner, em uma obra sua sobre o livro de Eclesiastes: "Deus é Uno, e porque é Uno é totalmente solitário, a não ser que existem pessoas que O amem"<sup>54</sup>. O rabino, ao fazer esta declaração, acertou um tiro no seu próprio pé: seu conceito da Divindade torna-a necessitada da sua criação para se relacionar. Um Deus carente, portanto. Se não houvesse pessoas, ele seria solitário. Ele precisa que as pessoas o amem para não ser um Deus sózinho. Mas um Deus trinitário, como é o Deus revelado na Bíblia e como

<sup>54</sup> KUSHNER, Harold. Quando Tudo Não é o Bastante. S. Paulo: Nobel, 1a. reimpressão, 1990, p. 32.



nós, cristãos, aceitamos, é suficiente em si. Lembramos das palavras de Jesus: "Agora, pois, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse" (Jo 17.5). Antes da criação, a trindade mantinha comunhão consigo mesmo. Ela é suficiente do ponto de vista de relacionalidade (de manter relações). E este ponto é central para nós: Deus é completamente auto-suficiente e auto-inclusivo (ele se inclui a si mesmo em suas relações e não necessita de outro). Sem a criação, ele se basta, ainda assim. Ele não precisa de nós para existir, mas nós precisamos dele para viver. A trindade é uma resposta complementar ao conceito da auto-suficiência de Deus. Ele é suficiente. Ele se basta a si mesmo. Deus não criou o mundo por causa de sua possível solidão. Antes mesmo da criação, a trindade se relacionava em amor e comunhão. A criação é por causa do amor de Deus. É um amor tão grande que pode se escoar para fora da trindade e se direcionar aos homens e à criação como um todo.

2. *Conceitos errados sobre a trindade* - Há conceitos equívocos sobre a trindade, como veremos, e que devem ser corrigidos logo no início de nossa consideração. Um deles é o que se chama *subordinacionismo*. A idéia vem de Tertuliano . Para ele, Cristo procede da essência de Deus, como os raios procedem do sol, as plantas de suas raízes e os rios de suas fontes. Em sua obra *Advversus Praxean*, ele declarou: "O Pai não é o Filho; ele é maior que o Filho; pois aquele que gera é diferente daquele que nasce; o que envia é diferente do que é enviado" <sup>55</sup>. Ele empregou a palavra "subordinado" para designar a relação entre o Pai e o Filho, donde vem o termo *subordinacionismo*. Mas devemos a ele o mérito de usar as palavras "pessoa" e "substância" no conceito da trindade: três pessoas da mesma substância. Orígenes, no terceiro século, ampliou este conceito. Embora não formulada nestes termos, muito desta idéia subordinacionista se vê ainda hoje.

Tivemos a posição de Ário, por isso chamada de *arianismo*: O Filho não é da mesma natureza do Pai (*homoousia*). É de natureza similar (*homoiousia*) à do Pai. Ou seja, é parecido, mas não igual. Neste sentido, o Filho teria sido criado (*genetos*) e nasceu (*gennetos*). Com isso, o Filho seria inferior ao Pai. Haveria, de qualquer maneira, uma graduação hierárquica na trindade.

---

<sup>55</sup> HÄGGLUND, op. cit., p. 45.



Um outro equívoco é o que se chama de *modalismo*. Esta idéia ensina que a trindade são três modos de Deus se revelar ou de agir. Ora ele agiu como Pai, ora agiu encarnado e ora agiu como o Espírito. É a posição de Sabélio: as pessoas da trindade não seriam, propriamente pessoas, mas seriam manifestações da Divindade. Por isso a posição se chama também *sabelianismo*. Mas o Pai e o Espírito são espírito e houve momentos em que as três pessoas estavam agindo, como no batismo de Jesus: o Filho foi batizado, o Espírito veio em forma corpórea e o Pai falou. E a trindade não são *modos* de Deus agir, mas são pessoas da Divindade.

Um outro é o *hierarquismo*, espécie de *modalismo*, em que as pessoas da trindade são mostradas em escala hierárquica. O Pai idealiza, o Filho cumpre e o Espírito aplica ou executa. Um exemplo desta distorção se vê no título de um livro de um pastor batista que apresenta o Espírito Santo como se fosse o executivo de Deus. O Espírito Santo não é um cumpridor de ordens nem o executivo de alguém. Ele é Deus.

A doutrina da trindade é exatamente esta: Deus existe como Pai, Deus existe como Filho e Deus existe como Espírito Santo. As três pessoas são uma só e não há gradação entre elas. Uma não é superior a outra nem manda na outra. Elas não estão em conflito. O que o Pai quer, isso o Filho quer e o Espírito quer também. Elas têm distinção de funções, mas esta distinção é baseada na diferença de papéis ou de relacionamentos que elas desempenham dentro da trindade e não de valor ou de importância. Creio que a palavra que mais nos ajudaria a entender este ponto de diversidade das pessoas seria a palavra "relacionamento" ou então o desempenho de funções. Mesmo assim, caminharia por aí com muita cautela para evitar derivações que possam surgir do uso dessas palavras. Para que não fiquem quaisquer dúvidas sobre este ponto, confirmemo-lo com as seguintes palavras de Gutzke:

A Trindade é Deus o Pai, Deus o Filho, e Deus o Espírito Santo. Deus o Pai é Aquele que sabe, cuida e quer. Deus o Filho é aquele que sabe, cuida e quer. Deus o Espírito Santo é aquele que sabe, cuida e quer. Cada um deles é uma pessoa distinta das outras duas e, não obstante, os Três são Um.<sup>56</sup>

Esta declaração de Gutzke tem uma advertência para não se cair no triteísmo (a crença em três deuses em um) nem na hierarquização das pessoas da trindade, o que,

---

<sup>56</sup> GUTZKE, Manford. Manual de Doutrinas: Temas Centrais da Fé Cristã. S. Paulo: Edições Vida, 2<sup>a</sup> reimpressão, 1995, p. 16.



mesmo explicações conservadores, infelizmente, fazem com certa freqüência. Para corroborar esta idéia, fiquemos com a seguinte citação de Uretta:

Ao nos referirmos a Deus como pessoa, não afirmamos que nele haja 'três indivíduos', um junto do outro e separado do outro, mas somente distinções pessoais de um mesmo dentro da essência divina, que é genérica e numericamente uma só<sup>57</sup>

Na trindade, temos, portanto, uma só essência (o Ser de Deus, imutável) . Nesta essência há três subsistências individuais, mas que não são essências diferentes. São pessoas. Entendo o que se quer dizer com pessoa e sei que o uso é correto e bem conhecido, mas prefiro usar *subsistências*. Para nós, o conceito de pessoa está ligado a algo físico e concreto, o que dificulta nosso entendimento. Se lembramos que o termo se liga a relacionamento, talvez a questão seja mais simples. Três subsistências numa essência quer dizer que as pessoas da trindade se relacionam entre si intimamente, de tal maneira que são uma só pessoa. Mesmo sendo três, elas não apresentam conflito entre si. Um exemplo bem claro disto está em Mateus 28.19: "Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo". A ordem para efetuar o batismo é em nome das três pessoas. É evidente que não se pode dizer que há aí uma formulação teológica da trindade, mas há o ensino de que o batismo é em nome de três pessoas. E aí entramos na questão da pluralidade de pessoas.

3. *A pluralidade de pessoas* - Sendo de fundo teológico judeu, os primeiros cristãos eram marcadamente monoteístas e unitários. Rejeitavam o politeísmo pagão, o emanacionismo gnóstico e o dualismo de Marcião. Expliquemos o que é emanacionismo gnóstico. Depois explicaremos o que é o dualismo de Marcião. Os gnósticos diziam que a matéria era má e que era apenas uma emanção de Deus (isso equivale a dizer que era uma onda de energia, mais ou menos). Se Jesus era matéria, não era divino porque a matéria é má. Então, Jesus era uma emanção, uma onda, uma energia vinda de Deus, e não Deus mesmo. Marcião foi um herege que achava que havia dois deuses, um do Antigo Testamento, sanguinário, e um do Novo Testamento, bondoso. O do Novo Testamento venceu o do Antigo Testamento. Mas, voltando, aos cristãos primitivos: eles tinham, agora, um dado novo: sabiam que Deus havia se feito presente entre os homens

---

<sup>57</sup> URETTA, op. cit., p. 62



na pessoa de Jesus Cristo: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez (...) E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai" (Jo 1.1-3, 14). O que eles diziam era o seguinte: o homem que estivera com eles, Jesus de Nazaré, era existente antes de tudo. Aquele homem era Deus. Isto era fantástico. Não podiam negar isso! Como formular sua teologia, a partir deste evento? Como equacionar este dado da experiência e da revelação com seu conceito tão fechado da unicidade de Deus? Se Deus era uno e aquele homem com quem eles viveram era Deus, como explicar isto? Tudo que haviam aprendido devia ser revisto! Por isso nem eles mesmo conseguiram explicar a trindade. Era algo novo e eles não tiveram tempo. Mas viram que Jesus era homem e era Deus!

A disputa sobre as pessoas da trindade se estendeu durante três séculos no seio da igreja, com diferentes correntes e tendências. O estudante da EBD interessado em informações mais profundas que aqui não podemos abordar, deve procurar em outras fontes, principalmente nas obras de Hägglund e Kelly, já citadas nesta apostila. Pode achá-las em uma boa livraria evangélica. Para nossa consideração vamos ao Concílio de Nicéia, em 325, quando a questão foi definida. Uma versão, encontrada em Bettenson<sup>58</sup> traz o seguinte texto:

Creemos em um só Deus, Pai onipotente, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado pelo Pai, unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro, gerado não feito, de uma só substância com o Pai, pelo qual foram feitas todas as coisas, as que estão no céu e as que estão na terra; o qual, por nós homens e por nossa salvação, desceu e se encarnou e se fez homem e sofreu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao céu, e novamente deve vir para julgar os vivos e os mortos; e no Espírito Santo.

A declaração do credo de Nicéia ressalta a unicidade de Deus, a existência eterna de Jesus, que é Criador de todas as coisas e afirma, mesmo sem detalhes, o Espírito Santo. A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira foi muito feliz ao encerrar o tópico II. DEUS, com as seguintes palavras: "Em sua trindade, o eterno Deus se revela como Pai, Filho e Espírito Santo, pessoas distintas mas sem divisão em sua essência". O termo

---

<sup>58</sup> BETTENSON, H. Documentos da Igreja Cristã. S. Paulo: ASTE, 1967, p. 55



triunidade também é muito correto e devemos aprender o significado dele: são três pessoas unidas. Elas nunca podem ser separadas uma das outras. Desta maneira, não se pode receber a Jesus hoje e ao Espírito Santo amanhã. Quando Cristo entra em nossa vida, toda a trindade entra. Quem tem Jesus na sua vida tem o Espírito Santo na sua vida.

Com uma visão, mesmo que bastante difusa e também incompleta da trindade, vamos entrar na análise de cada uma das pessoas, agora. Sem dúvida que na particularidade de cada uma delas a doutrina da trindade vai se revelar de forma mais clara ao nosso entendimento. Com a observação de cada unidade, nossa visão da trindade continuará. Aprenderemos um pouco mais sobre ela, porque não esgotamos o assunto com esta unidade. Veremos mais um pouco na medida em que falarmos sobre o Pai, sobre o Filho e sobre o Espírito Santo.





Quando falamos, no início desta apostila, sobre a possibilidade de se ter uma teologia, começamos falando de Deus. Voltamos a falar de Deus, mais uma vez, ao falarmos de revelação, inspiração e iluminação. Continuamos a falar de Deus quando entramos no capítulo sobre a trindade. Agora vamos falar de Deus Pai. Parece que estamos rodando em círculos, mas é fácil de se explicar: é impossível abordar qualquer aspecto da teologia sem falar de Deus, posto que a teologia é, acima de tudo, um discurso sobre Deus. Mas agora nossa abordagem é sobre o Pai. Geralmente, quando falamos de Deus estamos nos referindo a esta pessoa da trindade. Por isso que muitos temos dificuldades ao falarmos sobre a trindade ou para discutirmos as divindades de Cristo e do Espírito Santo. Nossa ênfase neste momento é sobre a primeira pessoa da trindade, esta que nós chamamos de Pai, assim como Jesus no-la revelou. Por incrível que pareça, é difícil encontrar material sobre este assunto, porque até mesmo os teólogos discutem pouco o conceito de Pai, a primeira pessoa da trindade, porque se satisfazem quando falam de "Deus", pensando que assim se abordou a primeira pessoa. Isto é um equívoco. Deus é um termo que deve abranger toda a trindade e não apenas a primeira pessoa. É intrigante que até mesmo homens eruditos como Erickson, Uretta e Mullins façam assim: tomem Deus como se ele fosse a primeira pessoa da trindade. Não têm, em seus escritos, um capítulo sobre o Pai porque pensam que ao falarem da Divindade falaram dele. Isto, repito, é um equívoco, e é também um perigo teológico, pois a Divindade é triúna e Deus não é apenas o Pai, mas também o Filho e o Espírito. Deus não é, portanto, a figura do Pai, mas o termo pode se aplicar às três pessoas da trindade.

Aliás, nosso ponto de partida para conhecer o Pai deve ser a revelação de Jesus. Ele ensinou os fiéis a chamarem a Deus de "Pai". Quando os discípulos lhe pediram que lhes ensinasse a orar, a primeira palavra dita por ele foi "Pai". Ele chamava a Deus de "Pai". Ele nos ensinou a chamarmos a Deus de Pai. É por causa dele que Deus é nosso Pai. Lemos em Mateus 11.27: "Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece plenamente o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece plenamente o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar". Ele nos trouxe a idéia de Deus como Pai e ele nos descortina o Pai.

A primeira pessoa da trindade não é o Grande Arquiteto do Universo, nem o Grande Espírito, nem a Força, nem o Pai das Luzes, como os espíritas o chamam (embora o termo seja bíblico, como Tiago usa). Ele é nosso Pai. Em excelente obra sobre como conhecer a



Deus, Packer faz a seguinte observação: "O que é um cristão? A pergunta pode ser respondida de muitas maneiras, mas a melhor resposta que conheço é que um cristão é alguém que tem Deus como Pai"<sup>59</sup>. Na mesma linha de Packer, está a excelente obra do teólogo luterano alemão Joachim Jeremias, *A Mensagem Central do Novo Testamento*<sup>60</sup>. Para ele, a mensagem que é o eixo hermenêutico do Novo Testamento é a doutrina da paternidade de Deus. Sobre esta obra, fiquemos com a citação de Hammet:

Um sábio alemão, Joachim Jeremias, estudou a cultura e literatura judaica da época de Jesus por quase toda a sua vida e concluiu que é impossível achar a palavra 'pai' usada para Deus nas orações dos judeus nesta época - até Jesus. A ênfase dada à Paternidade de Deus é uma das maiores diferenças entre o Velho Testamento e o Novo Testamento<sup>61</sup>.

Este é o grande privilégio do cristão, daquele que pôs sua fé em Jesus Cristo: Deus é seu Pai. Como nos diz João 1. 12: "Mas, a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus". Só aquele que nasceu de novo pode usar esta expressão em toda a sua plenitude e com plenos direitos. É fato que Deus é Pai de todos os homens porque gerou a todos, mas no sentido de adoção, o termo é restrito aos que crêem. Ao comentar o texto de João 1.12, Chouraqui, saindo de seu notável conhecimento no Antigo Testamento, e entrando no Novo Testamento com a mesma erudição, fez o seguinte comentário: "**O poder. Édoken exousían**: Exprime não apenas o poder, mas o direito, o privilégio, a liberdade, assim como a dignidade de realizar aquilo que todo homem é, isto é, filho de Iahv/Adonai Elohim"<sup>62</sup>. Todo homem é, potencialmente, filho de Deus. Ou, pelo menos, o é em termos de filho por criação. Mas é na aceitação de Cristo que esta potencialidade se concretiza e o homem reencontra a dignidade da filiação ao Pai celestial. É por causa de Jesus que aprendemos que Deus é nosso Pai.

1. *A paternidade de Deus no Antigo Testamento* - No Antigo Testamento, este conceito da paternidade de Deus é um pouco restrito. Deus é Pai de Israel: "Então dirás a Faraó: Assim diz o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito; e eu te tenho dito: Deixa ir: meu

<sup>59</sup> PACKER, J. L. *O Conhecimento de Deus*. S. Paulo: Editora Mundo Cristão, 1980, p. 183.

<sup>60</sup> JEREMIAS, Joachim. *A Mensagem Central do Novo Testamento*. S. Paulo: Edições Paulinas, 3ª ed., 1990

<sup>61</sup> HAMMETT, op. cit., 45. Fiz duas correções de erros de Português na citação de Hammet, mas mantive a fidelidade ao seu pensamento.

<sup>62</sup> CHOURAQUI, André. *A Bíblia - Iohanân (O Evangelho Segundo João)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997, p. 49



filho, para que me sirva. mas tu recusaste deixá-lo ir; eis que eu matarei o teu filho, o teu primogênito" (Êx 4.22-23). Lemos também em Oséias 11.1: "Quando Israel era menino, eu o amei, e do Egito chamei a meu filho". A nação, como um todo, era filha de Deus. Primeiramente porque devia sua existência a ele e, em grau menor, porque fora adotada por ele. Mas isso é declarado de forma objetiva apenas nestas duas vezes e em Jeremias 3.19 e 31.9. Há mais dez outras citações, mas que não são tão claras assim como estas e a paternidade é mais inferente do que declarada. Assim mesmo, a idéia aparece muito mais por que a nação devia a ele sua origem, do que por ter sido adotada por ele.

Deus não é chamado de "Pai" dos fiéis israelitas, como indivíduos, embora haja esta insinuação: "Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que o temem" (Sl 103.13). É, no entanto, uma declaração que mostra mais seu sentimento em relação ao fiel necessitado do que seu padrão contínuo de relacionamento com os homens. Esta postura do Antigo Testamento pode ser entendida à luz do fato de que a sua ênfase é na santidade de Deus, comentam alguns teólogos. Pode ser esta uma das razões, mas não creio que seja a mais forte. A mais forte, me parece, reside no fato de que no Antigo Testamento temos uma ênfase comunitária, onde o trato de Deus é com a comunidade, com o povo, com raça. A ênfase no trato individual é profetizada por Ezequiel, ao falar da nova aliança, e concretizada em Cristo. Aparece de forma mais clara no Novo Testamento. A diferença de trato nos dois pactos, o do Antigo e o do Novo Testamentos, deve ser observada neste contexto.

2. *A paternidade de Deus no Novo Testamento* - É aqui que está a base da doutrina. É a idéia central do Novo Testamento. Logo no sermão do monte, por dezessete vezes, Jesus chama a Deus de "Pai". E por 250 vezes no Novo Testamento, em todos os seus livros, com a única exceção de 3João, o termo está presente. Esta é grandeza do cristianismo sobre todas as demais religiões: ele é a única religião que apresenta o Criador, o maior poder do universo, como Pai. E isso é possível graças a Jesus, que assim o chama por cinquenta vezes nos evangelhos. Uma expressão de Conner nos trará mais luzes nesta observação:

Jesus chamou a Deus de Pai. Este foi seu termo predileto. O Senhor creu na soberania de Deus, porém é significativo que encontrou seu termo favorito para



Deus dentro da idéia de família. Ninguém, até o tempo de Jesus dera um conceito tão claro e definido de Deus como Pai como Jesus o fez. Na literatura grega, Zeus é mencionado, de maneira geral, como pai dos deuses e dos homens. Outras religiões haviam usado o termo, também. Mas Jesus fez três coisas que ninguém mais havia feito: tornou a paternidade a idéia dominante na relação entre Deus e os homens; pôs seu ensino ético na idéia da paternidade aplicada a Deus; e tornou este conceito como algo bem vivo na relação entre o adorador e Deus<sup>63</sup>

Isso suscitará uma questão: em que sentido Jesus é Filho e o Pai é Pai? Afinal de contas, os dois têm a mesma idade! Melhor dizendo, os dois têm a mesma não-idade, posto que ambos nunca nasceram. Os dois são eternos: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (Jo 1.1). Nem mesmo se pode alegar que Verbo se tornou o Filho quando aceitou um corpo físico e nasceu. Ela já existia antes de assumir forma humana. A Igreja sempre entendeu Jesus como o Filho eterno de Deus. Vamos precisar retornar um pouco à idéia da trindade para tentar lançar um pouco mais de luz sobre a questão. E, mais uma vez, ficamos com as palavras de Hammett:

Eu creio que Jesus sempre tem sido o filho de Deus e que a filiação de Jesus e a paternidade de Deus retratam um relacionamento eterno dentro da Trindade, uma distinção entre a primeira pessoa e a segunda pessoa. Então, a diferença entre as pessoas da Trindade não são as funções diferentes de cada pessoa, mas o relacionamento de cada pessoa à outras duas pessoas. O Pai sempre tem sido o pai, porque esta é a sua natureza. Dentro da Trindade, ele é o Pai. Jesus é o filho, porque esta é a sua natureza. Ele sempre tem tido este relacionamento com o Pai. O papel do Espírito não é tão óbvio. Alguns teólogos enfatizara, a santidade do Espírito e chamaram o espírito o poder santificante na Trindade, mas eu prefiro a idéia de que o Espírito é o vínculo de amor entre o Pai e o Filho<sup>64</sup>.

A idéia de Hammett é que a distinção é relacional, não funcional nem hierárquica. Ou seja, a distinção é de relação, nunca de mando ou de domínio. Seguindo, então, por esta linha, façamo-nos uma pergunta: quais as relações entre o Pai e o Filho? Afinal, os próprios termos indicam uma noção de mando e subordinação, de cuidado e dependência, de um ser o primeiro e o outro ser o segundo. Mas devemos evitar o hierarquismo e o subordinacionismo, como já comentamos ao falarmos sobre a trindade. Cautela e reverência nos ajudarão muito no bom entendimento teológico. O texto de João 5.16-23 pode nos

<sup>63</sup> CONNER, Walter. Las Enseñanzas del Señor Jesús. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, sem data, p. 105.

<sup>64</sup> HAMMETT, op. cit., p. 46.



orientar nesta questão: "Por isso os judeus perseguiram a Jesus, porque fazia estas coisas no sábado. Mas Jesus lhes respondeu: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também. Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus. Disse-lhes, pois, Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que o Filho de si mesmo nada pode fazer, senão o que vir o Pai fazer; porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente. Porque o Pai ama ao Filho, e mostra-lhe tudo o que ele mesmo faz; e maiores obras do que estas lhe mostrará, para que vos maravilheis. Pois, assim como o Pai levanta os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida a quem ele quer. Porque o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o julgamento, para que todos honrem o Filho, assim como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou"

Neste texto, alguns dos elementos deste relacionamento são mostrados. Vejamo-los.

*O primeiro é a igualdade*, como o v. 18 nos mostra. Jesus se fazia igual a Deus, de quem dizia ser seu Pai. Com isso, descobrimos que ambos partilham da mesma natureza. Então, um não é superior ao outro. Quando duas pessoas são iguais, nenhuma é superior ou inferior.

*O segundo é a autoridade do Pai*, como v. 19 nos mostra. O Filho só pode fazer o que o Pai faz. Por si mesmo, ele, o Filho, nada pode fazer. Em João 6.38, o Filho diz que veio para fazer a vontade do Pai. Em João 15.10 ele diz que guarda os mandamentos do Pai. No nosso entendimento, como humanos que somos, o conceito de autoridade está ligado a domínio e mando. Mas no relacionamento trinitariano e na postura do Pai, sua autoridade sobre o Filho não significa imposição de uma pessoa sobre a outra. Jesus foi um homem completamente livre e, ao mesmo tempo, completamente submisso ao Pai. O Pai não é superior às outras pessoas da trindade, mas tem papéis diferentes dentro da mesma trindade. A autoridade do Pai não é de mando, mas é de relação.

*O terceiro é amor*, como o v. 20 nos mostra. O Pai ama o Filho. Temos que voltar a este ponto: o atributo de amor do Pai deve ser ressaltado para se evitar o dualismo entre o Pai carrasco e iracundo e o Filho bonzinho e apacador da cólera do Pai. O Pai ama aos homens, mas ama ao Filho. Ter entregue o Filho para morrer na cruz não foi um ato de sadismo, nem um gesto tresloucado, mas sim um ato de amor entre as duas pessoas da trindade e também um ato de amor para com a humanidade. Isso mostra como a trindade



nos ama! O Pai oferece o Filho que ele amam. E o Filho aceita ser separado do pai que ele ama! E o Espírito faz a obra no nosso coração para crermos no amor deles por nós.

*A quarta é comunhão*, como lemos no v. 23. Quem não honra ao Filho não honra ao Pai. Isto porque o Pai só pode ser corretamente entendido no Filho, pois o Filho é "imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele subsistem todas as coisas" (Cl 1.15-17). O Pai não é uma figura abstrata, um conceito, mas tem sua expressão exata no Filho. Quem deseja saber como é o Pai deve olhar para Jesus, o Filho, porque nele o Pai se revelou. Aliás, se olhássemos mais para Jesus, para sua mansidão e seu jeito amoroso de trata os pecadores, deixaríamos de ver o Pai como alguém zangado e nossas igrejas mesmas tratariam melhor os pecadores. Porque Jesus tratava bem aos pecadores.

4. *Aspectos práticos da paternidade de Deus* - Mas do ponto de vista prático, quais são as implicações, para nossa vida, da paternidade de Deus? Isto não na relação dele com o Filho, mas na relação dele conosco. Em que ela nos diz respeito, além do que foi rapidamente pincelado nas linhas anteriores? Em que nos afeta?

*A primeira e maior implicação é a nossa adoção*. Num sentido lato, amplo, toda a humanidade é filha de Deus, pois toda a raça veio de um só Criador, a quem deve a vida. É o que lemos em Atos 17.26: "e de um só fez todas as raças dos homens, para habitarem sobre toda a face da terra, determinando-lhes os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação". A Bíblia ensina o monogenismo, isto é, que todas as raças remontam a um homem (um casal, melhor dizendo), criado por Deus. Mas no sentido de adoção, não apenas de geração e de dever a vida, mas no sentido de dever a vida eterna, filhos de Deus são os que adotam a fé em Jesus Cristo e assim tem este direito. Num sentido restrito, portanto, o conceito de adoção é bem menor. Lemos em João 1.12: "Mas, a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus". Lemos, também, em Gálatas 4.5: "para resgatar os que estavam debaixo de lei, a fim de recebermos a adoção de filhos". Fiquemos, ainda, com Efésios 1.5: "e nos predestinou para sermos filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua



vontade". Deus é Pai, mas adotivo. Adotou-nos, porque tínhamos outro pai. Éramos filhos da ira, ou seja, filhos do juízo. Assim nos diz Efésios 2.3: "Entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais.". Em Cristo nós mudamos de Pai. O homem sem Cristo tem o Diabo por pai (Jo 8.44). Assim éramos, mas nossa vida mudou.

*A segunda, decorrente da primeira, alude ao caráter que o cristão deve ter. A base para a doutrina da santificação não deve repousar sobre mandamentos ou sobre a busca de poder espiritual, como se vê em muitos ensinamentos ("precisamos de poder") mas sim sobre a questão do caráter que devemos cultivar. Numa de suas polêmicas com os fariseus, Jesus os acusou com muita dureza, declarando-os como filhos do Diabo. Começou a declaração: "vós fazeis o que também ouvistes de vosso pai" (Jo 8.38) e concluiu com 8.44: "Vós tendes por pai o Diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai; ele é homicida desde o princípio, e nunca se firmou na verdade, porque nele não há verdade; quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio; porque é mentiroso, e pai da mentira". O princípio que se pode inferir daqui, desta declaração de Jesus, é o filho herda a natureza do pai e faz o que vê o pai fazer. O cristão, adotado pelo Pai, passa a ter como sua preocupação maior exibir o caráter do Pai na sua vida. A vida cristã se torna, então, mais que questão de sentimentos ou de emoções. Torna-se uma busca de imitação do caráter do Pai: "Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celestial" (Mt 5.48). Sobre esta questão de sermos exortados à perfeição como nosso Pai é perfeito, escrevi em outro lugar:*

O termo "perfeitos" merece explicação. Não significa uma ausência de defeitos. A palavra grega suada é *téleioi*, plural de *téleios*, que pode apresentar vários sentidos: perfeito, adulto, maduro, plenamente desenvolvido. Nos papíros antigos, esse termo era usado para designar a maioridade civil das pesosas, que se tornavam, assim, responsáveis. Era usado também para frutos *maduros* e para mercadorias em *boas condições ou completas* (...) Há um nível de perfeição, de maturidade para Deus, a absoluta. Há também um nível para nós. Evidentemente não se diz que devemos ser como Deus, mas que devemos alcançar o nível que de nós se espera <sup>65</sup>

A paternidade adotiva de Deus é uma exortação à maturidade do fiel, que deve buscar ter o caráter do Pai, agora. Não é um incentivo ao relaxamento, mas à santidade.

<sup>65</sup> COELHO FILHO, Isaltino. Tiago, Nosso Contemporâneo. Rio de Janeiro: JUERP, 3<sup>a</sup> ed., 1995, p. 25.



Um convertido deseja ser como seu Pai celestial e não apenas receber as bênçãos desse Pai.

*A terceira é o destino do fiel.* Em uma analogia que soa bastante óbvia, pode-se dizer que a casa do pai é a casa do filho. Por todo o Novo Testamento, em suas referências escatológicas, o destino final do fiel é morar com seu Pai celestial. Vejamos, por exemplo, o texto de 1 Tessalonicenses 4.17: "Depois nós, os que ficarmos vivos seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor". A certeza do cristão é bem definida: "estaremos para sempre com o Senhor". Esta é uma das maiores promessas que uma pessoa receber, se não é mesmo a maior de todas. Ele tem um lar que é seu destino final, agora. Isso acontece porque aquele que deposita sua fé em Cristo deixou de ser um estranho para Deus. Passou a ser seu filho. A situação do homem sem Cristo foi bem descrita em Efésios 2.12: "estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos pactos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo". Agora, em Cristo, a situação mudou: "Assim, pois, não sois mais estrangeiros, nem forasteiros, antes sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus" (Ef 2.19). Ser membro da família de Deus é a garantia não apenas de que receberemos bênçãos materiais (como o anúncio da teologia da prosperidade parece limitar os efeitos da obra de Cristo), mas é também a certeza da vida eterna com o Senhor. Isto é efeito da paternidade de Deus.

*A quarta é disciplina.* Ela não é incompatível com o amor, como muitas pessoas parecem pensar, mas é uma de suas faces. Se alguém se torna filho de Deus, se o tem como Pai, deve contar com disciplina, que é extremamente necessária para a maturidade cristã. Lemos em Hebreus 12.8: "Mas, se estais sem disciplina, da qual todos se têm tornado participantes, sois então bastardos, e não filhos". É significativo que o termo grego para "disciplina" é *paidéia*, que foi empregado para designar a educação plena do homem grego. A disciplina é essencial para a educação plena do filho de Deus. Isso significa dizer que a vida cristã não é relaxamento, mas inclui a disciplina espiritual, em termos que o apóstolo Paulo muitas vezes figurou como corrida, como luta e até mesmo como uma atitude de desprezo ao próprio corpo. Um atleta que se prepara para correr, um lutador que se prepara a luta, essas figuras trazem consigo a necessidade de disciplina pessoal para se chegar ao propósito final, que é a vitória.



### 3. A DECLARAÇÃO DOCTRINÁRIA DA CBB SOBRE DEUS PAI

Transcrevemos, a seguir, a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira sobre Deus Pai. É o sub-tópico 1 (Deus Pai) do tópico II - Deus. Devemos fazer aqui como fizemos no tópico sobre a Bíblia como Palavra Deus. Ver cada afirmação e examinar as passagens bíblicas.

Deus, como Criador, manifesta disposição paternal para com todos os homens (1). Historicamente, ele se revelou primeiro como pai ao povo de Israel, que escolheu consoante os propósitos de sua graça (2). Ele é o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem enviou a esse mundo para salvar os pecadores e deles fazer filhos por adoção (3). Aqueles que aceitam a Jesus Cristo e nele crêem são feitos filhos de Deus, nascidos pelo seu Espírito, e, assim, passam a tê-lo como Pai celestial, dele recebendo proteção e disciplina (4).

(1) Isaías 64.8, Mateus 6.9 e 7.11, Atos 17.26-29, 1Coríntios 8.6 e Hebreus 12.9

(2) Êxodo 4.22-23, Deuteronômio 32.6-18, Isaías 1.2-3 e 63.16 e Jeremias 31.9

(3) Salmos 2.7, Mateus 3.17 e 17.5, Lucas 1.35 e João 1.12

(4) Mateus 23.9, João 1.12-13, Romanos 8.14-17, Gálatas 3.26 e 4.4-7 e Hebreus 12.6-11





A obra do Filho será tratada mais à frente, em Teologia Sistemática I, com outra apostila, quando fizermos o estudo da doutrina da salvação. Desta maneira estaremos tratando, nesta unidade, exclusivamente da *persona do Filho*, observando sua natureza e seu caráter. Sua obra será observada posteriormente.

O que diferencia o cristianismo de qualquer outra religião é a pessoa de Jesus Cristo. Se perguntarmos o que é um cristão, a resposta mais óbvia será: "alguém que crê em Jesus Cristo". Isto porque o cristianismo não é um conjunto de regras nem de valores morais, mas é, basicamente, uma pessoa. Tire-se a pessoa de Jesus do cristianismo e não resta nada mais dele como religião. Um conjunto de bons princípios encontrados em quaisquer religiões e uma relação de pessoas interessantes que viveram vidas inspiradoras. Mas nada mais que isso.

A pessoa de Cristo é absolutamente singular. Nenhum outro homem pode ser comparado a ele. É até covardia fazer isso. Jesus é o maior vulto da história. Nasceu num país obscuro, numa época subdesenvolvida, numa aldeia desconhecida, de pais absolutamente irrelevantes do ponto de vista social. Nunca freqüentou grandes escolas, não teve grandes mestres (na realidade, entrou em choques constantes com os mestres de sua época), não fez uma viagem que fosse maior que 300 km, não deixou uma linha sequer escrita. Escolheu doze homens sem nenhuma expressão social. Um o traiu, dez fugiram e um seguiu de longe para ver o que aconteceria. Terminou rejeitado pelo seu povo, que pediu sua morte. Morto, tudo parecia acabado. Mais um fracassado na história. De repente, começa a se alastrar a notícia de que este homem estava vivo. Seus seguidores foram hostilizados e depois perseguidos e alguns até mesmo foram mortos por causa da declaração absurda que faziam. Mas este homem dividiu a história em antes e depois dele e se tornou o vulto mais importante da humanidade em todos os tempos. Nunca empunhou uma arma, mas conquistou mais vidas que qualquer guerreiro. Se nunca escreveu um livro, mais livros se têm escrito sobre ele do que sobre qualquer outra pessoa. Milhões de pessoas, ao longo da história, morreram por ele e milhões, ainda hoje, em pleno andamento do ano 2.000, morreriam alegremente por ele. Isto o torna absolutamente distinto de qualquer outro vulto da história e torna também o cristianismo uma religião sem rival no cenário religioso mundial. Este cidadão do terceiro mundo de sua época é adorado em todos os mundos e tido como o maior vulto que o primeiro mundo conhece.



1. *A realidade do cristianismo - Cristo* - Quando declarou a instituição de sua Igreja, a pergunta inicial de Jesus foi como vemos em Mateus 16.13: "Tendo Jesus chegado às regiões de Cesaréia de Felipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem?". A base para o surgimento da Igreja não foram seus ensinamentos, nem seus milagres nem, ainda, a ética do sermão do monte, mas a sua pessoa. O ponto de partida para estabelecer a Igreja é a pessoa de Jesus. Não é nenhuma questão teológica ou moral. Uma boa observação sobre isto nos vem de Simpson:

O que em religião parece ser um despropósito - a personalidade do pregador - Jesus tomou como sendo sua base de raiz. Dizendo esta mesma verdade em outras palavras: - Jesus orientou os homens para que achassem os dados primários e essenciais do Cristianismo no fenômeno de Sua própria Pessoa.<sup>66</sup>

É necessário, portanto, ter-se uma Cristologia (nome que se dá à parte da teologia que estuda sobre a pessoa de Cristo) correta para se entender bem a fé cristã. É possível errar em muitas doutrinas e permanecer como cristão, mas não se pode errar na Cristologia e permanecer, ainda, como cristão. Na realidade, muitos dos problemas da igreja contemporânea têm surgido exatamente por equívocos na área da Cristologia. Em certo tipo de pregação, Jesus é reduzido a um taumaturgo, seu nome passa a ser um talismã, e ele é um xamã (curandeiro ou possuidor de poderes mágicos, numa tribo). É preciso compreendê-lo bem, portanto, tanto em sua humanidade como em sua perfeita divindade. Porque pode-se cair em erro de dois lados: enfatizando sua divindade em detrimento de sua humanidade ou enfatizar sua humanidade em detrimento de sua divindade. A ênfase adequada nas duas naturezas nos ajudará no entendimento de nossa fé. Devemos sempre lembrar disto: ele é perfeitamente Deus e é, simultaneamente, perfeitamente homem. Se errarmos em algum desses aspectos, erraremos em nossa teologia.

2. *A humanidade de Cristo* - A Igreja cristã sempre declarou, através dos séculos, que Cristo é perfeito Deus e é perfeito homem. Embora o Novo Testamento não tivesse feito uma formulação doutrinária como o Concílio de Nicéia fez sobre sua divindade, ela é afirmada. E sua humanidade, em momento algum, é negada. E sobre sua humanidade podemos fazer algumas observações, com base nas Escrituras.

---

<sup>66</sup> SIMPSON, Carnegie. A Vibrante Realidade de Cristo. Sem local, Casa Editora Evangélica, p. 5



(1) *Ele teve nascimento humano* - Lemos em Gálatas 4.4: " Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo de lei". Ele não é produto de geração espontânea nem também um ser angelical descido entre nós, mas é um homem, nascido de mulher. Isso levanta, inevitavelmente, uma questão: tendo nascido de mulher ele tinha uma natureza pecaminosa? Alguns teólogos respondem que sim. Um exemplo é Irving de Londres. Segundo Thiessen:

Ele cria na Divindade de Cristo, mas ensinava que na encarnação Cristo assumiu a natureza humana como ela é desde a sua queda, isto é, com sua corrupção inata e predisposição para o mal moral. Afirmava, entretanto, que através do poder do Espírito Santo, ou através da Sua natureza divina, Ele não apenas controlava Sua natureza humana para não se manifestar em pecado de verdade, mas gradualmente a purificou através de lutas e sofrimentos, até que, em Sua morte, Ele extirpou completamente Sua depravação e a reuniu a Deus

<sup>67</sup>

Com algumas poucas modificações, esta posição tem sido sustentada por alguns teólogos. Eles afirmam que a natureza humana de Jesus o impelia para o pecado. Como diz Hebreus 4.15: "Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado". Em 2Coríntios 5.21, Paulo fala de Jesus como "aquele que não conheceu pecado". Lemos em 1Pedro 2.22: "Ele não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano". Ele foi sujeito às tentações, mas não temos nenhum indício de que o pecado chegasse a ser uma cogitação em sua vida a ponto de colocar em conflito as naturezas humana e divina. Ele mesmo indagou de seus críticos (não de seus simpatizantes): "Quem dentre vós me convence de pecado?" (Jo 8.46). A simples declaração mostra uma segurança muito grande de quem podia ter a vida examinada pelos adversários. E os adversários tiveram que calar a boca porque não podiam acusá-lo de pecado algum. Isto é fantástico, porque uma das coisas mais fáceis do mundo é criticar a vida alheia. Ver defeitos na vida dos outros é muito fácil. Não conseguiram acusar a Jesus.

Permanece a questão: ele não pecou, mas *poderia ter pecado*? A resposta, embora pareça contraditória, é simples e lógica: ele *poderia* pecar, embora seja certo que não pecaria. Poderia porque era humano. Mas devemos lembrar que o mal é uma impossibilidade moral em Deus e, embora humano, Jesus era Deus. De uma pessoa de

---

<sup>67</sup> THIESSEN, op. cit., p. 213.



caráter elevado, dizemos: "Fulano é incapaz de fazer isso...". Pois bem, Jesus não apenas possuía um caráter elevado. Ele era absolutamente elevado em caráter. O mal lhe era uma impossibilidade.

Ele não apenas teve nascimento humano, mas evidenciou plenamente a sua humanidade. Ele teve fome (Mt 4.2-4), teve sede, como evidenciou na cruz e na conversa com a mulher samaritana (Jo 4), chorou por Lázaro, por Jerusalém e por ele mesmo, como lemos em Hebreus 5.7: "O qual nos dias da sua carne, tendo oferecido, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que podia livrar da morte". Segundo Paulo, ele "esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens" (Fp 2.7). Sua divindade foi, portanto, muito bem contrabalançada por sua humanidade. Tentar usar sua divindade para facilitar a sua vida como humano é ignorar esta declaração paulina. Por ser homem, ele deixou alguns atributos divinos incompatíveis com a humanidade. Ele não era onipresente, mas limitado no tempo e no espaço, como todos nós, humanos. Ele não era onisciente, pois não sabia o dia e a hora de sua segunda vinda (Mc 13.32). E experimentou emoções que a Divindade não experimenta, como medo e angústia, comuns ao homem: "E levou consigo a Pedro, a Tiago e a João, e começou a ter pavor e a angustiar-se" (Mc 14.33).

Esta perfeita humanidade é nossa garantia quanto à questão da salvação. Não fosse ele humano e não vivesse uma vida absolutamente sem pecado, seu sacrifício seria absolutamente sem valor, pois a parte do homem na cruz não estaria sendo cumprida.

(2) *Ele teve desenvolvimento humano* - Sua vida foi normal como a dos demais seres humanos. Em Lucas 2.40 se fala de seu crescimento físico. Também em Lucas 2.52 se diz a mesma coisa. Seu crescimento físico não foi por causa de sua divindade, mas, obviamente por causa de sua humanidade. Deuses não crescem, mas seres humanos sim. No entanto, seu crescimento não era apenas físico, mas também mental, como os dois textos citados nos mostram. Perguntará alguém: "como pode Deus crescer mentalmente?". Estamos tratando de sua humanidade e devemos lembrar que este é exatamente um traço de sua natureza física. O menino Jesus não nasceu como um produto acabado, humanamente falando. Ele cresceu fisicamente. E também cresceu mentalmente. Ele não nasceu com a mentalidade um homem de 30 anos.



(3) *Ele teve os elementos próprios da natureza humana* - Tinha um corpo, como lemos em Hebreus 10.25: "Corpo me formaste". Os evangelhos dão testemunhos abundantes de seu corpo físico. O ensino do docetismo foi de que os sofrimentos de Jesus bem como seus aspectos humanos eram aparentes, imaginários, e não reais. Sendo a matéria uma coisa má, Deus não poderia ter assumido forma física. Mas os testemunhos dos evangelhos e dos apóstolos são pela absoluta corporeidade de Jesus. Lemos na 1ª de João 1.1: "O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam, a respeito do Verbo da vida". Esta corporeidade de Jesus permaneceu até mesmo após sua ressurreição: "Apalpai-me e vede, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho" (Lc 24.39).

Ele tinha emoções, como lemos em Mateus 26.38: "A minha alma está profundamente triste até a morte". Conforme João 13.21, a angústia, uma doença emocional que caracteriza o homem moderno, foi experienciada por ele. Há uma abundância de registros sobre sua natureza humana nos evangelhos e em citações nas epístolas.

(4) *Ele morreu* - Esta é a experiência que une e iguala toda a raça humana, junto com a do nascimento. Todas as pessoas que existem nasceram. E todas as pessoas que nasceram morrerão, a não ser que Cristo regresse em meio à existência delas. Sua morte é central no ensino de toda a Bíblia. Foi profetizada desde o Antigo Testamento, como o trecho de Isaías 53 nos mostra. Em Lucas 24.44 ele mesmo declara que o Antigo Testamento testemunhava dele, incluindo aí sua morte, que é o que ele está explicando aos discípulos: "Depois lhe disse: São estas as palavras que vos falei, estando ainda convosco, que importava que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos".

É necessário que, encerrando as considerações sobre sua humanidade, observemos que seu nascimento foi singular. Foi uma concepção virginal. Isto nunca houve antes na história e não houve depois. Lemos em Lucas 1.35: "Respondeu-lhe o anjo: Virá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso o que há de nascer será chamado santo, Filho de Deus". Embora a expressão possa parecer chocante, o que se pode inferir é que ele era filho do Espírito Santo e não de José. Lemos assim em Lucas 3.23: "Ora, Jesus, ao começar o seu ministério, tinha cerca de trinta anos; sendo



(como se cuidava) filho de José, filho de Eli". Isto significa que o Novo Testamento enfatiza muito bem o fato de que ele não era filho de José, mas apenas que se pensava que assim fosse. Sua concepção miraculosa pelo Espírito Santo fez com que sua natureza humana fosse absolutamente íntegra, isto é, perfeita. Com isto dizemos que ele possuía duas naturezas, a humana e a divina, cada qual completa, mas só uma personalidade. Ele não era 50% Deus e 50% homem, mas era 100% Deus e 100% homem, sem que chegasse a 200%. Embora tivesse duas naturezas, tinha ele apenas uma personalidade.

2. *A divindade de Cristo* - A singularidade deste homem se torna mais aguda aqui. Tendo visto sua humanidade é necessário afirmar sua Divindade. Vale a pena começar estas considerações com esta observação de Langston: "Jesus não é homem como Paulo, não é Deus como o Pai, mas é Deus-homem. Nunca o hífen (-) teve tanta significação como aqui, entre estas duas palavras. Ele liga-as e divide-as ao mesmo tempo" <sup>68</sup>. Esta reivindicação cristã sobre a divindade de Jesus Cristo é fundamental para o futuro e até mesmo a sobrevivência do cristianismo. Isto porque um dos pontos em que a teologia mais se envolverá, nos próximos anos, será a situação dos que não são cristãos, mas que pertencem a alguma das grandes religiões universais. Como podemos dizer que um judeu, que um muçulmano, que um budista não está salvo? Não é isto uma atitude arrogante? Não será Cristo apenas um caminho entre os muitos outros caminhos existentes, em vez de ser o único caminho, como gostamos de apregoar? Esta questão, que tem sido ampliada devido à tolerância cultural do nosso mundo, produto de um processo de globalização que aproxima pessoas de pontos de vistas diferentes, tende a crescer nos próximos anos. Qual é a resposta a esta atitude? A de Hammett me parece muito sensata, num trecho de sua fala sobre a ressurreição de Jesus:

Nossa resposta é baseada na divindade de Cristo, e a realidade da sua cruz e ressurreição na história. Cristo fez alegações que nenhum outro líder religioso fez; alegou ser Deus e o único caminho para a vida eterna. Não é nossa alegação, é a alegação de Cristo, baseado na sua natureza divina e sua obra redentora na cruz <sup>69</sup>.

Com esta declaração em mente, consideremos alguns aspectos de sua divindade.

<sup>68</sup> LANGSTON., op. cit., p. 180

<sup>69</sup> HAMMETT., op. cit., p. 56



(1) *Ele tinha conhecimento de que era Deus* - Jesus não era uma figura patética, sem saber o que era ou quem era. No romance de Arthur Miller, *O Evangelho Segundo o Filho*, Jesus é retratado como se fosse uma figura desorientada que não acredita em si mesmo. Sua declaração em João 8.58 é muito clara, não deixando margem de dúvida alguma: "Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, eu sou.". Lembremos, ainda do episódio de Marcos 2.5-11, cujo teor é como se segue: "E Jesus, vendo-lhes a fé, disse ao paralítico: Filho, perdoados são os teus pecados. Ora, estavam ali sentados alguns dos escribas, que arrazoavam em seus corações, dizendo: Por que fala assim este homem? Ele blasfema. Quem pode perdoar pecados senão um só, que é Deus? Mas Jesus logo percebeu em seu espírito que eles assim arrazoavam dentro de si, e perguntou-lhes: Por que arrazoais desse modo em vossos corações? Qual é mais fácil? dizer ao paralítico: Perdoados são os teus pecados; ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito, e anda? Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados ( disse ao paralítico ), a ti te digo, levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa". Note-se que Jesus não discorda que perdoar pecados é prerrogativa de Deus. Pelo contrário, aceita isso. E, a seguir, declara os pecados perdoados e diz de si mesmo que ele tem autoridade para assim fazer. Ele chamou para si prerrogativas de uso exclusivo de Deus.

Ele sabia que era Deus e não um outro Deus, mas o Deus de Israel, a quem ele chamava de Pai. Lemos em João 14.11: "Crede-me que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras". Lembremos, ainda de João 10.30: "Eu e o Pai somos um", e de João 17.22: "E eu lhes dei a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um".

É possível ver nestas passagens que Jesus não apenas tinha conhecimento de sua Divindade como exerceu poderes e prerrogativas divinas. Tinha bastante consciência de quem era.

(2) *O Novo Testamento reitera esta perspectiva de Jesus sobre si mesmo* - O discurso de Simeão, ao tomar o menino Jesus, quando este tinha apenas oito dias de vida, traz alguns elementos muito precisos em conceitos messiânicos: "luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo Israel" (Lc 2.32). Da mesma maneira, a palavra de profetisa Ana, que falou "a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de



Israel" (Lc 2.38). São declarações ainda obscuras e enigmáticas, mas já trazendo em si um conceito de ser alguém especial, acima dos demais. A declaração de João Batista sobre Jesus é muito clara: "No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, este é aquele de quem eu disse: Depois de mim vem um varão que passou adiante de mim, porque antes de mim ele já existia" (Jo 1.29-30).

Muitas outras passagens poderiam ser alistadas aqui, mas poderiam tornar este material uma colcha de citações bíblicas. Estas bastam para nosso propósito. O aluno da EBD conhece muitas outras e pode citá-las agora, inclusive. Mas estas são escolhidas dentre as passagens que narram eventos *antes* da ressurreição (embora escritas após a ressurreição). Se as consideramos como fidedignas, temos que entender que refletem uma opinião sobre Jesus *antes* dos eventos que levaram a Igreja a declarar que "esse mesmo Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo" (At 2.36).

3. *Os efeitos destas duas naturezas* - Os efeitos desta duas naturezas numa mesma pessoa são razoavelmente óbvios. Três serão citados aqui e comentados, brevemente. Como a perfeita harmonia das duas naturezas de Cristo é a base do conteúdo da fé cristã, perder este fato de vista nos tumultuará em nosso raciocínio teológico. Estes três efeitos nos aqui alistados nos ajudarão na síntese de nossa fé.

(1) *O primeiro é que em Jesus Cristo Deus e o homem estão juntos.* Não é apenas a questão do hífen, mencionada por Langston (veja citação 67). Ou seja, não é que Jesus seja somente Deus-homem, mas ele é Deus e é homem. Um dos temas mais fortes do cristianismo, talvez o mais forte de todos, é a união entre Deus e o homem. À ruptura de comunicação efetuada pelo homem, no Éden, ao esconder-se de Deus, vem a procura divina: "Onde estás?". Não encontramos, na Bíblia, um homem procurando desesperadamente por Deus, tateando no escuro, em busca de alguém escondido. A pergunta de Castro Alves, em "Vozes d'África" ("Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?") é uma expressão poética e não teológica. A Bíblia nos mostra, desde o Éden, um Deus que busca se relacionar com o homem, que o procura, que sai ao seu encontro. É assim que João nos mostra o sentido da encarnação: "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a



glória do unigênito do Pai" (Jo 1.14). Em Jesus Cristo Deus veio armar sua tenda entre os homens, veio para habitar com eles. Lembremos que o verbo grego aqui empregado é *eskénôsen*, cujo sentido literal é "ele ergueu sua tenda". Em Jesus Cristo Deus fez sua casa para morar com a humanidade. A encarnação é a maior demonstração de Deus em querer morar com os homens. Isto foi bem disto por Feuillet: "A encarnação não é um mito, como a consideravam Bultmann, mas o ponto culminante da história da salvação"<sup>70</sup>. Enquanto que no paganismo oriental o homem é exortado a tentar se elevar para ser como Deus, o cristianismo mostra que o próprio Deus se fez homem. Não é o homem que sobe. É Deus quem desce até nós. Nós nunca poderíamos chegar até ele. Então ele desceu até nós.

Com a encarnação, Deus uniu-se para sempre à humanidade. A partir de Jesus, Deus sabe o que é ser homem não apenas por onisciência, mas agora também por experiência. Mas além disto, com a encarnação temos também um homem que viveu como devemos viver. Jesus viveu uma vida de perfeita comunhão com Deus, como homem algum jamais viveu. Na união de suas duas naturezas temos um Deus que mostra seu desejo de viver com os homens e temos um homem que mostra seu desejo de viver com Deus. A união desejada entre a divindade e a humanidade se completa em sua pessoa. Por isso ele é o cristianismo. Porque o cristianismo é a mensagem de que Deus e o homem podem viver juntos.

Devemos lembrar, nesta linha de raciocínio, que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. A encarnação é uma possibilidade a partir daqui. Se o homem foi criado semelhante a Deus, Deus pode se tornar semelhante ao homem. Lembremos de Hebreus 2.14 e 17: "Portanto, visto como os filhos são participantes comuns de carne e sangue, também ele semelhantemente participou das mesmas coisas, para que pela morte derrotasse aquele que tinha o poder da morte, isto é, o Diabo (...) Pelo que convinha que em tudo fosse feito semelhante a seus irmãos, para se tornar um sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas concernentes a Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo".

Descobrimos, nestas palavras de Hebreus, que a encarnação é uma necessidade para a mediação entre Deus e os homens. Só um homem perfeito poderia nos apresentar diante de Deus. Acrescento aqui uma observação de Milne:

---

<sup>70</sup> FEUILLET, A. *Le Prologue du Quatrième Évangile*. Paris: Desclée du Brouwer, 1968, p. 93.



Pela primeira vez um homem viveu sua vida para a glória de Deus (Jo 12.28 e 17.4). É claro que certas dimensões presentes no caso de Jesus não se achavam presentes em Adão mesmo antes da queda, desde que Jesus era tanto homem *como* a segunda pessoa eterna da Trindade. Todavia, em virtude da realidade da sua encarnação, ele verdadeiramente colocou-se no lugar de Adão e, portanto, como homem normativo, homem com Deus<sup>71</sup>

E, olhando agora pelo outro ângulo, o divino: só um Deus poderia pagar o preço de nossa redenção. Para se compreender isto melhor, quero citar um trecho de S. de Diétrich que transcrevi na "Apostila de Teologia do Velho Testamento" ao falar da aliança abraâmica, em Gênesis 15:

O capítulo 15 relata um episódio mais misterioso ainda. Deus conclui com Abraão um verdadeiro pacto, segundo o costume do tempo; era preciso que os dois contratantes passassem entre os animais espartilhados; aceitavam assim serem eles mesmos dilacerados como as vítimas, se infringissem seus compromissos. Aves de rapina, símbolo das forças malignas tentam se apoderar dos animais divididos. Abraão as afugenta. Angústia e trevas espessas o envolvem. Deus lhe revela os sofrimentos que se abaterão sobre sua posteridade. Depois, o próprio Deus passa entre os animais partidos sob a forma de uma chama (...) *Deus somente* é o fiador do Pacto firmado. Sua honra está engajada. E, quando a posteridade de Abraão romper o pacto, será o próprio Deus que, em Jesus Cristo, virá substituir a parte faltosa e pagar-lhe o preço da infidelidade. É já a sombra da cruz que desce sobre Abraão nessa noite de angústia<sup>72</sup>

É o próprio Deus quem paga o preço de nosso pecado e quem efetua a nossa redenção, em Jesus Cristo. É isto que torna a encarnação fundamental à nossa fé. Agora a Divindade e a humanidade podem viver juntos. Sem encarnação, o cristianismo é vazio.

(2) *O segundo é compreender o que a encarnação significou para Deus* - Já mencionei anteriormente que com a encarnação Deus se ligou para sempre à humanidade, pois passou a saber o que é ser homem experiencialmente e não somente por onisciência. A encarnação não afetou apenas a humanidade, mas também a Divindade. Sei que andar por aqui é perigoso, pois poderão me acusar de defender as posições de Whitehead, um pensador que alegava a mutabilidade de Deus. Não é esta a questão. A questão é que (e mais uma vez vamos voltar ao tema da imutabilidade ou constância de Deus) muito de

<sup>71</sup> MILNE, Bruce. Conheça a Verdade - Um Manual de Doutrina Bíblica. S. paulo: ABU Editora, 1987, p. 117.

<sup>72</sup> DIÉTRICH, S. O Desígnio de Deus. S. Paulo: Edições Loyola, 1977, p. 38.



nosso conceito da imutabilidade de Deus nos vem do motor original, imóvel, de Aristóteles, e não da Bíblia. O membro da igreja pode não conhecer Aristóteles, mas os pensadores cristãos do passado, que deixaram escritos e idéias sobre Deus, conheciam e impregnaram muito de nossa teologia. Imutabilidade se torna, então, fixidez, no conceito de alguns. Definamos bem a questão: Deus não é fixo, mas dinâmico. Tanto que se encarnou. Tanto que falou aos pais de várias maneiras, até, por fim, falar na pessoa de Jesus. Deus é criativo e, se é criativo, muda (não a essência e o caráter) porque cria.

O que estou dizendo é que a encarnação também mudou a Deus. Desdobro o ponto anteriormente comentado. Talvez consiga dizer isto melhor usando uma expressão de Erickson: "*A encarnação foi mais uma aquisição de atributos humanos que uma desistência de atributos divinos*" <sup>73</sup>. O argumento deste teólogo, tido como conservador, é interessante: a Divindade adquiriu alguma coisa! Adquiriu a humanidade! Se adquiriu algo que não tinha antes, então ela mudou! Na sua argumentação, Erickson cita Filipenses 2.6-7 como a clássica argumentação do esvaziamento, a *kenosis* (palavra grega para "esvaziar"), de Jesus. Mas nos recorda de Colossenses 2.9: "porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade". Na sua argumentação, Erickson mostra que a *kenosis* foi que Jesus assumiu a forma de servo e não se apegou a ser igual a Deus. E assim chega à conclusão, que beira o subordinacionismo no trato da trindade: "Apesar de não deixar de ser como o Pai no que diz respeito à natureza, ele se tornou funcionalmente subordinado ao Pai durante o período da encarnação" <sup>74</sup>.

A questão é um pouco complicada, mas pode ser entendida. A encarnação afetou a Divindade que passou a ter a experiência da corporeidade. E afetou a trindade porque uma de suas pessoas se tornou subordinada, mesmo que funcionalmente, à outra. Isto parece militar contra o que foi exposto na unidade sobre a trindade. Mas houver uma boa leitura do que foi e do que está sendo dito, pode-se entender que há duas fases distintas da trindade. Uma é a fase eterna e outra foi a fase humana. Durante a existência humana da segunda pessoa da trindade é inevitável que tenha havido algum tipo de diferença. Porque uma das pessoas da trindade, a segunda (já existente desde a eternidade) assumiu forma material. Isto a tornou limitada porque a matéria não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo.

<sup>73</sup> ERICKSON, op. cit., p. 305

<sup>74</sup> Ib, ibidem, p. 306.



Então, uma das pessoas da Divindade-Trindade mudou: naquele dado momento histórico, ela se tornou limitada. Ao mesmo tempo não é, naquele dado momento, mais onisciente, porque não sabia todas as coisas, como o próprio Senhor Jesus declarou sobre si mesmo. Assumindo atributos humanos, ele assumiu a limitação da consciência.

Podemos dizer que a trindade, hoje, está outra vez em sua fase eterna. O relacionamento é, agora, o mesmo de antes da encarnação, mas a Divindade-Trindade tem uma outra diferença, agora. Não apenas sabe o que é ser homem, mas já sabe o que é ter limitações (experencialmente falando) e o que é ser servo, o que é ser humilhado, o que é a dor física, o que é a dor moral. Para o cristão isto é muito confortador. Deus sabe o que é ser como nós somos e sabe o que é passar pelo que passamos.

O que a encarnação significou para a trindade? Evidentemente que não posso falar por ela, mas uma coisa é certa: a encarnação mudou, por momentos, o relacionamento entre as três pessoas e fez com experiências novas e dados novos (como a limitação física e até mesmo a experiência da morte física) fossem provados pelo Infinito (sem limitação) e pelo Eterno (que não pode morrer). A encarnação foi um evento tão profundo que modificou a humanidade, sua história, mas modificou também a Deus.

(2) *O terceiro é que temos agora um sacrifício perfeito* - Sem abordar detalhadamente a questão do sacrifício de Cristo, que é matéria de Teologia Sistemática II, temos que considerar que com a encarnação temos um sacrifício perfeito. Todo o sistema sacrificial do Antigo Testamento aponta numa direção: o sacrifício maior que sucederia no futuro, o da obra de Jesus Cristo. O derramamento do sangue de animais era necessário porque "sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9.22). Mas o autor de Hebreus reconheceu, com muita propriedade, que os sacrifícios do Antigo Testamento eram incapazes de purificar os pecados. Lembremos, neste contexto, as palavras de Hebreus 10.11-14: "Ora, todo sacerdote se apresenta dia após dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar pecados; mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, assentou-se para sempre à direita de Deus, daí por diante esperando, até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés. Pois com uma só oferta tem aperfeiçoado para sempre os que estão sendo santificados".



A encarnação permitiu que o problema do pecado fosse resolvido de uma vez por todas porque agora temos um sacrifício (que é também o sacerdote) perfeito. Este sacrifício não foi oferecido pelo homem, mas pelo próprio Deus, como nos diz João 1.29, relatando as palavras do Batista: "Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". A Divindade ofereceu uma das pessoas da trindade para resolver o problema do pecado. Isto foi a razão da encarnação. Se pouco se fala sobre ela agora é porque mais se falará à frente.

4. *A DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA* - Eis o que nos diz a Declaração da CBB, em seu tópico II. DEUS , no sub-tópico 2. Deus Filho:

Jesus Cristo, um em essência com o Pai, é o eterno Filho de Deus (1). Nele, por ele e para ele, foram criadas todas as coisas (2). Na plenitude dos tempos ele se fez carne, na pessoa real e histórica de Jesus Cristo, gerado pelo Espírito Santo e nascido da virgem Maria, sendo, em sua pessoa, verdadeiro Deus e verdadeiro homem (3). Jesus é a imagem expressa do seu Pai, a revelação suprema de Deus ao homem (4). Ele honrou e cumpriu plenamente a lei divina e revelou e obedeceu toda a vontade de Deus (5). Identificou-se perfeitamente com os homens, sofrendo o castigo e expiando a culpa de nossos pecados, conquanto ele mesmo não tivesse pecado (6).

Para salvar-nos do pecado, morreu na cruz, foi sepultado e ao terceiro dia ressurgiu dentre os mortos e, depois de aparecer muitas vezes a seus discípulos, ascendeu aos céus, onde, à destra do Pai, exerce o seu eterno sumo sacerdócio (7). Jesus Cristo é o único Mediador entre Deus e os homens e o único e suficiente Salvador e Senhor (8). Pelo seu Espírito ele está presente e habita no coração de cada crente e na igreja (9). Ele voltará visivelmente a este mundo em grande poder e glória, para julgar os homens e consumir sua obra redentora (10).

(1) Salmo 2.7, 110.1; Mateus 1.18-23, 3.17, 8.29, 14.33, 16.16 e 27, 17.5; Marcos 1.1; Lucas 4.41, 22.70; João 1.1-2, 11.27, 14.7-11 e 16.28.

(2) João 1.3; 1Coríntios 8.6; Colossenses 1.16-17



- (3) Isaías 7.14; Lucas 1.35; João 1.14; Gálatas 4.4-5
- (4) João 14.7-9; Mateus 11.27; João 10.30 e 38, 12.44-50, Colossenses 1.15 e 19 e 2.9; Hebreus 1.3
- (5) Isaías 53; Mateus 5.17; Hebreus 5.7-10
- (6) Romanos 8.1-3; Filipenses 2.1-11; Hebreus 4.14-15; 1Pedro 2.21-25
- (7) Atos 1.6-14; João 19.30, 35; Mateus 28.1-6; Lucas 24.46; João 20.1-20; Atos 2.22-24; 1Coríntios 15.4-8
- (8) João 14.6; Atos 4.12; 1Timóteo 2.4-5; Atos 7.55-56; Hebreus 4.14-16; João 10.19-23
- (9) Mateus 20.28; João 14.16, 17, 15.26 e 16.7; 1Coríntios 6.19
- (10) Atos 1.11; 1Coríntios 15.24-28; 1Tessalonicenses 4.14-18; Tito 2.13



Deus Espírito Santo é a pessoa da trindade mais comentada em nosso tempo. Ao mesmo tempo, por incrível que possa parecer, é aquela sobre a qual as maiores inconveniências teológicas são ditas. Para os testemunhas de Jeová, ele é apenas a "força ativa de Deus" (aliás, o que seria uma "força inativa"?), deixando de ser uma pessoa. No conceito de muitos grupos neo e baixo pentecostais ele também é visto fora de foco, numa perspectiva estranha, como se fosse uma energia ou um combustível para o ministério. Quando não é visto apenas como um fogo e também pretexto para personalismos teológicos que beiram o messiânico ou a megalomania espiritual. Há muita gente que tem desvios sérios de personalidade e atribui sua esquisitice ao Espírito Santo....

Para alguns outros, o Espírito Santo é apenas um figurante da Divindade e se torna esquecido em seus estudos. Thiessen, em sua obra citada algumas vezes nesta apostila, por exemplo, não tem um capítulo sobre a terceira pessoa da trindade. Sem dúvida uma posição estranha. O Espírito é uma pessoa e, dentre muitas, pelo menos três evidências desta declaração são alistadas aqui.

1. *A Bíblia aplica atributos pessoais ao Espírito Santo* - Ela nunca o mostra como uma força ou algo impessoal. Atribui a ele cinco características próprias de uma pessoa: pensar, sentir, querer, consciência própria e direção própria. Muitos versículos poderiam ser aqui alistados, mas para evitar tornar este trabalho uma colcha de citações bíblicas, empregamos um para cada característica.
  - (1) *Pensar* - Lemos em Atos 15.28: "Porque pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além destas coisas necessárias". O Espírito tem opinião, isto é, ele pensa. Coisas e força ativa não pensam.
  - (2) *Sentir* - Lemos em Efésios 4.30: "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção". O Espírito pode ser entristecido, tem sentimentos. Coisas e força ativa não têm sentimentos.
  - (3) *Querer* - Lemos em Atos 16.6: "Atravessaram a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia". Ele impediu os missionários de irem em uma direção. Ao mesmo tempo, para que não pense que ele é apenas um impedidor, ele mostra seu querer chamando pessoas para a obra missionária. Lemos, ainda, fugindo ao propósito de só citar um só versículo bíblico para cada afirmação, em Atos 13.2: "Enquanto eles ministravam perante o Senhor e



jejuavam, disse o Espírito Santo: Separai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado". Coisas e força ativa não têm querer.

(4) *Consciência própria* - Isto significa ter noção de si mesmo e ter propósito. Sobre seu propósito, já comentamos no item anterior. Sobre ter ele consciência própria, de sua existência, as passagens que o mostram falando, planejando, exortando e consolando mostram isso. Ele existe e age como quem existe. Coisas, força ativa e animais não têm consciência própria, noção de existência.

(5) *Direção própria* - Isto significa ter rumos definidos, querer algo e encaminhar-se na direção do que deseja. Lemos em Romanos 8.27: "E aquele que esquadrinha os corações sabe qual é a intenção do Espírito: que ele, segundo a vontade de Deus, intercede pelos santos". O Espírito tem intenções. Coisas e força ativa não as têm.

2. *A Bíblia atribui ao Espírito Santo atos próprios de uma pessoa* - Não são apenas atributos, como alistados acima, mas atos próprios de uma pessoa., que só uma pessoa pode desempenhar. Vejamos algumas características:

(1) *O Espírito fala* - Já vimos o texto de Atos 13.2, por exemplo. Mas fiquemos com outro, para termos mais evidências. É o texto de Apocalipse 12.7: "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus". Coisas e força ativa não falam, só pessoas.

(2) *O Espírito geme* - Lemos assim em Romanos 8.26: "Do mesmo modo também o Espírito nos ajuda na fraqueza; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inexprimíveis". Sobre esta característica, vale a pena uma citação de Langston:

Conheci um homem que ficou muito triste quando perdeu seu único filho. E tão grande lhe era a dor que não conseguia falar nem chorar. Ele demonstrava a dor de coração com gemidos, mas gemidos exprimíveis. Mas a intercessão do Espírito vai além, porque é feita com gemidos inexprimíveis. Que intercessão poderosa!<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> LANGSTON, op. cit., p. 256



Coisas não gemem. Energia não geme. Força ativa não geme. Nem mesmo se preocupam com os outros!

(3) *O Espírito tem ofícios que só uma pessoa pode ter* - Ele é consolador, o ensinador, o recordador, o convencedor e o testemunhador. Estes ofícios estão alistados nos capítulos 14 a 16 de João, aonde encontramos as cinco declarações de Jesus sobre o Espírito. Estes ofícios exigem personalidade. Coisas não podem consolar. Podem servir de consolo, mas não podem consolar porque não agem. Não ensinam nem recordam nem testemunham. Só uma pessoa. Pode fazê-lo.

3. *A Divindade do Espírito Santo* - Mas o Espírito não é apenas uma pessoa, mas a pessoa do próprio Deus. Uma citação de Davidson, em sua *Theology of the Old Testament*, nos aclarará neste ponto: "O Espírito do Senhor é o próprio Senhor *dentro* dos homens, como o Anjo do Senhor é o Senhor *fora* dos homens".<sup>76</sup> Fica claro que o Espírito Santo é chamado de Deus, nas Escrituras. Por exemplo, lemos em Isaías 6.8-9: "Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem irá por nós? Então disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim. Disse, pois, ele: Vai, e dize a este povo: Ouvis, de fato, e não entendeis, e vedes, em verdade, mas não percebeis". Vejamos agora esta passagem em Atos 28.25-26: "E estando discordes entre si, retiraram-se, havendo Paulo dito esta palavra: Bem falou o Espírito Santo aos vossos pais pelo profeta Isaías, dizendo: Vai a este povo e dize: Ouvindo, ouvireis, e de maneira nenhuma entenderéis; e vendo, vereis, e de maneira nenhuma perceberéis". Observe-se que *lahweh*, em Isaías, é o Espírito Santo, em Atos. A primeira e a terceira pessoas da trindade são identificadas na aplicação que o Novo Testamento faz do Antigo. O mesmo procedimento sucede no uso que Hebreus 10.15-16 faz de Jeremias 31.33-34.

Outro episódio clássico é o de Ananias e Safira, como lemos em Atos 5.3-4: "Disse então Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço do terreno? Enquanto o possuías, não era teu? e vendido, não estava o preço em teu poder? Como, pois, formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus". É bem conhecida a declaração em que Pedro diz que mentir ao Espírito Santo é mentir a Deus.

<sup>76</sup> CRABTREE, Asa. Teologia do Velho Testamento. Rio de Janeiro: JUERP, 4ª ed., 1986, p. 67.



A Divindade do Espírito Santo não é apenas por identificações ou associações de textos ou declarações identificando-o como sendo Deus. A Bíblia atribui a ele atos que são prerrogativas divinas. Vejamos algumas delas:

- (1) *O Espírito é criador* - "Envias o teu Espírito, e são criados; e assim renovas a face da terra" (Sl 104.30). O Espírito é Criador.
- (2) *O Espírito é criador pessoal* - "O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida" (Jó 33.4). Jó reconhece um criador pessoal.
- (3) *O Espírito é onisciente* - É verdade que temos aqui mais um atributo que uma prerrogativa, mas para fins de raciocínio estamos no mesmo caminho. Lemos em 1Coríntios 2.9-11: " Mas, como está escrito: As coisas que olhos não viram, nem ouvidos ouviram, nem penetraram o coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam. Porque Deus no-las revelou pelo seu Espírito; pois o Espírito esquadrinha todas as coisas, mesmos as profundezas de Deus. Pois, qual dos homens entende as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está? assim também as coisas de Deus, ninguém as compreendeu, senão o Espírito de Deus".
- (4) *O Espírito é onipresente* - Seguimos na mesma linha do tópico anterior, mas permanece o argumento empregado, pois que caminhamos na direção de mostrar como Deus e o Espírito têm atributos ou prerrogativas idênticos. Lemos assim em Salmos 139.7-10: " Para onde me irei do teu Espírito, ou para onde fugirei da tua presença? Se subir ao céu, tu aí estás; se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também.. Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, ainda ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá".
- (5) *O Espírito pode ser blasfemado* - Não está em foco, agora, a questão do que é a blasfêmia contra o Espírito Santo, mas no contexto desta questão temos um argumento a mais pela divindade do Espírito. Lemos em Mateus 12.31-32: "Portanto vos digo: Todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Se alguém disser alguma palavra contra o Filho do homem, isso lhe será perdoado; mas se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste mundo, nem no vindouro". Para aqueles que negam o Espírito como sendo uma pessoa, vendo-o como uma força ou como uma energia ou até mesmo como um simples atributo de Deus, valem as palavras de Winslow:

É simplesmente inacreditável o ponto de vista do escritor bíblico: todo tipo de pecado contra todo o caráter de Deus, particularmente contra seu caráter moral, podem ser perdoados, mas uma blasfêmia contra um simples atributo não será perdoado<sup>77</sup>.

<sup>77</sup> WINSLOW, Octavius. The Work of the Holy Spirit. London: The Banner of Truth Trust, 2<sup>a</sup> ed., 1971, p. 15.



Daí segue Winslow argumentando pela personalidade divina do Espírito Santo. Ele é uma pessoa e é uma pessoa divina. Não pode ser um simples atributo ou, ainda, simplesmente a força ativa ou o poder de Deus. Teria mais moralidade que o próprio Deus pois pecar contra ele seria algo sem perdão e pecar contra Deus seria algo perdoável. A explicação viável é por sua personalidade divina.

4. *O Espírito Santo no Antigo Testamento* - A existência e a ação do Espírito Santo estão bem claras por todo o Antigo Testamento. Pessoalmente, não creio que a melhor tradução para Gênesis 1.2 seja a que diz que "o Espírito de Deus pairava sobre as águas". Parece-me que a melhor tradução é a da Bíblia de Jerusalém: "um vento de Deus pairava sobre as águas". E uma boa observação sobre este texto é a que segue: "Não se trata aqui do Espírito de Deus e de seu papel na criação. Esta será a obra da 'palavra' de Deus (vv. 3s) ou de sua 'ação' (vv. 7, 16, 25-26)" <sup>78</sup>. Partilho da opinião dos exegetas (nome que se dá aos estudiosos da Bíblia que buscam entender plenamente o sentido das palavras) mais recentes de que *ruah*, em Gênesis 1.2 deve ser traduzido por "vento" do que por "Espírito", mas fica-me evidente que isto não impede ver a atividade do Espírito por todo o Antigo Testamento.

Independente da ação do Espírito, algo que fica bem claro é que seu relacionamento com os homens é restrito a poucas pessoas. Ele não é de todos, no Antigo Testamento, mas se relaciona apenas com uma classe restrita de pessoas. Eis alguns desses casos:

(1) *O Espírito dado a uma classe de trabalhadores* - Foi dado a uma classe de trabalhadores braçais, para produção de artesanato do tabernáculo, como vemos em Êxodo 36.1: " Assim trabalharam Bezalel e Aoliabe, e todo homem hábil, a quem o Senhor deu sabedoria e entendimento, para saberem exercer todo ofício para o serviço do santuário, conforme tudo o que o Senhor tem ordenado". Entende-se que a habilidade manual excepcional destes dois homens foi uma concessão do Espírito Santo. Sua atividade entre os homens era episódica e não era geral, como se nota.

---

<sup>78</sup> BÍBLIA DE Jerusalém, nota de rodapé *in loco*.



- (2) *O Espírito vindo sobre guerreiros* - O Espírito também capacita os guerreiros para a luta, como no caso de Jefté: "Então o Espírito do Senhor veio sobre Jefté, de modo que ele passou por Gileade e Manassés, e chegando a Mizpá de Gileade, dali foi ao encontro dos amonitas." (Jz 11.29)
- (3) *O Espírito vindo sobre lutadores* - Na mesma linha do tópico anterior, o Espírito capacitava para batalhas, como se vê no caso de Sansão. Normalmente se pensa que sua força descomunal procedia tão somente de seus cabelos. Na realidade, os cabelos eram o sinal externo mais notável do voto de nazireu. Tê-los cortado significou que o último vínculo do voto fora quebrado (os demais já o tinham sido). Mas a força de Sansão vinha do Espírito, como se lê em Juízes 14.6 e 19 e 15.14. Por fim, "o Senhor" (lahweh) se retirou dele (16.20). Além de associar lahweh com o Espírito, o episódio de Sansão mostra que o revestimento de indivíduos era um traço marcante da atuação do Espírito.

Este aspecto é reforçado no seguinte: o Espírito era dado aos sacerdotes e aos profetas, mas não era dado ao povo. Lemos assim em Números 11.29: "Moisés, porém, lhe disse: Tens tu ciúmes por mim? Oxalá que do povo do Senhor todos fossem profetas, que o Senhor pusesse o seu espírito sobre eles!". O Espírito não vinha sobre todos, por isso que Moisés desejava que assim fosse.

Um trecho um tanto longo, mas extremamente proveitoso, nos vem da autoria de Landers e é transcrito a seguir, ajudando-nos nestas considerações:

Duas características destacam a operação do Espírito Santo no Velho Testamento. Em primeiro lugar, o Espírito desceu em dados momentos, para uma obra específica, mas não habitava continuamente em seu povo. Os profetas falavam pelo Espírito, proferindo suas mensagens, pelo menos em algumas ocasiões, em momentos extáticos. O êxtase tem uma longa história, e alguns experimentavam o Espírito do Senhor em êxtase, tanto no Velho como também no Novo Testamento. Não existe, porém, no Velho Testamento, a atuação constante do Espírito em seu povo; assim como Espírito descia, ele depois voltava. Em segundo lugar, o Espírito operava através de líderes, mas não através de todo o povo. O profeta recebia sua mensagem do Espírito. Os juízes e reis recebiam sua unção do Espírito do Senhor e, assim, tinham



legitimidade para liderar. Deus operava através de Israel, seu povo eleito, e ungia com seu Espírito os líderes do povo.<sup>79</sup>

Uma observação da presença do Espírito Santo no Antigo Testamento mostra que sua atuação está em quatro áreas:

- (1) *Como criador e sustentador da vida* - Mesmo traduzindo *ruah*, em Gênesis 1.2 como "vento", Salmo 104.30 nos possibilita esta compreensão: "Envias o teu fôlego (*ruah*), e são criados; e assim renovas a face da terra.". Lemos também em Jó 33.4: "O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida.:. Ele é criador do mundo e dos homens. . Mesmo a tradução de *ruah* como "vento", como me parece ser a melhor tradução, a idéia do Espírito como criador permanece. Veja-se esta citação de Hammett: "Sem sopro, a vida não é possível. O Espírito é o sopro de Deus e a fonte de todo sopro. Por isso, o Credo Niceno chama o Espírito 'o Senhor e Doador da vida'".<sup>80</sup>
- (2) *Profecia e transmissão da revelação de Deus* - O Espírito falava aos profetas e lhes transmitia a mensagem de Deus, como lemos em Ezequiel 2.1-2: "E disse-me: Filho do homem, põe-te em pé, e falarei contigo. Então, quando ele falava comigo, entrou em mim o Espírito, e me pôs de em pé, e ouvi aquele que me falava". Também lemos em Isaías 61.1: "1 O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos". Como pudemos verificar no estudo da transmissão da verdade divina, envolvendo revelação e inspiração, a ação do Espírito é fundamental para tal propósito.
- (3) *A capacitação de pessoas para fins específicos* - Isso foi comentado anteriormente e podemos nos dispensar de mais detalhes por ora. É mencionado novamente em conexão com a quarta área, que nos projetará no Novo Testamento.

<sup>79</sup> LANDERS, John. Teologia dos Princípios Batistas. Rio de Janeiro: JUERP, 3<sup>a</sup> ed., 1994, p. 70. Na realidade, todo o capítulo do livro de Landers, alusivo ao Espírito Santo, intitulado "O Espírito Santo em cada crente", é excelente e deveria ser lido com atenção por todo estudante de Teologia.

<sup>80</sup> HAMMETT, op. cit., p. 60.



(4) *A criação da esperança messiânica* - Outra atividade do Espírito é a criação da esperança messiânica. Não é de se estranhar, posto que o próprio Messias, Jesus de Nazaré, declarou sobre o Espírito: "Ele me glorificará; porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará" (Jo 16.14). Outra palavra de Jesus cabe neste contexto: "esse (o E. Santo) dará testemunho de mim" (Jo 15.26). Há um excelente trabalho de Crabtree sobre a doutrina da promessa, no Antigo Testamento <sup>81</sup>. Depois de mostrar que todo o Antigo Testamento gira ao redor de uma promessa, que se inicia em Gênesis 3.15, Crabtree mostra que a idéia chegou ao Novo Testamento. E comenta ele:

Assim seguindo a orientação do Mestre, os escritores apostólicos notaram, em primeiro lugar, que o *ensino messiânico do Velho Testamento é principalmente o desenvolvimento duma só promessa (eppagelía)* (...) De fato as escrituras do Novo Testamento constituem uma exposição do cumprimento da doutrina, em todas as suas ramificações, na Pessoa de Jesus Cristo. <sup>82</sup>

Este olhar para o futuro, em busca da concretização da grande promessa de Deus aos homens, promessa que se concretiza com a vinda do Messias, na plenitude dos tempos, é obra do Espírito Santo. A descrição do reino futuro do Messias, em Isaías 11, é um exemplo disso. Num quadro bucólico e idílico, inspirado pelo Espírito, o reino messiânico é apresentado de tal maneira que desperta um profundo desejo por sua instalação.

Estas atividades do Espírito, como Criador, como Revelador, como Capacitador, como Inspirador da Esperança Messiânica, todas elas são encontradas nos cinco ditos de Jesus sobre o Espírito, em João 14 a 16, que serão comentados, de maneira sucinta, mais à frente. Parecem mostrar a área de atuação desta pessoa da trindade. Mas, fiel ao desejo de não hierarquizar nem funcionalizar as pessoas, insisto no verbo "parecem".

4. *A democratização do Espírito Santo* - É no Novo Testamento, no entanto, que a plena democratização do Espírito Santo sucede. Se na antiga dispensação ele era de uma elite, restrito a poucas pessoas e a poucos momentos, a promessa é que no futuro ele seria de todos os fiéis e em todos os momentos. É este o sentido da profecia de Joel,

<sup>81</sup> Refiro-me ao seu livro *Os Profetas e a Promessa*, editado pela Casa Publicadora Batista, em 1947. É uma pena que não tenha havido reedição e até mesmo a circulação deste livro não tenha sucedido como deveria. É uma jóia perdida.

<sup>82</sup> Ib. *ibidem*, p. 57. O itálico é de Crabtree.



como lemos: "Acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos anciãos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões; e também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito. E mostrarei prodígios no céu e na terra, sangue e fogo, e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor. E há de ser que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; pois no monte Sião e em Jerusalém estarão os que escaparem, como disse o Senhor, e entre os sobreviventes aqueles que o Senhor chamar" (2.27-32). Toda a linguagem cósmica mostra ser um evento escatológico e messiânico em que o Espírito Santo, a terceira pessoa da trindade, estaria ativamente em plano de destaque. Isto deveria suceder após a vinda do Messias, porque era sobre ele que o Espírito deveria repousar de maneira incomum, como nunca antes. Tal ensino fica bem claro: *os quatro evangelistas narram a vinda do Espírito, em forma visível, sobre Jesus, quando do seu batismo*. É um dos raros casos de coincidência de assuntos nos quatro evangelhos, inclusive em João, o evangelho não-sinótico. Fiquemos com o texto de Mateus: "Batizado que foi Jesus, saiu logo da água; e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito Santo de Deus descendo como uma pomba e vindo sobre ele" (Mt 3.16).

Os evangelhos registram a vinda do Espírito, de maneira nunca anteriormente sucedida, no ministério de Jesus. Isto sucedeu para que houvesse as condições de cumprimento de Joel 2.28-29: "Acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos anciãos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões; e também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito". No dia de Pentecostes, Pedro afirmou que essa profecia havia se cumprido. O Messias tinha vindo, realizara um ministério no poder do Espírito, prometera o Espírito à sua Igreja (Jo 14.16) e agora cumpria o prometido. O Espírito Santo agora, no Novo Testamento, não é mais de uma elite e sim de todos: filhos e filhas (jovens e descendência, seja qual for o sentido), anciãos e até os servos, que eram ignóbeis.

A vinda do Espírito no dia de Pentecostes marca o início da Igreja como instituição, como organização. Idealmente, a Igreja está no coração de Deus na eternidade, como lemos em Efésios 1.4: " como também nos elegera nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor". Mas, funcionalmente, sua existência está em Atos 2. Com isso quero dizer que a Igreja é a comunidade do Espírito Santo. O que



caracteriza a Igreja é que *toda ela é composta de gente que tem o Espírito Santo*. O perigo, aliás, de se dissociar a conversão do batismo com o Espírito consiste em apresentar a Igreja como se fosse uma instituição onde o Espírito está parcialmente presente. Sendo ela a comunidade do Espírito e tendo vindo ele morar no homem quando de sua conversão, toda ela é morada do Espírito (por Igreja estou me referindo à totalidade dos salvos, os verdadeiramente salvos, e não às pessoas num rol de membros ou a uma construção, ou, ainda, a uma denominação).

6. *A missão do Espírito Santo* - Mas qual é, exatamente, a missão do Espírito Santo nos dias de hoje? Precisamos nos deter aqui porque há muita confusão sobre essa matéria. A melhor resposta é a que nos vem do ensino pessoal de Jesus aos discípulos, falando sobre o Espírito, antes de sua morte. Ele está mais abalizado para falar do Espírito do que qualquer outra pessoa. Há cinco declarações suas sobre o assunto, no texto de João 14 a 16.:

1a) 14.16-20;

2a) 14.26-28;

3a) 15.26-27;

4a) 16.7-11;

5a) 16.12-15.

Vejamos um pouco sobre cada uma delas, que são chamados de "As cinco declarações de Jesus sobre o Espírito Santo".

A primeira traz o seguinte teor: "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Ajudador, para que fique convosco para sempre, a saber, o Espírito da verdade, o qual o mundo não pode receber; porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque ele habita convosco, e estará em vós. Não vos deixarei órfãos; voltarei a vós. Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais; mas vós me vereis, porque eu vivo, e vós vivereis. Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós." "Ajudador" ou "Consolador" (tradução mais conhecida que, necessariamente não é a melhor só por isso) é o grego paráclito. É o mesmo termo de 1João 2.1 e que ali foi traduzido por "advogado". Significa "chamado para estar ao lado". Em 1 João, Jesus é nosso paráclito junto ao Pai. Aqui, o



Espírito é o paráclito junto a nós. Viria para estar ao nosso lado, como "Ajudador" (VR ) ou "Consolador". Esta é sua primeira missão, no discurso de Jesus: consolar ou ajudar a Igreja, na ausência dele. Ele está ao lado dos crentes, caminhando com eles.

A segunda diz o seguinte: " Mas o Ajudador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto eu vos tenho dito. Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; eu não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize. Ouvistes que eu vos disse: Vou, e voltarei a vós. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai; porque o Pai é maior do que eu".

O ministério do Espírito, neste contexto, é triplo: *representar Jesus* ("em meu nome"), *ensinar* ("ensinará"), e *recordar* ("fará lembrar"). É o Espírito como ensinador. Pela primeira vez, na discussão, ele é chamado de "Espírito Santo". No 1o dito, foi chamado de "Espírito da verdade". Agora, de "Santo". Sua missão aqui é a de um Ensinador. Ele ensina os crentes a conhecerem mais de Jesus.

A terceira nos diz isto: "Quando vier o Ajudador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que do Pai procede, esse dará testemunho de mim; e também vós dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio". No 3o. dito, o Espírito é testemunha. Este é o tema, agora. O Espírito é Testemunhador. Ele e os discípulos testemunhariam de Jesus. "Dará testemunho de mim" é uma expressão que merece ser pensada. A linguagem é de tribunal e mostra a missão do Espírito junto ao mundo. Ele não dá testemunho de si, mas de Jesus. Chama a atenção para a Jesus. Não que haja hierarquia entre a segunda e a terceira pessoas da trindade. Há harmonia entre as três. Em 14.16, por exemplo, o Pai envia o Espírito. Em 16.7, é o Filho quem envia. Aqui, o Filho envia, mas procede do Pai. Estão em harmonia, mas devemos ressaltar este ponto: o Espírito não se glorifica e sim a Jesus. Há hoje glorificações do Espírito, mostrando Jesus como coadjuvante. A Igreja Universal do Reino de Deus não tem Jesus como seu tema central. Seu símbolo é uma pomba (o Espírito) dentro de um coração (o sentimento). O objetivável da fé, a pessoa histórica de Jesus e sua cruz, passam a plano inferior. O Espírito não é inferior, mas tem uma missão: testemunhar de Jesus. A igreja onde o Espírito trabalha é aquela que está testemunhando de Jesus junto ao mundo.

Uma questão deve ser levantada: como o Espírito testemunha ? Em 16.14 lemos: "Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará". Neste texto, dois aspectos de como ele testemunha são mostrados: 1o) glorificando o Filho. A igreja cheia do Espírito é



aquela em que Jesus está sendo glorificado. Isto porque o Espírito não chama atenção sobre si, mas sobre a pessoa do Filho. 2o) anunciando aos crentes. Ele capacita para compreender mais de Cristo. A igreja cheia do Espírito está sendo despertada para a pessoa de Cristo e ele está sendo cada vez mais real na vida da membresia. Quando qualquer outra pessoa é glorificada na Igreja que não seja a pessoa de Jesus, aí está havendo um equívoco. Quando o pastor aparece mais que Jesus, quando alguém tem tanto poder que se fala mais dele do que de Jesus, isso não é obra do Espírito Santo.

A quarta tem o seguinte teor: "Todavia, digo-vos a verdade, convém-vos que eu vá; pois se eu não for, o Ajudador não virá a vós; mas, se eu for, vo-lo enviarei. E quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais, e do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado". Preste-se atenção na expressão "convencerá o mundo". Observa-se neste dito uma tríplice missão de convencimento: do pecado, da justiça e do juízo. O termo "convencer" quer dizer: mostrar ao mundo que ele está errado. A tríplice missão do E. Santo, neste contexto, é mudar a mente dos homens. Ele é o Convencedor.

Outra expressão a se notar aqui é "do pecado". Mas qual pecado? Há tantos! A resposta é simples: o pecado de não crer no Filho. O evangelho de João ressalta a incredulidade dos judeus. Vejam-se os textos de : 5.38, 6.36, 8.21-24 e 8.46. O Espírito, neste ensino de Jesus, trabalha no coração das pessoas para que elas reconheçam que são pecadoras e creiam. Crer em Jesus é obra do Espírito (1Co 12.3). E a maior obra que o homem pode fazer é crer: "Perguntaram-lhe, pois: Que havemos de fazer, para praticarmos as obras de Deus? Jesus lhes respondeu: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou" (Jo 6.28-29).

Atente-se, ainda, para o versículo 10: "da justiça". O termo é de tribunal: ser defendido e absolvido. O mundo o condenou, mas o Espírito mostraria ao mundo que ele era Justo: "Mas vós negastes o Santo e Justo, e pedistes que se vos desse um homicida" (At 3.14). Os incrédulos reconheceriam isto: "Ora, o centurião e os que com ele guardavam Jesus, vendo o terremoto e as coisas que aconteciam, tiveram grande temor, e disseram: Verdadeiramente este era filho de Deus" (Mt 27.54). A obra do Espírito Santo é a de levar as pessoas a confessarem Jesus como Filho de Deus. Por isso que a conversão do pecador é obra dele.



Vejamos, por fim, o verso 11, em três expressões bem ricas de conteúdo teológico : "Do juízo ... príncipe deste mundo... julgado". O foco, agora, é Satanás. É ele o príncipe deste mundo, em oposição a Cristo, como podemos ler em João 12.31 e 14.30 e 2Coríntios 4.4. Ele, no entanto, já está julgado por Cristo, como podemos ler em Atos 10.18 e 1João 3.8. O Espírito Santo revelaria o sentido da morte de Jesus aos homens, e mostraria a derrota e condenação do príncipe deste mundo. "Julgado" é o termo grego *kekritai*, que tem um aspecto judicial e punitivo. Neste sentido, o Espírito mostra que o ministério de Jesus também é de julgamento, como podemos ler em Mateus 12.41 e 23.33, Marcos 12.40 e Lucas 10.13-16, mas sempre, nestes textos, como algo a suceder no futuro. É João que nos mostra que é algo a acontecer no futuro: "Não vos admireis disso, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida, e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo" (5.28-29), mas que já está decretado: "E o julgamento é este: A luz veio ao mundo, e os homens amaram antes as trevas que a luz, porque as suas obras eram más" (3.19) e "Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, porém, desobedece ao Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus" (3.36). Esta é outra missão do Espírito, acalmar a Igreja: ela é Militante, mas será Triunfante. Há derrota para o príncipe deste mundo e seus seguidores. Os dias deles estão contados. Neste sentido ele enche a Igreja de esperança de sua vitória final. Ele a ajuda a vencer.

Chegamos à quinta, por fim. "Ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não o podeis suportar agora. Quando vier, porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso eu vos disse que ele, recebendo do que é meu, vo-lo anunciará". Trata-se agora do Espírito como Condutor. Ele conduz a Igreja para dentro da Verdade de Jesus.

Esta última declaração de Jesus sobre o E. Santo permite entender que haveria mais revelação. Pela terceira vez, este é chamado de "Espírito da verdade". Ele revelaria a verdade. Mas devemos começar pelo versículo 12: "tenho muito que vos dizer". Esta expressão endossa o restante do Novo Testamento. Ele não dissera aos discípulos tudo o que deveria ter dito. Por quê? A resposta está ainda no versículo 12: : "não podeis suportar". "Suportar" é o verbo grego *bastazô*, que é o mesmo termo traduzido por "lançava" em 12.6



(*ebastazô*). Não havia, humanamente falando, como depositar ou lançar mais coisas na mente deles. Eles não podiam absorver mais nada! Já fora algo fantástico o que sucedera com eles: o Eterno entrou no tempo e o Infinito entrou no espaço, na pessoa daquele homem diante deles! Isto seria suficiente para estonteá-los. Aquele camponês era o Deus de seus pais! Hoje compreendemos mais que eles e julgamos normal o que estava sendo dito por Jesus, diariamente, a eles. Isto porque temos uma revelação completa que nos permite ver além do que eles viam, e temos o Espírito Santo que nos descortina as verdades dele, do Senhor Jesus. Para eles, era muito pesado. Ele diria mais tarde, pelo E. Santo.

Mas como e onde o Espírito diria essas coisas sobre Jesus, que Jesus agora não podia falar mais? A resposta é esta: O E. Santo disse essas coisas ao escrever a Escritura: "Porque a profecia nunca foi produzida por vontade dos homens, mas os homens da parte de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo" (.2Pe 1.21). Notamos, aqui, a missão do Espírito: guiar os discípulos (v. 13) e glorificar a Cristo (v. 14). Duas vezes aparece a expressão: "receberá do que é meu" (14,15) e duas vezes "vo-lo anunciará" (14,15). Ele anuncia o que recebeu e que é de Cristo. Não traria uma nova revelação, mas simplesmente o que tiver ouvido. É a perfeita testemunha de Jesus. Continua o ministério de Jesus, revelando seus ensinamentos e palavras. Ele conduz a Igreja dentro da palavra e dos ensinamentos de Jesus. Ele endossou o Novo Testamento.

7. *O batismo no Espírito Santo* - Entramos agora numa das questões mais discutidas dentro do ministério do Espírito. Na teologia pentecostal, o batismo no Espírito é uma segunda bênção, distinta do que eles chamam de primeira, que é a salvação. Algumas modificações têm ocorrido dentro da teologia pentecostal, no entanto. Tempos atrás, o jornal da Assembléia de Deus de Casacadura, Rio de Janeiro, declarou que o batismo no Espírito pode ou não ser acompanhado de línguas e que pode ser entendido como plenitude do Espírito.<sup>83</sup>

Uma observação de Hammett nos esclarecerá, neste ponto:

O batismo com (ou no ou do) Espírito é um assunto polêmico, especialmente por causa das diferenças entre os pentecostais e outros evangélicos. De fato, só há sete versículos que ligam as palavras batismo e Espírito: Mateus 3.11, Marcos 1.8, Lucas 3.16, João 1.33, Atos 1.5 e 11.16 e 1 Coríntios 12.13. Os primeiros seis se

<sup>83</sup> Não tenho mais o referido jornal, pois que um colega que o tomou emprestado não o devolveu. Para efeitos de confirmação bastaria procurar junto ao ministério de Casacadura pelos exemplares antigos.



referem a promessa que Jesus batizaria com o Espírito, que foi cumprida no dia de Pentecostes (veja Atos 1.5: "vós sereis batizados, dentro de poucos dias").<sup>84</sup>

É significativo que, com tão escassos versículos, tenhamos tanta dissensão doutrinária neste ponto. É difícil uma análise desapaixonada da questão até mesmo porque ao redor dela se construíram denominações e sistemas doutrinários por inteiro e, é infelizmente que digo isto, até mesmo impérios econômicos. Mas tentemos analisar o assunto.

Tentar uma repetição do evento de Pentecostes é um tanto problemático. Até mesmo os mais ferrenhos pentecostais reconhecerão que não necessitam de línguas como que de fogo para serem batizados com o Espírito. Ou seja, não esperarão a repetição dos sinais de Atos 2 na íntegra. Mas esperarão, alguns deles, as línguas extáticas (as de Atos não foram extáticas, isto é, produto de êxtase) e proclamarão que as falam, como conseqüência do batismo. Foge ao nosso objetivo aqui, mas salta aos olhos que as igrejas pentecostais de hoje não falam as línguas de Atos 2, mas as de 1Coríntios 14. Melhor dizendo, seriam igrejas corintianas e não pentecostais pois que em Atos tivemos uma língua que era entendida e em Corinto uma que não era entendida, a ponto de se necessitar de intérprete. Em Atos 2 não houve intérprete, as línguas falaram aos homens e houve conversão. Em 1Coríntios necessita-se de intérprete, as línguas falam a Deus e não há conversão, mas edificação. Aliás, segundo Paulo, os incrédulos teriam uma péssima imagem de uma igreja falando línguas. Como sucede em cultos pentecostais hoje. Mas a questão não é essa. A questão é determinar onde está o batismo no Espírito Santo. Os batistas entendemos que está no momento da conversão e que, após esta, há não apenas uma segunda bênção, mas dezenas de bênçãos, produto de nossa comunhão com Deus, que podem nos dar uma profunda experiência espiritual de enchimento e de crescimento. Afinal, Efésios 5.18, que nos diz "e não vos embriagueis com vinho, no qual há devassidão, mas enchei-vos do Espírito", está na voz passiva contínua: *sede enchidos continuamente*. A experiência de revestimento do Espírito Santo não é única, dissociada da conversão, mas deve ser uma constante em nossa vida e isso como conseqüência da conversão.

Como conseqüência da conversão porque, das sete associações entre "batismo" e "Espírito Santo" mencionadas por Hammett (reveja a citação 84), apenas 1Coríntios 12.13 é um versículo declarado após o evento, pode ser tomado como uma exegese do evento: "Pois

<sup>84</sup> HAMMETT, op. cit., p. 60



em um só Espírito fomos todos nós batizados em um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos quer livres; e a todos nós foi dado beber de um só Espírito". Neste texto, fica bem claro que o batismo no Espírito é um aspecto da conversão e sucede indistintamente com todos os cristãos, e, mais ainda, que o dom de línguas não é uma evidência do batismo.

Mas tentemos analisar o assunto mais um pouco, biblicamente. Encontramos quatro momentos no livro de Atos com a indicação do batismo no Espírito Santo.

O primeiro está em Atos 2, quando o Espírito vem sobre a igreja judaica de Jerusalém. O segundo está em Atos 8.14-17 quando os samaritanos são agregados à igreja. Só receberam o Espírito quando Pedro e João, representantes da igreja judaica, chegaram até eles para imposição de mãos. Agora, samaritanos e judeus, inimigos antigos, são membros do mesmo corpo, como 1Coríntios 12.13 afirma. O terceiro está em Atos 10, com o batismo no Espírito Santo de Cornélio e sua casa. Agora entram os gentios na Igreja. A rejeição dos judeus aos gentios era tão grande que Deus precisou, primeiro, dar uma visão a Pedro por três vezes, para que não rejeitasse o que Deus havia santificado (Cornélio, representativo dos gentios). E Pedro precisou se justificar perante a igreja de Jerusalém porque havia batizado um gentio. Depois da explicação é que a igreja judaica se convence, porque o mesmo dom que ela recebera os gentios haviam recebido: "Ouvindo eles estas coisas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: Assim, pois, Deus concedeu também aos gentios o arrependimento para a vida" (At 11.18).

O quarto e último episódio está em Atos 19.1-6, envolvendo remanescentes do Antigo Testamento, podemos dizer, fiéis do Antigo Testamento. Paulo perguntou a eles se haviam recebido o Espírito Santo e lhe responderam que nem sabiam da sua existência. Em seguida, lemos em 19.3: "Tornou-lhes ele: Em que fostes batizados então? E eles disseram: No batismo de João". A palavra de Lucas em 19.4-5 é significativa: "Mas Paulo respondeu: João administrou o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que após ele havia de vir, isto é, em Jesus. Quando ouviram isso, foram batizados em nome do Senhor Jesus. Havendo-lhes Paulo imposto as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e falavam em línguas e profetizavam". Esses homens não eram cristãos, não haviam sido batizados em nome de Jesus, e receberam o batismo que anunciava que o Messias viria. Eram santos do Antigo Testamento. Devemos lembrar, neste contexto, que João Batista, que os batizara (ou algum de seus discípulos), foi o último profeta da linhagem e estirpe dos profetas do Antigo



Testamento: "A lei e os profetas vigoraram até João; desde então é anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo homem forceja por entrar nele" (Lc 16.16).

Com o batismo destes homens se fecha o ciclo: todos os grupos possíveis foram inseridos na Igreja. A partir de então, a única referência a batismo no Espírito Santo é a de 1Coríntios 12.13, que diz que todos fomos batizados no Espírito. O assunto é absolutamente omitido nas demais epístolas. Seria muito estranho que uma doutrina que secundasse a conversão (e em alguns segmentos recebe mais ênfase que a conversão) fosse tão olvidada no restante do Novo Testamento.

Mais alguns outros aspectos sobre o Espírito Santo poderiam ser acrescentados aqui e o deixarão de ser, como os seus dons, a capacitação do cristão, o impulso para evangelização e missões. Na realidade, um semestre de estudos sobre o Espírito Santo seria necessário para uma boa análise. Da mesma forma necessitaríamos de um semestre somente sobre Cristologia. Nossa passagem por aqui, portanto, é rápida e o aluno deve buscar suplementar com leituras e pesquisa o pouco aqui exibido.

## 8. A DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CBB - DEUS ESPÍRITO SANTO

Assim nos diz o item II.3 da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, intitulado "Deus Espírito Santo":

"O Espírito Santo, um em essência com o Pai e com o Filho, é pessoa divina (1). É o Espírito da Verdade (2). Atuou na criação do mundo e inspirou os homens a escreverem as Escrituras Sagradas (3). Ele ilumina os homens e os capacita a compreenderem a verdade divina (4). No dia de Pentecostes, em cumprimento final da profecia e das promessas quanto à descida do Espírito Santo, ele se manifestou de maneira singular e irrepetível, quando os primeiros discípulos foram batizados no Espírito, passando a fazer parte do Corpo de Cristo que é a Igreja. Suas outras manifestações, constantes no livro Atos dos Apóstolos, confirmam a evidência de universalidade do dom do Espírito Santo a todos os que crêem em Cristo (5). O batismo no Espírito Santo sempre ocorre quando os pecadores se convertem a Jesus Cristo, que os integra, regenerados pelo Espírito, à Igreja (6). Ele dá testemunho do pecado, da justiça e do juízo (8). Opera a regeneração do pecador perdido (9). Sela o crente para o dia da redenção final (10). Habita no crente (11).



Guia-o em toda a verdade (12). Capacita-o para obedecer à vontade de Deus (13). Distribui dons aos filhos de Deus para a edificação do Corpo de Cristo e para o ministério da Igreja no mundo (14). Sua plenitude e seu fruto na vida do crente constituem condições para a vida cristã vitoriosa e testemunhante (15)".

- (1) Gênesis 1.2, Jó 23.13, Salmo 51.11, 139.7-12, Isaías 61.1-3, Lucas 4.18-19, João 4.24, 14.16-17, 15.26, Hebreus 9.14, 1João 5.6-7, Mateus 28.19
- (2) João 16.13, 14.17 e 15.26
- (3) Gênesis 1.2, 2Timóteo 3.16 e 2Pedro 1.21
- (4) Lucas 12.12, João 14.16-17,26, 1Coríntios 2.10-14 e Hebreus 9.8
- (5) Joel 2.28-32, Atos 1.5 e 2.1-4, Lucas 24.49, Atos 2.41, 8.14-17, 10.44-47, 19.5-7 e 1Coríntios 12.12-15
- (6) Atos 2.38-39 e 1Coríntios 12.12-15
- (7) João 14.16-17 e 16.13-14
- (8) João 16.8-11
- (9) João 3.5 e Romanos 8.9-11

UM LEMBRETE: Considerando a complexidade deste assunto e o fato de ser ele pretexto para divisões em muitas igrejas, deixo um versículo bíblico e uma recomendação de cinco livros de excelente conteúdo, em Português, que devem ser estudados por quem queira mais profundidade no assunto (e espero que todos queiram). O versículo é Judas 19: "Estes são os que causam divisões; são sensuais, e não têm o Espírito". O Espírito Santo não divide igrejas. O que as divide é a carnalidade humana.

Os cinco livros são:

1. HARBIN, Byron. *O Espírito Santo na Bíblia, na História, na Igreja*. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. O Dr. Harbin foi meu orientador no mestrado da Faculdade Teológica Batista de S. Paulo.
2. MCCONKEY, James. *O Triplo Segredo do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: JUERP, 2ª ed., 1973.
3. CRANE, James. *O Espírito Santo na Experiência Cristã*. Rio de Janeiro: JUERP, 1978.
4. GRAHAM, Billy. *O Espírito Santo*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980.
5. BRUNER, Frederick. *Teologia do Espírito Santo*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1983.



O assunto agora é Eclesiologia, ou seja, “a doutrina da igreja”. O que é uma igreja? Há diferença entre igreja e Igreja? Para que serve uma igreja?

As respostas a esta pergunta serão as mais variadas possíveis, dependendo da visão de cada um. Nossa eclesiologia prévia, a da igreja onde fomos criados, direcionará muito da resposta. Mas, via de regra, talvez exatamente por causa dessa nossa eclesiologia prévia, nosso raciocínio se encaminha ou para um prédio ou para uma determinada instituição religiosa. No entanto, para uma visão correta do fenômeno "igreja" precisamos nos cingir o mais possível ao ensino das Escrituras, evitando tanto quanto possível a visão denominacional ou de grupo. Já sabemos que muitos dos nossos conceitos teológicos são determinados, em grande parte, por nossa visão denominacional e por conceitos pessoais. Entendemos alguma verdade de uma maneira e justificamo-la com a Bíblia. E muitas outras vezes colocamos na Bíblia o que queremos que ela diga, em vez de tirar dela o que devemos dizer. Na presente unidade, nossa preocupação não é mostrar o modelo batista ou o modelo de alguma denominação em particular, mas os padrões bíblicos que nos ajudarão a entender o que é a igreja. Uma análise do modelo batista de igreja deve vir num estudo mais específico de Eclesiologia Batista ou Administração Eclesiástica. Não será a nossa meta, agora. Importa-nos aqui, neste momento, esta questão: o que a Bíblia entende ser "igreja"?

## 1. DEFININDO IGREJA

Vamos empregar o termo *igreja* para a instituição local e *Igreja* para o evento teológico. Fazemos uma distinção com estas palavras. De início temos que reconhecer que o Novo Testamento não conhece algo como Igreja Católica, Igreja Presbiteriana ou Igreja Batista. Nunca usa a palavra "Igreja" para designar uma denominação ou uma instituição. Não existe, no Novo Testamento, a Igreja (no sentido denominacional). Existem igrejas, no sentido de comunidades locais ou Igreja, no sentido geral, da comunidade universal, militante ou a ideal, dos remidos em todos os lugares. Isto não significa que o conceito de denominação esteja errado. É apenas um desenvolvimento na história do cristianismo, em que, ao redor de alguns princípios e doutrinas, algumas igrejas se agruparam. Outras mais nasceram ao redor de lideranças personalistas, ou seja, em torno de indivíduos. Se a essência de "Igreja" foi mantida na denominação ou nestes grupos, esta atitude pode ser uma forma lícita de propagação do evangelho. O erro sucede quando se colocam as



estruturas denominacionais acima do ensino bíblico. Neste sentido, a forma passa a valer mais que o conteúdo. Precisamos ter algo em mente: as denominações, todas elas, inclusive a nossa, são criações humanas. Ou seja, a Igreja Tal (como denominação) é uma organização humana, mas a "Igreja de Jesus Cristo" esta é de origem divina. Com isto não queremos dizer que as denominações são mundanismo, mas sim que são atos de homens. Pode ser que, em muitas vezes, até mesmo por orientação divina, mas devemos ter em conta que o Novo Testamento não faz a apologia ou a promoção de nenhuma delas em particular. Deus as usa e seu nome é glorificado nelas porque elas fazem da gloriosa igreja universal de Jesus. Mas nenhuma está prescrita nas páginas do Novo Testamento. E, se alguma delas reclama para si esta indicação neotestamentária, está exagerando em suas reivindicações. Como batistas podemos pensar que nossas doutrinas são as que mais se aproximam do Novo Testamento, mas dizer que as igrejas do Novo Testamento eram igrejas batistas será um exagero que raiará a falta de bom senso.

O termo para *igreja*, no Novo Testamento, é *ecclesia* (eklesia). Ocorre 119 vezes nos escritos neotestamentários <sup>85</sup>. Quando nossas bíblias trazem a palavra *igreja* é esta a palavra que estão traduzindo. Tem pelo menos quatro sentidos:

1º) em três vezes, o sentido do termo é clássico, sem nenhuma implicação religiosa. As três vezes estão em Atos 19. Nos versículos 32 e 41, indica um agrupamento de pessoas. No versículo 39, indica uma assembleia reunida para fins judiciários. Neste sentido, *ecclesia* significa um grupo de pessoas reunidas para uma finalidade jurídica. O significado comum, não religioso, é este mesmo: um agrupamento social para decisões que envolvem suas vidas.

2º) em duas vezes, o termo é essencialmente judaico, traduzindo o termo hebraico *qahal*. A idéia hebraica contida em *qahal* é de um grupo de pessoas chamadas para alguma finalidade. Neste sentido, *ecclesia* significa um grupo de pessoas reunidas para um propósito comum. O significado é o mesmo anterior, mas a diferença é que não tem o escopo do sentido do grego comum e sim está retratando uma situação cultural judaica. E foi buscar o correspondente exato na cultura grega.

---

<sup>85</sup> GROBER, Glendon. Doutrina Bíblica da Igreja. Rio de Janeiro: JUERP, 5ª ed., 1987, p. 10. Na sua obra, Teologia dos Princípios Batistas, Landers declara que o termos aparece 114 vezes (p. 80)



3º) mas o uso majoritário da palavra é para um grupo de pessoas reunidas num determinado local. Das 119 vezes, o termo tem este sentido em, pelo menos, 85. O conteúdo da palavra aqui é claramente de igreja local, como em 1Coríntios 1.2, onde lemos: "à igreja de Deus que está em Corinto....". O termo alude aos crentes em Cristo que moravam na cidade de Corinto. Significa "os crentes de uma comunidade local", portanto.

4º) em quase vinte vezes, o sentido é difuso, bem amplo, tendo a idéia universal, como "a igreja de Deus", parecendo indicar um sentido mais amplo que o de igreja local. Mas um estudo cauteloso não invalida o sentido de local. Em Efésios e Colossenses, principalmente, o sentido parece ser universal, mas nunca de uma denominação. Refere-se à totalidade do povo de Deus, como em Efésios 3.10: "para que, agora, a multiforme sabedoria de Deus seja manifestada por meio da igreja, aos principados e potestades nas regiões celestes".

Podemos resumir isto da seguinte maneira: o Novo Testamento fala de "igreja" como um grupo de pessoas reunidas em uma determinada cidade e, em sentido mais amplo, como um povo, o povo de Deus, em todo o mundo. Não hierarquiza igrejas, colocando uma como "mãe" e as outras como "filhas"<sup>86</sup> (linguagem que implica em mando de uma e dependência de outra, em superioridade de uma sobre a outra), nem fala delas como uma instituição. Como já tenho dito, não existem "igreja mãe" e "igreja filha", mas existem apenas "igreja coirmãs", pois todas estão em pé de igualdade. A maior igreja, numericamente falando, e a igreja mais rica, financeiramente falando, valem tanto quanto a menor e mais pobre. O termo é sempre usado para designar gente, povo, e para nunca tijolos e bancos. Igreja não é, pois, um prédio, embora chamemos nossos prédios de culto e educação religiosa de "igreja". No sentido teológico, "igreja" é o povo de Deus. Não é errado chamarmos o lugar onde nos reunimos de "igreja" pois o termo ficou com este uso

---

<sup>86</sup> Infelizmente, entre os batistas, esta terminologia vem sendo empregada para designar uma igreja que organiza outra. A organizadora é chamada de "igreja mãe" e a organizada, de "igreja filha". Tal emprego dos termos é um equívoco teológico. As igrejas batistas não são mães nem filhas uma das outras, mas são coirmãs. Quando uma igreja batista organiza outra, ela não tem uma igreja filha, mas tem uma igreja irmã. O conceito de "igreja mãe" é católico: Roma é a mãe de todas as outras igrejas, porque manda nelas. O termo cabe bem em um sistema em que uma igreja é superiora, hierarquicamente falando, às outras. É como o termo "sede" ou "templo central", comum na linguagem assembleiana. Uma igreja batista que tem congregações não é a sede, é a igreja, somente. Nem é o templo central, é igreja somente. O Novo Testamento só conhece igreja como igreja, sem adjetivos. O próprio termo "congregação", que usamos, é, do ponto de vista teológico, incorreto. Toda igreja local é uma congregação.



popularizado, aceito e entendido. Mas será sempre conveniente termos isto em mente, em nosso estudo: o que o Novo Testamento está dizendo?

## 2. OS TERMOS BÍBLICOS PARA IGREJA

Já se disse que igreja é *eclesia*, termo encontrado no Novo Testamento grego e que corresponde ao termo hebraico *qahal*. Mas, o que significavam, exatamente, estes dois termos?

*Qahal* tem o sentido de congregação ou ajuntamento. No Salmo 26.5, onde se lê “odeio o ajuntamento de malfeitores”, temos “odeio o *qahal*”. Chouraqui traduziu como “odeio a assembléia dos malfeitores”. Observe-se que o termo é tão amplo que alude, neste texto específico, a pessoas más e não a uma comunidade religiosa. É simplesmente gente reunida, uma assembléia de pessoas, como, em nosso contexto, uma reunião de condôminos ou de sindicalizados, diríamos em nosso contexto.

Em outras ocasiões, *qahal* alude a um grupo reunido para propósitos específicos, como em 2Crônicas 20.5, onde é traduzido por “congregação”.

Em 25 vezes o termo se refere a um ajuntamento local para culto, como se pode ler em Salmo 22.22 e 40.9.

O uso majoritário, porém, é o ajuntamento solene do povo de Israel perante o Senhor. Em 77 vezes fala de Israel ajuntado como nação. E em sete, como todo o Israel.

Isto posto, pode-se dizer que *qahal* significa:

1. a assembléia de Israel como propriedade de Deus, um povo do Senhor.
2. o povo, nunca dissociado de seu contexto de tempo e espaço. Ou seja, não é usado abstratamente, como se faz hoje: “a Igreja”, mas o povo, numa lugar e num momento.
3. no período intertestamentário, o ajuntamento local para fins de culto.

Vejamos, então, *eclesia*, no sentido do grego clássico:

1. é usado para designar uma assembléia ou grupo
2. pessoas com certas qualificações



3. um grupo com certa forma de organização
4. um grupo com processos democráticos (na Grécia, usava-se para o povo em assembléia para decisões, como hoje chamaríamos, de eleições ou de plebiscitos).
5. o termo designava uma assembléia de pessoas autônomas, independentes de outras.

É razoável pensar que o Novo Testamento adotou o termo exatamente por causa do seu sentido. Ou, pelo menos, influenciado pelo seu sentido: um grupo de pessoas, com certas qualificações (salvas por Cristo), com certa de organização (reúne-se, adora a Deus, envia missionários, como em Atos 13.2, efetua batismos, celebra a ceia e resolve problemas doutrinários, como em Atos 15). Parece não haver dúvidas que, com o conceito de *qahal* em mente, os escritores do Novo Testamento, de cultura judaica, foram buscar o termo grego correspondente.

### 3. DEFININDO IGREJA

Parece que agora, com estes elementos, já podemos tentar uma definição bíblica da igreja. Em termos negativos, podemos dizer que igreja não é uma denominação ou uma rede de templos. Em termos positivos, podemos ficar com uma definição do teólogo Conner, que é muito boa:

*Uma igreja é fundamentalmente uma congregação de pessoas que foram unidas a Deus por uma experiência da graça salvadora de Cristo e foram ligadas em união pelo Espírito Santo, adorando a Deus e crescendo em comunhão uns com os outros.*  
<sup>87</sup>

Nesta definição, Conner assimilou muito bem os sentidos diversos de *qahal* e de *eclesia*. Em meu material de Eclesiologia, empregado no Seminário Teológico Batista Equatorial, defini igreja como

*um grupo de pessoas que encontrou a Deus na pessoa de Cristo, foi salva por ele e com ele se comprometeu a viver dentro dos seus princípios.*

---

<sup>87</sup> Anotei esta definição de Conner para um estudo com um grupo de missionários, mas perdi a referência. Dos quatro livros que tenho de Conner, em nenhum deles encontrei a citação. Mantenho-a como dele porque assim a anotei e porque não é minha.



Estas duas definições nos ajudam a ver que, acima de tudo, Igreja é o agrupamento de salvos por Jesus e que aceitou viver seus padrões. Isto deve abrir nossos olhos para algo: o que há de mais importante na Igreja, depois de Deus, óbvio, são as pessoas. Sem elas não há Igreja. Conseqüentemente, para o bom andamento da Igreja e das igrejas precisamos investir em pessoas. Igreja é gente e não tijolo. Há obreiros que são muito bons em construção de templos. Mas são negligentes em lidar com pessoas, em treiná-las, pregar para elas, aconselhá-las e desenvolvê-las. O maior investimento que uma igreja pode fazer é em gente e não em patrimônio material. Isto não significa que o patrimônio material deve ser descuidado, mas sim que o que torna uma igreja em igreja é gente e que quando os crentes são bem cuidados, alimentados, doutrinados e orientados em sua vida espiritual, a igreja tem mais condições de cumprir seu propósito.

Podemos entender isto melhor quando analisamos a obra de Getz, *Igreja: Forma e Essência*, principalmente no capítulo "Por que a igreja existe?"<sup>88</sup>. A argumentação de Getz segue nesta linha: a comunidade de discípulos ficou com duas tarefas, neste mundo, sua edificação e a proclamação do evangelho. Qualquer definição de Igreja precisa levar em conta este aspecto, de sua dupla tarefa: ela cuida de si mesma e se dirige ao mundo. Uma boa definição da igreja envolve estes dois aspectos. O aspecto teológico de Igreja tem ficado subordinado, em muito, ao aspecto burocrático e institucional, o que é lamentável. Perde-se a essência da igreja em troca da forma. Isto desfigura o conceito, por completo.

Reconheço que as definições apresentadas, a de Conner e a minha, trazem um problema: as igrejas pedobatistas (que batizam crianças, praticando o batismo infantil, por aspersão) não são igrejas, então? Se Igreja é uma comunidade que teve a experiência da graça salvadora de Jesus Cristo, uma igreja que batize crianças não será Igreja? "O movimento landmarquista afirmou categoricamente que essas greis são sociedade, e não propriamente uma igreja"<sup>89</sup>. Uma criança de dois meses não tem a experiência da graça salvadora, mas isso não invalida o fato de que aquela comunidade é a Igreja. Afinal, numa igreja que exija o batismo após profissão de fé (o que supõe que a pessoa teve a experiência da graça salvadora de Cristo) há muitas pessoas também perdidas. Isso não invalida aquela igreja como sendo Igreja.

Voltando um pouco à questão de definição, gostaria de citar Chafer:

<sup>88</sup> GETZ, Gene. *Igreja: Forma e Essência*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1994.

<sup>89</sup> LANDERS, op. cit., p. 82



No Novo Testamento, a Igreja inclui todas as pessoas regeneradas desde o dia de Pentecostes até o arrebatamento (1Co 15.52) e que foram ligadas entre si e unidas a Cristo pelo batismo do Espírito (12.12-13). Cristo é a cabeça do corpo (Ef 1.22-23). A Igreja é o santo templo para habitação de Deus (2.21-22), e é uma com Cristo (5.30-32). A Igreja é descrita como uma virgem casta esperando pelo esposo (2Co 11.2-4)<sup>90</sup>.

Chafer está falando de Igreja no sentido universal, a Igreja de todas as épocas, em todos os lugares, que alguns chamam, inadequadamente, de "Igreja Invisível". (nós somos visíveis e fazemos parte desta Igreja). Ele se refere à totalidade dos salvos por Cristo em todos os tempos. Este é outro sentido do termo Igreja, além do local (igreja) e do evento teológico (Igreja). É sentido universal em época e não apenas em espaço territorial, como dizemos: "A Igreja do século XX". Tenha-se isto em mente, também.

#### 4. QUANDO SURTIU A IGREJA?

Várias teorias são levantadas quanto ao surgimento da Igreja. Eis algumas das mais conhecidas:

1. no Éden (segundo Calvino).
2. quando Jesus chamou os doze. Esta posição eu abordo, particularmente, em "O Embrião da Igreja", que é um capítulo de meu livro *Como Sua Igreja Pode Transformar o Mundo*.
3. quando Jesus ordenou aos discípulos que batizassem.
4. quando da instituição da Ceia, sendo ela a substituta de Israel, que nasceu com a páscoa.
5. quando da grande comissão.
6. no dia de pentecostes; neste sentido, os ministérios da igreja e do Espírito Santo seriam coincidentes.
7. em Atos 2, quando vemos as atividades típicas de uma igreja, como adoração, proclamação e batismos.

<sup>90</sup> CHAFER, Lewis. Systematic Theology. Vol. 2., Wheaton: Victor Books, 1988, p. 234.



Uma boa interpretação é ver a Igreja como existente desde a eternidade, como lemos em Efésios 1.4: "como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor". Ou seja, a igreja existia em forma ideal já na eternidade, no coração de Deus. Isto é, em potência. E, funcionalmente, passou a existir a partir do dia de pentecostes. Isto é, como ato. Nesta linha de interpretação, a Igreja vem, idealmente, desde a eternidade e, em termos funcionais, surge em Atos 2, quando os discípulos, sem a presença física de Jesus, têm a responsabilidade de levar seus ensinamentos. Agora, ela está materializada e cumprirá sua missão na história, na experiência dos homens.

A relevância desta interpretação é que ela mostra que Igreja não é uma aventura nem uma especulação. Tampouco é algo criado por pessoas inescrupulosas para dominar o mundo ou arrancar dinheiro dos incautos. É um projeto que surge no coração de Deus desde a eternidade e se concretiza no mundo com a missão de Jesus Cristo. Igreja é, portanto, algo sério, relevantíssimo, e deve ser encarada e trabalhada com a maior seriedade possível. Cuidar de uma igreja local não é ter um emprego, mas estar encaixado dentro do plano de Deus, com a mais alta responsabilidade. Uma pessoa que lidera qualquer atividade na igreja deve se entender como quem cuida da execução do plano de Deus neste mundo. Isto porque a igreja é a expressão visível da Igreja.

A Igreja é o povo de Deus, herdeira e sucessora da eleição de Israel. Ela substitui Israel no propósito de Deus. Lemos assim em Mateus 21.43: "Portanto eu vos digo que vos será tirado o reino de Deus, e será dado a um povo que dê os seus frutos". O reino foi tirado de Israel e dado à igreja. Em 1Pedro 1.1 ela é chamada de "peregrinos da dispersão", título anteriormente concedido a Israel. Em 1Pedro 2.9-10, quatro títulos que eram de Israel lhe são atribuídos: geração eleita, sacerdócio real, nação santa e povo adquirido. Compare estes títulos com Êxodo 19.6 e Isaías 43.20-21. Ela foi chamada das "trevas para a sua maravilhosa luz", como Israel fora chamado do Egito (Os 11.1). Israel era o projeto e a Igreja, a consecução. Israel foi o rascunho e a Igreja veio a ser o modelo definitivo. Deus não tem dois povos. Só um. O povo de Deus é a Igreja.

No entanto, não se deve pensar em uma Igreja "pré-cristã" ou, ainda, na "Igreja do Velho Testamento". Alguns gostam de se referir à comunidade de Israel, no Antigo Testamento, como se fosse "a Igreja judaica". O termo é inadequado. Valham-nos aqui as palavras de Conner: "A igreja não é uma instituição pré-cristã ou extra-cristã. Surgiu da



missão e da obra redentoras de Cristo Jesus" <sup>91</sup>. Neste sentido ela é extremamente singular. Forsyth, um dos grandes teólogos da cruz, declarou o seguinte: "a igreja de Cristo é o mais grandioso e mais refinado produto da história humana ... a maior coisa do universo" <sup>92</sup>. Sim, é isso exatamente por causa da obra de Jesus Cristo. Ele fez surgir a Igreja! A Igreja existe porque Jesus existiu, historicamente, e cumpriu uma obra histórica. Só existe Igreja por causa da obra de Jesus Cristo.

## 5. A BASE TEOLÓGICA DA IGREJA

A base teológica da Igreja está em Mateus 16.13-19. É o conhecido texto da confissão de Pedro, que tem o seguinte teor: "Tendo Jesus chegado às regiões de Cesaréia de Felipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem? Responderam eles: Uns dizem que é João, o Batista; outros, Elias; outros, Jeremias, ou algum dos profetas. Mas vós, perguntou-lhes Jesus, quem dizeis que eu sou? Respondeu-lhe Simão Pedro: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Disse-lhe Jesus: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelou, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares, pois, na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus".

A questão capital, que vai desenvolver a idéia de Igreja, é esta: *quem é Jesus Cristo?* Isto nos alerta para o seguinte: nenhum indivíduo pode ser cristão ou ser da Igreja sem responder a esta pergunta, crucial. Só se pode ser Igreja pela fé em Jesus Cristo. Ninguém já nasceu como membro da Igreja de Deus. É algo que uma pessoa se torna pela fé na pessoa de Jesus. Uma luta dos dissidentes da Reforma, onde estavam nossos ancestrais na fé, foi esta: a Igreja é composta de pessoas salvas, que puderam responder a esta pergunta com uma apropriação pessoal da obra e da pessoa de Jesus.

Mas analisemos o texto. O diálogo faz de Pedro o primeiro cristão. E Jesus reconhece que foi o Espírito Santo quem revelou aquela verdade a Pedro. E surge aqui, na

<sup>91</sup> CONNER, Walter. Doctrina Cristiana. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, s/d, p. 305.

<sup>92</sup> Citado em STOTT, John. Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo. São Paulo: ABU Editora, 1997, p. 244.



sua resposta, a pergunta: quem é a pedra? Várias teorias são aventadas e registramos aqui as mais comuns:

1. segundo Agostinho, Jesus apontou em duas direções. Quando disse “tu és Pedro”, apontou para Pedro. Quando disse “sobre esta pedra”, apontou para si. Fica um pouco difícil ver isto no texto. Necessitaríamos de uma testemunha ocular que registrasse esta atitude. E não há. Na realidade, esta interpretação pode soar mais como uma desculpa para evitar que a Igreja Católica use o texto para tentar justificar-se como a Igreja que foi fundada por Jesus do que um emprego correto do texto. É uma hermenêutica pouco honesta.

2. a pedra é a confissão de Pedro. À semelhança dele, cada cristão confesso seria uma pedra que faria o alicerce da Igreja.

3. a fé de Pedro. A fé em Jesus como o Cristo, Filho de Deus, é a pedra que sustém a Igreja até hoje.

4. Pedro mesmo. Pessoalmente, fico com esta teoria. Pedro como pessoa, como crente, e não como chefe. Ele é representativo e não um indivíduo solitário na sua fé. Ele falou pelo grupo, tornou-se o primeiro cristão, mas sua resposta não faz dele um segundo Cristo, um capataz de Cristo. E para entendermos mais sobre a questão, comparemos Mateus 16.19 com 18.18: "Em verdade vos digo: Tudo quanto ligardes na terra será ligado no céu; e tudo quanto desligardes na terra será desligado no céu". Esta palavra que foi dirigida a Pedro, como indivíduo é dirigida agora à Igreja como um todo. Ou seja: o que foi dado a Pedro foi dado à Igreja como um todo. Isto significa dizer que Pedro não foi papa nem teve uma autoridade especial sobre os demais. Na leitura de Gálatas 2.11 ("Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe na cara, porque era repreensível") se ver como Paulo o repreendeu publicamente. O primeiro papa, historicamente, foi Leão I, e o papado poderia ser datado em 445, com a palavra de Valentiniano III, de que o que bispo de Roma falava era lei para todos. Mas a Igreja de Constantinopla teve o mesmo direito concedido à Igreja de Roma. A Igreja Instituição (com dois Il mesmo) se dividiu, com esta decisão, em dois blocos. Pedro é representativo da Igreja por ser o primeiro a confessar Jesus como o Cristo de Deus, mas não que qualquer igreja que ele tenha pastoreado se tenha tornado mãe de todas as demais ou que ele tivesse autorização de passar este domínio a seus sucessores.



## 6. A MISSÃO DA IGREJA

Qual é a missão da Igreja? Mesmo sabendo que alguns dizem que é a evangelização ou missões, respondo numa palavra, sem pestanejar: a missão da Igreja é a adoração. E socorro-me, mais uma vez, com Conner:

A principal obrigação, portanto, de uma igreja, não é o evangelismo, nem missões, nem beneficência; é a adoração. Adoração a Deus em Cristo devia estar no centro das demais coisas que a igreja realiza. Adoração é a moral real de toda a atividade da igreja. Entretanto não devia ser a adoração com o intuito de manter atividade. Nesse caso a adoração torna-se secundária, e a atividade a coisa principal. Deus deve ser adorado por causa da sua pessoa e não por causa daquilo que pode fazer por nós. Adoração é o reconhecimento por parte do homem do mérito de Deus, não por causa do homem mas por causa de Deus. O cristianismo moderno em toda a sua extensão tem sido demasiado propenso a subordinar Deus ao homem. Nossas igrejas têm sido modeladas de acordo com o padrão de uma corporação de negócios organizadas para terem eficiência em seus negócios. A voz de Deus tem se perdido no tumulto da maquinaria e no barulho da organização. A igreja moderna tem vendido a sua alma por causa da eficiência. Vamos à igreja ouvir uma 'pessoa dinâmica' que, do púlpito, antes estimula os seus irmãos a levar ao fim um programa, em vez de ouvir a voz de Deus falando-nos das realidades eternas. Nossos seminários teológicos preparam homens para serem administradores de igreja, em vez de pregadores da Palavra. O ministro moderno dedica-se às reuniões de comissões e aos jantares oferecidos nas igrejas.<sup>93</sup>

É fácil entender o que está sendo dito. A Igreja existe em função de Deus e não do mundo. No céu não haverá perdidos para evangelizar, mas haverá Igreja porque no céu haverá Deus. Ela existe por causa de Deus e não dos perdidos, torno a repetir. Isto define bem a missão da igreja em termos verticais, que é a prioritária. Esta missão é necessária para que ela cumpra sua tarefa dupla, de auto-edificação e de proclamação. Evito as distinções que alguns fazem de "missão" e "função" por não ver diferença entre os dois termos. Para mim, a igreja tem uma missão: viver em função de Deus. Com isso, ela se capacita para uma dupla tarefa. Se alguém achar que "missão" e "tarefa" são sinônimos,

---

<sup>93</sup> CONNER, Walter. O Evangelho da Redenção. Rio de Janeiro: JUERP, 2ª ed., 1981, p. 228. Seguindo a pista de Conner, escrevi "Quando a Igreja troca a Teologia pela Tecnocracia", que foi publicada na Revista Teológica, do STBSB, no. 17, da nova fase. Meu alerta é que as igrejas batistas estão sendo mais instituições do que casa de Deus. Temos mais um programa para tocar do que um Deus para adorar. Os tecnocratas dão uma agenda para a Igreja. Os teólogos devem ensinar a Palavra à Igreja. O aspecto institucional está prevalecendo sobre o aspecto teológico. Talvez isto explique porque muitas de nossas igrejas estão vazias e as pessoas preferiram igrejas sem nenhuma educação religiosa, sem estrutura organizacional eclesial nenhuma, mas que lhes dá duas horas de culto. No meu entendimento, entre os batistas, a instituição está se tornando cada vez mais sufocadora da igreja.



responderei que pode ser. Tanto quanto missão e função. Semântica por semântica, fico com a minha e trato do meu raciocínio. Aliás, o próprio Conner que prefere o termo "função", usa o termo "obrigação" para designar o que é mais importante na vida da Igreja.

Neste sentido, em termos horizontais, a missão da Igreja é lidar com gente. Ela serve a si e ao mundo. Para isto, a Igreja é uma comunidade que deve crescer. Leiamos o texto de Efésios 4.11-16. Observe que, na Igreja, cada um tem o que fazer, beneficiando os outros. A igreja é uma comunidade onde as pessoas interagem umas com as outras e servem umas às outras. Nosso povo deve ser ensinado a ver igreja da seguinte maneira: não é "o que a igreja pode fazer por mim?", mas "o que posso fazer pela igreja?". O serviço aos outros é a motivação horizontal da Igreja. E o modelo de serviço nos foi dado pelo próprio Senhor Jesus Cristo, como vemos em Marcos 10.45 e como ele nos ensinou no episódio em que lavou os pés dos discípulos, tarefa que era designada aos escravos. Fiquemos com o texto de João 13.14-15: "Ora, se eu, o Senhor e Mestre vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Porque eu vos dei exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também". A igreja é uma comunidade que aprende a serviço mútuo, a solidariedade: "Confessai, portanto, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros..." (Tg 5.16) e "Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo" (Gl 2.2) são suas declarações bíblicas que nos ajudam a entender esta verdade. A vida na igreja não deve ser de competição, mas de solidariedade.

Neste aspecto de missão horizontal, a Igreja também se dirige ao mundo. Ela é enviada ao mundo: "Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo" (Jo 17.18). Ela se dirige ao mundo com a mensagem de Cristo crucificado, poder de Deus para salvação de todo aquele que crê. Como lemos em Atos 2.37-40 e 3.19, ela chama os homens a se arrependerem de seus pecados e a confessarem Jesus Cristo como Salvador. Ela anuncia os atos de Deus propondo reconciliação em Cristo e chama os homens a se reconciliarem com ele.

A missão da Igreja, entenda-se, então, tem duas dimensões. Uma, vertical, na direção de Deus, é a prioritária. Outra, a horizontal, na direção dos homens, secundária, leva-a ao serviço mútuo e à evangelização, serviço social, ação social, etc. Digo que a vertical é a prioritária porque só ela pode fazer isso. Serviço social, assistência social, beneficência, educação, qualquer ONG pode fazer. Adorar a Deus só a verdadeira Igreja



pode fazer. E, quando adora a Deus ela tem força para se dirigir ao mundo. Sem adoração, sem comunhão, a Igreja nada é. "Sem mim, nada podeis fazer" (Jo 15.5).

## 7. FIGURAS DO NOVO TESTAMENTO PARA A IGREJA

O Novo Testamento usa algumas figuras bem elucidativas sobre igreja, às quais devemos atentar. Já vimos os termos *qahal* e *eclesia* e eles nos ajudaram na nossa compreensão. Há outros termos, porém, que nos ajudarão a entender mais o que é igreja. Eles trazem uma carga conceitual consigo e vale a pena examiná-los.

1. Povo de Deus - É o conceito dominante de igreja no Novo Testamento. No Antigo Testamento, por causa de Israel, a idéia de um povo de Deus é muito forte. Israel girava ao redor de três verdades: um Deus, um povo e uma terra. A Igreja gira ao redor de três verdades: um Salvador, um povo e uma pátria celestial (Hb 11.16). Das três verdades do Antigo Testamento, permanece o conceito de povo como o único imutável, já que o próprio conceito de Deus foi mudado por Jesus como vimos no tópico "Deus Pai". Israel era povo porque Iahweh era seu pai (Êx 4.22-23). Um povo, nos tempos do Antigo Testamento, remontava a um ancestral comum. A Igreja, como Israel, remonta a um ancestral comum.

No Novo Testamento, o termo mais comum para Deus usado por Jesus é "Pai". É o termo da oração modelo. A Igreja é o povo que tem a Deus como Pai, por causa de Jesus Cristo. Ele ensinou os homens a chamarem a Deus de "Pai". Não apenas ensinou como tornou isto possível. Sobre isto pode-se voltar à doutrina da paternidade de Deus e ler-se mais.

2. Corpo de Cristo – Leiamos os textos de 1Coríntios 12.12-31 e Efésios 4.1-16 e vejamos como eles mostram a Igreja como corpo. A figura necessita ser explicitada. Não é mística, mas funcional: mostra interdependência e complementaridade. Num corpo, os membros são dependentes uns dos outros e se complementam. A Igreja é um grupo de pessoas que deve viver em solidariedade e não isoladas, umas das outras. Veja-se, principalmente, 1Coríntios 12.27.

3. Templo e sacerdócio - O pastor não é um sacerdote, no sentido de ter uma autoridade espiritual diferente da dos demais. Todos os crentes o são. Todos têm a função do sacerdote: podem acessar a Deus diretamente, interceder por si e pelos outros. Quanto à



palavra templo, o Novo Testamento nunca a usa para uma construção. Sucede o mesmo com o termo santuário. Alguns chamam o salão de cultos de “santuário”, o que é resquício do Antigo Testamento e do judaísmo. No Novo Testamento, o termo “santuário” é aplicado sempre a gente. E nunca a um lugar. O lugar onde o santuário de Deus, as pessoas, se reúne, se chama salão de cultos. Veja-se 1Coríntios 3.16 e 6.20. Nós é que somos a casa de Deus (Hb 3.6). No Novo Testamento, Deus não habita em construções (At 17.24), mas em pessoas. Esta é a glória dos fiéis do Novo Testamento: Deus não habita em prédios, mas neles. Devemos guardar isto bem. No cristianismo, o sagrado não é um lugar nem uma construção. Isto é idolatria. No cristianismo, sagrado são as pessoas porque é nelas que o Espírito Santo mora.

4. Servo - O termo é riquíssimo e no Antigo Testamento designava alguém escolhido por Deus para uma missão, o *ebhed lahweh*, como diz o texto hebraico. Vejam-se, principalmente, os cânticos do Servo, na segunda parte de Isaías. Nestes textos, o conceito, que era de Israel (49.3), vai se pessoalizando e se aplica a uma pessoa, em 52.13 a 53.12. É, claramente, um indivíduo. Jesus se viu nos cânticos do Servo (veja Lucas 4.16-21). O primeiro servo, Israel, falhou. Pecou no deserto. Não confiou e pediu pão. Jesus foi ao deserto e não pediu pão, como Israel o fez. A Igreja é a comunidade do segundo Servo. Ela está no mundo para fazer a vontade de Deus.

5. Noiva - A figura do casamento entre Israel e lahweh é bem clara em Oséias. Nos escritos paulinos e no livro do Apocalipse, a idéia é aplicada à Igreja. Ela é a noiva, aquela que deve esperar o noivo, que lhe deve ser fiel, viver em expectativa de sua chegada e confiante na sua palavra.

Tudo isto nos permite ter uma visão teológica mais ampla do que seja a Igreja. E, a partir daqui, construir nossa concepção eclesiológica de forma mais bíblica e mais abalizada. O assunto está longe de ser esgotado. E a reflexão sobre Igreja necessita ser feita com muito mais intensidade. Na minha percepção, uma das grandes falhas da Reforma foi exatamente na área eclesiológica. O modelo de Igreja estatal, herdado do catolicismo, permaneceu na mente dos reformadores. Alguém disse que "Lutero saiu do catolicismo, mas o catolicismo nunca saiu de Lutero". Neste sentido de visão de Igreja, o catolicismo nunca saiu de Lutero, de Calvino e de Zuínglio. O conceito bíblico de igreja ainda precisa ser muito trabalhado. Não temos o conceito de Igreja Estatal, mas temos o conceito de Igreja Institucional. No fim temos a mesma coisa, se pensarmos que alguns sociólogos e



futurólogos prevêem um mundo dominado não por nações, mas por instituições, por conglomerados econômicos.

Pudemos, assim, compreender um pouco do que seja a Igreja de Jesus, sua essência, sua missão, e como deve ser seu procedimento diante de Deus, entre seus membros e diante do mundo. Não é um trabalho exaustivo, mas uma visão panorâmica do ensino do Novo Testamento. Partindo daqui, o estudante interessado em conhecer mais, poderá adquirir alguns livros e ampliar seus conhecimentos. A Igreja é um fenômeno riquíssimo, muito amplo, bastante profundo, e a reflexão sobre ela nunca será esgotada. Por isso, a seguir, após a Declaração Doutrinária da CBB, alistamos uma bibliografia básica que ajudará o estudante a aumentar seus conhecimentos sobre tão importante assunto.

## 8. DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CBB - IGREJA

Assim nos diz o item VIII - IGREJA, da declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira.:

"Igreja é uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé. É nesse sentido que a palavra 'igreja' é empregada no maior número de vezes nos livros do Novo Testamento (1). Tais congregações são constituídas por livre vontade dessas pessoas com a finalidade de prestarem culto a Deus observarem as ordenanças de Jesus, meditarem nos ensinamentos da Bíblia para a edificação mútua e para a propagação do evangelho (2). As igrejas neotestamentárias são autônomas, têm governo democrático, praticam a disciplina e se regem em todas as questões espirituais e doutrinárias exclusivamente pela Palavra de Deus, sob a orientação do Espírito Santo (3). Há, nas igrejas, segundo as Escrituras, duas espécies de oficiais: pastores e diáconos. As igrejas devem relacionar-se com as demais igrejas da mesma fé e ordem, e cooperar, voluntariamente, nas atividades do reino de Deus. O relacionamento com outras entidades que sejam de natureza eclesial ou outra, não deve envolver a violação de consciência ou o comprometimento da lealdade a Cristo e sua Palavra. Cada igreja é um templo do Espírito Santo (4). Há também no Novo Testamento um outro sentido da palavra 'igreja' em que ela aparece como a reunião universal dos remidos de todos os tempos, estabelecida



por Jesus Cristo e sobre ele edificada, constituindo-se no corpo espiritual do Senhor, do qual ele mesmo é a cabeça. Sua unidade é de natureza espiritual e se expressa pelo amor fraternal, pela harmonia e cooperação voluntária na realização dos propósitos comuns do reino de Deus (5)."

- (1) Mateus 18.17, Atos 5.11 e 20.17 e 28, 1 Coríntios 4.17, 1Timóteo 3.5, 3João 9, 1Coríntios 1.2 e 10.
- (2) Atos 2.41-42
- (3) Mateus 18.15-17
- (4) Atos 20.17 e 28, 6.3-6, 13.1-3, Tito 1.5-9, 1Timóteo 3.1-13, Filipenses 1.1, 1Coríntios 3.16-17, Atos 14.23 e 1Pedro 5.1-4
- (5) Mateus 16.18, Colossenses 1.8, Hebreus 12.22-24, Efésios 1.22-23, 3.8-11, 4.1-16 e 5.22-32, João 10.16 e Apocalipse 21.2-3.

#### BIBLIOGRAFIA

- COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *À Igreja Com Carinho*. 2ª ed. S. Paulo: Exodus Editora.
- COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Sua Igreja Pode Transformar o Mundo*. S. Paulo: Exodus Editora.
- HORREL, Scott. *Ultrapassando Barreiras*, 2 volumes. S. Paulo: Vida Nova
- MENDES, Naamã. *Igreja, Lugar de Vida*. Venda Nova: Editora Betânia.
- STEUERNAGEL, Valdir (org.). *A Missão da Igreja*. Belo Horizonte: Missão Editora
- STOTT, John. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo*. S. Paulo: ABU Editora, 1997.
- SHELLEY, Bruce. *A Igreja: O Povo de Deus*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1984



*Igreja  
Batista do Cambuí*



*TEOLOGIA SISTEMÁTICA II*  
*Pastor Isaltino Gomes Coelho Filho*

---

*Março/2001*

IGREJA BATISTA DO CAMBUÍ  
ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

TEOLOGIA SISTEMÁTICA II

Material preparado pelo

Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho

Para uso exclusivo na Escola Bíblica Dominical da Igreja Batista do Cambuí,  
Campinas, S. Paulo. É proibida a reprodução e utilização fora da Igreja, sem a  
autorização por escrito do autor.

## SUMÁRIO

UNIDADE I		
A DOCTRINA DO HOMEM .....	1	
Matéria 1: A CRIAÇÃO DO HOMEM E SUA DIGNIDADE INTRÍNSECA .....	1	
Matéria 2: A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM .....	12	
UNIDADE II		
A DOCTRINA DO PECADO .....	19	
Matéria 1: A ORIGEM DO PECADO .....	19	
UNIDADE III		
A DOCTRINA DA SALVAÇÃO .....	43	
Matéria 1: A DOCTRINA DA EXPIAÇÃO .....	43	
INSERTO .....	52	
Matéria 2: A APLICAÇÃO DA OBRA DE CRISTO – A CONVERSÃO .....	55	
UNIDADE IV		
A DOCTRINA DAS ÚLTIMAS COISAS .....	62	
Matéria 1: A MORTE .....	62	
Matéria 2: OS SISTEMAS ESCATOLÓGICOS .....	74	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA PARA TEOLOGIA SISTEMÁTICA .....		83
BIBLIOGRAFIA BÁSICA PARA ESCATOLOGIA .....		84



## Matéria 1: A CRIAÇÃO DO HOMEM E SUA DIGNIDADE INTRÍNSECA

*1 - O começo da humanidade* - A Bíblia começa narrando a criação do mundo e do homem. Isto nos é tão óbvio que não nos damos conta do que está sendo dito. Achamos tão normal que assim seja que deixamos de ver o que isto significa. A Bíblia reivindica um criador da matéria e da natureza, e também do homem. O mundo e o homem não são produto do acaso, mas de uma mente inteligente. Os primeiros pensadores hebreus, iluminados pelo Espírito Santo, não aceitaram a eternidade da matéria nem a acidentalidade da vida. Há uma Mente Inteligente, ordenadora da vida, por trás de tudo. Compreendemos mais isto se prestarmos atenção na estrutura de Gênesis, o primeiro livro da Bíblia, e que é também, o prólogo das Escrituras. Há nele três grandes divisões:

- 1 a 11 - a história da criação
- 12 a 36 - a história dos patriarcas
- 37 a 50 - a família eleita.

Podemos observar que o livro apresenta as origens remotas de Israel e termina com o povo no Egito, preparando assim o cenário para o êxodo, que marca a aliança entre Iahweh e Israel, evento que passa a ser o eixo ao redor do qual o Antigo Testamento gira. É assim que se abrirá a porta para a obra de Jesus, que veio estabelecer a "nova aliança". Mas antes de explicar o surgimento de Israel, o livro de Gênesis explica o surgimento do universo. O céu, a terra, o homem e tudo que há no mundo devem sua existência a Deus. Tudo remonta a ele. O mundo não é produto do acaso nem o homem um animal irracional que evoluiu, mesmo sem querer. Citando Van Den Born:

O AT lança mão de muitos termos que designam a atividade produtiva do homem: Deus funda (*yâsad*), consolida (*kônên*), constrói (*banah*), modela (*yasar*), gera (*hólid*), produz (*asâh*) o mundo. A origem destes termos relaciona-se com a idéia que tinham os autores bíblicos da estrutura do cosmo (fundar, construir, consolidar, gerar, esticar o céu como uma tenda, etc.)<sup>1</sup>.

Nesta citação de Van Den Born, se vê que os escritores bíblicos usaram verbos que mostram a obra de construção empregada pelo homem para os atos divinos. Isto significa no pensamento hebreu, Deus é o responsável pelo surgimento de tudo. Ele é o construtor, o fundador, o modelador, o produtor do mundo.

O termo mais comum que os escritores bíblicos usam para mostrar a criação como ato divino é o verbo hebraico *barah*, que não significa "criar do nada", como alguns dizem, mas só se usa para ação divina. Não faz sentido, também, a distinção que alguns queriam fazer entre "criação" e "creação", sendo a primeira para atos humanos e a segunda para atos divinos. Tal discussão chega a ser sem propósito, embora apareça em alguns escritos antigos. Mas voltemos ao verbo *barah*. No árabe antigo, ele significava "construir". Parece ser este o sentido no relato hebreu: Deus é o construtor. Eis uma boa citação de Cimoso: "Ainda uma observação sobre o verbo *bara'*, que significa criar. Na Bíblia ele se refere sempre a Deus, e não à matéria da qual

<sup>1</sup> VAN DEN BORN A . *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1971, p. 314



se cria<sup>2</sup>. O verbo aparece sete vezes em Gênesis 1.1 a 2.4, três vezes em Gênesis 5.1-2, em outros livros, mas na maior parte das vezes na segunda parte de Isaías, que confronta Iahweh com os falsos deuses da Babilônia (vinte vezes, ao todo). Assim fazendo, o Antigo Testamento quer deixar bem clara a ação divina na criação. O mundo não é produto do acaso. Nem obra de outros deuses (até mesmo porque eles não existem), mas de Iahweh somente. A segunda parte do livro de Isaías retomará esta idéia com um vigor poético extraordinário. O autor desta parte de Isaías está na Babilônia, vê a grande legião de pseudas -divindades, conhece os relatos caldeus da criação, atribuindo às divindades babilônicas a origem de tudo, e quer afirmar Iahweh como o Criador. Alguns poemas desta parte, chamada de Dêutero-Isaías<sup>3</sup> são o melhor comentário de Gênesis, no tocante à criação. Alguns intérpretes têm uma teoria chamada Hipótese Documentária, que vê o livro de Gênesis como produto de quatro documentos, J, E, D e P<sup>4</sup>. Eles entendem que a redação final de Gênesis foi concluída também na Babilônia. Por isso, o primeiro livro da Bíblia teria a preocupação em mostrar Deus à parte de sua criação. Assim se entende a citação seguinte em obra de Storniolo e Balancin:

A afirmação central de que Deus criou todos os seres tem grandes conseqüências. Em primeiro lugar, a concepção de Deus é ampliada e ele passa a ser visto como o Senhor supremo do universo, acima dos deuses das outras nações ou daquilo que elas consideram como deuses. Por outro lado, a declaração de Deus como criador universal *des-diviniza* a natureza com seus seres e forças, principalmente os astros, que para os babilônios, eram divindades. Dessa forma, toda a natureza é apresentada como criatura de Deus, libertando o homem de uma submissão religiosa diante das coisas<sup>5</sup>.

No entanto, a doutrina da criação, como foi exposta até aqui, não se esgota no ensino do Antigo Testamento. O Novo Testamento também a endossa. Vejamos o que nos declara Erickson, sobre esta doutrina no Novo Testamento:

No *Novo Testamento*, encontramos várias expressões mais explícitas da idéia da criação a partir do nada. Lemos que Deus traz as coisas à existência por meio da sua palavra. Paulo afirma que Deus "chama à existência as cousas que não existem" (Rm 4.17). Deus disse: "Das trevas resplandecerá a luz" (2Co 4.6). Isso com certeza dá a entender que o fato ocorreu sem o uso de nenhuma causa material precedente. Deus criou o mundo por meio de sua palavra "de maneira que o visível veio a existir das cousas que não aparecem" (Hb 11.3)<sup>6</sup>.

<sup>2</sup> CIMOSA, Mario. *Gênesis 1-11, a Humanidade na Sua Origem*. S. Paulo: Paulinas, 1987, p. 31. Ele translitera o verbo como *bara'*. Mas registre-se isto: *barah* só se usa para atos divinos.

<sup>3</sup> Para esclarecimentos sobre esta expressão, veja *Isaías, o Evangelho no Antigo Testamento* (Rio de Janeiro: Juerp, 2000), do autor desta apostila.

<sup>4</sup> Para esclarecimentos sobre esta teoria, veja *O Pentateuco e Sua Contemporaneidade* (Rio de Janeiro: Juerp, 1999), do autor desta apostila.

<sup>5</sup> STORNILO, Ivo e BALANCIN, Euclides. *Como Ler o Livro de Gênesis*. 2ª edição. S. Paulo: Paulinas, 1997, p. 13. A citação de Storniolo e Balancin, neste contexto, não significa que na apostila esteja se endossando a Hipótese Documentária.

<sup>6</sup> ERICKSON, Milard. *Introdução à Teologia Sistemática*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1997, p. 160. O trecho em itálico é dele.



A Septuaginta, que é como se chama o Antigo Testamento traduzido para a língua grega e conhecida pela sigla LXX, teve algumas dificuldades para lidar com o termo *barah*. Seus tradutores não conseguiram encontrar uma expressão adequada na língua grega e empregaram dois termos para "criar": *demiourgein*, "trabalhar com matéria", "manufaturar"; e *ktzein*, que expressa o ato decisivo e básico de trazer à existência, fundar ou instituir alguma coisa, conforme informa o *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*<sup>7</sup>. Por isso, Filo, um teólogo antigo, comentou que "Deus não apenas manuseou a matéria existente como artífice (*demiourgos*); pelo contrário, Ele mesmo foi Criador (*ktistês*) da matéria"<sup>8</sup>. Deus usou a matéria existente, mas ele foi, ao mesmo tempo, o criador da matéria.

2 - *A moralidade do mundo* – Estas considerações nos mostram que fica bem claro no pensamento dos hebreus a perecibilidade da matéria. Ou seja, ela é perecível, não é eterna. Houve um momento em que tudo foi chamado à luz, passando a existir. Não havia nada e passou a haver algo. A idéia é óbvia: a matéria não é eterna. Sem querer dar a impressão de estar rodando em círculos, é necessário reafirmarmos que fica bem clara, no relato bíblico, a ação ordenada de uma mente inteligente. O universo não é obra do acaso. Isto abre espaço para a base da teologia bíblica sobre o homem e a possibilidade de se relacionar ele com Deus: se o mundo tem uma Mente Inteligente como ordenadora da criação, deve haver um propósito moral na vida. Um ser inteligente é, presume-se, um ser moral. Poderia um mundo produto de uma mente inteligente e moral não ter sentido moral? Aliás, este é o grande problema do materialista: achar um sentido para a vida. Se tudo é matéria e tudo é acidental, se não uma há Mente Inteligente por trás de tudo, mas apenas o acaso, qual o sentido da vida? Para quem crê na criação por Deus, este é um problema resolvido. Esta é uma questão que merece mais reflexão, mas que cuja discussão não comporta aqui. Uma boa leitura sobre isto é o trabalho intitulado "Uma cosmovisão trinitariana", de Scott Horrel, em *Vox Scripturae*, vol. IV, nº 1 (ele foi meu professor no mestrado em Teologia e é um dos homens mais espirituais e lúcidos que conheci)<sup>9</sup>. Mas a moralidade do mundo é um postulado centrado no fato de que há um Deus por trás de tudo. Por isto a criação desencadeia, faz surgir, a revelação. Um ser inteligente como Criador seria impessoal? Temos apenas uma força cósmica, como em "Guerras nas Estrelas" e He-Man, ou um Ser? O Criador pode ser conhecido ou não? Neste sentido, a obra de Francis Schaeffer, *El está presente y no está llamado*<sup>10</sup>, é muito esclarecedora. Schaeffer faz uma excelente pergunta: um ente que se comunica, no caso, o homem, terá sido criado por um Ser que não se comunica? Se assim fosse, teríamos um problema ontológico e metafísico: a criatura seria maior que o Criador por ter um atributo que este não tem. Ao mostrar um Criador pessoal, a Bíblia não somente mostra o mundo como obra de uma Vontade Superior como mostra, também, ao retratar o homem, a grandeza deste Criador. Ao mesmo tempo, o retrato do homem como apresentado na Bíblia é bastante elevado: ele vem das mãos de um Ser

<sup>7</sup> BROWN, Collin (ed. geral). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1981, vol. I, p. 536.

<sup>8</sup> Ib. ibidem, p. 544.

<sup>9</sup> HORREL, Scott (coord.). *Vox Scripturae*, vol. IV, no. 1.

<sup>10</sup> SCHAEFFER, Francis. *El está Presente y no está Llamado*. Barcelona: Jorge Casas, 1974.



Superior, tendo, portanto, uma dignidade intrínseca que ninguém ou nada mais da criação tem. O ser humano tem valor, segundo a Bíblia.

3 - *A palavra que cria* - Desde o início, a Bíblia mostra a palavra de Deus como sendo a fonte de vida. O texto de Gênesis 1.3 ("Disse Deus: haja luz. E houve luz") põe o desenrolar da criação numa palavra falada por Deus. Nada havia antes dele falar. Ele falou, passou a haver. É a palavra divina que cria. É verdade que o Espírito pairava sobre as águas (Gn 1.2) precedendo a criação. Alguns querem ver a existência da trindade neste versículo, com uma alusão ao Espírito Santo. É um perigo antecipar doutrinas e cristianizar o Antigo Testamento. Se a doutrina da trindade ainda hoje nos é um elemento difícil de compreender, imagine o "nó na cabeça" dos hebreus contemporâneos de Moisés. E devemos ter muito cuidado para não fazer a Bíblia falar o que queremos que ela fale. Ela não precisa ser ajudada e não deve ser torcida. A Bíblia de Jerusalém traduziu este texto como "um vento de Deus pairava sobre as águas", o que me parece mais correto. Cimosa diz sobre este texto: "Certamente não é o Espírito Santo. É o sopro de Deus, seu hálito portador de vida. Deus que vivifica, que cria com sua palavra. É interessante esta relação entre *ruah* e *dabar* que encontramos muitas vezes também nos Salmos<sup>11</sup>. Esclarecendo este ponto: *ruah* é o termo hebraico para "vento, espírito e Espírito". Já *dabar* é a palavra hebraica para "palavra". Aos que desejarem mais material nesta área, recomendo a leitura do tópico "O sentido da designação de Jesus como Logos", no capítulo "O Verbo Revelador", no livro *A Mensagem Central do Novo Testamento*, do teólogo alemão Joachim Jeremias<sup>12</sup>. Outra citação nos ajudará aqui, uma nota de rodapé de Chouraqui, em sua tradução de Gênesis, ao comentar o texto de 1.2:

**O sopro de Elohims**, *rouah*: designa ao mesmo tempo o sopro da respiração, do vento, da vida, do espírito, a potência de Iahweh/Adonai: é o *atman* do sânscrito, o *dem* dos persas, o *pneuma* dos gregos. O *sopro de Elohims* é, com sua palavra, a fonte de toda criação, de toda vida (...) Planando originalmente sobre as águas primordiais, o *sopro de Elohims* será, no fim dos tempos, o quinhão de todos os homens (Jl 3.1; Is 44.3)<sup>13</sup>.

É a palavra de Deus que cria, como se lê no Salmo 33:6: "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo sopro da sua boca". Desde o início vai ficar claro que é a palavra falada por Deus que comanda todo o processo, da criação, da revelação e da consumação. Neste sentido, devemos nos lembrar que Jesus é também a "Palavra" (Jo 1.3, 14 e 1Jo 1.1). É ele quem faz a segunda criação (2Co 5.17). A segunda criação é obra da Palavra, do Logos encarnado.

4 - *Uma recusa ao panteísmo* - Panteísmo é a doutrina religiosa que ensina que "tudo é divino, que tudo é Deus e que Deus está em tudo". Esta idéia, que é pagã, ressuscitou com o movimento nova era, e é justo que usemos um pouco de espaço para tratarmos dela. Diferentemente do ambiente cultural em

<sup>11</sup> CIMOSA, op. cit., p. 31.

<sup>12</sup> JEREMIAS, Joachim. *A Mensagem Central do Novo Testamento*. 3ª ed. S. Paulo: Edições Paulinas, 1986, p. 111.

<sup>13</sup> CHOURAQUI, André. *No Princípio (Gênesis)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997, p. 36. A transcrição é fiel ao texto de Chouraqui.



que os hebreus residiam, em que se cria que criador e criação era um coisa só, na Bíblia se vê que há uma diferença entre o Criador e a criação. Ele não se confunde com ela. Está acima dela. Ele não faz parte dela. Ela não é uma emanção, uma onda energética, dele. A matéria também não é divina. Criador e criatura, Criador e criação são distintos. Citemos, mais uma vez, Erickson: "Além disso, Deus não se envolve, não envolve seu ser, no processo (da criação). A criação não é algo tirado dele. Não é uma parte dele nem uma emanção de sua realidade"<sup>14</sup>.

O ponto alto da criação reside na confecção do homem. Ele é o clímax de todo o processo. Tudo é feito em função dele. Disse alguém que Deus primeiro criou o cenário e depois pôs em cena o ator principal. Tudo foi criado para ser por ele administrado. A moderna ecologia resvala para a ecolatria ao não entender que a natureza não é divina e que deve ser administrada (não predada, mas administrada) pelo homem. O mundo é hostil ao homem, por causa da queda (Gn 3.17-18). A natureza não produz trigo, mas tiririca. Enchentes e secas, terremotos e furacões mostram que o homem vive num ambiente hostil que ele precisa administrar. Isto não significa predar destrutivamente, mas cuidar e domar. O homem está acima do ambiente, embora, o relato bíblico deixe isso bem claro, não possa viver sem o ambiente. Só foi posto no mundo depois que o ambiente foi criado. Mas ele é distinto também da natureza, como comentaremos mais à frente.

*5 - O lugar do homem* - Diferentemente dos relatos das religiões orientais, o homem é distinto da criação. Em forte contraste, ele é mostrado mais como semelhante a Deus do que semelhante a ela (Gn 1.26-27). O panteísmo oriental não só é refutado no relato bíblico, como nele o homem é elevado sobre a criação. O relato bíblico dá valor ao homem. Enquanto que no panteísmo, o homem e um feixe de capim e um monte de excremento de vaca têm o mesmo valor, na Bíblia, ele é o ápice de um processo criativo. Sua singularidade reside no fato de ser ele, da criação, o único que foi criado à imagem e semelhança de Deus, e é, também, o único que pode relacionar-se com Deus. Conforme Eclesiastes 3.11, ele é o único a ter a noção de eternidade: "Tudo fez formoso em seu tempo; também pôs na mente do homem a idéia da eternidade, se bem que este não possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até o fim". Deus pôs no coração humano a noção de eternidade. Ele é o único que sabe que vai morrer e é o único a acalantar a esperança de viver fora do corpo. Só o homem tem noção de tempo como algo que corre e que vai se acabar.

Uma questão que devemos estabelecer logo de início é esta: "que é o homem?". Quando usamos este termo, nos referimos ao gênero humano, ao homem e à mulher. Mas o que significa o termo? Várias respostas têm sido oferecidas. Um personagem de Luís Fernando Veríssimo, na obra *O Clube dos Anjos*, diz o seguinte: "O homem é o único animal que sempre quer mais do que precisa. O homem é o homem porque quer mais"<sup>15</sup>. Nesta declaração se ressalta o desejo do homem de sempre desejar ser mais do que é. Isto já está presente na raça humana desde o Éden. A proposta da serpente atraiu o casal: "sereis como Deus". O desejo de ser mais do que se é uma marca do ser

<sup>14</sup> ERICKSON, op. cit. p. 160. A expressão entre parêntesis é minha, para facilitar o entendimento de sua declaração.

<sup>15</sup> VERÍSSIMO, Luís Fernando. *O Clube dos Anjos*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1998, p. 99.



humano. Os animais aspiram à sobrevivência. O homem, a superar-se. Ele quer ser sempre mais.

Mas não é só a questão da distinção entre o relato hebreu e os conceitos orientais que estão em foco. Também está em foco a chave para compreender o homem, para uma correta antropologia (a ciência que trata do homem). A Bíblia nos ajuda a termos uma visão correta sobre o homem.

O homem é "imagem e semelhança" de Deus. Os termos hebraicos são *tselem* e *demut*. Não aludem à imagem física, pois Deus não tem corpo. É Espírito (Jo 4.24). Como comento em outro lugar:

Os termos parecem sinônimos ou uma repetição para reforço (não aparece no texto hebraico o *vav*, partícula que corresponde à nossa conjunção *e*, com a função de conetivo) e indicam a diferenciação entre o homem e o restante da criação. Quatro aspectos podem ser mostrados aqui. *Primeiro*: somente o homem recebeu o sopro de Deus (2.7) e tem um espírito imortal. *Segundo*: somente o homem é um ser moral, diferente do resto da criação. Não precisa obedecer a seus instintos. *Terceiro*: o homem é um ser racional, com capacidade de pensamento abstrato e de produzir idéias. *Quarto*: o homem, à semelhança de Deus, passa a ter domínio sobre a natureza e seres vivos. Ele é o representante de Deus no mundo, investido de autoridade e domínio. Ele é divinamente comissionado para *sujeitar* a terra. O hebraico é *kibeshedah*, literalmente, "pisar sobre". Ele é o administrador de Deus na terra. Isto nos ajuda a entender os dois termos<sup>16</sup>.

A questão de imagem e semelhança tem suscitado muitas discussões entre os teólogos. Esgotá-la aqui seria uma grande pretensão e nos ocuparemos mais do assunto no item próximo. Mas lembro que não se pode esquecer a questão ética. Merval Rosa nos recorda que em Gênesis 2.19 os animais também são chamados de "alma vivente", mas o homem tem uma distinção: sua natureza moral. A proibição de comer da árvore do bem e do mal (Gn 2.15-17) ilustra bem isso. Por isso vem a declaração de Rosa: "Conforme o texto, portanto, o homem é capaz de conhecer o bem e o mal. Sua natureza é, por isso mesmo, fundamentalmente ética"<sup>17</sup>.

Citaria mais uma opinião sobre o assunto, de maneira que nossa visão fosse aprofundada neste aspecto. É de John Stott:

Os estudiosos que conhecem bem o antigo Egito e a Assíria antiga, no entanto, salientam que nessas culturas o rei ou imperador era tido como a "imagem" de Deus, a quem representava aqui na terra, e que os reis mandavam erigir imagens suas em províncias para simbolizar a extensão da sua autoridade. Foi dentro desse contexto que Deus, o Criador, confiou uma espécie de responsabilidade real (ou pelo menos vice-real) a todos os seres humanos, designando-os para "dominarem" sobre a terra e suas criaturas e "coroando-os", para isso, de "glória e honra"<sup>18</sup>.

Nesta explicação de Stott se vê que o ilustre teólogo anglicano entende "imagem" como sendo a concessão de domínio de Deus ao homem, sobre toda a natureza. E continua ele em sua argumentação:

<sup>16</sup> COELHO FILHO, Isaltino. *Gênesis I - capítulos 1 a 11*, 3ª edição, Rio de Janeiro: JUERP, 1995, p. 10.

<sup>17</sup> ROSA, Merval. *Antropologia Filosófica: Perspectiva Cristã*. Rio de Janeiro: JUERP, 1996, p. 183

<sup>18</sup> STOTT, John. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo*. S. Paulo: ABU Editora, 1997, 38.



No decorrer da narrativa de Gênesis 1 fica claro que é a imagem ou semelhança divina que distingue os humanos (o clímax da criação) dos animais (cuja criação é registrada antes). Eles compartilham, por exemplo, o "fôlego da vida" e a responsabilidade de reproduzir-se. Mas havia entre eles uma radical descontinuidade, ao se dizer que os seres humanos são "como Deus"<sup>19</sup>.

Uma outra boa maneira de se entender o problema de imagem e semelhança é lembrando que a analogia na língua hebraica pode ser melhor compreendida na língua grega. No grego, a melhor tradução para *tselem* e *demut* seria "escultura". Olhando-se a escultura poder-se-ia ter uma noção do modelo. A escultura buscaria ser uma representação do modelo, lembrando, mais uma vez, que não se raciocina em termos físicos, aqui. Mas isto quer dizer que, olhando o homem podemos saber quem é Deus? O homem como o vemos é uma réplica moral de Deus? Responderia que não, embora saiba que muitos responderiam que sim, considerando a questão dos atributos morais de Deus que podem ser vistos no homem. Do ponto de vista ontológico me parece que não. O homem caiu e a *imago Dei*, expressão que usa em Teologia para "imagem de Deus", no homem, ficou arranhada. Não é possível se ter uma compreensão de Deus olhando o homem. Mas é possível descobrir quem é Deus, olhando-se um homem em particular. Concordo totalmente com Uretta, em seu tópico "Cristo, imagem de Deus", ao discutir a questão da imagem e semelhança:

Embora não faça parte efetiva de nosso tema, com o fim de completar as referências bíblicas à "imagem de Deus", destacamos os textos que fazem referência a Cristo como imagem de Deus: 2Coríntios 4.4, Colossenses 1.15 e Hebreus 1.3. Desde já se esclareça que quando se afirma que o homem é imagem de Deus não se está dizendo o mesmo que quando se afirma que Cristo é imagem de Deus. "O que Adão tinha de cumprir no meio de todas as criaturas, e para elas, mas não cumpriu, Jesus Cristo o fez: Ele foi a imagem de Deus, um reflexo vivo e fiel do que Deus é para as criaturas"<sup>20</sup>.

A citação de Uretta se reveste de maior significado quando recordamos o conceito de primeiro Adão e último Adão, desenvolvido por Paulo em Romanos 5.12-21 e em sua declaração em 2Coríntios 5.17: "Pelo que, se alguém está em Cristo, nova criação (melhor tradução) é...". Em Jesus Cristo um novo mundo é criado (Ap 21.5) e ele é o Adão da nova criação, como se pode ler em 1Coríntios 15.45-49. Carregaremos sua imagem, como agora carregamos a imagem de Adão, que gerou filhos à sua imagem (Gn 5.3). Teremos a imagem do segundo Adão. "Mas sabemos que quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele" (1Jo 3.2). Isto já era sonhado na literatura pseudepígrafa (um tipo de literatura que floresceu muito entre o período de tempo entre o Antigo e o Novo Testamentos), pois no *Testamento de Levi* 18.10-12 se declara que o messias revivenciará a vida de Adão ao contrário. Ele abrirá a porta do paraíso e retirará a espada que impedia a entrada dos homens. Daria de comer da árvore da vida aos homens, amarraria Satanás e daria poder aos homens

<sup>19</sup> Ib. ibidem, p. 38, *in finis*.

<sup>20</sup> URETTA, Floreal. *Elementos da Teologia Cristã*. Rio de Janeiro: JUERP, 1995, p. 77. O trecho que ele cita é de F. J. Pop, num tópico intitulado "Imagem de Deus: El Nuevo Testamento", *in Palabras Biblicas y Sus Significados*, obra da qual não dá referências.



para pisarem os espíritos maus. Não é possível deixar de comentar isto: as expectativas da literatura pseudepígrafa se cumpriram na pessoa de Jesus de Nazaré. Embora este tipo de literatura não se possa chamar de inspirada, ela mostra o anseio dos homens religiosos de Israel, no período intertestamentário (nome que se dá ao período de tempo entre os dois Testamentos). Ela reflete uma expectativa espiritual das pessoas mais preocupadas com o reino de Deus.

Em Jesus Cristo nós encontramos a mais perfeita e mais expressa imagem de Deus. Quando formos glorificados com ele, superado o pecado, teremos novamente a *imago Dei* sem arranhão e sem mácula. Lemos em Colossenses 1.15, que Jesus é "a imagem do Deus invisível". Lembremos que "imagem" é o grego *eikon*, de onde nos vem "ícone". No início, seu sentido era "espelho". O espelho reflete a imagem de alguém. Jesus é o reflexo de Deus no espelho. Se não podemos ver a Deus, podemos saber como ele é, vendo-o na pessoa de Jesus. Neste contexto, lembremos de João 14.9-11: "Respondeu-lhe Jesus: Há tanto tempo que estou convosco, e ainda não me conheces, Felipe? Quem me viu a mim, viu o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é quem faz as suas obras. Crede-me que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras".

6 - *Considerações clássicas sobre imagem e semelhança* - Há, no entanto, considerações clássicas, na teologia bíblica, sobre o conceito de "imagem e semelhança". Para verificá-las, cito aqui oito explicações dadas por Mullins<sup>21</sup>, sobre o significado da expressão. Ei-las:

- (1) O homem se assemelha a Deus no fato de possuir uma natureza racional. A inteligência e a razão do homem são expressões da inteligência e razão de Deus.
- (2) O homem se assemelha a Deus no fato de possuir uma natureza moral. Sabe o que é certo e errado. Ele é o único, de toda a criação, que se pergunta: "devo?". A lei moral, os ideais e a ética estão baseados na natureza moral de Deus.
- (3) O homem se assemelha a Deus no fato de possuir uma natureza emocional. É capaz de sentimentos, inclusive de sentimentos santos. Isso deriva da mesma qualidade encontrada em Deus.
- (4) O homem se assemelha a Deus no fato de possuir vontade. Ele quer, toma decisões, racionaliza seus instintos. Pode subordinar seus instintos a princípios, o que não acontece com um animal. Daí nasce a vontade domada ou direcionada.
- (5) O homem se assemelha a Deus na sua capacidade de ser livre. Liberdade significa determinação própria. O homem não é um ente cujas ações estão pré-determinadas em código genético, como o dos animais. Ele não está debaixo de compulsão e pode decidir sua vida.
- (6) O homem se assemelha a Deus na sua liberdade original do pecado e sua inclinação à santidade. O primeiro Adão foi feito sem pecado. O segundo Adão é a expressão exata de Deus. Volte-se à citação de Uretta, anteriormente feita, para se compreender mais este ponto.

<sup>21</sup> MULLINS, Edgar. *La Religión Cristiana en Su Expresión Doctrinal*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, s/d, p. 263.



- (7) O homem se assemelha a Deus na capacidade de exercer domínio sobre ordens inferiores. O progresso humano nada mais é que esta capacidade exercida e ampliada, de domínio sobre as ordens inferiores, inclusive domínio sobre a natureza.
- (8) O homem se assemelha a Deus na imortalidade. Ele não é eterno, porque teve início, mas é imortal, no sentido de que sua alma vive para sempre.
- (9) O jesuíta Miles declara que o homem se assemelha a Deus na capacidade de se reproduzir. Assim como Deus criou, o homem cria a sua descendência. Registro esta opinião de Miles, mas lembro que qualquer animal se reproduz.

Acrescentamos aqui mais uma opinião sobre a questão de imagem. Numa apostila de Samuel Hammett encontramos esta observação bem pertinente:

Creio que a imagem de Deus é a capacidade de o ser humano se relacionar com Deus. Como Barth e Brunner, creio que não podemos entender ou definir o ser humano sem referência a Deus. O fato de que Deus nos criou para um relacionamento com Ele é o fato mais importante sobre o ser humano. Sempre existimos perante Deus<sup>22</sup>.

Entendo o valor que se dá na teologia à capacidade do homem de se relacionar com Deus, mas isto traz uma dificuldade: como isso pode ser semelhança com Deus? Com quem Deus se relacionava antes de criar o mundo? Se o homem é semelhante a Deus em sua capacidade de se relacionar com Deus, com que Deus se relacionava Deus? Esta pergunta me foi feita por um aluno, num Seminário. A resposta é simples: Deus se relacionava consigo mesmo. A trindade é a resposta a este problema. Deus não era solitário. Não criou o homem porque necessitava dele. A trindade tinha comunicação entre si. "Agora, pois, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse" (Jo 17.5). A unidade de Deus traz este problema teológico, visível numa frase do rabino Kushner: "Deus é Uno, e porque é Uno, é totalmente solitário, a não ser que existam pessoas que O amem"<sup>23</sup>. O conceito judaico de Deus, ao enfatizar sua Unidade junto com sua Unicidade, traz este problema. O Deus dos cristãos é Único, mas é também Triúno e por isso não é solitário. O homem não lhe é necessário para evitar sua solidão. Deus é bastante para si. Mas isto são outros quinhentos...

*7 - Implicações teológicas, filosóficas e sociológicas da criação do homem -* Alguns aspectos teológicos já foram mostrados, mas creio ser necessário observar alguns pontos a mais para esgotarmos nosso assunto. Vejamos alguns deles, portanto, notando que eles trazem consigo aspectos filosóficos e sociológicos, também.

- (1) *O homem não é independente* - Ele é criatura, posto na terra com um propósito. Não surge aleatoriamente e não é o centro do universo.

<sup>22</sup> HAMMETT, Samuel. *Apostila Para os Alunos da Teologia Sistemática*. North Carolina, copyright de John Samuel Hammet, 1985, p. 87.

<sup>23</sup> KUSHNER, Harold. *Quando Tudo Não é o Bastante*. S. Paulo: Nobel, 1987, p. 32.



Numa época antropocêntrica, isto se torna necessário de afirmar. O homem não tem valor infinito, pois houve um tempo em que ele não existia. Somente Deus, o Criador, é de valor infinito. O homem depende dele e do seu espaço físico para viver.

- (2) *A solidariedade da raça* - Alguém precisou preencher um formulário, em determinado país, e vinha lá: "raça". A pessoa escreveu: "humana". Só existe uma raça na face da terra. Atos 17.26 defende a monogenia ao dizer que "de um só fez todas as raças dos homens". Diferenças epidérmicas não têm significado. O valor de uma pessoa não reside em sua cor ou em seu lugar de nascimento. O valor humano é intrínseco e não extrínseco. Temos um conceito extremamente individualista do homem, produto do Renascimento, não da Bíblia. Cito aqui uma observação de Shedd sobre a solidariedade da raça: "Em oposição ao individualismo fragmentário do Ocidente desde a Renascença, o pensamento do Israel antigo pode ser caracterizado como sintético"<sup>24</sup>.
- (3) *O homem tem um valor especial* - A Bioética Cristã, novo ramo da Ética, deve trabalhar a partir daqui: a singularidade e a excelência do homem. Ele vale mais que animais e outros seres, mais que árvores e bichos. É a coroa da criação. Em termos de nossa cultura contemporânea, seria bom lembrar que ele não pode vir a reboque de sistemas, de ideologias e de conceitos, mesmo que religiosos. Nem escravizados por eles. Lembremos das palavras de Jesus ao homem da mão atrofiada: "Vem para o meio" (Mc 3.3). Sem apelar para a antropolatria do existencialismo, o evangelho põe o homem no centro. Todo regime e toda ideologia que oprimem o homem estão errados. Precisamos ter até mesmo cautela com ensinamentos religiosos que oprimem e esmagam o ser humano.
- (4) *A igualdade entre homem e mulher* - Evidentemente não se trata de igualdade anatômica, fisiológica ou mesmo emocional. Felizmente! Trata-se de igualdade de direitos, de responsabilidades e de possibilidades. São parceiros, administradores. Ela é ajudadora, em nível com ele e não em nível sob ele. A opressão feminina não tem base bíblica e deveria ser combatida pelos amantes da teologia sábia. Infelizmente, muitas vezes a Bíblia foi usada como instrumento de dominação de uma raça sobre outra e também de um sexo sobre o outro. Homem e mulher não apenas são interdependentes, mas tem valor igual.
- (5) *A necessidade de uma ecologia sábia* - O homem veio da matéria da natureza. Nasceu dela e depende dela para viver. O fim dela será o seu fim. Deve-se ter cuidado com a ecolatria, que é um eco do neopaganismo que o movimento nova era infiltra em nossa sociedade. O homem, a natureza e o Criador não são a mesma coisa. Mas deve-se lembrar que o homem é guardião e não destruidor da natureza. O guardião zela e não destrói. Uma teologia bíblica produzirá uma visão ecológica equilibrada.

<sup>24</sup> SHEDD, Russel. *A Solidariedade da Raça*. S. Paulo: Vida Nova, 1995, p. 16.



- (6) *A necessidade de um projeto de evangelização* - A evangelização bíblica é mais que pedir às pessoas para aceitarem a Jesus. É chamar as pessoas a se enquadrarem no projeto original de Deus, é apregoar a segunda criação que ele está fazendo em Jesus, é lutar para restaurar o plano original de Deus para o homem. Ao proclamar o evangelho, a Igreja chama o mundo a se reajustar ao projeto original de Deus: toda a humanidade vivendo com ele. Porque fomos criados por Deus e para vivermos com Deus.
- (7) *A luta pela justiça social* - De acordo com o monogenismo, somos todos irmãos porque todos viemos de um mesmo originador. Toda a raça humana remonta a um pai comum, Adão. Neste sentido, todos os homens são irmãos porque todos têm um mesmo pai, na origem remota. Enquanto houver um só homem explorado ou injustiçado, por qualquer motivo, aí estará um parente nosso sofrendo. Lutar por justiça social não é ser um agitador político, mas simplesmente reconhecer que somos todos irmãos. Cada homem é uma parte do outro. As distinções raciais não são apenas pecado. São estupidez. São uma arrogante manifestação de ignorância. Ninguém deve ser oprimido ou depreciado por causa de sua raça. Nem deve se exaltar sobre outro por causa de sua raça.



## Matéria 2: A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM

1 - *A questão da origem da alma* - Sabemos que o homem é distinto dos animais, no tocante ao seu destino final. Ele tem uma parte que volta para Deus. "É o espírito volte a Deus que o deu" (Ec 12.7). Esta parte que regressa a Deus é chamada de alma ou de espírito, dependendo da posição da pessoa, se ela é dicotomista ou tricotomista. Mas o fato é que há uma centelha divina no homem, que é o elemento que regressa a Deus. Ele, o homem, recebeu o "fôlego da vida" (Gn 2.7). O termo hebraico é *neshama*, que pode ser visto como "soprou calorosamente pessoal, com a intimidade do contato face a face de um beijo, e com o significado de que este era um ato de dar, bem como de formar, e de dar-se a si mesmo inclusive"<sup>25</sup>. Significa um contato especial. Isto só sucedeu com o homem. Aqui reside, como já foi dito, sua singularidade. Ele sobrevive ao seu corpo, como declara Eclesiastes e como vemos na história do rico e de Lázaro, na palavra de Samuel a Saul, do mundo dos mortos, nas contínuas declarações bíblicas de vida no além. O homem é mais que matéria física. Não apenas a Bíblia declara isto de forma enfática, mas as grandes religiões se fiam nesta verdade. Fora das religiões, isto está presente nos anseios humanos, mesmo seculares. A cultura humana está solidamente arraigada na crença de uma existência após a morte. Vemos isso nas artes, por exemplo. O artista pode não ser uma pessoa de convicção religiosa, mas pinta quadros, compõe músicas e constrói outras obras culturais que mostram uma aspiração a algo além do corpo, uma busca de algo que exceda ao homem.

Mas, como se dá a presença da *neshama* nos demais homens?

Em sua famosa obra, *Systematic Theology*, Strong apresenta as três teorias mais conhecidas e clássicas sobre a origem da alma: a pré-existência, a teoria da criação e a teoria traducionista,<sup>26</sup> como se traduziria literalmente do Inglês, mas que chamamos aqui de transmissão. Comentamos um pouco, aqui, a questão. Às três grandes teorias mostradas por Strong acrescentamos mais duas, a da fulguração e a da emanação desde a eternidade.

- (1) *A pré-existência*. Pode ser resumida assim: a alma faz parte da criação angelical, sendo, basicamente, a mesma substância dos anjos. Quando da queda dos anjos e dos homens, os homens assumiram corpos físicos, evidência da degradação e descendência da alma. Esta idéia é muito mais platônica, com base no mundo das idéias, do que propriamente bíblica. Platão cria que havia dois mundos, o real e o ideal e que tudo que havia no nosso mundo, o real, era uma cópia do ideal. Assim, como há o corpo (real), há a alma (o ideal). Não parece ser disto que a Bíblia trata.
- (2) *O criacionismo*. Deus cria uma alma nova, quando da concepção do corpo físico. No momento da concepção ou em algum momento da gestação, ou ainda no nascimento, Deus coloca a alma no feto ou criança. Seus adeptos se louvam muito em Gênesis 2.7. Esta teoria tem a vantagem de preservar a alma de Jesus do pecado original, mas apresenta pontos fracos. Deus cria a alma impura? Se cria pura,

<sup>25</sup> KIDNER, Derek. *Gênesis - Introdução e Comentário*. 1ª ed. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1979, p. 57. O itálico é de Kidner.

<sup>26</sup> STRONG, Augustus. *Systematic Theology*. 25ª ed. Valley Forge: The Judson Press, 1976, ps. 488-497.



como e quando a alma se torna corrupta? E como entender Salmo 51.5: "Eis que eu nasci em iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe"? É o corpo que corrompe a alma? E, como vemos na Bíblia, o problema não é corpo, é toda a natureza humana.

- (3) A *transmissão*. Idéia vinda dos filósofos estoicos e defendida por Agostinho, que a popularizou, a teoria da transmissão ensina que sendo seres físico-espirituais, homem e mulher, naturalmente, sem qualquer intervenção de Deus, geram seres que são tanto físicos como espirituais. Embora tenha sido defendida por Agostinho, como dito, seu primeiro defensor foi Tertuliano<sup>27</sup>. A argumentação pode ser posta nestes termos: a Bíblia nada diz sobre as partes do homem, não o vendo como algo dicotômico (duas partes) ou compartimentos estanques, mas como uma unidade. Quando Deus ordenou que a humanidade se reproduzisse, não separou, na ordem, o corpo da alma. Seria a reprodução do todo. Também esta teoria explica melhor a teoria da depravação moral e espiritual do homem. Quanto ao fato da não depravação moral e espiritual de Jesus, que parece ter melhor resposta na teoria anterior, pode-se argumentar que ele é o segundo Adão, o início da nova criação de Deus. Sua natureza humana original seria como a de Adão, no início.
- (4) Há a teoria da *fulguração*. O mundo material é apenas uma fulguração de Deus. Esta é a postura de Leibniz<sup>28</sup> e que encontrou guarida em alguns pensadores religiosos. Deus não teria criado o mundo de forma direta, do nada, mas sim de forma indireta. Em fulgurações do seu Ser. Esta fulguração teria criado o mundo físico, incluindo o "espírito", como definimos. Tudo que não seja Deus, mesmo que não seja físico (anjos e o "espírito") é produto desta fulguração. A "alma" ou "espírito" seria fulguração, também. O "espírito" ou "alma" do homem seria apenas uma emanção (se usarmos a linguagem gnóstica) ou fulguração (se usarmos a linguagem filosófica de Leibniz) de Deus. A forma como chega ao corpo do recém-nascido é que não é bem exposta. Tal teoria deixa a porta aberta para o panteísmo, posto que tudo é emanção, resíduo de Deus. Neste sentido, tanto a natureza quanto "as partes" do homem seriam também resíduos divinos. O homem seria igualado à natureza. Leibniz defendia que não se tratava de panteísmo, pois o que era projetado na fulguração não retinha a natureza de Deus. Mas isto se torna uma questão semântica. Tal posição trabalha com pressupostos filosóficos mais gregos do que bíblicos.
- (5) *Emanção desde a eternidade* - É uma postura panteísta. É uma variação da posição de Leibniz: a alma é apenas uma emanção do espírito universal, da Mente divina. É diferente da Mente (ou Deus) quanto à forma, mas não quanto à natureza. Neste sentido, o panteísmo é maior, porque tudo é Deus e Deus é tudo. A escatologia deste sistema é a do regresso: a reabsorção de tudo pela Mente. Este final foi muito bem mostrado numa obra de ficção científica, de Arthur Clarke, *O Fim da Infância*, em que seres de outro planeta, enviados

<sup>27</sup> HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. P. Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1973, p.44.

<sup>28</sup> CHAMPLIN, Russel (ed.). *Enciclopédia de Bíblia, Filosofia e Teologia*, 6 volumes. S. Paulo: Candeia, 1991, vol. 1, p. 116.



pela Mente Universal, chegam à Terra para impedir que os homens se auto-destruam. Após um processo de colonização espiritual, tudo se dilui, em fusão com o Espírito. De qualquer forma, não fica bem clarificado aqui, como no item anterior, como a criança recebe a alma.

Cada teoria tem seus pontos positivos e negativos, mas a mim me parece que a transmissão é a interpretação mais cabível e que nos permite melhor situarmos nossa fé e o ensino bíblico. Mas é questão de opção do estudante, sabendo-se que alguns conceitos de algumas teorias não são bíblicamente sustentados.

*7 - A constituição do homem* - "Que é o homem?", perguntou o salmista. Uma resposta a esta pergunta não se esgotaria tão cedo. A Filosofia, a Antropologia e a Psicologia, entre muitas outras ciências, têm recebido esta mesma pergunta e, em seus discursos, se propõem a fornecer uma resposta à questão. Não parece que alguma delas o tenha feito satisfatoriamente. A complexidade humana é enorme. Mas se não podemos responder exaustivamente a esta pergunta, podemos verificar o ensino bíblico, que também não deu uma resposta completa. Não que a Bíblia seja incompleta, mas que ela não é um tratado exaustivo sobre o homem, embora tudo que diga sobre ele seja verdade. Mas nossa questão agora é esta: quais são os elementos constitutivos do homem? Quais são suas partes, se as há? Discutida a questão da origem da alma, fica outra por responder: o homem é corpo e alma ou é corpo, alma e espírito?

A Bíblia é genérica nesta questão, não detalhando nada, e tudo que dissermos será muito mais nossa interpretação (ou nossa vontade de ver de acordo com nossa ótica). Ou seja, será mais uma questão de opção, do que uma questão clara de um ensino bíblico.

Apresento, a seguir, alguns termos bíblicos mais comuns, nas línguas hebraica e grega e seu significado teológico, lembrando que estas definições não podem ser rigorosas. Mais detalhes, de maneira profunda, podem ser encontrados no excelente livro de Wolff, *Antropologia do Antigo Testamento*<sup>29</sup>, que discute a questão exaustivamente.

PORTUGUÊS	HEBRAICO	GREGO	SIGNIFICADO
Corpo	-----	soma	o homem físico
Alma	Nephesh	psychê	a sede da vida
Espírito	Ruah	pneuma	contato com Deus
Carne	Basar	sarx	natureza humana

Para os gregos, a *sarx* era a prisão da alma. Esta concepção tem marcado muito certos segmentos da teologia cristã que têm visto a alma e o espírito aprisionados pelo corpo. Em algumas pregações, o homem é chamado a salvar a sua alma, e o corpo, o seu aspecto físico, tem sido desprezado. Mas não é este o ensino bíblico. Esta visão é muito mais de Platão, que ensinava ser o corpo o cárcere da alma, e que foi desenvolvida por Plotino e nos chegou por

<sup>29</sup> WOLFF, Hans. *Antropologia do Antigo Testamento*. S. Paulo: Edições Loyola, 1977.



meio dos ensinamentos de Agostinho. O livro de Gaarder, *Vita Brevis*<sup>30</sup>, é uma excelente obra para uma compreensão deste ponto de vista, principalmente pela crítica feita a Agostinho. A influência de Agostinho foi muito grande no catolicismo (onde ele é "santo") e no protestantismo, porque Lutero era de uma ordem agostiniana. Muito do pensamento cristão sobre o mundo material é mais Agostinho do que Bíblia. Para ele, tudo que era material era mau. Só o que era espiritual era digno de proveito. Até o hábito de comer era visto por Agostinho com reservas. Ele dizia: "Está na hora de alimentar o animal".

A matéria, o corpo, não é má, deve-se dizer em refutação a este conceito. Este ensino é gnóstico e não cristão. Deus não fez apenas a alma humana, mas o homem como um todo. Fez seu corpo material. O Salmo 139.13-16 traz o deslumbramento de Davi ao refletir sobre seu próprio corpo como obra divina. E a declaração de Deus, ao contemplar a criação foi que "era muito bom" (Gn 1.31). O mundo material é obra de Deus, também. E inclusive o homem o é.

A Bíblia faz, em alguns momentos, distinção entre a parte material e a imaterial do homem, como, por exemplo, em Mateus 10:28. Mas usar este texto como base doutrinária para mostrar a maldade do mundo material seria um ato de imprecisão porque não é esta a questão de que ele trata, uma possível compartimentalização do homem.

A questão é muito ampla, mas o nosso debate de agora fixa-se na constituição e possível dicotomia ou tricotomia. Parece complicado? A definição é simples. *Dicotomia* significa que o homem tem duas partes constituintes: corpo e alma (ou espírito, sendo as duas sinônimas). Na realidade, os dois termos são intercambiáveis e usados ora com o seu sentido restrito ora com o sentido do outro. *Tricotomia* significa ver corpo, alma e espírito como elementos diferentes.

O texto mais tricotomista da Bíblia é 1 Tessalonicenses 5.23: "E o próprio Deus de paz vos santifique completamente; e o vosso espírito, e alma e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo". Observe que corpo, alma e espírito são mencionados de forma específica nele. Da mesma forma, Hebreus 4.12 nos fala de divisão entre "alma e espírito": "Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a divisão de alma e espírito, e de juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração". Nesta ótica tricotomista, a delimitação de cada um dos termos é a seguinte:

*Corpo* - é o tabernáculo da alma.

*Alma* - é a sede da personalidade.

*Espírito* - é o órgão de comunhão com Deus.

A resposta dicotomista se vale de muitos argumentos, mas usa Lucas 10.27 e Deuteronômio 6.5 e pergunta: e se tivéssemos, nestes textos, a mesma aplicação exegética de 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12? Quantas e quais seriam as "partes" do homem?

Os adeptos das duas posições esgrimm textos bíblicos em defesa de sua postura. Vamos evitar gastar tempo neste ponto que não é essencial. Teólogos como Langston, Berkhof e Mullins são declaradamente dicotomistas. Strong

<sup>30</sup> GAARDER, Jostein. *Vita Brevis*. S. Paulo: Cia. das Letras, 1998.



alista as duas posições, os argumentos favoráveis, mas não parece definir-se quanto a uma. Chafer não aborda o assunto. Das três obras de Teologia que possuo de Conner, não vi nele também nenhuma referência ao assunto. Erickson discute o assunto sem se posicionar, embora se possa ver sua simpatia pela dicotomia. Uretta é dicotomista. A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, se não é explicitamente dicotomista, é implicitamente, como se vê na redação do texto, no artigo III. Vamos ficar com duas citações de Milard Erickson sobre as duas correntes e deixar a questão em aberto, para pesquisa. Eis a primeira citação:

O tricotomismo tornou-se particularmente difundido entre os pais alexandrinos dos primeiros séculos da igreja. Embora as formas variem um pouco, o tricotomismo é encontrado em Clemente de Alexandria, Orígenes e Gregório de Nissa. A idéia caiu em certo descrédito depois que Apolinário a usou na construção de sua cristologia, considerada herética pela igreja. Apesar de alguns dos pais orientais a terem mantido, o conceito sofreu um declínio geral quanto à popularidade, até ser reavivado no século XIX, por teólogos ingleses e alemães<sup>31</sup>.

Nesta citação de Erickson se vê que o tricotomismo hibernou um certo tempo, depois de ser associado com a heresia apolinariana. Talvez a associação tenha se dado porque boa base da tricotomia repousa sobre a metafísica grega antiga. Porque o sistema de Apolinário não se baseia, necessariamente, na tricotomia.

A outra citação de Erickson é esta:

É provável que a concepção mais difundida na maior parte da história do pensamento cristão é a de que os homens são compostos de dois elementos: um aspecto material, o corpo; e um componente imaterial, a alma ou espírito. O dicotomismo foi comum desde os tempos mais remotos do pensamento cristão. Após o Concílio de Constantinopla, em 381, porém, cresceu em popularidade a ponto de ser praticamente a crença universal da igreja<sup>32</sup>.

A última citação sobre o assunto nos vem de Langston, em sua popular obra, intitulada *Elementos de Teologia Sistemática*:

Geralmente, quando os escritores sagrados faziam uso destes dois termos - alma e espírito - tratavam de uma só coisa, em diferentes relações. Empregavam eles ordinariamente o termo *espírito* quando se referiam à relação da vida do homem para com Deus; e *alma* quando faziam referência à relação da vida do homem para com as coisas terrenas. O homem pode ser comparado não a uma casa de três andares, mas a uma de dois. No segundo andar, porém, além das janelas que dão para o mundo, há uma clarabóia que dá para o céu. A alma é a janela pela qual o homem contempla as coisas desta vida aqui na terra, e a clarabóia é o meio pelo qual a mesma pessoa contempla as coisas celestiais. Nesta comparação, o andar térreo representa, naturalmente, o corpo<sup>33</sup>.

<sup>31</sup> ERICKSON, op. cit., p. 228.

<sup>32</sup> Ib. ibidem, p. 228-229.

<sup>33</sup> LANGSTON, A. B. *Esboço de Teologia Sistemática*. 5ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1977, p. 129.



8 - *O homem, um ser relacional* - O relato bíblico da criação do homem serve para nos mostrar, entre muitas outras coisas, que ele é um ser relacional, ou seja, vive em relações. Foi Sêneca quem disse que o homem é "um animal social"<sup>34</sup>. Na sua obra já citada, Uretta desenvolve, no capítulo 9, a idéia "O homem: um ser em relação"<sup>35</sup>. Evitando fazer um resumo do capítulo e tomando apenas os tópicos, mostro aqui sua compreensão da relacionalidade do homem:

- (1) *O homem em relação a Deus* - Uretta desenvolve o tópico, mas fiquemos com a idéia geral: o homem é um ente que tem capacidade de se relacionar com Deus, o que o restante da criação não tem. Ele foi criado por Deus e para Deus. Deus é seu Criador e, também, seu objetivo. O homem sente falta de Deus e, mesmo que de maneira inconsciente, o busca. Quando não busca o Deus verdadeiro, ele faz "deuses" para si.
- (2) *O homem em relação com o homem* - A idéia geral é esta: o homem é um ente gregário (alguém que vive agregado a outros), necessitando de outros. "Não é bom que o homem esteja só" tem uma abrangência maior do que a do matrimônio. No dizer de um romance de Simmel, *Nenhum Homem é Uma Ilha*. Necessitamos de relacionamentos interpessoais. Sempre buscamos interagir com outras pessoas.
- (3) *O homem em relação com a natureza* - Como bem lembra Erickson: "Somos parte da seqüência da criação assim como os outros seres. A origem dos homens em um dos dias da criação nos liga muito mais a todos os seres criados que a Deus que executou a criação"<sup>36</sup>. Dependemos da natureza para viver. A terra é nossa casa e sua destruição seria o nosso fim.
- (4) *O homem em relação consigo mesmo* - Conforme a Psicologia, o homem é o único da criação que pode entrar em relação consigo mesmo. Usa de introspecção (um olhar para dentro de si mesmo), pode objetivar, mas pode subjetivar, também. Tem liberdade de opção e capacidade para auto-exame. São muito significativas as palavras de Paulo: "Bem-aventurado aquele que não se condena a si mesmo naquilo que aprova"(Rm 14.22). O homem é capaz de objetivar (aprovar alguma coisa fora dele) e de subjetivar (condenar-se ou não se condenar). Pode avaliar o mundo, mas pode também avaliar-se a si mesmo. Cachorro não tem crise existencial, nem se pergunta : "Ser ou não ser?". Só o homem pode olhar para dentro de si.
- (5) *O homem, um ente demasiado complexo* - A complexidade, mais que biológica ou física, é existencial. Nas palavras de Kierkegaard: "O homem é uma síntese de infinito e finito, de temporal e eterno, de liberdade e necessidade, em suma, uma síntese". Neste sentido, o homem é fantástico! É de uma complexidade incrível!

<sup>34</sup> Conforme LOCKYER, Herbert. *All the Doctrines of the Bible*. 11ª ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 193, p. 141. Respeito o pensamento de Sêneca e assim o mantenho literalmente, traduzindo-o do Inglês. Quanto a mim, porém, não chamaria o homem de animal por entender ser isto influência de Darwin. Prefiro chamar o homem de "ente".

<sup>35</sup> URETTA, op. cit., p. 85.

<sup>36</sup> ERICKSON, op. cit., p. 211.



9 - *A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira* - Ditas estas coisas, discutidas e pensadas, vejamos agora o que diz a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira. Deixamo-la para o fim por uma razão: queríamos examinar textos bíblicos e os pensamentos de alguns teólogos, para depois chegar a ela. Em vez de estudarmos a Declaração e encaixarmos nossa discussão dentro de seus limites, discutimos, analisamos e depois chegamos a ela. Pessoalmente, respeito-a como um documento muito bem produzido, com o qual concordo na sua totalidade, mas não o uso como base para discussão. A base para discussão deve ser a Bíblia. Mas eis o texto:

*O HOMEM* - Por um ato especial, o homem foi criado por Deus à sua imagem e conforme à sua semelhança e disso decorrem seu valor e dignidade (1). Seu corpo foi feito do pó da terra e para o mesmo pó há de voltar (2). Seu espírito procede de Deus e para ele retornará (3). O criador ordenou que o homem domine, desenvolva e guarde a obra criada (4). Criado para a glorificação de Deus (5). Seu propósito é amar, conhecer e estar em comunhão com seu Criador, bem como cumprir sua divina vontade (6). Ser pessoal e espiritual, o homem tem capacidade de perceber, conhecer e compreender, ainda que em parte, intelectual e experimentalmente, a verdade, e tomar suas decisões em matéria religiosa, sem a mediação, interferência ou imposição de qualquer poder humano, seja civil ou religioso (7).

(1) Gn 1.26-31, 18.22 e 9.6; Sl 8.1-9; Mt 16.26

(2) Gn 2.7, 3.19 e Ec 3.20 e 12.7

(3) Ec 12.7 e Dn 12.2-3

(4) Gn 1.21, 2.1 e Sl 8.3-8

(5) At 17.26-29 e 1Jo 1.3,6 e 7

(6) Jr 9.23-24, Mq 6.8, Mt 6.33, Jo 14.23 e Rm 8.38-39

(7) Jo 1.4-13 e 17.3, Ec 5.14 e 17, 1Tm 2.5, Jó 19.25-26, Jr 31.3, At 5.29, Ez 18.20, Dn 12.2, Mt 25.32 e 46, Jo 5.29, 1Co 15.1, 1Ts 4.16-17 e Ap 20.11-30.



## Matéria 1: A ORIGEM DO PECADO

1 - *A importância do tema* - A questão do pecado se reveste de importância capital em nosso estudo. Uma das razões é que o conceito está muito diluído em nossa cultura. Para modernas correntes da Psicologia, o homem não pode ser responsabilizado por seus atos por ser produto do ambiente. Então, não existe uma coisa chamada "pecado". Diz até uma música popular brasileira: "Não existe pecado do lado de baixo do equador". Para outras, alguns de seus atos são mais uma questão de genética do que de opção. Nestes sentidos, não existe algo como "pecado", mas apenas desajustes, produto de criação errada e de uma sociedade corrompedora. Para outros, bafejados pelo existencialismo e pelo relativismo moral de nosso tempo, não se pode falar de pecado pois não há padrões objetivos. Tudo é subjetivo, tudo é relativo. Não há um padrão objetivo de certo e errado. O que é verdade para um pode não ser para outro. Um exemplo disso se vê numa declaração feita pelo apresentador do programa de televisão intitulado "Você Decide": "O certo e o errado não importam. O que importa é o que você assume".

Pecado é um conceito religioso. Crime é um conceito jurídico, mas pecado é um conceito religioso. Crime é algo contra alguém, contra o Estado ou contra a humanidade (os crimes de guerra, por exemplo). Pecado é sempre algo voltado contra Deus. Uma coisa pode não ser crime, como o egoísmo, por exemplo. Nenhum código de leis proíbe o egoísmo ou o declara como crime. Mas é pecado. O ódio pode ter conseqüências criminosas, mas ele, em si, não é crime. Mas é pecado. Nesta linha de pensamento, há duas observações no *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* que explicitam melhor a questão, na discussão sobre o termo grego mais comum para pecado. A primeira é: "O NT, seguindo o emprego destacado de *hamartanô* e dos seus cognatos na LXX, emprega-os como expressão compreensiva e global de tudo quanto se opõe a Deus". A segunda é: "*Hamartia* sempre se emprega no NT acerca do pecado humano que, em última análise, é dirigido contra Deus"<sup>37</sup>.

Mas vivemos numa sociedade irreligiosa. Nela, conceitos teológicos são vistos como descartáveis porque as pessoas vivem muito mais em termos de conveniências do que de convicções. Tanto é assim que um dos capítulos do livro de um teólogo chamado Moser sobre pecado tem um capítulo intitulado "Como 'falar' do pecado hoje?"<sup>38</sup>. O título mostra a necessidade de se tratar da doutrina do pecado por ângulos que os autores bíblicos não explicitaram em seus escritos. Procuraremos fazer isto nesta abordagem, examinar o pecado por uma ótica bíblica que seja relevante para o mundo moderno. Este aspecto é fundamental para uma teologia em nosso tempo. O conceito de pecado vem sendo esmaecido e tratado de forma sentimental. Em um livro sobre o pecado da inveja, assim nos diz Zuenir Ventura:

A psicologia substituiu o pecado pelo sintoma; a sociologia passou a tratá-lo como irresponsabilidade coletiva; e o direito, como crime. Então, eu chego na penitenciária, o camarada cometeu as maiores atrocidades, diz

<sup>37</sup> BROWN, Colin (ed.) *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1983, vol. III, p. 487.

<sup>38</sup> MOSER, Antônio. *O Pecado Ainda Existe?* S. Paulo: Paulinas, 1977.



que infringiu o artigo tal do código tal, e eu, como não conheço, olho para ele, simpático, e digo: "Tão bonzinho"<sup>39</sup>.

2 - *Definindo pecado* - É de Sócrates a frase "se queres conversar comigo, define primeiro tuas palavras". O que queremos dizer com "pecado"? Muito da resposta dependerá do próprio conceito de religião que tivermos. Nas religiões mágico-míticas, o pecado é entendido como uma transgressão às regras mágicas ou às da comunidade. Nas religiões de mistério, o pecado é ignorância e a não-adesão aos ritos religiosos. Precisamos de uma visão bíblica correta, bem precisa, para entendermos bem do que estamos falando.

O relato bíblico que mostra a queda do homem é a primeira manifestação de pecado apresentada na Bíblia. Fica bem clara, no episódio bíblico, a sua essência: pecado é uma deliberada transgressão da vontade divina. Neste contexto, uso aqui as palavras que emprego em outra apostila, ao tratar do problema da queda:

Foi um ato de desobediência a uma ordem expressa de Deus. A ênfase, na interpretação correta do acontecido, deve ser na proibição e não na árvore ou fruto. Este é circunstancial. Nas culturas antigas encontra-se também a idéia de um fruto proibido. Provavelmente, memória da raça. Seria o inconsciente coletivo ou seriam os arquétipos de Jung? No texto de 3:6, se vê que o pecado faz um apelo aos sentidos: gustação, vista e tato. "Desejável para dar entendimento" mostra a singularidade do homem: ele quer entendimento. Difere da criação que quer subsistência, somente. Entenda-se, porém, que o pecado não é buscar entendimento. Provérbios exorta o homem a ter entendimento. O pecado é buscá-lo em Satanás. Na mitologia grega, Prometeu foi acorrentado no monte Cáucaso, por ordem de Júpiter, onde um abutre lhe comia o fígado. Seu pecado foi roubar o fogo do céu para animar a vida humana. A Bíblia não mostra Adão como um Prometeu buscando progresso ou conhecimento vedado por Deus, mas como alguém que ouve a orientação do Maligno para obter conhecimento<sup>40</sup>.

Pecado é, pois, desobediência. Desobediência a Deus e não a um líder religioso ou a tradições humanas. Algumas palavras hebraicas vão nos ajudar na nossa tentativa de definição. Este material a seguir está baseado num livro de Crabtree<sup>41</sup>. Haverá semelhanças de expressões entre seu livro e este trecho, portanto. Mas o conteúdo é de responsabilidade do autor desta apostila.

(1) *hata'* - errar o alvo. Em Juízes 20.16 se lê de homens que podiam lançar uma pedra num fio de cabelo "sem errar" (*lô hata'*). O verbo é usado mais de duzentas vezes no Antigo Testamento e as formas substantivadas são usadas por 198 vezes. Pecar é errar o alvo, é

<sup>39</sup> VENTURA, Zuenir. *Inveja, o Mal Secreto*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1998, p. 132. Neste trecho, Ventura está fazendo uma citação de Karl Menninger, em *O Pecado de Nossa Época*. Tanto que ele aspeia o trecho, mas atribuo a citação a Ventura, pois ele não especifica em que página Menninger teria feito a declaração.

<sup>40</sup> COELHO FILHO, Isaltino. *Apostila de Teologia Bíblica do Velho Testamento*, STBE, 1998. O texto bíblico aqui citado é Gênesis 3.6.

<sup>41</sup> CRABTREE, A. R. *Teologia do Velho Testamento*. 4ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, p. 154.



falhar no uso de algo de valor. A palavra grega que lhe corresponde é *hamartia*.

- (2) *'avon* - iniquidade, culpa. A raiz desta palavra é *'ava*, que também significa "errar o caminho", mas o termo é usado no sentido de torcer, perverter, desviar, tornar-se culpado de perversidade. Indica a natureza pervertida do homem. É usada 231 vezes e indica pecado de má intenção, como em Jeremias 11.10: "Tornaram às iniquidades de seus primeiros pais, que recusaram ouvir as minhas palavras...".
- (3) *shagag* e *shaga'* - errar, extraviar-se, desencaminhar-se, vaguear, pecar. A idéia é de ignorância ou falta de cuidado. Como em Números 15.27: "Se alguém pecar (*hata'*) por ignorância (*shaga'*) oferecerá uma cabra dum ano como oferta pelo pecado".
- (4) *sur* e *sug* - virar, desviar, afastar, abandonar, revoltar. Derivado de *sur* há o substantivo *sara* que significa deserção. "Depressa se desviaram (*sur*) do caminho por onde seus pais andaram em obediência aos mandamentos do Senhor" (Jz 2.17).
- (5) *natash* e *azab* - também a idéia de abandonar. "Abandonou (*natash*) a Deus, que o fez e tratou com desprezo a Rocha da sua salvação" (Dt 32.15) e "Deixaram (*azab*) o concerto do Senhor" (Dt 29.25). Observe que estes quatro últimos verbos aludem ao abandono do concerto, do *berith* que Israel assumira com Iahweh.
- (6) *'avel* e *'avelah* - desviar do caminho, praticar a injustiça e a perversidade. Verbos mais fortes, como em Isaías 59.3: "...e a vossa língua pronuncia perversidade" (*'avelah*).
- (7) *ta'ah* - vagar, andar à toa, extraviar-se, caminhar a esmo. É muito usado para mostrar o estado da ovelha errante. "Todos nós, como ovelhas, temos andado desgarrados" (*ta'ah*).
- (8) Saindo da área de verbos, que mostram ação, há um grupo de palavras que mostram o estado moral do homem. Por exemplo, *rasha'*, significando "ímpio, culpado, pecaminoso". É o homem do Salmo 1.1, o ímpio ali descrito. Ele é um *rasha'*.
- (9) *pasha'*, como verbo, e *pesha'*, como substantivo, indicam o pecado em nível mais profundo: rebelar-se, revoltar-se. Vê-se seu uso em 1Reis 12.19: "Israel se rebelou (*pasha'*) contra a casa de Davi". Algumas vezes nossas bíblias traduzem por "transgredir", mas este é um uso fraco. *Pasha'* é mais que violar mandamentos ou proibições. Como bem traduz Crabtree, "é revolta da vontade do homem contra a vontade de Deus".
- (10) Há outras palavras, menos empregadas, que deixamos de observar aqui. O uso pouco freqüente, embora torne a palavra válida, não justifica sua apresentação. Então, deixo de fazê-la para não delongar o assunto. Quem desejar mais extensão, deve procurar a obra citada de Crabtree.

É possível notar que todos os verbos da língua hebraica para "pecado" trazem a idéia de uma atitude consciente, deliberada. Mesmo o chamado pecado de "ignorância" deve ser bem entendido: não é pecado cometido inocentemente, mas pecado por ignorar a lei. Não é que a pessoa seja ignorante, mas que ela ignora a lei.



Pecado, é portanto, uma atitude diante de Deus, bem mais do que atos. É desobediência e rebelião. O pecador, portanto, nunca é um coitado ou uma vítima do meio, da deseducação ou produto da falta de oportunidade, no ensino do Antigo Testamento. É alguém que é pecador porque optou pelo pecado.

Sobre as palavras do Novo Testamento, vamos empregar menos espaço. Não significa isso que o ensino neotestamentário não seja importante. É que a doutrina do pecado não surge no Novo, mas no Antigo Testamento. Por isso centramos nossa atenção primeira e maior nos termos hebraicos. Para definir o ensino do Novo Testamento, basta-nos um esclarecedor parágrafo de Stott:

O Novo Testamento emprega cinco palavras gregas principais para o pecado, as quais juntas retratam os seus aspectos variados, tanto passivos como ativos. A mais comum dessas palavras é *hamartia*, que descreve o pecado com um não atingimento do alvo, ou fracasso em alcançar um objetivo. *Adikia* é "iniquidade", e *poneria* é o mal de um tipo vicioso ou degenerado. Ambos os termos parecem falar de uma corrupção ou perversão do caráter. As palavras mais ativas são *parabasis* (com a qual podemos associar *paraptoma*), uma "transgressão", o ir além de um limite conhecido, e *anomia*, "falta de lei", o desrespeito ou violação a uma lei conhecida. Cada caso subentende um critério objetivo, um padrão a que falhamos em atingir ou uma linha que deliberadamente cruzamos<sup>42</sup>.

Uma particularidade interessante e que não podemos deixar de lado: o Antigo Testamento destaca mais o aspecto de conduta de vida, a forma de andar neste mundo; o Novo Testamento tem mais espaço para o aspecto legal, jurídico, do pecado. Não são contrastes nem choques de cultura, mas complementação de visão. Assim podemos ter uma definição, ainda que superficial, de pecado. Para alguns teólogos, como Strong e Manson, o pecado é egoísmo. Manson, por exemplo, diz que "a essência do pecado é o egoísmo" e que o pecado é a substituição dos dez mandamentos pelo 11<sup>o</sup>: "tu te amarás a ti mesmo sobre todas as coisas"<sup>43</sup>. A pessoa se coloca acima das outras e muitas vezes se põe como seu próprio Deus. Com ele concorda Stott, ao dizer:

Eu mesmo me recordo de quão revelador foi para mim descobrir, especialmente através dos ensinamentos de William Temple, que o que a Bíblia quer dizer "pecado" é, antes tudo, egocentrismo. Afinal os dois grandes mandamentos de Deus são, primeiro, que o amemos com todo o nosso ser; e, segundo, que amemos o nosso próximo, como a nós mesmos. Pecado é, portanto, inverter esta ordem. É colocar a nós mesmos em primeiro lugar, virtualmente proclamando nossa própria autonomia, depois o nosso próximo, segundo a nossa conveniência, e depois, então, Deus, em algum lugarzinho lá nos bastidores<sup>44</sup>.

Para Reinhold Niebuhr, seguindo o ensino de Agostinho, pecado é orgulho. Para Bultmann, pecado é alienação, termo com sentido mais amplo que o usual, hoje. As definições podem variar, mas devemos guardar uma

<sup>42</sup> STOTT, John. *A Cruz de Cristo*. Miami: Editora Vida, 1991, p. 79.

<sup>43</sup> MANSON, T. W. *O Ensino de Jesus*. S. Paulo: ASTE, 1967, p. 301.

<sup>44</sup> STOTT, John. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo*. S. Paulo: ABU Editora, 1997, p. 54.



coisa: pecado é sempre contra Deus. Mesmo quando agimos mal contra os outros, estamos pecando contra Deus, não contra eles. Contra eles agimos mal. Contra Deus pecamos. "Contra ti, contra ti, somente pequei, e fiz o que é mau diante dos teus olhos" (Sl 51.4) foi a declaração de Davi após o mal contra Urias e o adultério anterior com Bate-Seba. Ele errou com os dois, mas pecou contra Deus. O alvo que não acertamos, o padrão que não alcançamos, a lei que quebramos, tudo é vindo de Deus. Por isso pecamos contra ele. As leis sociais vêm dos homens. Por isso o crime é contra os homens. O pecado é contra Deus. Sempre é bom reafirmar isso. Mesmo não sendo criminosa, uma pessoa é pecadora. Alguém pode ser um cidadão de conduta exemplar, nada transgredindo de leis humanas, mas será pecadora, porque em algum momento de sua vida terá desagradado a Deus.

É oportuno lembrar que pecado não é apenas *fazer, cometer o erro*. É, também, deixar de fazer o bem. "Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado" (Tg 4.17). Peca-se por cometimento e peca-se por omissão. Mas é mais oportuno lembrar, ainda, que pecado não é apenas *fazer ou deixar de fazer*. Na realidade, pecado é *ser*. O pecado não está nos atos, mas no que o gera, na mente, no pensamento, na interioridade do homem. Jesus mostrou que não é o ato do adultério que é pecado, mas o pensamento impuro que o produz (Mt 5.27-28). Não é o homicídio que é pecado, mas o pensamento que o produz (Mt 5.21-22). O adultério e o homicídio apenas confirmam externamente um pecado assumido internamente. Mais que atos, pecado é um estado da alma. Ele está dentro do homem, que é pecador, que tem inclinação para o mal, que foge do bem, que se rebela contra Deus. Há uma excelente observação de Packer, com que encerraremos estas considerações, para definir pecado:

Em termos positivos, qual é a essência do pecado? *Brincar de Deus*. E, como um meio para tanto, recusar-se a permitir que o Criador seja Deus, até onde estiver envolvido aquele que assim agir. A atitude que é a essência do pecado consiste em viver, não para Deus, mas para si mesmo; amar, servir e agradar a si mesmo, sem importar-se com o Criador (...) O pecado é a exaltação de si mesmo contra o Criador, evitando prestar a homenagem que lhe é devida e pondo-se no lugar dele como o padrão final de referência, em todas as decisões da vida (...) Assim, o pecado é a imagem do Diabo, pois o orgulho auto-exaltado foi o seu pecado antes que se tornasse o nosso (1Tm 3.6)<sup>45</sup>.

Com isto em mente, guardemos as palavras de Provérbios 4.23: "Guarda com toda a diligência o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida.". Ter cuidado do interior é uma grande necessidade em nossa vida.

**3 - As causas do pecado** - Por que o homem peca? "Falta de instrução", dirão alguns. Conhecemos o conceito espírita: "Educai as crianças e não será preciso punir os homens". É verdade isso? O problema do homem é apenas educação? As câmaras de gás nazistas foram construídas sob supervisão de engenheiros formados. As crianças judias foram envenenadas por médicos diplomados. Médicos e enfermeiras bem instruídos, acadêmica e socialmente, praticam aborto. Alguns dos maiores homens pecadores deste país não são os

<sup>45</sup> PACKER, J. I . *Vocábulo de Deus*. S. José dos Campos: Editora Fiel, 1994, p. 65. O itálico é de Packer.



mulatos e pardos das favelas do Rio, que a mídia chama de "traficantes de drogas". São seus chefes, brancos, de cabelos lisos e olhos claros, emergentes sociais moradores em mansões e circulando na alta roda da sociedade. Os favelados são apenas material desgastável e substituível. Morto um, logo é substituído.

"O homem peca por causa do ambiente, da sociedade", dizem alguns sociólogos um pouco superficiais em suas análises. Será verdade que o homem é produto do seu meio, exclusivamente? Por que alguns filhos de marginais se tornam homens santos, e filhos de líderes cristãos se tornam autênticos monstros? O meio em que uma criança se cria pode influenciar, mas há sempre um fator de decisão. Em meios negativos, pessoas de elevado caráter têm se desenvolvido.

"Falta de religião", dirão outros. Mas o que podemos dizer das guerras religiosas? Que dizer das cruzadas e da Inquisição? E algumas atitudes que se vêem em reuniões administrativas de igrejas e em plenários de convenções? O que dizer do conceito de *jihad*, a guerra santa, dos árabes? Algumas das pessoas mais cheias de ódio no mundo têm sido as pessoas religiosas! Como não lembrar do semblante carrancudo, zangado, do aiatolá Khomeini e de sua sentença de morte contra Salman Rushdie, dizendo que quem o matasse estaria fazendo um favor a Alá? Infelizmente, as religiões têm semeado muito ódio no mundo. Algumas das pessoas mais cruéis da história foram religiosas e suas crueldades foram perpetradas em nome da fé. Pecado não é falta de religião nem de religiosidade. Aliás, em nome destas, muitos pecados têm sido cometidos.

Há uma outra explicação sociológica que é repetida *ad nauseam* (até o enjoão): pobreza. Todos os nossos males são derivados da pobreza. Os homens praticam o mal porque são pobres. Mas os países ricos são e goístas, guerreiam, saqueiam e predam as nações mais fracas. Aliás, muito da riqueza das nações poderosas foram pilhadas de outras mais pobres. E sabemos que pessoas ricas cometem crimes hediondos. O pecado não conhece cor nem situação social ou econômica.

Segundo Efésios 2.2-3, há uma trindade negativa, destruidora, agindo no homem: o mundo, o príncipe das potestades do ar e a carne. Nossa visão do assunto, aqui, será sucinta. Quem desejar mais profundidade deve ir ao livro de Shedd sobre esta trindade<sup>46</sup>. De passagem, diga-se que estas observações não são síntese do seu livro nem se baseiam nele. Vejamos cada um destes personagens.

**4 - O mundo** - Mundo, no ensino bíblico, é um sistema de valores corrompidos, voltados contra Deus, produto de uma sociedade humana em rebelião. Aparentemente está se falando a mesma coisa que aqueles que dizem que a sociedade corrompe o homem. Mas o conceito de mundo é mais profundo e abrangente.

Em João 3.16 lemos que Deus amou o mundo. Em 1João 2.15 somos exortados a não amar o mundo, porque quem ama o mundo não tem o amor do Pai em si. No primeiro texto, mundo significa a humanidade. No segundo, é um sistema de valores corrompidos. Satanás é seu príncipe (Jo 12.31 e 14.30) e ele, o mundo, está dominado pelo Maligno (1Jo 5.19). A Bíblia não

<sup>46</sup> SHEDD, op. cit.,



trata do mal ou do pecado de forma abstrata, mas sempre de forma concreta. O pecado se infiltrou na cultura humana. Ele molda as pessoas para que pensem e ajam de uma determinada maneira. Por isso somos recomendados a não permitirmos que ele nos comprima no seu molde (Rm 12.2), não podemos ser massificados pela mídia. Precisamos de autenticidade cristã.

As pessoas sempre pensaram nos "principados e potestades" mencionados por Paulo como se fossem demônios, seres espirituais, anjos caídos. Mas Romanos 8.38 menciona principados, potestades e anjos. Alguns interpretam "principados e potestades" como sendo forças invisíveis que operam na sociedade, com resultados visíveis<sup>47</sup>. Pode ser que sim, pode ser que não. E isto, sem ser mineiro ou tucano. Mas talvez seja mais fácil dizer que "principados e potestades" são poderes malignos infiltrados na nossa estrutura social. Porque erramos ao pensar no pecado tão somente em termos micros, pessoais, deixando de vê-lo em termos macros, estruturais. Não é um absurdo quando lemos, no relato da queda do primeiro homem, que o pecado teve dimensões cósmicas, como se vê na maldição contra a natureza (Gn 3.17 - "maldita é a terra") e na promessa de redenção também para a natureza (Rm 8.20-22).

Logo após a queda, vem uma espiral crescente de maldade, que desemboca no desgosto de Deus que o leva a trazer o dilúvio. É a dimensão histórica do pecado. Devemos prestar atenção neste ponto: a pecado transcende o homem, vai além dele. Enraíza-se na história, ou seja, na cultura e na sociedade. Pensemos nesta declaração de Grelot:

Verifica-se neste caso que os aspectos dolorosos da existência humana sempre se cumprem como consequência do pecado sob todas as suas formas. As narrações de Gênesis 4-11, sob este aspecto são particularmente características. As grandes imagens que por elas perpassam evocam de certa maneira o desenvolvimento da civilização humana e o começo dos grandes fatos sociais que estruturavam a vida dos antigos: vida pastoral e agrícola (4.2), vida urbana (4.17) e classes sociais do deserto (4.20-22), navegação (5.14-16) e cultura da vinha (9.20), instituição dos grandes impérios (10.8-10) e cidades mesopotâmicas (11.2-3), etc. Em cada nova etapa, porém, a corrupção da humanidade acarreta uma multiplicação de males que sobre ela pesam: a guerra fratricida (4.8), a poligamia (8.19) e a cruel vingança do deserto (4.23-24), as catástrofes das quais o dilúvio é o tipo legendário (6.5-8.14), a divisão das nações e das línguas... *nascido no coração do homem, o mal se torna assim fator da história, tal qual a vivemos nós*<sup>48</sup>.

O pecado, portanto, saiu da esfera do coração humano, da individualidade e entrou na história do homem. Enraizou-se nas estruturas sociais, que são produto humano. O homem é um rei Midas às avessas. Tudo que Midas tocava se tornava em ouro. Tudo em que o homem se envolve carrega a marca do pecado e se torna pecaminoso. O pecado é mais que tentação individual. É um princípio operando na sociedade, na história dos

<sup>47</sup> Esta posição é mostrada por Hammett, na sua apostila já citada, nas páginas 111-112. Não a tinha conhecido, ainda. Ele não parece concordar com ela. Cita-a no bojo de suas considerações sobre o assunto.

<sup>48</sup> GRELOT, Pedro. *Reflexões Sobre o Problema do Pecado Original*. S. Paulo: Edições Paulinas, 1969, p. 77. O trecho em itálico é meu, para destacar a questão do pecado na história, saindo do âmbito da individualidade para uma presença nas estruturas sociais humanas.



homens. Este princípio pode ser chamado de mundo, como as Escrituras o denominam.

O correlato de "mundo", nos escritos proféticos, por exemplo, é Babilônia. A idéia parece remontar a Babel, onde a humanidade tenta se organizar contra Deus. Recebera a ordem de se espalhar pelo mundo, dominando a terra e sujeitando-a. Mas decidem fazer um nome para si para não serem dispersos. É possível ver desde cedo, nas Escrituras, uma vontade humana organizada e direcionada contra Deus. O Novo Testamento a chama de "mundo". Assim é que Satanás tem a seu soldo agências, ciências, religiões, setores da mídia e da política mundial. É muito difícil olhar para as atrocidades nazistas e stalinistas sem pensar num poder maligno. Os nazistas levaram 6.000.000 de judeus à morte. Stalin enviou 18.000.000 de russos para a morte. Acidente, apenas?

5 - *O príncipe das potestades do ar* - Tratamos aqui do Diabo. Ainda se pode falar dele, em nosso tempo? Para os neo-ortodoxos (uma corrente de teólogos que usa uma linguagem ortodoxa, mas é liberal), a resposta é negativa. Para Bultmann, é necessário demitologizar esta idéia. Para Tillich, podemos falar sobre as forças do mal presentes na estrutura da sociedade, mas não de uma entidade do mal, personificada. Na realidade, ambos negam a existência do Maligno como pessoa. A revista semanal *Época* publicou, na coluna "Religião", uma nota sobre o Pe. Oscar Quevedo em que ele nega a existência de Satanás. Para ele, "o satanás citado nas Escrituras Sagradas nada mais é do que um símbolo para falar do mal que está dentro dos homens"<sup>49</sup>. Um cristão conhecedor das Escrituras dificilmente concordará com Quevedo. Sem concordar com esta postura do padre, me parece que há hoje um exagero em certos círculos evangélicos sobre a pessoa do Diabo. E, em outros, há uma omissão. Numa livraria evangélica, há pouco, procurei uma obra sobre cristologia (o estudo da pessoa de Cristo). Não encontrei uma, sequer. Mas encontrei mais de 40 livros falando sobre o Diabo, sobre batalha espiritual, sobre quebra de maldições. Sem dúvida, é uma aberração o que está acontecendo em nosso tempo: que o Diabo receba mais atenção que Cristo em certos segmentos da igreja evangélica. Do lado da omissão sobre Satanás, é estranho, por exemplo, que a obra *Elementos de Teologia Sistemática*, de Uretta<sup>50</sup>, já citada anteriormente aqui, omita qualquer referência ao Diabo na discussão sobre o pecado. É uma obra recente e a omissão parece revelar um certo descrédito de certos círculos teológicos evangélicos com o papel e até mesmo a existência de Satanás. Mas o que chamamos de "mundo" tem-no como seu príncipe. Parece que é muito difícil ler a Bíblia, principalmente o Novo Testamento, sem vê-lo como um ente. Parece, pelo ensino neotestamentário, que ele é um anjo caído (Ap 12.9-10) e que, nesta queda arrastou outros consigo. As passagens que podem ser usadas aqui são passíveis de outra interpretação e por isso vamos ser lacônicos e austeros, para evitar basear o ensino em textos de interpretação disputada. Evitemos também o conceito medieval de vê-lo como de chifres, pé de bode, tridente, vestido de vermelho, de cavanhaque e cheirando a enxofre. Esta visão impede a compreensão correta do poder do mal por ridicularizá-lo, minimizando seu poder e colocando em xeque a sua existência.

<sup>49</sup> Revista *Época*, ano I, no. 37, 1/2/99.

<sup>50</sup> URETTA, op. cit.,



O nome Satanás (Mt 4.10) vem do hebraico *satan*. Significa, originalmente, "adversário". Em Números 22.22, o anjo de Iahweh se põe como *satan*, como adversário, de Balaão. O termo significa um opositor, e quando aplicado ao Diabo, designa seu caráter de oposição a Deus e ao homem, coroa da criação divina.

O nome Diabo (Mt 4.1) significa "caluniador". Remete ao seu caráter como se vê em Gênesis 3: antes de tentar o homem, calunia a Deus, insinuando sua falta de boa vontade para com o homem. A serpente acusou Deus de ser desonesto, mentiroso, para com o homem. Caluniou-o.

Demônio vem do grego *daimon*, originalmente um deus, um poder divino, sobre-humano. Seria uma entidade espiritual. Dizia-se, por exemplo, que Sócrates tinha um *daimon* que o inspirava. O uso que o Novo Testamento faz do termo é sempre de um poder hostil a Deus. Pelo que lemos em Marcos 3.22, seu líder se chama Belzebu.

Este é um nome estranho que não surge em nenhum outro escrito judaico, além das citações nos evangelhos. Que significa? Segundo Myers, é um "obscuro nome provavelmente oriundo da expressão hebraica que designa 'altura', 'habitação', 'morada'....o nome significa 'Senhor da morada', com referência ou ao ar ou ao possesso em quem ele habita"<sup>51</sup>. Mas há outras explicações para o nome. Chouraqui faz a seguinte observação: "Ba'al Zeboul (Belzebu): originalmente, nome do Deus de Eqrôn (Acaron), chamado por zombaria de Ba'al Zeboub, 'o Senhor das moscas', em 2Rs 1.2 e seguintes. Aqui, o chefe dos demônios (cf. Mt 10.25, 12.24 e Lc 11.15)"<sup>52</sup>. Hurtado segue na mesma linha, com uma observação sobre o termo:

Belzebu: (grego, *Beelzeboul* é nome de Satanás, nos evangelhos, talvez derivado de um substantivo antigo designativo de uma divindade cananita (Baalzebub), que significava 'senhor do lugar alto'. 2Reis 1.2-6 e 16 faz referência a este deus, que nesta passagem é chamado de Baal-Zebube, que significa 'deus das moscas', talvez um trocadilho com o verdadeiro nome<sup>53</sup>.

Mais uma citação completará o lançamento de luzes sobre o sentido do nome. Vem de Schniewind: " 'Belzebu' também recebe a explicação de 'deus-bosta' e a grafia corrente entre nós, 'Beelzebub' significa 'deus-mosca'<sup>54</sup>.

Juntando tudo, podemos entender o sentido do nome. Os pagãos tinham uma enorme fascinação pelo mistério da vida, pela sua continuidade e pelo ciclo vida-morte-vida. Observavam que nas fezes dos animais se ajuntavam moscas que delas se alimentavam. De algo expelido pelo organismo, morto, pútrido, vinha a vida. Belzebu está relacionado com o culto às moscas das fezes, significando a vida que se nutre da morte. Significava um dos termos mais baixos, mais vulgares, para o Diabo.

Em Levítico 17.7 aparece *shairym*, que designava um ser peludo, cabeludo, como um sátiro. Em Deuteronômio 32.17 encontramos *shedym*, um termo empregado pelos assírios para designar um ente maligno.

<sup>51</sup> MYERS, Ched. *O Evangelho de S. Marcos*. S. Paulo: Paulinas, 1992, p. 209.

<sup>52</sup> CHOURAQUI, André. *A Bíblia - Marcos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, p. 75.

<sup>53</sup> HURTADO, Larry. *Marcos*. Miami: Editora Vida, 1995, p. 79

<sup>54</sup> SCHNIEWIND, Julius. *O Evangelho Segundo S. Marcos*. S. Bento do Sul: Distribuidora Literária Cristã, 1989, p. 59.



Encontramos o termo grego *drakôn*, de onde nos vem dragão. Remonta a um monstro mitológico, apocalíptico, um monstro do caos. A cultura hebraica conhecia este mito e usava uma palavra para *drakôn*: era *tan*, cujo plural era *tanym*. A idéia era de um monstro marinho (provavelmente o Leviatã) que nadava no caos, quando só havia este, antes da criação, do ato ordenador de Deus. Foi por Deus dominado e assim a criação sucedeu. *Tan* luta contra Deus porque quer o caos de volta. Entre os hebreus, este monstro era chamado de Raabe (não a mulher que abrigou os espias, em Josué 2): Jó 26.12, Salmo 89.9-10 e Isaías 51.9.

Toda esta diversidade de termos serve para mostrar o conceito dos antigos sobre o poder do mal operando no mundo e levando os homens ao erro. Talvez devêssemos nos descartar de muitos de nossos conceitos, mais hollywoodianos que escriturísticos, e examinar com atenção estes termos para uma compreensão mais correta do ensino bíblico.

6 - *Obsessão e possessão* - É preciso entender bem a ação do Maligno. Ela não sucede apenas em caso de tentação, mas também de obsessão e de possessão. Estamos mais acostumados com o segundo termo, até mesmo porque há, na Bíblia, inúmeros relatos de pessoas possuídas por demônios. Dentre os muitos, fiquemos com Marcos 7.24-30 e 9.17-29. Observa-se nos relatos citados e em outros, a mudança de personalidade e de comportamento da pessoa. Em alguns casos, no relato bíblico, a pessoa assume uma força física descomunal (Lc 8.29), conhecimento sobrenatural (Lc 8.28) e comportamento auto-destrutivo (Mc 5.5). Observa-se que Satanás toma conta das faculdades físicas, mentais e psicológicas da pessoa. Invade e domina sua personalidade completa. A obsessão difere da possessão porque não há um caso de "invasão" do corpo e da mente da pessoa, mas a "plantação" de uma idéia em sua mente. É o caso de pessoas com tendências depressivas, suicidas ou imorais. A obsessão é uma tentação continuada, como uma idéia fixa na pessoa. Podemos exemplificar a obsessão com o episódio de Saul obcecado pela idéia de matar Davi. Tornou-se uma fixação em sua mente. O rei manteve suas faculdades mentais, sua voz não mudou, não houve alterações em sua força física, mas havia uma idéia fixa: matar Davi. Um caso típico de obsessão.

Nos dias atuais, muita confusão tem sucedido nas nossas igrejas por causa da difusão de ação demoníaca (ou pseudo-ação) por parte de determinados grupos evangélicos. Torna-se necessário o uso de muita cautela e, ao mesmo tempo, discernimento espiritual para se evitar fraudes e comportamento aprendido bem como atribuir à ação maligna aquilo que é farsa, doença psicológica ou manipulação humana. Embora o assunto demande mais espaço do que podemos empregar aqui, duas verdades devemos ressaltar sobre a ação demoníaca e o cristão. Estas duas verdades são ressaltadas, entre muitas que aqui poderiam ser mostradas, por causa de dois aspectos: a idéia que se difunde de "crentes endemoninhados" que se vêem em círculos do baixo-pentecostalismo e a ingenuidade dos demônios que aparecem nestes cultos, noite após noite, para apanhar do exorcista. Demônios masoquistas, sem dúvida, porque gostam de apanhar. Estas duas verdades são: 1<sup>a</sup>) um seguidor de Jesus Cristo não fica possesso. Os textos de 1João 5.18 e 4.4 são bem significativos. Se um cristão é morada do Espírito Santo, como nos diz a Bíblia, não pode ser morada de um ente inferior e que



a ele se opõe. A 2ª) um seguidor de Jesus Cristo pode sofrer obsessão, ou seja, pode sofrer uma continuada tentação sobre um determinado aspecto. Neste caso, o texto de 1Pedro 5.8 mostra isso.

7 - *Outras atividades malignas* - Alistamos, a seguir, mais algumas atividades demoníacas, de acordo com o ensino das Escrituras:

- (1) Tentação - Esta é uma ação demoníaca, conforme lemos em 1Tessalonicenses 3.5. A tentação, em si, não é pecado. Jesus foi tentado. O pecado é ceder à tentação. Para Hammett, é "difícil definir esta diferença"<sup>55</sup>. Com todo respeito ao autor, que me parece profundo, não me parece ser assim. O autor de Hebreus diz que Jesus foi "tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado" (4.15). Ser tentado é sofrer um apelo aos apetites e paixões, mas ter apetites e paixões não significa ceder a eles. A questão pode ser compreendida numa citação um tanto simplória, mas bastante realista, feita por um desconhecido: "Não podemos evitar que os pássaros voem sobre nossas cabeças, mas podemos evitar que façam ninho nelas". Em outras palavras, ser tentado não é pecado. Dar ouvidos à tentação ou acalentá-la no coração, isso sim, é pecado.
- (2) Ilusão - Esta é uma ação demoníaca: iludir as pessoas. A tentação não é um apelo para algo ruim aos sentidos, mas pelo contrário. Na tentação do primeiro casal, vemos que houve um apelo aos sentidos como gustação e visão e aptidão para dar entendimento. Foi mostrado como sendo algo bom. A mente humana é cegada para o bem e, nesta falta de visão, vê o mal como algo bom. Esta atitude de cegamento das pessoas pelo Maligno se vê em 2Coríntios 4.4.
- (3) Engano - Satanás não aparece de chifre, peludo, pés de bode, vestido de vermelho e fedendo a enxofre. Esta visão é medieval, de escritores religiosos e não bíblica. Ele aparece até como anjo de luz (2Co 11.14). No seu romance *O Evangelho Segundo o Filho*, Norman Mailer põe uma observação curiosa na boca de Jesus, ao ser tentado: "O Diabo é a mais bela criatura de Deus"<sup>56</sup>. Obviamente não se vê a obra de Mailer como inspirada. O livro é fraco, como obra literária, e seu Jesus é patético. Mas sua palavra merece ser pensada. Um ente horripilante agradaria tanto aos homens? Coisas ruins atrairiam tanto?
- (4) O uso de pessoas - Como em João 13.27. Como na palavra de Jesus, repreendendo a Pedro, vendo-o como agente satânico, em Mateus 16.23.
- (5) Ele pode exercer ações físicas na vida da pessoa. Pode causar-lhes moléstias, como lemos em Jó 2.5-10 e Mateus 9.33. E pode, também, causar-lhes distúrbios mentais, como em Marcos 5.4-5. Pode, ainda, disseminar falsas doutrinas, como se vê em 1Timóteo 4.1 e pode colocar obstáculos na vida de um filho de Deus (1Ts 2.18). Ou seja, sua ação é mais que apenas espiritual ou mental. Pode ser por eventos e em atuações físicas.

<sup>55</sup> HAMMETT, op. cit., p. 115.

<sup>56</sup> MAILER, Norman. *O Evangelho Segundo o Filho*. Rio de Janeiro : Record, 1998, p. 41.



Sua atuação se faz sentir em três níveis: 1º) ocultismo, 2º) possessão, 3º) obsessão. O ocultismo leva a tirar a fé em Deus e colocá-la em coisas, símbolos e objetos que têm ligação com o Mal. A possessão se dá quando ele possui alguém. A obsessão se dá quando ele "planta" uma idéia na cabeça de uma pessoa. Em todos esses casos, como procede o crente?

*8 - A ação cristã face ao Maligno* - Devemos evitar dois erros na nossa análise da obra do Maligno. Um é o erro cometido pelo neo e baixo pentecostalismo que fazem dele o astro principal do culto e armam um espetáculo que muitas vezes beira o circense. O outro é reduzi-lo ao nível de manifestações espirituais que podem ser combatidas com estudos bíblicos e mais doutrina ou simplesmente negá-lo. E, fugindo também da atitude de alguns que o vêem como tão poderoso que se apossa de crentes. Em outras palavras, um erro é maximizá-lo. Outro é minimizá-lo. Sobre isto, então, façamos três observações sobre o crente, em relação a Satanás:

1º) ele não fica possesso - 1Jo 5.18 e 4.4

2º) ele pode sofrer obsessão - 1Pe 5.8: ele anda ao nosso redor.

3º) ele não deve se relacionar com o ocultismo - Ef 5.11. Deve evitar credices e superstições como figa, pata de coelho, trevo de quatro folhas, esfregar barriga de Buda, cristais, etc.. Além de serem atos inúteis, mostram uma atitude de envolvimento com o oculto.

Como proceder, então?

1º) compreendendo sua sutileza - 2Co 11.14. Não fede a enxofre nem tem patas de bode, como dito. No filme *A marvada carne* (sic), ele aparece como uma mulher insinuante e indefesa, carente diante de um homem gentil. Para muitas mulheres carentes aparecerá como homem atencioso. Para alguém necessitado, como o dinheiro que resolve o problema, etc. Não será o homem nem o dinheiro, mas se valerá deles. Não se trata de demonizar tudo, mas reconhecer que ele se vale das carências humanas e não de suas sobras. No episódio da tentação de Jesus, vemos que ele se valeu de aspectos que significam muito para o Salvador: comida (foi logo após seu jejum - não durante o jejum), poder e uma maneira de se apresentar como Filho de Deus evitando a cruz. Por que sofrer o Getsêmani e o Calvário se poderia ter o reconhecimento público atirando-se do pináculo do templo? Comida, poder e plena realização com ausência de sofrimento. Uma excelente plataforma ministerial. Qual ministro não gostaria de ter suas necessidades materiais atendidas e, ao mesmo tempo, pleno sucesso em seu ofício, sem muitos problemas?

2º) não lhe dando lugar - Ef 4.27. Muitos de nós damos espaços e cedemos nossa mente permitindo a obsessão. Em Mateus 12.43-45, vemos que uma mente vazia é uma atração para demônios. Uma opção é encher a mente de coisas boas: Colossenses 3.1-3.

3º) resistindo-lhe - Tg 4.7b. Alguns capitulam com facilidade. Hebreus 12.4 e 1Pedro 5.9 cabem aqui. Não basta identificar a tentação. É necessário não querer cair nela.

4º) sujeitando-nos a Deus - Tg 4.7 a. Ele é um anjo, mesmo que caído, e fomos feito abaixo dos anjos, como lemos no Salmo 8.5. Na RAB, este versículo ficou mal traduzido: "menor do que Deus". É uma tradução



equivocada de *elohym*. Em favor da interpretação de que o homem foi feito abaixo dos anjos, cito Plummer<sup>57</sup> e Chouraqui, que, inclusive faz a seguinte observação de rodapé: '**um Elohim**: Um ser angélico pertencente à corte celeste de Iahweh/Adonai"<sup>58</sup>. Isto se torna necessário de ressaltar devido ao triunfalismo de certo tipo de espiritualidade que faz o Diabo fugir do crente, que pode amarrá-lo, inclusive, com uma simples palavra. Tal ato, sem dúvida, resolveria todos os problemas do mundo. Bastaria amarrar Satanás para sempre. Ou fazer uma corrente de crentes, orando, em plantão, para declará-lo amarrado (aliás, quem o solta, já que em todo culto o amarram?). Mas a questão é que em vez de ser mostrado nas Escrituras como se fosse um animal domesticado que pode ser amarrado, ele é mostrado como um leão, rugindo e buscando a quem possa tragar, como diz 1Pedro 5.8. A melhor atitude a ser tomada por um cristão é sujeitar-se a Deus e resistir ao Maligno, conforme Tiago.

9 - *A carne* - O terceiro elemento desta "trindade" é *carne*. Seu sentido é bem mais amplo que nossa estrutura física. Citemos, neste contexto, as palavras de Chafer: "A palavra 'carne' (no grego, *sarx*) é traduzida na *New International Version* como 'natureza pecaminosa' e se refere não ao corpo físico mas antes à natureza do homem em seu estado caído"<sup>59</sup>. Esta natureza impele o homem para a prática do mal, mesmo quando ele conhece o evangelho. Cabem muito bem aqui as palavras de Paulo: "... mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. Pois o que faço, não o entendo; porque o que quero, isso não pratico; mas o que aborreço, isso faço (...) Agora, porém, não sou mais eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim" (Rm 7. 14b-15 e 17). A seguir, declara o apóstolo: "Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne. Não habita bem algum" (Rm 8.18). Este é sentido de carne no escrito paulino, a natureza humana caída. No Novo Testamento, o termo é "usado em sentido figurado para designar tudo quanto é terreno, sem relação para com Deus, que vive para si"<sup>60</sup>. Esta natureza milita contra o homem e o leva à prática de pecados.

Não se deve, no entanto, pensar em carne como no pensamento grego, de ser ela a prisão do espírito. Não pensemos numa alma boa aprisionada numa matéria má. Como dito, a questão, aqui, não é física. É de natureza espiritual. É ela que dita ao homem a sua conduta. Em Efésios 2.3 Paulo diz que antes da conversão andávamos segundo os desejos da carne. Ou seja, a natureza corrompida nos dominava completamente.

A própria vida cristã traz esta tensão: tínhamos a natureza de Adão e, pela conversão, ganhamos a de Cristo, mas ainda sofremos, como no texto de Paulo aos Romanos, os efeitos desta natureza adâmica. Afinal, perdemo-la ou não? Creio que sim e que não. Se dissermos que a perdemos por completo, cairemos no pelagianismo: pecado é apenas um ato, e não pode ser concebido em termos de uma natureza ou do caráter do homem. Os desdobramentos desta posição são danosos. Agostinho, na sua polêmica com

<sup>57</sup> PLUMMER, William. *Psalms*. Edinburgh: The Banner of the Truth Trust, 1975, p. 126.

<sup>58</sup> CHOURAQUI, André. *Louvores I*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1998, p. 72.

<sup>59</sup> CHAFER, Lewis Sperry. *Systematic Theology*. Wheaton: Victor Books, 1984, vol. 1, p. 405. NIV é a abreviatura de New International Version, excelente versão com excelentes notas de rodapé.

<sup>60</sup> VV. AA. *Pequeno Dicionário de Termos Teológicos*. S. Leopoldo: Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 1967, tópico "sarx".



Pelágio, mostrou ter entendido bem a questão: se pecado são atos, apenas, a vontade e a determinação podem abafá-lo. Citando Häglund: "Pelágio também afirmava, falando em geral, que o homem pode avançar até a perfeição, que pode evitar cada vez mais o mal e escolher o bem"<sup>61</sup>. Para Pelágio, não havia uma natureza pecaminosa. Tudo era questão de determinação. Tal situação levaria a um perfeccionismo que dispensaria a graça. Parece que a polêmica entre Pelágio e Agostinho deixou duas posturas que nos ajudam a entender a tensão. Para Pelágio, a situação era *não posso pecar*, pois o perfeccionismo levava a este ponto. Para Agostinho, a situação era *posso não pecar*. Na natureza em Adão, o homem é escravo do pecado. Como disse Jesus: "... aquele que comete pecado é escravo do pecado" (Jo 8.34). Na natureza em Cristo, temos as palavras de Paulo: "o pecado não terá domínio sobre vós" (Rm 6.14). A natureza da carne inclina para a morte. A natureza em Cristo, que Paulo, em outro texto, chama de "inclinação do Espírito" leva para a vida e para a paz: "Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz" (Rm 8.6).

Na simplicidade (e, ao mesmo tempo, profundidade) dos seus ensinamentos, Jesus expressou muito bem esta questão quando definiu que o pecado vem do interior do homem, de seu coração: "porque do coração procedem os maus pensamentos, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias" (Mt 15.19). O termo "coração" (*lev*, no hebraico) designa a interioridade do homem, a sede das decisões. O pecado é mais que influência do mundo exterior, uma força social que impele o homem ao mal. É sua natureza, a carne, portanto. Temos, portanto, a ação satânica, um conjunto de valores organizados pelo Mal e voltados contra Deus e nossa natureza. Estas três forças operam para levar-nos ao pecado.

*10 - A universalidade do pecado* - Mas estamos discutindo a questão do pecado. A abordagem sobre Satanás foi feita na análise das forças que levam o homem ao pecado. Cabe agora abordar a questão da universalidade do pecado. Na sua oração de dedicação do templo, Salomão deixou esta expressão: "pois não há homem que não peque" (1Rs 8.46). O substrato disto é o fato de que os homens são irmãos por causa da paternidade biológica de Adão. Com sua expulsão do Éden, toda a humanidade nasceu fora do paraíso e em pecado. Por isso, a universalidade do pecado alcança a todos os homens, como lemos em Romanos 3.10-18 e Salmo 14.1. É curiosa a declaração de Gênesis 5.3 de que Adão "gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem". Ele é pecador e gera filhos semelhantes a ele, também pecadores. É por isso que toda a sua descendência é pecadora. Uma expressão de Pascal esclarecerá o ponto: "Nascemos iníquos; cada um tende a agradar a si mesmo, e a tendência de agradar ao eu é o início de toda a desordem"<sup>62</sup>.

Parece não haver muita necessidade de debater este ponto da universalidade do pecado. Até mesmo sem um uso extenso da Bíblia podemos chegar a esta conclusão. As palavras de Milne são bem lúcidas ao comentar este ponto da teologia, a universalidade do pecado: "Esta afirmação bíblica é amplamente corroborada pela antropologia social e pela experiência

<sup>61</sup> HÄGLUND, op. cit. , p. 112.

<sup>62</sup> SAYÃO, Luiz. *Cabeças Feitas - Filosofia Prática para Cristãos*. 2ª ed. S. Paulo: Grupo Interdisciplinar Cristão, 1998, p. 56.



comum"<sup>63</sup>. Não é necessário um grande esforço para confirmarmos isso. Por exemplo, o salmista mostra Deus esquadrinhando a terra, atentamente, para encontrar um homem sem pecado, mas sem achar um só sequer (Sl 14.1). O próprio Jesus considerou os homens como sendo maus: "Se vós, sendo maus..." (Lc 11.13). Ele considerou todos os homens como maus e pecadores. Por isso, na oração modelo, ensinou os discípulos a orarem pedindo o perdão dos pecados (Mt 6.12). O ensino aqui é riquíssimo. A necessidade de perdão dos pecados é tão grande como a necessidade do pão diário.

Um aspecto outro a notar na questão da universalidade do pecado é sua extensão, não apenas geográfica (a raça), mas também existencial. Ele afeta o ser humano por inteiro e não apenas sua mente. Não apenas na área sexual (área em que nossas igrejas estão sempre atentas), mas na área relacional, também. Um exemplo: os maiores problemas dentro das igrejas não são causados por órgãos sexuais, mas pela língua descontrolada. A língua é o órgão do corpo humano que mais estragos faz nas igrejas. O pecado afeta toda a vida da pessoa. Afeta sua vontade (Jo 8.44), a mente e o entendimento (Gn 6.5, 1Co 1.21, Ef 4.17), os sentimentos (Rm 1.24-27) e nossas palavras e atitudes (Gl 5.19-21 e Tg 3.5-9). Isso é o que em teologia se chama *depravação total*. O termo se presta a interpretações equivocadas, por isto, voltemos a Milne:

A frase não significa que sejamos tão maus quanto seria possível, o que nos igualaria aos demônios; porém nenhum aspecto de nossa natureza é deixado intacto pelo pecado; não podemos citar qualquer área de nossa personalidade para reivindicar autojustificação moral (...) Não existe dentro da personalidade humana uma 'reserva ecológica' em que o 'estado original' do homem seja preservado intacto. Estamos totalmente decaídos e portanto totalmente necessitados de redenção<sup>64</sup>.

O termo foi usado pelos calvinistas e batistas e quer dizer que a queda teve o poder de afetar toda a vida do homem, em todos os níveis, sem exceção. Não se pode confiar em nenhum aspecto da natureza humana pensando que ele não foi corrompido. O termo é, portanto, empregado com o sentido de extensão (totalidade) e não de profundidade (mais ou menos depravado).

*11 - O pecado social* - O pecado não tem dimensões apenas individuais. Tem, também, uma dimensão cósmica, como lemos na maldição sobre a terra, quando da queda da humanidade: "maldita é a terra por tua causa" (Gn 3.17). Paulo mostrará, mais tarde, que a redenção de Cristo não é apenas a salvação dos homens, mas a reconstrução da criação, na famosa frase de 2Coríntios 5.17. No trecho de Romanos 8.19-22 ele mostra que a obra de Cristo abrange também a restauração da natureza. Ele é o Salvador de todas as coisas e não apenas dos homens, porque tudo, e não apenas o homem, foi corrompido. "Eis que faço novas todas as coisas" (Ap 22.5) mostra que em Jesus Cristo Deus está criando um mundo novo. A salvação é a recriação.

Mas além desta dimensão cósmica devemos observar o pecado na sua dimensão social. Sendo o homem um ente relacional, o pecado afetou sua

<sup>63</sup> MILNE, Bruce. *Conheça a Verdade*. S. Paulo: ABU Editora, 1987, p. 107.

<sup>64</sup> MILNE, op. cit., p. 108.



capacidade de relacionar-se com as demais pessoas e não somente com Deus. No episódio da queda vemos Adão colocar a culpa sobre Eva. Esta coloca sobre a serpente. Há um mal relacionamento, agora. O homem passa a se relacionar mal com Deus e com o seu próximo. Este mau relacionamento com o próximo é a dimensão social do pecado. Em nosso tempo vemo-lo presente nas relações sociais, econômicas e políticas.

Os profetas pregaram veementemente contra os pecados sociais. Mas boa parte da preocupação de nossas igrejas é contra desvios litúrgicos e vícios como o da embriaguez e do fumo (com os quais também não concordo). No entanto, fechamos os olhos para o pecado social. Sobre este escrevi em outro lugar:

O pecado tem uma dimensão individual. Está no indivíduo. Mas tem uma dimensão social. Está nas estruturas. Não pregamos contra as estruturas e deixamos as pessoas com a noção de que as coisas são assim mesmo, que não mudarão nunca, que só quando Cristo vier é que esses problemas vão ser resolvidos. O descaso com a vida humana, como se vê nos hospitais do Brasil, nada tem a ver com a volta de Cristo. É questão de pouco respeito pela vida, de cinismo, de absoluta insensibilidade de uma classe política baixa e vulgar, que vive nababescamente às custas dos cofres públicos. Uma classe iníqua, contra a qual Amós disse: "...dormem em camas de marfim, e se estendem sobre seus leitos, e comem os cordeiros tirados do rebanho, e os bezerros do meio do curral; que garganteiam ao som da lira, e inventam para si instrumentos musicos, assim como Davi; que bebem vinho em taças, e se ungem com o mais excelente óleo; mas não se afligem com a ruína de José" (Am 6.4-6). Uma classe que vive muito bem, mas não se aflige com a ruína dos zés da vida<sup>65</sup>.

Tirando o mau humor contido na declaração acima (porque foi produto de outro contexto) o fato é que o resto permanece: a dimensão social do pecado é ruínosa e ignorada pelas nossas igrejas. A exploração social, a corrupção política, o comprometimento com a imoralidade administrativa, o racismo, a opressão social, todas estas coisas são pecado. O pecado afetou as estruturas sociais também, porque estas são criação humana. Usamos muito o texto de Romanos 13.1 como uma espécie de mordaza social, mas creio que a interpretação usual, de acomodação e silêncio diante das autoridades, está equivocada. Hitler, responsável pela morte de 6.000.000 de judeus, foi constituído por Deus? Stálin, responsável pela morte de 18.000.000 de russos, foi constituído por Deus? Idi Amin, Bokassa, Hildebrando Paschoal, Fernando Collor e tantos outros que se envolvem com corrupção, eliminação física de discordantes, são homens postos por Deus no poder? Deve-se obedecê-las? A lealdade maior da Igreja é para com Deus e sua Palavra e não com pessoas. Na realidade, é bom enfatizar, a lealdade maior da Igreja não é nem mesmo para com as estruturas denominacionais, mas sempre com Deus e com sua Palavra. Como bem nos diz Francis Schaeffer:

Não existem duas fidelidades iguais. O Estado também está sob a lei da Palavra de Deus. Assim, se pelo fato de termos a bandeira de nosso país em nossa igreja, estamos demonstrando aos nossos jovens que há duas

<sup>65</sup> COELHO FILHO, Isaltino. *Como Sua Igreja Pode Transformar o Mundo*. S. Paulo: Exodus Editora, 1997, p. 95



fidelidades iguais ou duas fidelidades entrelaçadas, é melhor o fazermos de modo diferente (...) Não há duas fidelidades iguais - César vem em segundo lugar em relação a Deus<sup>66</sup>.

O que Schaeffer está dizendo é muito simples: a lealdade do cristão a qualquer autoridade constituída e mesmo ao Estado (e até à denominação) é penúltima. A lealdade última é para com Deus, sua Palavra e seus princípios e valores. Os valores do reino de Deus estão acima dos valores do reino de César. Isto quer dizer que a consciência social, ditada pelos princípios das Escrituras, não pode ser abafada. Em muitas ocasiões, os profetas de Israel e Judá entraram em choque com as autoridades constituídas. Quando a lealdade ao rei não pôde ser mantida porque entrava em choque com a lealdade a Deus, a lealdade ao rei foi quebrada. A Igreja de Cristo não pode silenciar quando o pecado social, a injustiça, a corrupção, a opressão ao pobre e a imoralidade administrativa campeiam. Sua lealdade final não é à autoridade humana, mas para com Deus.

Elias e depois Eliseu entraram em choque com Jezabel quando sua idolatria e violência ameaçaram a fé hebraica e a paz social. Todos os profetas lutaram contra uma determinada ordem política quando esta se tornou injusta. Amós pregou contra "os que vendem o justo por dinheiro e o necessitado por um par de sapatos" (Am 2.6). Pregou contra a aliança iníqua entre o poder religioso interesseiro e corrompido e um poder civil injusto e explorador, como lemos em Amós 2.8 e 3.10. Pregou contra juízes corruptos (5.7 e 12). Miquéias pregou contra um empresariado explorador (Mq 2.2), juízes e sacerdotes corruptos (Mq 3.11 e 6.11). Esta não é uma questão de ética social, mas de teologia, mesmo: a dimensão social do pecado que invade as estruturas econômicas, políticas, educacionais e sociais. João Batista viu isso, quando aconselhou os publicanos que batizava a não serem corruptos (Lc 3.13) e aos soldados que não usassem da violência nem aceitassem suborno (Lc 3.14). em Atos 4.19, os apóstolos, entre obedecer às autoridades e a Deus, dizem que não podem obedecê-las. A obediência última é a Deus. No livro do Apocalipse, toda a luta dos cristãos sofredores é contra um estado opressor, contra o imperador humano, que queria ser Deus. A palavra de Lutero, ao se separar da Igreja de Roma, pode se aplicar aqui: "minha consciência está cativa da Palavra de Deus". Ela é o padrão final, não qualquer figura humana.

Lembremos, também, que as ações e decisões humanas, em muitas vezes, são produtos de estruturas sociais, de pensamento, de cultura. É lamentável, por exemplo, que o racismo, nos Estados Unidos, tenha sido endossado por muitas igrejas de brancos, de teologia conservadora. A estrutura social estava errada e as igrejas, infelizmente, se enquadraram nelas e as julgaram normais, em vez de combatê-las. Elas não desobedeceram às autoridades, mas pecaram contra Deus por obedecê-las, pelo seu racismo assumido com sua omissão e até mesmo com o seu cometimento. A Igreja Católica Romana pediu perdão aos judeus porque deveria ter sido mais ativa em favor deles quando do nazismo. Agora prepara-se para pedir perdão aos grupos protestantes e a outros grupos que perseguiu durante a Inquisição. As igrejas batistas norte-americanas devem um pedido de perdão aos negros norte-americanos pelo racismo com embasamento

<sup>66</sup> SCHAEFFER, Francis. *A Igreja no Ano 2001*. Goiânia: Casa Editora Aplic, 1975, p. 106.



teológico que desenvolveram até os anos sessentas. E as nossas também, porque sempre que alguém questionava isso, fechávamos os olhos e ignorávamos o crime dos irmãos batistas norte-americanos. Mas voltando ao pecado social, como nos diz Konrad Hilpert:

Considerado sob o prisma da teoria da ação, o 'pecado social' ressalta o fato de que as ações e as decisões humanas se acham metidas em contextos funcionais abrangentes. Sobretudo os campos sociais da política, da economia, da técnica e da informação se organizam como grandes sistemas, que por suas estruturas fixam em ampla medida no seu agir os atores e os participantes, influenciando-as também em suas relações, em seu pensar e sentir. Contrariamente às ações de pessoas concretas que se reconduzem a atos voluntários, as estruturas são separáveis dos sujeitos individuais que as usam, podendo operar mais ou menos automaticamente<sup>67</sup>.

Esta dimensão social do pecado precisa ser recuperada em nossa teologia e em nossa pregação para que nossas igrejas tenham um procedimento social sadio no mundo. Em termos de missão isso nos ajudaria a entender que não basta pregar esperando a transformação das pessoas, mas também das estruturas, que se mantêm autônomas das pessoas. E, no fim, acabam corrompendo as pessoas, até mesmo as das nossas igrejas.

*12 - A questão do pecado original* - Parece estarmos fora de nexos quando abordamos o pecado original só agora. Mas há sentido nesta ordem, como veremos, no desenrolar da argumentação. Mas a questão é esta: o que é pecado original? Citemos, para início da resposta, o teólogo Chafer: "O termo 'pecado original' carrega consigo duas implicações: (1) o primeiro pecado da raça, e, (2) o estado do homem em todas as gerações subseqüentes como resultado do pecado original"<sup>68</sup>. A seguir, façamos outra observação sobre escrito alheio, desta vez com Uretta: "Assinala-se com esta expressão, a condição em que se encontram os homens, condição esta a que Paulo se refere com a expressão 'vendido ao pecado'. Os homens encontram-se vendidos ao pecado, como um escravo é vendido a um dono"<sup>69</sup>. Começamos a entender que se refere a uma questão: como o pecado do primeiro casal passou para a toda a raça humana. Mas devemos fazer-nos uma pergunta: como todos nós somos pecadores por causa do pecado de Adão? Com que natureza nascemos? Como dissemos anteriormente, após sua queda, Adão gerou filhos conforme à sua imagem e conforme à sua semelhança, ou seja caídos. Em termos mais simples, podemos resumir isto numa frase: *toda a humanidade nasceu fora do Éden, símbolo da comunhão com Deus*. Como consequência da queda, todos passamos a ser pecadores. Uma simples observação da natureza humana nos ajuda a verificar que não é necessário ensinar uma criança a pecar. Ela o fará, no tempo aprazado. É preciso ensinar-lhe o bem. "Cessai de fazer o mal; aprendei a fazer o bem" é a declaração bíblica (Is 1.16-17). Parece ser natural, no homem, a inclinação

<sup>67</sup> HILPERT, Konrad in EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. S. Paulo: Paulus, 1993, p. 665.

<sup>68</sup> CHAFER, Lewis Sperry. *Systematic Theology*. Wheaton: Victor Books, 1984, vol. 2, p. 386.

<sup>69</sup> URETTA, op. cit., p. 138.



para o mal. Ele não precisa ser aprendido. Mas a prática do bem precisa ser aprendida.

No entanto, apesar de toda esta explicação, Champlin argumenta nos seguintes termos:

Até onde sei, esta doutrina foi originada pelo apóstolo Paulo. Nos escritos rabínicos, não há qualquer ensino claro sobre o pecado adâmico transmitido à raça humana. No entanto, como Paulo era fariseu, é perfeitamente possível que a abordagem dele sobre a questão tivesse surgido no judaísmo helenista, não tendo sido originada por ele<sup>70</sup>.

Parece que Champlin sabia pouco, então, já que até onde ele sabia a idéia teria sido criada por Paulo. Cito aqui G. F. Moore, em resposta a esta observação feita por Champlin:

Que o pecado de Adão envolveu toda a sua posteridade, tanto os justos como os maus, é o ensino constante dos rabinos (...) Os antigos conceitos de solidariedade não questionavam essa teoria de que os pecados dos pais recaem nos filhos. Era a doutrina da experiência e também das Escrituras<sup>71</sup>.

Não é uma novidade criada por Paulo, mas uma idéia já sustentada anteriormente por rabinos. E se Paulo tinha educação rabínica, já se pode presumir de onde vem sua interpretação. Em resposta, ainda, a Champlin, definamos algo, de início. Uma coisa é uma doutrina ser verbalizada em termos teológicos, ocidentais, próprios de uma cultura cristã. Outra coisa é estar ela presente na Bíblia, sustentada por versículos, de forma clara. Não há uma doutrina sistematizada do pecado original, no Antigo Testamento, mas a idéia está presente no texto já citado de Adão gerando Sete "à sua semelhança, conforme à sua imagem" (Gn 5. 3). O estado de Adão é de um humano caído e assim, ele gera filhos caídos. No Salmo 51.5 temos a expressão de Davi: "Eu nasci em iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe". Ele não era filho ilegítimo, produto de ligação adulterina. Esta declaração alude à sua situação como pecador. A declaração bíblica de Romanos 3.10-12 é bem clara em mostrar todos como pecadores. De alguma maneira, o pecado de Adão está presente em toda a raça humana.

O texto de Romanos 5.12-19 se impõe como necessário para qualquer análise da questão do pecado original. Vejamos algumas idéias que estão bem claras no texto:

- (1) "Por um só homem entrou o pecado no mundo". Adão é o introdutor do pecado na raça humana. Há uma ligação clara entre o pecado de Adão e o da raça humana, apesar do esforço de alguns intérpretes em minimizar ou dar outro sentido ao texto.
- (2) "Porque todos pecaram". A expressão é conclusiva, ao analisar a morte como realidade presente na experiência de todos, morte que sobreveio por causa do pecado. Mas se todos morrem, consequência

<sup>70</sup> CHAMPLIN, Russel (ed.). *Enciclopédia de Bíblia, Filosofia e Teologia*, 6 volumes. S. Paulo: Candeia, 1991, vol. 5, p. 150.

<sup>71</sup> SHEDD, op. cit., 83.



do pecado, a conclusão óbvia é que todos receberam os efeitos do pecado de Adão.

- (3) "Ofensa de um só" aparece no versículo 15. "Uma só ofensa" surge no versículo 16. "Pela ofensa de um e por meio de um só" vem no versículo 17. "Por uma só ofensa" vem no versículo 18. "Pela desobediência de um só homem" está registrado no versículo 19. A incidência destas expressões deixa bem claro que há uma ligação entre o pecado de Adão e o estado da raça humana. Carregamos o pecado de Adão conosco.
- (4) O contraste entre Adão e Cristo, no texto, é notável. Os efeitos da obra de Cristo caem sobre os que crêem, da mesma maneira que os efeitos da obra de Adão recaíram sobre toda a raça. Se há os efeitos benéficos da obra de um só, Jesus Cristo, (argumento segundo) é porque houve os efeitos negativos da obra de um só, Adão (argumento primeiro).

Creio que este tópico, que pode ter mais considerações no texto bíblico de Romanos, pois não as esgotei, pode receber elementos para mais discussão com uma citação de Lloyd-Jones:

Isto é um ato judicial de Deus. Deus fez o homem e designou Adão como representativo de toda a raça humana. Ele tinha o direito total de fazê-lo. Ele decretou que toda a humanidade deveria ser representada pelo primeiro homem, e deveria sofrer as conseqüências da ação deste homem. E foi isto o que aconteceu. Quando Adão pecou, Deus fez o que disse o que faria e constituiu toda a descendência de Adão como pecadora. Todos pecamos em e com Adão porque ele é nosso cabeça federal e representante; assim Deus nos declarou a todos como pecadores<sup>72</sup>.

Esta expressão "federal", usada por Jones, vem de Agostinho, a quem citamos, neste contexto, para ampliar o conceito:

A teoria Agostiniana (sic) é que os homens estavam embrionariamente em Adão, ou presentes nele, através da substância do seu ser. E que, portanto, pecaram através dele, e são, por isso, condenados. A raça é, pois, culpada do pecado de Adão porque tomou parte nele [...] Mas não há um sentido pelo qual os descendentes de Adão possam ser apresentados como presentes em Adão na ocasião do seu pecado, de modo a justificar a imputação do pecado de Adão a eles<sup>73</sup>.

A seguir, em nossa argumentação, registramos a observação de Conner que declara que a teoria federal não é melhor, criticando a teoria de que Deus teria feito um pacto com Adão de que se ele não desobedecesse, seus descendentes teriam vida eterna. Se desobedecesse, seu pecado seria debitado aos descendentes. Para ele "tal imputação dos pecados de um indivíduo humano sobre outro, na base de um concerto em que, aquele a quem o pecado é imputado nada tem a ver, é o cúmulo da injustiça"<sup>74</sup>. Mas,

<sup>72</sup> LLOYD-JONES, Martin. *Romans - Exposition of Chapter 5*. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 2ª ed., 1974, p. 273.

<sup>73</sup> CONNER, Walter. *O Evangelho da Redenção*. 2ª ed., Rio de Janeiro: JUERP, 1981, p. 36.

<sup>74</sup> *Ib.*, *ibidem*, p. 37.



embora tenha um grande respeito por Conner e tenha bastante do meu pensamento teológico influenciado por ele, duas observações corretivas tenho que fazer às suas declarações. A primeira é que aceitar a teoria federal não significa aceitar este hipotético pacto de Deus com Adão, no Éden. A segunda é que a injustiça que ele vê na imputação dos pecados de um indivíduo sobre outro se repete na Bíblia, como no episódio de Acã, como nos relata Josué 7. É reafirmado no episódio do censo que Davi faz, desagrada a Deus e traz conseqüências sobre o povo (2Sm 24.10-15). Conner entende que o pecado original é por causa da unidade da raça. Esta sua argumentação está na obra citada, à pagina 37. É longa sua explicação para inseri-la numa apostila, mas o aluno desejoso de saber mais deve ir a Conner para entendê-la. Na realidade, se há diferença entre o conteúdo da posição de Conner e a de Agostinho, esposada por Lloyd-Jones, é bem sutil, e se necessita de bastante esforço para deixar as margens de ambas bem delineadas.

*13 - Opções na interpretação do pecado original* - Devo a Hammett a nomenclatura deste tópico. Ele mostra a necessidade de se fazer esta abordagem. A argumentação a seguir não é dele, é minha, mas concedo-lhe o mérito.

- (1) Uma delas é que Adão é apenas um exemplo negativo. A conexão entre seu pecado e nosso estado não pode ser feita. Nossa condição de pecadores não vem conosco, mas é uma opção de vida que fazemos em um determinado momento. Esta posição se aproxima muito do pelagianismo. Hägglund nos afirma o seguinte sobre Pelágio e seu conceito de pecado original:

Pelágio rejeitou a idéia de que se deve conceber o pecado em termos da natureza ou do caráter do homem. O pecado não é defeito da natureza mas da vontade. Como resultado, também negou-se a aceitar a doutrina do pecado original. Pecado é apenas o que o homem faz, e por causa disto não pode ser transmitido por herança, não pode estar implícito na natureza<sup>75</sup>.

- (2) Nossa presença em Adão. Esta posição é chamada de "identidade seminal" ou "identidade real". Todas as pessoas, toda a raça humana, estavam presentes em Adão. É a posição agostiniana, como já visto. Hebreus 7.9-10 é usado aqui para mostrar nossa ligação física com Adão. Infelizmente, na sua interpretação de Salmo 51.5, texto que usei sem este sentido, Agostinho identificou a transmissão do pecado original com o ato sexual. Esta visão trouxe terríveis conseqüências para o cristianismo na sua visão do corpo e do material. Produziu uma terrível má vontade para com o mundo material, influência presente ainda em muito do nosso discurso, que privilegia o espiritual em detrimento do material. Vemos isso hoje: o que se passa na igreja é santo, o que se passa lá fora é mundano. Mas sem dúvida que a melhor resposta ao neo-platonismo de Agostinho veio de Jostein Gaarder, em recente obra romaneando

<sup>75</sup> HÄGGLUND, op. cit., p. 112.



uma fictícia carta de Flora Emília para Agostinho<sup>76</sup>. É uma bem fundamentada crítica à teoria de que o corpo é mau e o espírito é bom, que a mulher é fonte de pecado e o sexo um mal necessário. Calvino segue esta linha, sem os exageros de Agostinho, mas coloca Adão como raiz da raça humana e nós como ramos, participantes da raiz. Assim evita a má vontade de Agostinho para com o mundo material.

- (3) Culpa condicional. Hammett diz ser a posição de Erickson e outros (não menciona quais). Esta teoria concorda que a raça humana caiu com Adão, mas esta culpa não é absoluta, mas condicional. O que significa isto? Que ela não é real ou eficaz enquanto não chegamos à idade da razão e aceitamos a nossa natureza corrupta. Mas citando o próprio Erickson, com suas palavras: "Mas na questão do pecado, assim como na imputação da justiça de Cristo, deve haver algum tipo de decisão consciente e voluntária de nossa parte. Até então só há uma imputação incondicional da culpa. Assim não há condenação até que se atinja a idade da responsabilidade"<sup>77</sup>. Mas eu levantaria uma questão aqui: se uma pessoa não tomasse, em nenhum momento de sua vida, esta decisão consciente e voluntária, ela não seria pecadora? Não é isto um tipo de pelagianismo? Ou, pelo menos, não é um semi-pelagianismo?

A questão não fica resolvida com nenhuma destas interpretações, porque alguns pontos ficam sem resposta. Muito da nossa compreensão, na realidade, vai depender da concepção filosófica que fizermos sobre a natureza do primeiro casal e do conceito de queda que mantivermos. Figuradamente, a questão me parece mais compreensível quando observamos que toda a raça humana nasce fora do Éden, ou seja, fora do lugar original. E que Adão gera um filho à sua semelhança, conforme à sua imagem (Gn 5.3). Sua descendência já tem a *imago Dei* arranhada. Este ponto que já abordei anteriormente e que novamente abordo me parece central para compreender a questão, mesmo que com perguntas que ainda permaneçam.

*14 - Implicações teológicas, sociológicas e filosóficas do pecado original* - Na realidade, nossa discussão sobre o pecado original, não importa o rumo que tome, remonta a este ponto: se o homem foi criado bom, o que aconteceu? Como sucedeu sua queda? Especificamente, a questão da queda já foi discutida ao falarmos sobre o conceito de pecado porque ali mostramos o que originou o pecado ou o que o pecado causou. As duas leituras são corretas. Mas se o homem foi feito sem pecado, após a queda, o que lhe aconteceu?

- (1) Para Pelágio, nada aconteceu. Continuamos os mesmos, posto que Adão é apenas um mau exemplo que pode não ser seguido. Mas nossa experiência nos ensina que isto não é verdade. E o ensino bíblico corrobora nossa experiência.

<sup>76</sup> Refiro-me à obra de Jostein Gaarder, *Vita Brevis* (S. Paulo: Cia. das Letras, 1998). É uma leitura indispensável a estudantes de Filosofia e de Teologia. A análise que Gaarder faz da posição agostiniana sobre o mundo material é muito bem fundamentada.

<sup>77</sup> ERICKSON, op. cit., p. 271.



- (2) Passamos a ter uma tendência para o mal. Paulo discute isto magistralmente em Romanos 7.19-24. Mas podemos vencer as tentações e resistir ao pecado, como vários versículos bíblicos nos aconselham.
- (3) Temos uma natureza pecaminosa que se manifesta em atos. Ou seja, o pecado (princípio que domina o homem e opera em sua vida) gera pecados (atos que são produzidos pela natureza corrompida que é tentada e cai). Textos com Efésios 2.3, Romanos 3.10-12 e 7.18 comprovam isto. O pecado se torna uma realidade inevitável ("não há homem que não peque"- 1Reis 8.46).
- (4) Do ponto de vista social não podemos presumir que o problema básico do homem se resume a mais educação, melhores oportunidades sociais, melhor qualidade de vida econômica. Estas coisas são boas e necessárias, mas o maior problema da humanidade é o pecado. Neste sentido, embora a Igreja deva promover a ação social, a evangelização, que é a proclamação dos atos de Deus em Cristo e uma chamada ao arrependimento e à fé em Jesus é a maior atividade que a Igreja pode realizar. E só ela pode fazer isto. Ação social, qualquer organismo humano pode realizar. Evangelizar, só a Igreja.
- (5) Do ponto de vista filosófico, a moderna antropologia que se difunde por várias ciências como a Psicologia, a Sociologia e outras, que minimizam ou negam a questão do pecado, se constitui num engodo. Tentar abafar a noção de pecado numa sociedade é como quebrar um termômetro que registra a febre para ver se esta abaixa. Negar o pecado não cria um homem melhor, livre de tabus e preconceitos, mas produz uma sociedade amoral, o que é pior que uma sociedade imoral.

*15 - Uma consideração final* - Mais uma vez, citando Hammett, é oportuno encerrarmos a discussão sobre o pecado observando os três estágios com que Agostinho descreveu a história da humanidade:

- 1) *Antes da queda* - o tempo da inocência - A expressão é "pode não pecar nem morrer". Trata, especificamente, da humanidade essencial. O texto bíblico é Gênesis 1-2.
- 2) *Depois da queda* - o tempo da responsabilidade - A expressão é "não pode não pecar nem não morrer". Trata, especificamente, da humanidade existencial. O texto bíblico é Gênesis 3 a Apocalipse 19.
- 3) *No céu* - o tempo da salvação completa - A expressão é "não pode pecar nem pode morrer". Trata, especificamente, da humanidade escatológica. O texto bíblico é Apocalipse 20-22.

Mais disto, principalmente sobre a questão da salvação, veremos nas unidades posteriores.

*16 - A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira* - Como fizemos no encerramento da discussão sobre o homem, faremos agora: a apresentação da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira sobre o pecado.



O *PECADO* - No princípio o homem vivia em estado de inocência e mantinha perfeita comunhão com Deus (1). Mas, cedendo à tentação de Satanás, num ato livre de desobediência contra seu Criador, o homem caiu no pecado e assim perdeu a comunhão com Deus e dele ficou separado (2). Em consequência da queda de nossos primeiros pais, todos nós somos, por natureza, pecadores e inclinados à prática do mal (3). Todo pecado é cometido contra Deus, sua pessoa, sua vontade e sua lei (4). Mas o mal praticado pelo homem atinge também o seu próximo (5). O pecado maior consiste em não crer na pessoa de Cristo, o Filho de Deus, como Salvador pessoal (6). Como resultado do pecado, da incredulidade e da desobediência do homem contra Deus, ele está sujeito à morte e à condenação eterna, além de se tornar inimigo do próximo e da própria criação de Deus (7). Separado de Deus, o homem é absolutamente incapaz de salvar-se a si mesmo e assim depende da graça de Deus para ser salvo (8).

(1) Gn 2.15-17, 3.8-10 e Ec 7.29

(2) Gn 3, Rm 5.12-19, Ef 2.12 e Rm 3.23

(3) Gn 3.12, Rm 5.12, Sl 51.15, Is 53.6, Jr 17.5, Rm 1.18-27, 3.10-19, 7.14-25, Gl 3.22 e Ef 2.1-3

(4) Sl 51.4, Mt 6.14-15, Rm 8.7,22

(5) Mt 6.14-15, 18-21-35, 1Co 8.12 e Tg 5.16

(6) Jo 3.36, 16.9, 1Jo 5.10-12

(7) Rm 5.12-19, 6.23, Ef 2.5, Gn 3.18, Rm 8.22

(8) Rm 3.20,23, Gl 3.10-11, Ef 2.8-9



## Matéria 1: A DOCTRINA DA EXPIAÇÃO

1. *O valor da doutrina da salvação* - Não há dúvidas de que todas as doutrinas bíblicas têm valor e são significativas para a vida cristã e para a Igreja como um todo. Algumas, porém, se tornam o sustentáculo das demais. Poderíamos alistar, como a mais importante, seguindo nesta linha de raciocínio, a doutrina da revelação (que já estudamos em Teologia Sistemática I). Existe uma doutrina cristã porque Deus se revelou. Não tivesse acontecido uma revelação, não haveria como elaborar uma teologia cristã. O conhecimento de Deus que teríamos seria o da revelação natural (Sl 19.1 e Rm 1.18-21), suficiente para mostrar o poder de Deus, segundo Paulo, mas insuficiente para ensinar doutrinas sobre Deus. Depois desta, sem dúvida, temos a doutrina da salvação. O Deus que se revelou também nos salvou, em Jesus Cristo. Por fim, temos a doutrina da Igreja<sup>78</sup>. Os salvos formam a Igreja de Jesus.

2. *A salvação e a pessoa de Cristo* - Não há como falar de salvação sem falar sobre a pessoa de Jesus Cristo. Isto é tão óbvio que a afirmação corre o risco de se tornar acaciana<sup>79</sup>. Mas torna-se necessário de reafirmar por causa de certas ênfases atuais no cenário evangélico, apontando para a necessidade de ritos neojudaizantes, e a promoção de caravanas à "terra santa", como se fôssemos árabes necessitando ir à Meca, e outros ensinamentos mais estranhos ainda, como até a defesa de reencarnação<sup>80</sup>. No meio de tanto alarido e de vozes desconexas, é oportuno deixar bem definidos os limites da doutrina da salvação: somos salvos por causa da obra de Cristo na cruz. A neojudaização acena com a possibilidade de salvação fora da obra da pessoa de Jesus, insistindo em ritos e festas judaicas, dando valor àquilo que Jesus aboliu, conforme lemos em Colossenses 2.16-17. Também agrava a questão o fato de que na teologia da prosperidade, a obra de Jesus Cristo deixa de ser a de salvação e passa a ser a de provisão. Jesus deixa de ser o Salvador e passa a ser o Provedor. O pecado deixa de existir e seu lugar na pregação é ocupado pela bênção material. A salvação deixa de ser dos pecados e passa a ser salvação da pobreza. Não se pensa mais em termos de perdão dos pecados e dos efeitos salvíficos da obra de Jesus, mas sim em como receber os benefícios materiais que ele, pretensamente, oferece às pessoas. Esta mudança de compreensão do papel de Jesus Cristo e sua relação com os homens já havia sucedido na teologia da libertação em que Jesus deixou de ser o Salvador para ser um modelo de engajamento político. Como antes já haviam feito as teologias existencialistas ao colocá-lo como modelo de vida. Isto significa que a doutrina da salvação tem muito a ver com a pessoa de Jesus Cristo e seu ministério, incluindo a sua morte na cruz.

<sup>78</sup> Na sua obra citada aqui algumas vezes, Hammet coloca a doutrina da Igreja à frente da doutrina da salvação. Inclusive ele alega que é batista, "principalmente por causa da minha doutrina da igreja". Mas pensando bem, temos uma Igreja porque temos uma salvação, e não o oposto. Por isso que inverteo a ordem no meu arrazoado. Na minha ótica, eu sou batista porque fui salvo, ou seja, por causa da salvação. A doutrina da salvação antecede a da Igreja, em termos de experiência. Se eu não tivesse sido salvo, nunca seria Igreja. E mesmo que fosse membro de uma igreja batista seria apenas membro de uma comunidade humana, sem ser, teologicamente, um batista.

<sup>79</sup> Adjetivo alusivo ao personagem de Machado de Assis, Conselheiro Acácio, famoso por conselhos e conceitos óbvios.

<sup>80</sup> Veja, especialmente, a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, de Champlin, obra já citada nesta apostila. Veja o tópico "Reencarnação".



3. *Uma idéia básica* - Deixamos, então, afirmado que para entender bem a questão da salvação temos que entender bem a pessoa de Jesus (o que é tarefa de Teologia Sistemática I, como já estudamos) e a sua obra na cruz, tarefa do momento. Nada é mais vital para nossa fé que a pessoa e a obra de Jesus Cristo. Sem a encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus, o cristianismo seria sem sentido. Seria uma ética moralizante mas sem bases sólidas. Isto porque o cristianismo não é uma ética religiosa nem uma cultura religiosa. É Cristo crucificado e ressurreto, poder de Deus para salvação de todo aquele que crê. Se isto for deixado de lado, podemos exclamar como Paulo: "o escândalo da cruz estaria aniquilado" (Gl 5.11). Em vez de tentar desfazer o escândalo da cruz, o seguidor de Jesus canta a glória da cruz.

4. *O lugar da cruz* - O símbolo mais conhecido do cristianismo é a cruz. Ela é central à nossa fé. É difícil falar ou pensar em cristianismo ou em alguma coisa cristã sem associar com a cruz: uma igreja cristã ou um calendário cristão, por exemplo, terão uma cruz, em algum lugar, em algum momento. Há tempos, uma seita conhecida em Brasília como Vale do Amanhecer, apresentou uma proposta, em um programa de televisão difundida pelo Rede Globo: a cruz era símbolo de sofrimento, miséria e fracasso. Ela deveria ser trocada (esta era a sua proposta) por uma elipse. Diferentemente da cruz, a elipse tem uma mensagem positiva. Ela é símbolo de um movimento perpétuo. Mas o cristianismo fala de vergonha e dor. Não o varre para baixo do tapete. É na cruz que vemos todo o peso do pecado. Sem a cruz, a fé cristã perde seu sentido. No entanto, não é só o Vale do Amanhecer que pretende substituir a cruz. Estranhamente, algumas pessoas dentro da Convenção Batista Brasileira fizeram campanha, pelo "O Jornal Batista", para que as igrejas batistas exibissem em sua frente a logomarca da CBB, um peixe. Curioso! Colocar a cruz não pode, mas colocar o símbolo da Convenção pode. Uma cruz na frente de uma igreja batista é sinal de idolatria, mas ter o símbolo da Convenção é sinal de ortodoxia. Esta postura é significativa porque parece ser uma declaração de que ser batista é mais importante que ser cristão. Uma atitude desta mostra uma mudança de ênfase na pregação e no conteúdo da própria denominação. A Igreja Universal do Reino de Deus trocou a cruz pela pomba. Trocou o objetivo, o histórico, pelo invisível, pelo subjetivo, o Espírito Santo. A cruz é uma ação de Deus na história, tão profunda que a dividiu em antes e depois de Cristo. A ação do Espírito é subjetiva, em termos de dons, de ação santificadora. Deixou-se de ver o histórico, o global, e passou a se trabalhar com o pessoal, o subjetivo<sup>81</sup>. A posição destas pessoas dentro da CBB é um fato preocupante: a estrutura denominacional está sendo colocada acima da pessoa e da obra de Cristo. Mas a cruz não deve ser substituída pela elipse, nem pelo peixe nem pela Bíblia. A cruz é insubstituível, pois ela é a glória do cristão. Sobre esta questão de símbolos, pensemos nestas palavras de Stott, ao explicar porque os cristãos primitivos preferiram a cruz a qualquer outro símbolo, para justificar a sua fé:

<sup>81</sup> Na realidade, tal atitude não é acidental nem um descuido. Trata-se de uma leitura hermenêutica, não de um texto bíblico, mas de uma realidade. É uma cosmovisão. Tratei deste processo hermenêutico em um artigo intitulado "Uma Nova Reforma", publicado em duas edições de "O Jornal Batista", abordando a hermenêutica neopentecostal.



Mas o peixe não permaneceu como símbolo cristão, sem dúvida porque a associação entre Jesus e o peixe era meramente acronímica (uma disposição fortuita de letras e não possuía nenhuma importância visual) [...] mas a escolha dos cristãos possuía uma explicação mais específica. Desejavam comemorar, como centro da compreensão que tinham de Jesus, não o seu nascimento nem a sua juventude, nem o seu ensino nem o seu serviço, nem a sua ressurreição nem o seu reino, nem a dádiva do Espírito, mas a sua morte e a sua crucificação<sup>82</sup>.

Longe de ser motivo de vergonha para que o cristão a renegue, a cruz deve ser encarada por outro prisma. Assim nos diz Conner:

A teologia cristã pode seguramente ensinar que Cristo e sua cruz revelam o eterno amor de Deus pelo homem. Na realidade, a teologia cristã deve e afirma isso. Ela não pode viver sem sua afirmação. O cristianismo consiste em Cristo e no que ele fez pelos homens (...) A significação redentora de Cristo e sua missão baseia-se primariamente em *alguma coisa* que e le fez<sup>83</sup>.

*5. A superioridade do cristianismo* - O cristianismo se propõe a resolver o problema fundamental do homem: há um abismo entre ele e Deus. O mal precisa ser vencido e o bem precisa triunfar. No hinduísmo, a postura para com o problema do mal é de indiferença. O bem e o mal são a mesma coisa. No budismo se ensina a alienação da dor, e, por via de conseqüência, a apatia diante do problema do mal. No Islã se ensina o conformismo. Tanto que a palavra "oxalá", que significa "tomara, assim seja", nos vem do árabe *en sha allah*, que significa "assim Alá queira"<sup>84</sup>. Nos cultos afros, a preocupação é com a solução pessoal de casos particulares. O cristianismo se propõe a trazer a resolução em nível global e a eliminação do abismo. A cruz elimina o problema do pecado ao declarar a vitória de Jesus Cristo, a solução de Deus, e confirmar o resultado final da batalha: a derrota do poder maligno e o triunfo final do Cordeiro de Deus. Cabem aqui as palavras de J. Atkinson:

A situação não é que Deus esteja longe do homem e que o homem deva se esforçar mediante a disciplina e o esforço para aproximar-se dele, mas que o homem está longe de Deus, que, de sua parte, fez em Cristo tudo o que era necessário para remediar a condição do homem. "Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus que usa de misericórdia" (Rm 9.16)<sup>85</sup>.

O cristianismo apresenta a mensagem de que Deus fez algo em Jesus Cristo. Na nossa completa ausência e impossibilidade de apresentarmos propostas para resolver o problema do pecado, Deus apresentou a sua, na pessoa histórica de Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus. E isso se vê, sobremaneira, na cruz.

<sup>82</sup> STOTT, op. cit., ps. 14-15.

<sup>83</sup> CONNER, Walter. *O Evangelho da Redenção*. 2ª ed., Rio de Janeiro: JUERP, 1981, p. 78.

<sup>84</sup> Veja meu comentário a respeito em *Tiago, Nosso Contemporâneo* (Rio de Janeiro: JUERP, 3ª edição, ps. 117-118).

<sup>85</sup> Citado por Uretta (op. cit.) na abertura da discussão do seu tópico "A Salvação: Obra de Jesus Cristo".



6. *A proposta de Deus: a cruz* - A cruz é insubstituível porque nela Deus Filho e o homem morrem. Isso porque Jesus Cristo é perfeito Deus e perfeito homem. O conceito de trindade cristã traz a resposta ao problema fundamental do homem: Deus é Deus, mas é homem, também. Porque ele foi como nós, seremos como ele, como lemos em 1Coríntios 15.49 e 1João 3.2. Não há mais abismos após a cruz. Nela, o problema da separação entre Deus e o homem encontra solução, como lemos em Romanos 3.26. Deus é justo e também é o justificador. Como diz o hino 73 HCC, 4a. estrofe:

"Em ti concilia -se a santa justiça,  
Que não pode a culpa deixar sem castigo  
Com a compaixão que por graça recebe  
E exime de culpa o réu pecador"

A cruz não é um acidente histórico nem mesmo uma falha do projeto de Jesus, como afirma o engraçado e perigoso Reverendo Moon. Conforme Apocalipse 13.8, a morte de Jesus estava na mente de Deus desde a fundação dos séculos. Foi planejada e é mostra do cuidado e do amor provisional de Deus.

7. *Qual foi, exatamente, a obra de Cristo?* - A resposta está em 1Coríntios 15.3-4. Mas quais os significados dele ter morrido pelos pecadores? Cinco, de muitos, são alistados aqui.

1º) *Substituição* - Cristo morreu no lugar dos pecadores, como lemos em 1Coríntios 15.3. Neste sentido, cada um de nós é um Barrabás: Cristo morreu no nosso lugar. A idéia de substituição vem do Antigo Testamento, como lemos em Levítico 1.2-5. O novilho morria no lugar do pecador. O princípio teológico subjacente a este ato é que o pecado só se paga com a morte. Alguém deve morrer pelo pecado. Ele exige a morte pela grandeza da ofensa que é à santidade de Deus. O pecado é algo sério, que Deus não trata de maneira leviana. No Novo Testamento lemos a declaração do Batista em João 1.29, dizendo que Jesus é o Cordeiro que Deus que tira o pecado do mundo. Cantamos em nossos hinos e corinhos que Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus. Que significa isto? Que sua morte foi substitutiva. Ele morreu pelos nossos pecados, como lemos em Isaías 53.5. Por que sua morte tem este valor? Porque Jesus Cristo é Deus e é homem. Pagou a parte dos dois. Esta é a idéia mais forte, que mais rapidamente nos vem à mente, no tocante à obra de Cristo: ele morreu em nosso lugar, pelos nossos pecados. É significativo que a Escritura o mostre como o "Cordeiro de Deus". Porque o cordeiro era oferecido pelo pecador que desejava reparar sua culpa. Nós não podíamos oferecer nada. Deus o ofereceu por nós. O que não podíamos fazer, ele fez.

Neste sentido, pode-se dizer que Cristo é o cumprimento de todo o sistema sacrificial do Antigo Testamento. Como bem registra o autor de Hebreus, ele se tornou, ao mesmo tempo, a vítima (o sacrifício) e o sacerdote. Isto está bem claro nos textos de Hebreus 9.11-4 e 10.11-14.

2º) *Redenção* - A idéia de redenção é "o ato de pagar resgate para se comprar algo". Por causa da queda e suas conseqüências, como lemos em João 8.34, o homem é escravo do pecado. Ele precisa ser resgatado, porque é escravo, propriedade de Satanás. A idéia da redenção do homem por Jesus



Cristo encontra seu paralelo no Antigo Testamento. Em Isaías 43.3 lemos: "Porque eu sou o Senhor teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador; por teu resgate dei o Egito, e em teu lugar a Etiópia e Seba". Israel estava como escravo na Babilônia, mas seria resgatado, comprado, de lá. O resgate seria o Egito, Etiópia e Seba. São oportunas as palavras de Ridderbos em comentário neste texto:

Agora segue-se uma curiosa descrição de como o Senhor é ambicioso em relação ao seu povo. Ele oferece Egito, Etiópia e Seba como resgate em lugar de Israel (...) Essas terras agora são consideradas como 'resgate' em lugar de Israel; isto é, uma compensação que o Senhor paga a Ciro em troca da libertação de Israel<sup>86</sup>.

O resgate é, portanto, o preço pago pela redenção. Da mesma forma que Iahweh fez com Israel, Oséias fez com sua esposa, como lemos em seu livro, 3.1-2: "Disse-me o Senhor: Vai outra vez, ama uma mulher, amada de seu amigo, e adúltera, como o Senhor ama os filhos de Israel, embora eles se desviem para outros deuses, e amem passas de uvas. Assim eu comprei para mim tal mulher por quinze peças de prata, e um ômer e meio de cevada". Ela estava como escrava em algum templo pagão, servindo como prostituta cultural, e ele a comprou para si. Estas duas figuras no Antigo Testamento nos abrem espaço para entender o conceito na obra de Jesus. É simplesmente pagar para ter algo como sendo de sua propriedade.

O Novo Testamento traz a idéia em Mateus 20.28: "Assim como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos". "Resgate" é termo grego *lytron*, que significa um pagamento para livrar alguém de um domínio. A idéia reaparece em Tito 2.14: "que se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda iniquidade...". O termo em português aqui é "remir", que é muito vizinho de "redimir". O grego é *lytróo*, que traz a idéia de comprar e libertar. Permanece a idéia de resgate, mas agora mais ampla.

Em 1Coríntios 6.20 lemos "porque fostes comprados por preço...". O verbo "comprar" é *agorázo*, que é mais específico: comprar no mercado. Éramos como escravos num mercado, mas fomos comprados por Deus. É a idéia de Apocalipse 5.9: "Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação". Fomos comprados por Jesus Cristo, comprados pela sua morte, e comprados para Deus.

Em Gálatas 3.13 lemos que "Cristo nos resgatou da maldição da lei". O verbo é *exagorázo*, "tirar do mercado". A idéia é que estávamos no mercado da maldição. Cristo nos tirou de lá. A maldição da lei deixou de vigorar sobre nós. É oportuno recordar isso, porque hoje se fala de maldição hereditária e maldição do nome sobre cristãos. Cristo acabou com a maldição.

3º) *Propiciação* - Expliquemos o que significa o termo:

A palavra "propiciação" está bem próxima da palavra "expição". A diferença do sentido das duas pode ser sumarizada da seguinte maneira: a pessoa que está irada ou ofendida é propiciada, isto é,

<sup>86</sup> RIDDERBOS, J. *Isaías - Introdução e Comentário*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p. 358.



aplacada. Isto porque o pecado e a culpa que pesavam na consciência do ofensor foi removida ou lançada fora<sup>87</sup>.

A idéia é que a obra de Cristo trouxe a satisfação da ira de Deus contra o pecador. Nosso pecado e nossa culpa foram lançados fora de nós por causa de sua obra e assim a ira de Deus foi removida. Assim, ele se tornou a nossa propiciação, como lemos em 1João 2.2. Aqui se torna necessário um esclarecimento: em alguns momentos, confundimos ira com descontrole emocional. Muitas vezes, na dimensão humana, é. Mas no caso da ira de Deus trata-se de indignação. O Antigo Testamento, por 585 vezes, fala da ira de Deus. Mas não é correto pensar num Deus do Antigo Testamento como irado e num Deus do Novo Testamento bonzinho. Esta posição faz parte da heresia de Marcião<sup>88</sup> e deve ser posta de lado pela sua inconsistência com os textos bíblicos que tratam do assunto.

No Novo Testamento, a ira de Deus é um tema de fundamental importância. Lemos em João 3.36 que "(...) o que desobedece ao Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus". Lemos, ainda: "Pois do céu é revelada a ira de Deus..." (Rm 1.18). E mais: "Ninguém vos engane com palavras vãs; porque por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência" (Ef 5.6). Como explicar a questão da ira de Deus, se ele é amor? Pela moralidade de Deus. Se não houvesse ira, Deus seria apático e isso ele não é, como lemos em Sofonias 1.12 : "(...) e castigarei os homens que se embruteçam com as fezes do vinho, que dizem no seu coração: O Senhor não faz o bem nem o mal". Pensamos em amor em termos muitos sentimentais, por vezes até "melosos". Mas amor é mais que sentimento. É uma atitude. É amor não exclui moralidade. Um Deus que tratasse o mal e o bem da mesma maneira, por certo não seria amoroso, justo, com os que se esforçam na prática do bem. Um Deus que fosse apático diante do mal, por certo que não seria amoroso. Estaria tratando o bem e o mal da mesma maneira e tal procedimento seria uma injustiça. E seria um estímulo à prática do mal.

Eis uma definição teológica para "propiciação", após ditas estas coisas: "a satisfação, pelo sangue de Cristo, da ira santa de Deus contra os pecadores". Leiamos Romanos 3.25-26. Notemos que a propiciação não foi proposta do homem. Foi de Deus, o Pai. Não foi nem mesmo do Filho, mas do Pai. A questão da propiciação deve ser bem compreendida. Fiquemos, aqui, com as palavras de Stott:

A noção inteira de um Cristo compassivo induzindo um Deus relutante a agir em nosso favor soçobra no amor divino (...) não devemos dizer que Deus estava castigando a Jesus ou que Jesus estava sendo persuadido por Deus, pois fazê-lo é lançar um contra o outro como se agissem independentemente um do outro ou estivessem em conflito um com o outro. Jamais devemos fazer de Cristo o objeto do castigo de Deus, nem de Deus o objeto da persuasão de Cristo, pois tanto Deus quanto Cristo eram sujeitos e não objetos, tomando a iniciativa juntos de salvar os pecadores<sup>89</sup>.

<sup>87</sup> JEWETT, P. K, in "Propitiation", tópico em TENNEY, Merrill. *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*,. Grand Rapids: Zondervan Publishin House, 2<sup>da</sup>. edition, 1977, vol. 4, p. 903.

<sup>88</sup> Veja a discussão sobre esta interpretação de Marcião na obra de Häggglund, já citada anteriormente, especialmente na página 33.

<sup>89</sup> STOTT, op., cit., ps. 136-137.



Em Jesus Cristo, o amor do Pai vence a sua ira (do Pai), como lemos em 1João 4.10: "Nisto está o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho, como propiciação pelos nossos pecados". A propiciação não é, como já foi dito, o ato de um Filho bonzinho aplacando um Pai furioso, mas um Pai amoroso oferecendo seu Filho para remover a culpa de sobre nós. O Pai viu que o único que podia remover a culpa de nossos pecados era o Filho e, em seu amor, o ofereceu por nós. O conhecidíssimo texto de João 3.16 é o melhor comentário a se aduzir aqui.

4º) *Justificação* - O termo é forense, de tribunal, e seu sentido é o ato de declarar alguém justo. O problema é: como um culpado pode ser declarado inocente? Este foi o tema central da Reforma: *a justificação pela fé*. No catolicismo, a justificação vem pela Igreja que administra e ministra obras e sacramentos. Na Reforma, a mensagem foi de que a justificação vem pela fé em Cristo. *Justificação* é o termo grego *dikáios*, que entre muitos significados têm os de tornar justo, tornar honrado. Vejamos, neste contexto, as passagens de Romanos 1.17, 2Coríntios 5.21, Atos 13.39 e Romanos 5.9. A mensagem é simples: Deus perdoa os pecados de quem crê em Jesus Cristo, como lemos em Atos 3.19. Em Cristo, ele transforma pecadores culpados em pessoas justas e honradas diante dele. Em excelente obra sobre a justificação pela fé, o teólogo alemão Hans Iwand<sup>90</sup> nos alerta que o que mais impressionou Lutero na sua leitura de Romanos 1.17 ("Porque no evangelho é revelada, de fé em fé, a justiça de Deus, como está escrito: Mas o justo viverá da fé") foi a palavra "justiça". Paulo não diz que o evangelho revela a misericórdia ou graça de Deus, mas a sua justiça. A doutrina da salvação pela fé é um ato de justiça de Deus, porque ninguém poderia ser salvo de outra maneira. Ao nos oferecer a justificação pela fé em Cristo, Deus não está exibindo sua misericórdia, embora o oferecimento seja um ato de misericórdia, mas está exibindo sua justiça. Lembremos de Isaías 64.6 que diz que "todas as nossas justiças são como trapos de imundícia". A expressão "trapos de imundícia" significa os panos usados pelas senhoras da época como absorventes íntimos<sup>91</sup>. Nada nosso poderia agradá-lo. Nossas virtudes seriam panos sujos para jogar fora. O mais fantástico nesta observação de Lutero é que esta descoberta só pode ser feita individualmente, pessoa por pessoa. E quando alguém descobre isto, que foi justificado porque creu, um mundo novo se abre diante de si. Quando cremos, Deus revela sua justiça, e nos absolve. E como bem nos recorda *O Novo Dicionário da Bíblia*:

O indivíduo justificado, por conseguinte, pode ficar certo que nada será capaz de separá-lo do amor de seu Deus (Rm 8.33-39, cf. 5.9). Sua glorificação é certa (Rm 8.30). A inquisição futura, perante o tribunal de Cristo (Rm 14.10 e segs.; 2Co 5.10) poderá privá-lo de certos galardões específicos (1Co 3.15), mas jamais de sua posição de justificado<sup>92</sup>.

<sup>90</sup> IWAN, Hans Joachim. *A Justiça da Fé*. S. Leopoldo: Editora Sinodal, 1977. Verificar, principalmente, a discussão a partir da página 61, onde ele aborda o tema da essência da justificação pela fé, doutrina básica da Reforma.

<sup>91</sup> Veja, principalmente, MOTYER, Alec J. *The Prophecy of Isaiah*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1993, p. 520.

<sup>92</sup> DOUGLAS, J. D. (org.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. S. Paulo: Edições Vida Nova, s/d., 3º volume, p. 897.



Embora pareça fugir um pouco ao nosso propósito, mas já que mencionamos a diferença entre o catolicismo e a Reforma sobre a doutrina da justificação, vale a pena transcrever a seguinte nota divulgada pela Agência Estado:

Terminando com uma disputa que durou mais de quatro séculos, oficiais católicos romanos e luteranos anunciaram hoje um acordo sobre o significado da salvação. Através do acordo, os dois lados concordaram com "as verdades básicas" do que os teólogos chamam de "justificação", que é o modo através do qual os humanos alcançam a salvação. Para os luteranos, ela depende da graça de Deus, enquanto os católicos defendem que as boas ações também estão envolvidas. Com a declaração, católicos e luteranos concordaram que o perdão divino e a salvação vêm "exclusivamente da graça de Deus" e que as boas ações fluem disso<sup>93</sup>.

A nota é profundamente significativa. Resta saber se realmente a Igreja Católica abandonará todo o seu "arsenal" de bugigangas espirituais e religiosas que ela ajuntou, durante séculos de heresias, antes desta declaração, ao seu conceito de salvação. Se este procedimento for adotado, então se poderá pensar que mudanças acontecerão dentro do catolicismo.

5º) *Reconciliação* - O termo significa transformar alguém de inimigo em amigo. No Novo Testamento, a palavra aparece por 14 vezes, significando "fazer as pazes" e "trocar inimizade por amizade". É isto que torna o cristianismo absolutamente distinto das religiões orientais e das religiões de mistério que o cercavam, quando do seu nascimento. Nelas, o homem se esforça para que isso aconteça. No cristianismo, segundo a Bíblia, a iniciativa parte de Deus: "Pois que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões; e nos encarregou da palavra de reconciliação (2Co 2.19). Novamente se deve notar que o Novo Testamento não diz que Cristo nos reconciliou com o Pai, mas que o Pai nos reconciliou consigo, em Cristo. Deus Pai não é uma figura relutante, ou cheia de ódio, que precisa ser aplacada por um Deus Filho amoroso. Ele nos reconciliou consigo mesmo, em Jesus Cristo. De inimigos somos transformados em amigos. Como lemos em 2Coríntios 5.18, na Linguagem de Hoje: "Tudo isso é feito por Deus, que, por meio de Cristo, nos transforma de inimigos em amigos dele". Pensemos nas palavras de Packer: "O que é 'reconciliação?' A idéia geral transmitida pela raiz grega desta palavra, de onde se formam os termos a ela relacionados, é a de troca, e o sentido comum que esses termos têm, tanto no grego secular como na Bíblia, é a de troca de relações, uma troca de oposição por harmonia, de inimizade por amizade"<sup>94</sup>.

A reconciliação, como obra de Jesus Cristo, envolve também a criação, a natureza. Parte disto foi comentado na questão do pecado, quando vimos a influência do pecado na natureza. Mas voltemos à questão. Aqui, como o melhor comentário encontrado sobre o assunto, cito o comentário de Hammett em sua apostila:

<sup>93</sup> Extraído da Agência Estado, pela Internet, do jornal "O Estado de S. Paulo", em 11 de junho de 1999, às 9h12min, sob o título "Vaticano e luteranos encerram disputa".

<sup>94</sup> PACKER, op. cit., p. 112.



Devemos notar que esta reconciliação inclui a criação. Ela tem um efeito neste mundo físico. Notem Colossenses 1.20-23. Estes versículos enfatizam que a reconciliação foi feita por meio da cruz, do sangue de Cristo, e que esta reconciliação se estende a 'todas as coisas'. No versículo 16, ele criou todas as coisas. No versículo 20, ele reconciliou todas as coisas. Acho que isto se refere à restauração da criação, como Romanos 8.19-21. Tudo foi afetado pela queda; tudo está incluído na obra de reconciliação. Este versículo levanta duas perguntas. 'Todas as coisas' incluem os anjos? Eles precisam de reconciliação? Os anjos caídos, sim, mas Hebreus 2.16 parece indicar que a morte de Cristo não foi pelos anjos. A Bíblia tem algumas indicações de que eles já são condenados (1Pe 2.4). Provavelmente, 'todas as coisas' se referem à criação física (veja Romanos 8.19-21 para mesma idéia). A segunda pergunta é: este versículo implica a salvação universal, de todas as pessoas? Em relação a Deus, creio que a salvação é já feita, completa. Ele pode nos aceitar porque Cristo removeu o obstáculo, o pecado. Acho que o versículo 20 quer dizer que, em relação a Deus, a reconciliação feita por Cristo na cruz é suficiente para todas as coisas. Mas no versículo 23 ele dá a limitação: fé. Esta reconciliação tem que ser aceita para se tornar eficaz. O problema não é Deus; ele está disposto a aceitar qualquer pessoa por meio da reconciliação da cruz. O problema é a inimizade do homem. Ele rejeita a reconciliação, não vai aceitá-la<sup>95</sup>.

6°) *Vitória* - É mais que oportuno lembrar, ainda, que a obra de Cristo por nós inclui a vitória. "Vitória sobre o quê?", perguntará alguém. Responderemos, primeiro, com Colossenses 2.15: "E, tendo despojado os principados e potestades, os exibiu publicamente e deles triunfou na mesma cruz". Ele venceu os principados e potestades, que, no entendimento de Robertson significam, neste texto, "os poderes angelicais que os gnósticos adoravam"<sup>96</sup>. Mas podem significar também poderes espirituais, tidos, supostamente, pelos homens, como mediadores espirituais. Como se faz, hoje, no espiritismo. Parece que tais poderes são o "poder das trevas", mencionados em Colossenses 1.13, que mantinham os homens escravizados, como hoje, ao ocultismo. É a vitória sobre poderes espirituais.

Responderemos, depois, desdobrando esta idéia, que esta vitória é também sobre Satanás (Jo 12.31, Hb 2.14-15). É o tema mais abordado no Apocalipse. E dele já tratamos um pouco ao falarmos sobre o pecado. O poder do Mal foi abalado, conforme lemos em João 12.31. Lembremos de 1João 3.8: "Para isto o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo". Por causa desta manifestação de Jesus, desta *epifania* destruidora do poder do mal, é possível vencer o poder do mal: "Eu vos escrevi, jovens, porque vencestes o Maligno" (1Jo 2.13) e "maior é aquele que está em vós do aquele que está no mundo" (1Jo 4.4).

E diremos, mais ainda, que é uma vitória, também, sobre a morte. O texto de 1Coríntios 15.54-55 nos mostra que a morte morrerá. Ela não é mais o fantasma invencível que aguardava cada um, no fim da vida. "E que agora se manifestou pelo aparecimento (*epifania*) de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual

<sup>95</sup> HAMMETT, op. cit., p. 126. Mantive, literalmente, as idéias e até mesmo as palavras de Hammett. Apenas corrigi abreviaturas inadequadas, de palavras que não devem vir abreviadas no corpo do texto, e pequenos erros de Português, além das abreviaturas dos livros bíblicos.

<sup>96</sup> ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*. Vol. IV, Nashville: Broadman Press, s/d., p. 495.



destruiu a morte, e trouxe à luz a vida e a imortalidade pelo evangelho" (2Tm 1.10). Um dos sermões mais famosos de Billy Graham é "O dia em que a morte morreu". Segundo ele, a morte morreu no Calvário. Ainda morremos fisicamente mas sabemos que isto não é o nosso fim. Pela obra de Jesus, morrer "é estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor" (Fp 1.23). O Calvário trouxe a vibrante declaração de que a morte não mais destrói, não é mais o inimigo imbatível, e trouxe também a gloriosa dedaração de que ela terá fim: "(...) e a morte já não mais existirá" (Ap 21.4). Isto traz a certeza do cristão de que, ausente desta vida, estará presente com o Senhor. A mensagem do evangelho inclui esta noção de vida com Deus após a vida física aqui na terra. Lemos em 1Timóteo 6.16 que Deus "possui, ele só, a imortalidade...". Mas lemos em 2Timóteo 2.10 que "nosso Salvador Jesus Cristo, o qual destruiu a morte, e trouxe à luz a vida e a imortalidade pelo evangelho". A imortalidade que só Deus possui, em si, intrinsecamente, foi trazida aos homens pelo evangelho. Ele nos dá esta imortalidade, em Cristo. Viveremos para sempre com o Senhor.

*8. Uma síntese: O que Cristo fez por nós?* - Resumindo o que foi dito, sem resvalar para a superficialidade e para a pieguice, podemos dizer que ele se tornou o nosso substituto, que ele nos redimiou do poder do pecado e das trevas, que ele satisfez a indignação de Deus contra nossos pecados, que ele nos declarou inocentes diante de Deus e que ele nos transformou de inimigos em amigos. Ele nos concedeu a vida eterna, o triunfo sobre a morte. E, ainda, no dizer de Paulo, nos comissionou como arautos de sua mensagem de reconciliação. Tudo isto é prova do amor de Deus e podemos citar aqui o conhecido texto de Romanos 5.8: "Deus dá prova do seu amor para conosco, em que, quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós".

## INSERTO

### A OBRA DE CRISTO NA CRUZ<sup>97</sup>

VELHA POSIÇÃO	A OBRA DE CRISTO	A NOVA POSIÇÃO
1. Ef 2.3	Morreu em nosso lugar	1. Is 53.5
2. Jô 8.34	Redimiou-nos, livrou-nos	2. Jô 8.36, Gl 4.5
3. Ef 2.3	Satisfez o caráter de Deus	3. Rm 3.25
4. Rm 3.23	Justificou, tornou-nos justos	4. Rm 5.1
5. Ef 2.3	Reconciliou com Deus	5. 2Co 5.18-19
6. Gl 3.10	Livrou-nos da Lei	6. Gl 3.13
7. Ef 2.1	Deu-nos vida	7. Jô 5.24
8. Sl 51.5	Quebrou o poder do pecado	8. 1Jo 3.8
9. Ef 2.12	Causou nossa adoção	9. Gl 4.7
10. Rm 3.10-12	Conseguiu perdão	10. Mt 23.34, At 2.38
11. Jo 8.34	Derrotou o pecado e Satanás	11. 1Jo 3.8, At 10.38
12. Ef 2.12	Implantou esperança	12. 1Co 15.20-23,

<sup>97</sup> Este quadro é da autoria de Scott Horrel, publicado numa série de três artigos sobre a obra de Cristo. Perdi os dados da publicação, embora tenha ficado com o quadro. Por honestidade intelectual devo dizer que é do Dr. Horrel.



9. *A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira* - Vejamos agora a Declaração Doutrinária da CBB sobre a doutrina da salvação. Ela tem um *caput* e quatro tópicos. Vamos transcrevê-la na forma em que aparece:

**A salvação** é outorgada por Deus pela sua graça, mediante arrependimento do pecador e da sua fé em Jesus Cristo como único Salvador e Senhor (1). O preço da redenção eterna do crente foi pago de uma vez por Jesus Cristo, pelo derramamento do seu sangue na cruz (2). A salvação é individual e significa a redenção do homem na inteireza do seu ser (3). É um dom gratuito que Deus oferece a todos os homens e que compreende a regeneração, a justificação, a santificação e a glorificação (4).

(1)Sl 37.39, Is 55.5, Sf 3.17, Tito 2.9-11, Ef 2.8-9, At 15.11, 4.12.

(2)Is 53.4-6, 1Pe 1.18-25, 1Co 6.20, Ef 1.17, Ap 5.7-10

(3)Mt 16.24, Rm 10.13, 1Ts 5.23-24 e Rm 5.10

(4)Rm 6.23, Hb 2.1-4, Jo 3.14, 1Co 1.30, At 11.18

**A regeneração** é o ato inicial da salvação em que Deus faz nascer de novo o pecador perdido, dele fazendo uma nova criatura em Cristo. É obra do Espírito Santo em que o pecador recebe o perdão, a justificação, a adoção como filho de Deus, a vida eterna e o dom do Espírito Santo. Nesse ato o novo crente é batizado no Espírito Santo, é por ele selado para o dia da redenção final, e é liberto do castigo eterno dos seus pecados (1). Há duas condições para o pecador ser regenerado: arrependimento e fé. O arrependimento implica em mudança radical do homem interior, por força do que ele se afasta do pecado e se volta para Deus. A fé é a confiança e aceitação de Jesus Cristo como Salvador e a total entrega da personalidade a ele por parte do pecador (2). Nessa experiência de conversão o homem perdido é reconciliado com Deus, que lhe concede perdão, justiça e paz (3).

(1)Dt 30.6, Ez 36.26, Jo 3.3-5, 1Pe 1.3, Tg 1.18, 2Co 5.17 e Ef 4.20-24

(2)Tito 3.5, Rm 8.2, Jo 1.11-13, Ef 4.32, At 11.17

(3)2Co 1.21-22, Ef 4.30, Rm 8.1 e 6.22

**A justificação**, que ocorre simultaneamente com a regeneração, é o ato pelo qual Deus, considerando os méritos do sacrifício de Cristo, absolve, no perdão, o homem de seus pecados, e o declara justo, capacitando-o para uma vida de retidão diante de Deus e de correção diante dos homens (1). Essa graça é concedida não por quaisquer obras meritórias praticadas pelo homem mas por meio de sua fé em Cristo (2).

(1)Is 53.11, Rm 8.33 e 3.24

(2)Rm 5.1, At 13.39, Mt 9.6, 2Co 5.31 e 1Co 1.30



**A santificação** é o processo que, principiando na regeneração, leva o homem à realização dos propósitos de Deus para a sua vida e o habilita a progredir em busca da perfeição moral e espiritual de Jesus Cristo, mediante a presença e o poder do Espírito Santo que nele habita (1). Ela ocorre na medida da dedicação do crente e se manifesta através de um caráter marcado pela presença e pelo fruto do Espírito Santo, bem como por uma vida de testemunho fiel e serviço consagrado a Deus e ao próximo.

(1)Jo 17.17, 1Ts 4.3, 4.23 e 4.7

(2)Pv 4.18, Rm 12.1-2, Fp 2.12-13, 2Co 7.1, 3.18, Hb 12.14, Rm 6.19, Gl 5.22 e Fp 1.9-11

**A glorificação** é o ponto culminante da obra da salvação (1). É o estado final, permanente, da felicidade dos que são redimidos pelo sangue de Cristo (2).

(1)Rm 8.30, 2Pe 1.10-11, Jo 3.2, Fp 3.12, Hb 6.11

(2)1Co 13.12, 1Ts 2.12, Ap 21.3-4



## Matéria 2: A APLICAÇÃO DA OBRA DE CRISTO - A CONVERSÃO

1. *Isto ainda funciona?* - cremos e proclamamos que Cristo morreu na cruz pelos nossos pecados, que ressuscitou, ascendeu ao céu e comissionou sua Igreja para pregar sua mensagem ao mundo, até que ele volte. Mas uma questão que pode ser levantada é esta: isto (o que ele pregou) ainda funciona? Como um evento sucedido há mais de 2.000 anos pode ainda exercer influência na vida das pessoas hoje? Há, também, o aspecto existencial, como observou Kierkegaard: o fundamental não é saber se o cristianismo é verdade, mas se é verdade para mim. Não basta saber se a obra de Cristo é verdadeira, mas se é verdadeira para nós, se é válida para nós. Aqui entra o aspecto da conversão: como a obra de Jesus na cruz se torna verdade, algo presente na nossa vida, na vida de qualquer pessoa? Como ela sai da teoria e se torna uma realidade existencial? Vamos, portanto, estudar a conversão, o que é, como sucede.

2. *Em Cristo* - Se alguém perguntasse ao apóstolo Paulo qual a melhor definição de conversão, ele diria que é estar "em Cristo". Esta pequena expressão é fundamental no pensamento do grande teólogo da Igreja. É sua expressão chave, a mais comum em seus escritos. A conversão é mais que adesão a uma cultura religiosa ou juntar-se a um grupo religioso. É estar em Cristo. Trata-se de uma união com ele. O cristianismo é, fundamentalmente, uma pessoa, Cristo. E a conversão é estar em uma pessoa, é estar em Cristo. Mas para que a conversão suceda, alguns passos são necessários.

3. *Uma questão teológica séria* - Três questões se oferecem a nós, agora. A questão de verificar como a salvação se concretiza na vida da pessoa tem estas três possibilidades que devemos examinar. Baseei-me aqui nas idéias de Uretta, cuja obra já foi devidamente citada nesta apostila. No entanto, o argumento a seguir é meu e não dele. São três teorias (ou hipóteses) sobre a apropriação da salvação, o fenômeno da conversão.

- (1) Deus aplica ao pecador a obra salvífica de Cristo sem nenhuma participação humana.
- (2) O homem, por seus próprios recursos, se apropria dela.
- (3) Deus e o homem, em cooperação, levam a cabo a salvação do último.

Como entender esta questão? Como herdeiros teológicos que somos, da Reforma, sustentamos que a salvação nos vem pela graça de Deus. É um ato seu. Não a "arrancamos" dele, como se ele fosse um Deus insensível, com as nossas obras. Ela chega a nós pela obra de Jesus Cristo na cruz, como estudamos. Ele a tornou possível para nós. Mas cremos, igualmente, que a fé é a resposta do homem ao ato de Deus na pessoa de Cristo. Na conhecida passagem de Efésios 2.8 lemos: "Pela graça sois salvos, por meio da fé...". Os dois termos teológicos, graça e fé, se completam. Graça é o chamado, fé é a resposta. Graça é a mão de Deus que se estende na direção do homem, fé é a mão do homem que se estende na direção de Deus. Graça é Deus vindo até a metade do caminho, fé é o homem indo ao encontro de Deus, na metade do caminho. Graça são os braços abertos de Deus, fé é o homem lançando-se neles. A graça é, pois, a chamada divina, e a fé, a resposta humana. A graça é Deus dizendo "eu ofereço", a fé é o homem dizendo "eu aceito".



A idéia dos reformadores foi de que Deus não apenas traz a graça, mas que também cria a fé no homem. Esta questão precisa ser bem entendida, também. Não se pode pensar numa fé criada no coração humano à revelia deste. Sem resvalar para o modalismo ou para o funcionalismo, na análise das pessoas da trindade, poderia se dizer que Deus idealiza a salvação, Deus executa a salvação, Deus aplica a salvação. Sem funcionalizar ou compartimentalizar as pessoas da trindade, vemos a salvação sendo idealizada pelo Pai na eternidade (Ef 1.4), vemo-la irrompendo na história no ministério do Filho, vemo-lo aplicada nos corações humanos pelo Espírito Santo. Mas em todos estes momentos, a trindade está unida. A salvação humana é um propósito para o qual toda a trindade trabalha.

*4. Arrependimento - um passo necessário* - A apropriação da salvação começa pelo arrependimento. Ninguém é salvo à força, mesmo que não queira. É preciso desejar ser salvo. Mas a natureza moral corrompida do homem, como já vimos, não o leva na direção de Deus, mas no sentido oposto. É necessário que ele mude, que se arrependa, para começar o processo da salvação em sua vida. Mas, o que é arrependimento? Gutzke<sup>98</sup> nos mostra duas coisas que arrependimento não é. Em primeiro, segundo ele, arrependimento "não significa ficar triste em face de algum erro cometido". E, em segundo, tampouco é "prometer andar direito". O arrependimento pode incluir estes dois elementos, mas em sua essência é bem mais que isso. Segundo ele, "arrependimento, antes de tudo, é um julgamento que a pessoa faz de si mesma". Ela se auto-avalia. O chamado filho pródigo é um exemplo disto. Sua volta para a casa paterna se deu após uma avaliação de sua vida, de sua situação, de si mesmo, enfim. Isto é, ele se arrependeu do que fizera, como seu discurso diante do pai mostrou. Quero citar aqui as palavras de Lloyd-Jones, sobre este assunto:

Leiam o caso de qualquer convertido que podem encontrar na Bíblia, e vocês sempre perceberão que este elemento - o arrependimento - está presente. Leiam as vidas dos santos, leiam as histórias de homens que brilharam na Igreja de Deus em tempos passados, e verificarão que cada homem que realmente conheceu a experiência e o poder da graça de Deus em sua vida foi sempre um homem que demonstrou evidência de arrependimento. Portanto eu não hesito em fazer afirmação: sem arrependimento não há salvação. A necessidade de arrependimento é um daqueles absolutos que a Bíblia não discute. Ela simplesmente o postula. É impossível, eu afirmo, um homem se tornar cristão sem arrependimento; nenhum homem pode experimentar a salvação cristã até que conheça o que é arrepender-se. Por conseguinte, insisto que este é um assunto vital. João Batista quando iniciou seu ministério começou pregando o batismo de arrependimento para remissão de pecados. Essa foi a primeira mensagem do primeiro pregador. Nosso Senhor e Salvador Jesus, sabemos pelo relato de Marcos, por Sua vez começou Seu ministério pregando que os homens deveriam arrepender-se. Arrependimento é absolutamente vital. Paulo também pregou arrependimento para com Deus e fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Pedro pregou no dia Pentecoste o primeiro sermão sob a patrocínio da Igreja Cristã, e quando ele terminou certas pessoas clamaram, dizendo: "Que devemos fazer?". "Arrependei-vos!" - disse Pedro. Sem

<sup>98</sup> GUTZKE, Manford. *Manual de Doutrina*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 2<sup>a</sup> ed., 1995, p. 141.



arrependimento não há conhecimento de salvação, não há experiência de salvação (sic)<sup>99</sup>.

Numa de suas excelentes obras, Conner<sup>100</sup> mostra três aspectos do arrependimento. Um deles é que o arrependimento envolve o entendimento da condição do homem como pecador. Ele se deve dar conta de que é culpado e está sob condenação. O segundo elemento é que no coração do arrependido morre o amor pelo pecado. O terceiro amplia este: vem o repúdio ao pecado por parte do arrependido. Neste sentido, o arrependimento inclui a consciência de ser pecador e condenado e o desinteresse pelo pecado. Mas a observação de Conner apenas negativiza o conceito. Por isso é que se torna oportuna a nota de Murray:

No Novo Testamento, os termos "arrepender-se" (metanoê) e "arrependimento" (metanoia) se referem basicamente a uma mudança da mente. É importantíssimo observar essa significação. Pois o arrependimento consiste de uma radical transformação de pensamento, atitude e direção. De conformidade com a ênfase que atravessa todo o Antigo Testamento, e com aquilo que igualmente aparece no Novo Testamento, o arrependimento consiste de um abandono ao pecado e um voltar-se para Deus e para seu serviço<sup>101</sup>.

Assim, pode-se dizer que o arrependimento é, da parte do homem, o passo dado para a conversão. Sem arrependimento a conversão não existe, pois ela é, acima de tudo, um voltar atrás, o ato de corrigir uma rota.

*5. Fé - outro passo necessário* - A pregação de João Batista, bem como a de Jesus Cristo insistiam neste ponto: "Arrependei-vos e crede". Crer é o passo seguinte ou, muitas vezes, é um passo paralelo ao arrependimento. Crer é ter fé em alguma coisa. Também é necessário definir bem esta questão de crer, "Eu creio" ou "eu tenho fé", ouvimos muitas vezes as pessoas dizerem. É possível crer em algo errado. É possível ter fé ou crer na pessoa errada. A questão fundamental é em quem se crê. A salvação vem pelo fato de se crer em alguém, Jesus Cristo, que fez algo, morreu pelos nossos pecados. Por isto, para evitar dificuldades na interpretação, é bom pensarmos nas palavras de Hammett: "Fé não pode salvar; Cristo salva; a fé aceita a salvação. A fé mesma não pode fazer nada; não é uma boa obra que fazemos em vez das obras da lei. A fé não merece nada. A única importância da fé é que ela nos liga com Cristo"<sup>102</sup>. Ou seja, não é ter fé ou crer. Mas é ter fé em Cristo, é crer em Cristo.

*6. Os elementos da fé* - A fé apresenta um conjunto de elementos que se amalgamam e fornecem, no todo, uma visão completa da resposta humana aos atos de Deus. Pelo menos três elementos podemos destacar: o intelectual, o emotivo e o volitivo (alguns usam voluntário, mas a idéia mais correta é de

<sup>99</sup> LLOYD-JONES, Martin. *O Clamor de um Desviado*. S. Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1997, p. 12.

<sup>100</sup> CONNER, Walter. *Doctrina Cristiana*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, s/d, p. 235.

<sup>101</sup> SHEDD, Russel (ed.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1965, vol. 1, p. 140.

<sup>102</sup> HAMMETT, op. cit., p. 144.



volição, que significa "vontade", e não de voluntariedade, disposição). Vejamos, sucintamente, cada um deles.

(1) *O elemento intelectual* - A fé envolve razão, conhecimento. Há uma crença na revelação de Deus, mesmo que seja a revelação natural, mas principalmente nos fatos históricos das Escrituras e nos seus ensinamentos, particularmente os essenciais sobre o pecado e a necessidade de arrependimento. Numa aula de Filosofia da Religião, perguntei, certa feita, a meu professor, o Dr. Reynaldo Purim, se um débil mental poderia ter fé. Sua resposta foi: "Vá perguntar a ele". Quando estranhei sua resposta, ele a ampliou: "Se ele não consegue responder no que crê, então não crê". Crer é um ato de fé, mas envolve razão, por mais limitada que seja a pessoa. "Eu sei em que tenho crido", diz Paulo (2Tm 1.12). Não é preciso ser um gênio, mas a pessoa precisa saber no que está crendo.

Este elemento intelectual não tem sido levado a sério em muitas pregações contemporâneas, muito voltadas para as emoções, mas deve ser ressaltado em nosso estudo. A fé também é compreensão. A crise de fé de Azael, no Salmo 73, terminou quando ele compreendeu: "então percebi" (v. 17). Numa frase que é título de um livro de Stott, "crer também é pensar".

(2) *O elemento emocional* - A fé envolve emoções também. E este aspecto tem sido esquecido em muito da pregação das chamadas igrejas tradicionais, que enfatizam muito o cognitivo (o conhecimento) sobre Deus e esquecem que o homem é um ente emotivo, também. Ele, o elemento cognitivo, não é a única característica da fé. Thiessen define o elemento emocional da fé como sendo "o despertar da alma para suas necessidades pessoais e para a aplicabilidade pessoal da redenção fornecida em Cristo, juntamente com um assentimento a essas verdades"<sup>103</sup>.

É verdade que as emoções são subjetivas, e nunca podem se sobrepor aos fatos. É importante ressaltar isto. Uma pessoa pode ter emoções erradas. "Eu senti no meu coração", diz alguém. Mas o coração é enganoso, nos diz Jeremias 17.9. Por isso devemos considerar que há uma ordem correta de ajuste entre fato, fé e emoção. A ordem correta é

### FATO > FÉ > EMOÇÃO

Ou seja, existe um FATO (Deus e sua Palavra). Eu tenho FÉ neste fato. Como consequência disto, da fé neste fato, experimento uma EMOÇÃO (a certeza da salvação). O movimento carismático, em alguns de seus segmentos, inverte a ordem que passa a ser **EMOÇÃO > FATO > FÉ**. Com eles, a emoção passa a validar o fato (se a pessoa sentiu, então é verdade) e mostra a fé (a pessoa passa a ter fé no que sente). Não se pode trocar a ordem, mas deve-se recordar que o relacionamento correto com Deus produz alegria. Ou seja, o relacionamento correto com Deus deve produzir emoções, sempre sadias. Lembremos da oração de Davi, no Salmo 51.10: "Restitui-me a alegria da tua salvação". Este relacionamento fora perdido por causa do pecado, como ele mesmo cantou no Salmo 32.3: "Enquanto guardei silêncio, consumiram-se os meus ossos pelo meu bramido todos os dias". O desequilíbrio emocional e a

<sup>103</sup> THIESSEN, Clarence. *Palestras em Teologia Sistemática*. S. Paulo: Editora Batista Regular, 4ª edição, 1997, p. 256.



histeria que se observam em certos cultos devem ser bem analisados. Podem ser apenas descontrole de emoções.

Ao mesmo tempo, temos que dizer isto: tirar da fé o elemento emotivo é reduzi-la a mero exercício mental, parecido com o racionalismo cristão ou com o gnosticismo dos tempos neotestamentários. É tirar a beleza do evangelho, é tirar a capacidade de chorar pelos pecados e exultar com a experiência da graça. Se crer também é pensar, crer também é sentir, é alegrar-se, é arrepender-se, é ter belas e sadias emoções.

(3) *O elemento volitivo* - Entendo que a fé possui também um elemento de vontade. Crer, ou seja, ter fé, é muito mais que uma mera admissão intelectual de certos fatos ou verdades espirituais. Crer em Jesus Cristo como Senhor é diferente de crer que a Austrália existe. No segundo caso, isso não faz diferença alguma para minha vida. Mas crer em Cristo deve fazer diferença na minha vida. Há um elemento de vontade pessoal na fé: aquilo tem sentido para a pessoa. Este elemento volitivo da fé tem muito de existencial. Pensemos nas palavras de Gaarder:

Antes de Kierkegaard, muitos tinham tentado provar a existência de Deus ou então entendê-la racionalmente. Mas quando nos envolvemos com tais provas da existência de Deus ou com tais argumentos racionais, perdemos nossa fé e, com ela, nosso fervor religioso. Isto porque fundamental não é saber se o cristianismo é verdadeiro, mas se é verdadeiro *para mim...*<sup>104</sup>

Este elemento volitivo (da vontade) envolve a vontade da pessoa em crer, não sendo isso apenas uma aceitação de um fato, mas a colocação da vida, envolvendo sua razão, suas emoções e sua vontade. É o lado existencial da fé, que leva a pessoa a se apropriar do que crê. Como diz João 1.12: "Mas a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus". Não basta reconhecer um fato, mas receber o fato na vida. A vontade de crer, portanto, deve vir após o conhecimento intelectual. Alguém pode ser capaz de explicar o plano da salvação e estar perdido porque não se apropriou da salvação.

7. *As fontes da fé* - Embora as opiniões sejam muitas, é possível ver, no tocante às fontes da fé, dois aspectos, como no caso do arrependimento. Há um lado divino e um lado humano.

(1) *O lado divino* - Pelo lado divino, a fé é um dom de Deus. Isto se pode verificar em Romanos 12.3 e 2Pedro 1.1. Em Efésios 2.8, pode se referir mais à salvação do que à fé ("isto não vem de vós, é dom de Deus"). Vale a pena, sobre Efésios 2.8, citar Thiessen, mais uma vez: " 'É isto' (*kai touto*) é neutro e não feminino, e portanto se refere ao total da experiência. As palavras gregas para 'fé' (*pistis*) e 'graça' (*charis*) são ambas femininas"<sup>105</sup>. Este lado divino não significa uma imputação de fé à pessoa independente do seu querer, ou seja, ter fé mesmo sem querer e ser salva mesmo sem querer. Mais uma vez voltamos a Thiessen:

<sup>104</sup> GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia*. 3ª reimpressão. S. Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 407. O itálico é de Gaarder.

<sup>105</sup> THIESSEN, op. cit., p. 258.



Somos solicitados a crer para que possamos sentir nossa incapacidade de fazê-lo, e para sermos induzidos a nos lançar sobre Ele para que produza a fé em nós. O homem com a mão mirrada foi solicitado a estendê-la, e quando tentou fazer isso, força inundou seu braço impotente de maneira que conseguiu estendê-lo<sup>106</sup>.

É possível verificar que o lado divino é dar vida a um morto, como lemos em Efésios 2.1: "Ele vos vivificou, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados". Um morto não pode crer nem fazer coisa alguma. A obra de Deus, neste sentido, é a de despertar em nós, pecadores, a vida, para que creiamos. Morto não pode se dar vida a si mesmo, mas Deus pode e faz isso.

(2) *O lado humano* - Do lado humano, a fé principia com uma compreensão intelectual da revelação divina, como dito anteriormente. Ao mesmo tempo em que mostra que estamos mortos, sem Cristo, e que nada podemos fazer, a Bíblia nos traz várias exortações a termos fé. Seria estranho sermos exortados a ter algo que não podemos ter, a menos que a tenhamos em nós. "Se tiverdes fé...", disse Jesus no episódio da figueira que se secou por ordem sua (Mt 21.21). Neste sentido, seria bom o prezado estudante retornar ao texto onde fazemos as diferenças entre fé e graça (item 3) que mostra a fé como obra humana. Mas pensemos nestas palavras:

Sendo que "só" a fé decide a salvação e a perdição, o homem deve se empenhar completamente no ato da opção de fé, no mais íntimo da sua pessoa (Agostinho: *cōr*; Tomás de Aquino: *mens*) na qual liberdade, conhecimento e amor formam aquela união indivisível que é indispensável para o "simples" ato de fé e da qual nascem a responsabilidade e o destino<sup>107</sup>.

Agostinho achava que a resposta vinha do coração. Tomás de Aquino, que vinha da mente. Ambos coincidem neste ponto: há uma resposta humana, um operar humano.

**8. Implicações teológicas, filosóficas e sociológicas da doutrina da salvação** - Há algumas implicações teológicas, filosóficas e sociológicas da doutrina da salvação que se tornam indispensáveis de comentar, na conclusão do assunto.

- (1) O homem é perdido, necessita de salvação e não pode salvar-se a si mesmo. Isto é obra de Deus: agir na história, no tempo e no espaço e conseguir a salvação do homem. Ela é um dom de Deus.
- (2) Não há distinção: todos pecaram e todos necessitam de salvação. Não há pessoas boas, salvas por mérito pessoal ou por religiosidade. A salvação é pela graça (dom de Deus) por meio da fé (resposta do homem).
- (3) Sendo que a Bíblia insiste em que todos necessitam de salvação porque todos pecaram, as modernas correntes filosóficas, psicológicas

<sup>106</sup> THIESSEN, op. cit., p. 258. Uma palavra foi mudada na transcrição para evitar o mau gosto literário que não foi observado pelo tradutor. O sentido permanece.

<sup>107</sup> SECKLER, M. Tópico "Fé", in FRIES, Heinrich. *Dicionário de Teologia*, 2ª ed., S. Paulo: Edições Loyola, 1983, p. 206.



e educacionais que apontam para uma bondade inata do homem, para um caráter íntegro inato, precisam de uma análise bem criteriosa. Algumas dessas correntes pedagógicas, inclusive, são base em alguns educandários cristãos, ensinando a bondade inata do homem. Mas somos pecadores, vendidos ao pecado. A criança pode ser bonitinha, engraçadinha, ingênua, mas carrega dentro de si a inclinação para o pecado, que toda a raça humana carrega.

- (4) A salvação implica, inevitavelmente, em mudança de vida. A pessoa salva passa a ter uma nova cosmovisão, a entender a vida pelo ângulo de Deus. A salvação tem implicações éticas por mudar a situação da pessoa. Somos salvos "para boas obras, as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas" (Ef 2.10). Uma pessoa salva deve ter seu caráter mudado.
- (5) Sendo que a salvação implica em transformação de vida, abandono do pecado, uma mudança para padrões éticos mais elevados, a pregação do evangelho para conversão das pessoas é a maior tarefa a que a Igreja de Cristo se pode lançar. A melhora do mundo começa pela pregação do evangelho.
- (6) A pregação deve levar em conta a racionalidade e a emocionalidade das pessoas. Uma pregação totalmente emotiva produzirá resultados que não terão respaldo no consciente. Uma pregação totalmente racional produzirá cristãos com entendimento mental mas sem envolvimento passional. Neste sentido, o exagero do baixo pentecostalismo e a solenidade não sensitiva de muitas igrejas tradicionais (aquela preocupação com um culto que parece missa, cheio de pompa, mas sem lugar para alegria, para espontaneidade) laboram em erro.
- (7) A conversão é, acima de tudo, uma chamada para estar em Cristo. Para identificar-se com Cristo. Como dizia Bonhoeffer, "o Cristo crucificado só pode ter seguidores crucificados". Ou, numa citação de Webster: "Em um de seus sermões, o Dr. A. J. Gossip diz que uma alma é salva não por uma cruz, mas por duas - a de Cristo e a própria"<sup>108</sup>. Entenda-se isto: para seguir a Cristo, a pessoa precisa tomar sua cruz. A pregação sadia não pode se centrar apenas no oferecimento das bênçãos, mas na exigência de uma vida com Cristo, que produzirá a ética mencionada no item 4. O evangelho não faz apenas promessas. Faz exigências, também.

<sup>108</sup> WEBSTER, Douglas. *Em Dívida com Cristo*. P. Alegre: Publicadora Ecclesia, s/d., p. 107.



## Matéria 1: A MORTE

1. *Definição* - Nesta unidade vamos estudar escatologia. O nome parece esquisito? Escatologia é o nome dado à parte da Teologia Sistemática que estuda a doutrina das últimas coisas. Ela trata dos eventos que acontecem no fim da vida de uma pessoa e no fim da história humana. Por isso, dividimos a escatologia em pessoal e cósmica. Na primeira parte deste estudo cuidaremos da escatologia pessoal, aquela que diz respeito à vida do indivíduo. Depois, cuidaremos da que diz respeito ao fim da história. Para analisarmos a escatologia pessoal, temos que começar por um assunto desagradável, a morte.

2. *A morte* - O que é morte? Segundo as definições médicas usadas pela maioria dos peritos, um capelão do Centro Médico da Universidade do Sul da Califórnia distinguiu o evento da morte dois momentos, em morte clínica e morte certa. E assim definiu as duas:

*Morte clínica* se dá quando o coração cessa de bater, a pressão sanguínea torna-se ilegível, e a temperatura do corpo cai. Em geral, diz-se que o paciente está morto quando as funções vitais cessam de vez. *Morte certa* é a total ausência de atividade das ondas cerebrais. Uma comissão de médicos, advogados, teólogos e cientistas na Universidade de Harvard determinou o que deveria ser "morte cerebral". Quatro critérios foram enumerados:

Falta de receptividade e reação

Ausência de movimentos ou respiração

Ausência de reflexos

Eletroencefalograma reto<sup>109</sup>

Esta experiência, a da morte, aguarda cada pessoa no fim da jornada. É surpreendente que, sendo tão certa, haja tanta tentativa de varrê-la para baixo do tapete. É razoavelmente lógico que um estudo escatológico comece analisando a morte. O tema não é agradável, mas sua análise faz parte da Teologia. Como disse Benjamin Franklin: "Há duas coisas inevitáveis na vida: a morte e os impostos". Índios não pagam impostos, mas morrem. E os sonegadores também. Na realidade, a morte é a única certeza que se tem na vida. Segundo Kierkegaard, "o homem nasce para morrer e começa a morrer quando nasce". Com ele concorda Heidegger: "A morte é a maneira de ser que a realidade humana assume desde que passa a existir. Tão logo um homem começa a viver, já é suficientemente velho para morrer"<sup>110</sup>. A morte é o mais temido adversário da humanidade. Aguarda cada um de nós no fim de nossa experiência para uma batalha que nunca perde. Enfrentá-la tem sido motivo de muitas cogitações. Epicuro, filósofo grego materialista, disse: "A morte não nos concerne, pois enquanto vivemos, a morte não está aqui. E quando ela chega, nós não estamos mais vivos"<sup>111</sup>. Esta questão foi posta em outras palavras: "Enquanto somos, a morte não é. Quando ela é, nós não somos". Mas esta é a questão: nós sabemos o que é ser. Não sabemos o que é não ser. O que é não ser? Se eu não fosse, como seria não ser? Quando eu

<sup>109</sup> BANE et all (eds.). *Death and Ministry*. New York: Seabury Press, 1975, p. 151.

<sup>110</sup> AUBERT, Jean-Marie. *E Depois...Vida ou Nada?* S. Paulo: Paulus, 1995, p. 11.

<sup>111</sup> GAARDER, Jostein. *Vita Brevis*. S. Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 143.



deixar de ser, como será isso? E é isso exatamente que assusta: deixar de ser. A morte nunca pode ser racionalizada com palavras. É um espectro assustador. Por isso, a reflexão sobre ela nunca deveria ser banida de nossas cogitações. Todos nós vamos morrer. Não podemos impedir que isso aconteça.

3. *Quando surgiu a morte?* Tenho observado que boa parte dos comentaristas sobre a entrada do pecado no mundo declaram que a consequência imediata do pecado do primeiro casal foi a morte física. No entendimento deles, a Bíblia parece identificar a morte corporal, física, com a desobediência, com o pecado. Os textos de Gênesis 2.16-17, Romanos 5.12 e 6.23 seguem nesta direção. E até mesmo a morte dos animais e a degradação da natureza poderiam ser entendidas como consequência do pecado, como se pode depreender de Romanos 8.20-31. A experiência humana diante da morte nos mostra que ela é algo não natural para o homem. É uma agressão ao ser humano, algo não desejado por ele. Fiquemos com Hammett, por exemplo, neste ponto: "Por isso, sentimos que a morte é estranha; reclamamos contra a morte. Sentimos que não deve ser assim. A morte é um inimigo que invadiu a boa criação de Deus (1Co 15.26 e Jesus, em João 11.33 e 38: ele não somente chorou no sepulcro de Lázaro; ele estava com raiva, com indignação)"<sup>112</sup>. Mas confesso que tenho dificuldades com esta interpretação. A palavra de Deus ao casal foi enfática: "no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2.17). O hebraico é enfático: *môt môt*, como se dissesse "morrerás morrendo", ou seja, "morrerás mesmo". Mas eles comeram e continuaram vivos! Sua morte não foi física. Não caíram duros na hora. Se acreditarmos que a maldição ali foi a morte física, temos um problema: a serpente disse a verdade! Ela disse que eles comeriam e não morreriam. E eles comeram e continuaram vivos! Então não se pode se tratar da morte física.

Ora, a vida se alimenta da morte. Por mais estranho que pareça, sem a morte não há vida. Alguém ou algo precisa morrer para que alguém ou algo viva. Em Gênesis 1.29-20, vemos que o homem deveria se alimentar de ervas e frutos de árvores e os animais de erva verde. Isso já era um tipo de morte. Os vegetais são seres vivos e seriam comidos. Eles morreriam para que animais e homens vivessem. Para que os homens e os animais vivessem, vegetais deveriam morrer. Para que houvesse vida, deveria haver morte. Todos nós nos alimentamos da vida de outros, seja frango, boi, peixe, couve, arroz, feijão, tudo é algo vivo, que morre para vivermos.

No equilíbrio ambiental, os seres vivos formam uma longa cadeia que não pode ser interrompida sob o risco de serem destruídos. Exemplifiquemos: uma certa planta nascida num pântano, tem raízes que retiram do solo água e substâncias minerais (matéria inorgânica) utilizadas para o desenvolvimento de uma flor após o processo de fotossíntese que transforma a matéria inorgânica em orgânica. Essa flor conterà néctar, do qual uma borboleta se alimenta. Uma libélula vem, captura e come a borboleta. Por sua vez, a libélula é capturada por uma rã, que logo serve de alimento para uma cobra-d'água. Do alto, um gavião vê o réptil e mergulha no espaço, capturando-o e comendo-o.

<sup>112</sup> HAMMETT, op. cit., p. 157.



Dentro das cadeias alimentares os seres vivos podem ocupar três posições (ou níveis tróficos): *produtores*, que são os vegetais que transformam a matéria inorgânica em matéria orgânica, ou alimento, ou energia; *os consumidores*, que se alimentam dos vegetais e de outros animais, e *os decompositores*, que decompõem a matéria orgânica dos seres mortos em matéria inorgânica, permitindo que ela retorne ao meio ambiente para ser novamente utilizada. Por isso que o homem é pó e retorna ao pó. Ele volta a ser matéria inorgânica. Resumindo: a morte é necessidade para a vida. Todos os seres vivos se alimentam da vida de outro ser vivo. Se o homem e os animais se alimentavam antes da queda, já havia morte. Na realidade, para que haja vida é necessário que haja morte.

4. *Os tipos de morte* – Vamos procurar compreender mais a questão vendo o que a Bíblia quer dizer com a palavra “morte”. A Bíblia fala de “morte” em três sentidos: o termo pode significar a morte física, a espiritual e a eterna.

(1) Física - Alude à separação entre o espírito humano e o corpo, quando do fim das atividades físicas e cerebrais: Eclesiastes 12.7. Todos passam por ela: Hebreus 9.27. A morte é universal. Ninguém foge dela. Seja rico ou pobre, intelectual ou analfabeto, todos passarão por ela.

(2) Espiritual - É a situação da pessoa sem Cristo: Efésios 2.1. Por isso a pessoa precisa nascer de novo: João 3.3. Sem Cristo ela está morta, do ponto de vista espiritual.

(3) Eterna - É a situação da pessoa sem Cristo após a morte física: Apocalipse 20.15. Portanto, pode-se dizer que quem só nasce uma vez (físico), passa por três tipos de morte e morre eternamente. Quem nasce duas vezes (no sentido de João 3.3) só morre uma vez (João 11.25-26) e ressuscita duas (espiritual e corporalmente).

Vamos nos centrar, agora no evento da morte física.

5. *O que sucede após a morte física* - Voltemos ao texto de Hebreus 9.27, cujo teor já conhecemos. Ele nos permite compreender o esquema de nossas vidas: nascimento ↗ vida na terra ↗ julgamento e vida no além. Todos nascemos, vivemos e todos morreremos. Isto é óbvio. Mas surge uma questão: e depois? Há vida depois da vida? Para onde vão os mortos?

6. *Para onde vão os mortos?* Segundo Eclesiastes 3.20, há apenas um lugar para os mortos. O termo hebraico é *xeol*. O termo grego que lhe corresponde é *hades*. *Hades* significa “o invisível”, de *des*, “ver”, e o prefixo privativo *a*. É o termo que designa o mundo dos mortos. Chamamos de estado intermediário. O uso da expressão nada tem a ver com o purgatório. Chama-se “estado” e não “lugar” intermediário. Esta idéia de purgatório surge no século V de nossa era, com Agostinho, foi defendida por Gregório e definitivamente incorporada à teologia católica na 25ª sessão do Concílio de Trento, que aconteceu de 1545 a 1563, em reação à Reforma. O estado intermediário não intermedeia purgatório e céu, mas sim o estado desincorporado (em que existiremos fora do corpo) e o estado glorificado (quando formos transformados, como lemos em 1Coríntios 15). É *estado* e não *lugar* intermediário, voltamos a repetir. Todos os mortos estão em estado



desincorporado, existindo fora do corpo. No *xeol/hades/além* há um lugar para os salvos e outro para os perdidos. Céu e inferno estão além. Não estão aqui. Uma outra ressalva que deve ser feita é que o lugar onde os mortos estão, *xeol/hades/além*, é definitivo, não sendo possível passar de um lugar para outro, conforme lemos em Lucas 16.26. Pode-se alegar que temos aqui uma parábola e que firmar um ponto doutrinário nela seria uma postura imprudente. Mas pode-se alegar, em retorno, que dificilmente Jesus contaria uma história que contivesse um ponto equivocado, principalmente quando o tema central da parábola é a suficiência da Palavra de Deus em matéria de orientação para a vida eterna. Neste caso, teria havido imprudência da parte dele, o que não se pode presumir. Mas creio que uma observação de Summers sobre o estado intermediário nos ajudará mais a compreender a questão:

O Novo Testamento ensina que na morte o corpo volta à terra e o espírito entra num estado de existência consciente, na bem-aventurança ou no sofrimento. O Novo Testamento também ensina que o corpo será levantado e transformado, na ocasião da ressurreição, quando Cristo voltar à terra. Se essas duas proposições são ensinadas no Novo Testamento, segue-se que há um estado desincorporado de existência cônica do espírito entre os dois eventos - a morte e a ressurreição. À luz da teologia é certo haver algum tipo de vida ou de existência nesse interregno<sup>113</sup>.

Para se entender bem o conceito de morte no Antigo Testamento precisamos entender o conceito de homem. Ele se compõe de dois elementos: o *basar* (carne ou corpo, a parte material) e *nephesh* (alma). Embora alguns queiram ver o *ruah* (espírito) como um terceiro elemento, estudiosos como Knudson, Davidson, Delitzsch, entre outros, entendem que *ruah* é usado como sinônimo de *nephesh*, tendo ambos os termos o significado de princípio vital que resulta na vida psíquica do ser humano. O que sobrevive à morte passa para o *xeol*. Este é visto como um lugar de esquecimento (Sl 88.12) e de silêncio (Sl 94.17, 115.17), onde há certo grau de auto-consciência e possibilidade de movimento e comunicação (Is 14.19-20). Os seus moradores podiam ter certo conhecimento do futuro (1Sm 28.13-20), embora sejam denominados de "sombras" ou de *rephains*, termo hebraico que designa sombras da vida terrestre. A idéia é de sobrevivência e não de aniquilamento. Aliás, no meu último livro, "Teologia dos Salmos" dedico um tópico a este assunto<sup>114</sup>. Mostro que os hebreus não tinham uma concepção bem definida de vida no além, por isso que o Antigo Testamento pouco fala sobre o assunto. Mas embora não houvesse uma bem elaborada teologia sobre a morte e a vida no além, como seria a vida depois da morte, o certo é que os hebreus criam que havia algo do lado de lá. Vejamos o que nos diz Thurman Bryant, em artigo sobre "O Corpo Celestial":

Há várias expressões da idéia de sobrevivência no Velho Testamento. Gênesis 35.18 relata que Raquel morreu no nascimento de Benjamin e

<sup>113</sup> SUMMERS, Ray. *A Vida no Além*. Rio de Janeiro: JUERP, 1971, p. 31. Uma observação: este é o mais completo e mais coerente livro sobre o assunto, em português.

<sup>114</sup> COELHO FILHO, Isaltino. *Teologia dos Salmos*. Rio de Janeiro: Juerp, 2001, p. 91, capítulo "Nono Tema: a Morte".



saiu dela a alma ou *nephesh*. Eclesiastes 12.7 diz que ao morrer o corpo volta para a terra, como o era, e o espírito ou *ruach* volta para Deus. Também, a ocasião da visita da pitonisa de Em-Dor a Saul reflete o conceito de sobrevivência após a morte. Outras passagens que afirmam a existência deste conceito são Jó 13.14-15, 19.25-27, Salmos 16, 17, 49 e 73. Há uma tradição hebraica antiga que quando o homem morre, sua alma parte do corpo, mas permanece perto dele durante três dias para partir de uma vez quando começa a decomposição. Dr. Summers acha esta tradição interessante em vista da declaração de Marta a Jesus que Lázaro jazia no túmulo já *quatro* dias (João 11.39)<sup>115</sup>.

Sobre esta questão do espírito permanecer por três dias junto ao corpo, julgo oportuno registrar também a declaração de Kelley, segundo a qual três dias era o tempo de viagem do *ruah* até o *xeol*<sup>116</sup>. No caso de Lázaro, pode significar, também, que Maria estava dizendo que o seu *ruah* já estava no *xeol*, de onde não se regressa. Mas, independente da interpretação que se dê a esta passagem, o certo é que parece haver um desenvolvimento da idéia da vida após a vida terrena no Antigo Testamento já um pouco tardiamente, quando ele (o AT) está se encerrando. Quando o hebreu tomou ciência de seu valor como indivíduo e não apenas como participante da nação, começou a refletir também sobre seu destino eterno como indivíduo. Numa segunda etapa, começou a refletir sobre a idéia de retribuição não apenas nesta vida, mas na vida além túmulo. Por fim, a noção de comunhão com Deus aqui na terra se espiritualizou também para o âmbito da vida após a morte. Mas o certo é que a teologia judaica, antes do fim do Antigo Testamento já cria numa vida além e até mesmo numa ressurreição dos mortos para receberem seu castigo ou sua recompensa, como lemos em Daniel 12.2-3. É com o cristianismo, no entanto, graças à obra de Cristo, que a vida no além assumirá um aspecto grandioso.

7. *O lugar do salvo no xeol/hades/além* - O crente em Jesus, morrendo, vai para o *xeol/hades/além*. Num lugar próprio ao salvo. É chamado de "seio de Abraão" (Lc 16.22-23), de "paraíso" (Lc 23.43) e "campos elíseos" (literatura). São as moradas das quais Jesus disse que há muitas no céu, como lemos em João 14.2. É um lugar de glória, como lemos em Romanos 8.18. Vive-se com o Senhor para sempre, como podemos ler em Apocalipse 22.3-5. Pode-se dizer do salvo que Cristo vive com ele agora e ele viverá com Cristo depois. A palavra de Paulo em Filipenses 1.21-23 revela que a compreensão da vida após a morte é uma vida de qualidade bem superior à presentemente vivida. Deve ficar bem claro que o lugar do salvo, no *xeol/hades/além* é já de salvação. Na palavra de Paulo em 2Coríntios 5.7-8, morrer é estar ausente do corpo, mas presente com o Senhor. Paulo deixa transparecer que a morte de um salvo é o abandono do corpo material e uma entrada imediata na presença do Senhor. Este estado não é de inconsciência ou de sono. Pensemos nas palavras de Summers:

<sup>115</sup> BRYANT, Thurmon. "O Corpo Celestial" in *Teológica*, ano 1, no. 1, p. 4. Foi uma publicação da Faculdade Teológica Batista de S. Paulo que, infelizmente, não logrou continuidade. Neste artigo, o Dr. Bryant translitera *ruach* em vez de *ruah*, como prefiro fazer. Respeito sua posição.

<sup>116</sup> KELLEY, Page. *Mensagens do Antigo Testamento Para Nossos Dias*. Rio de Janeiro: JUERP, 1980, p. 90.



Em Lucas 23.43 Jesus assegurou ao salteador arrependido: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso". E em Lucas 16.22, a expressão "foi levado... para o seio de Abraão" é claramente um termo descritivo que se refere ao estado de bem-aventurança na presença de Deus. Nenhum gozo maior poderia ser contemplado por um bom hebreu do que ser recebido com um abraço no seio de Abraão, o pai da raça<sup>117</sup>.

A promessa de Jesus ao ladrão, de estar no paraíso, merece uma mais acurada observação de nossa parte. O termo é uma transliteração do grego *paradisos*. Discutem os lingüistas se o termo é persa ou armênio. Mas no grego clássico designava um jardim ou parque, lugar de beleza e de recreação. Um lugar de delícias, portanto. Os tradutores da LXX o usaram para designar o jardim do Éden, em Gênesis 2.8. O termo aparece no Novo Testamento na história do ladrão na cruz, na experiência de Paulo em ter sido arrebatado (2Co 12.4) e no Apocalipse 2.7, ao se falar da árvore da vida que está no paraíso. Parece ser a idéia de uma restauração à posição original de antes da queda. Esta impressão é corroborada pela figura de Apocalipse 22.1-2, onde o termo não aparece, mas a árvore da vida, sim. Mais do que uma questão geográfica, o uso parece indicar o lugar onde Deus habita.

Podemos dizer que o estado do salvo, no *hades/xeol/além* é um estado de consciência, um estado fixo (no sentido de que o destino final da pessoa é elaborado aqui, como lemos em Hebreus 12.7) e um estado incompleto. Incompleto porque deveremos ser revestidos do corpo celestial (2Co 5.2-4). Paulo desejava a ressurreição (Fp 3.10-11). O estado desincorporado é falho, melhor dizendo, incompleto, no sentido de que o homem, em sua inteireza, não foi devolvido ao estado original. Falta-lhe o corpo. Que ele receberá de volta, mas agora, glorificado.

8. *O lugar do perdido no xeol/hades/além* - Há, também, um lugar de perdição, como lemos em Lucas 16.23-25. Algumas vezes é chamado de "inferno" (tradução de *hades*, como em Lucas 10.15). Outros nomes que este lugar recebe: "abismo" (que é a morada de demônios, como em Lucas 8.31 e Apocalipse 9.11), "geena" (inferno de fogo, em Mateus 18.9). Vem, este último, de Gê-Hinnom, vale de Hinom, onde se ofereciam crianças a Moloque, como lemos em 2Crônicas 28.3 e 33.6. Depois, este lugar se tornou um crematório. Animais mortos e lixo eram ali queimados. Tornou-se um símbolo de julgamento, como lemos em Jeremias 7.31-32. Outro nome dado é "castigo eterno" (Mt 25.46). A situação do perdido é esta: ele vive agora sob o domínio do Maligno (2Co 4.4 e 1Jo 5.19). E viverá com ele na eternidade: Mateus 25.41.

O fundamental é que o perdido está separado eternamente de Deus. Verifica-se isto em Lucas 16.23. Há um "grande abismo" separando o perdido do lugar onde Deus se encontra e há uma impossibilidade de se passar de um lado para outro. Este estado do perdido é de consciência, também. Não é um estado de sono ou de aniquilação. O episódio do rico perdido nos ensina isto. O texto de 2Pedro 2.9 permite entender que os injustos, reservados para o dia do juízo, já estão sendo castigados.

<sup>117</sup> SUMMERS, op. cit. p, 32.



9. *A ressurreição do corpo* - A idéia de ressurreição corporal não é uma novidade neotestamentária. No texto já citado de Daniel 12.2-3 se vê que o conceito já estava presente, mesmo que não muito elaborado, no judaísmo posterior. O autor de Hebreus declara que Abraão, quando decidiu que deveria oferecer Isaque em sacrifício, esperava por sua ressurreição (Hb 11.19). Pode-se alegar que esta é a exegese do autor de Hebreus e não, necessariamente, o pensamento de Abraão. Em resposta pode-se dizer que o autor é profundo conhecedor do Antigo Testamento e, que se não está autorizado a falar por Abraão, por certo que tinha noção do que dizia.

Mas é o Novo Testamento que ensina de maneira bem clara a ressurreição do corpo. Pensemos nestas palavras de Erb, comentando o pensamento de Kantonen em *The Christian Hope*:

A questão da vida depois da morte tem sido argumentada como uma questão de demonstrar a imortalidade, a capacidade da alma para resistir à morte. O corpo tem recebido pouca importância [...] Mas o credo cristão não diz "creio na imortalidade da alma". Diz "creio na ressurreição do corpo". O corpo não é a antítese da alma [...] É difícil conceber um contraste mais completo que o entre Platão e Paulo a respeito deste ponto. O Novo Testamento reconhece o corpo e a alma como dois aspectos diferentes mas não antitéticos da existência humana [...] A alma não é uma parte separada do homem com substância própria<sup>118</sup>.

De forma inteligente, Erb nos traz para o campo realmente fundamental: não é a sobrevivência da alma, mas sim a questão da ressurreição do corpo a razão da esperança cristã. O homem não é uma alma aprisionada num corpo, como pensava Platão. O homem é uma unidade, como ensina a Bíblia e como os vários ensinamentos paulinos sobre a ressurreição deixam bem claro. Na seqüência de seu argumento, Erb começa citando Niles em *Preaching the Gospel of the Resurrection*, e segue depois com suas observações:

O homem não é uma alma imortal em um corpo mortal. O homem é corpo e alma - uma pessoa completa - em uma imortal relação com Deus". A morte quebra, então, uma unidade e uma integridade que devem ser restauradas com a ressurreição do corpo. O cristão não quer desfazer-se do seu corpo como se fosse algo mal. Quer tê-lo redimido e glorificado pelo mesmo poder que produziu o corpo de Cristo após a ressurreição. Como Paulo, quer que o poder da ressurreição, que agora atua por ele por meio do Espírito de Cristo, continue e complete o processo de última e final salvação: corpo e alma, o homem completo à imagem de Cristo<sup>119</sup>.

Nesta observação de Erb se entende que a ressurreição é a devolução do homem ao seu estágio de antes do pecado. É o homem vivendo como deveria viver, antes da entrada do pecado no mundo e, conseqüentemente, antes da entrada da morte no mundo.

10. *A volta de Cristo* - A questão da ressurreição foi abordada antes da abordagem da vinda de Cristo por sua conexão com o destino do homem, em

<sup>118</sup> ERB, Paul. *El Alfa y la Omega*. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1968, p. 135.

<sup>119</sup> Ib. ibidem, p. 136.



seus elementos constitutivos. Vir abordar agora a volta de Cristo não significa uma falta de lógica na nossa argumentação, mas sim o ter deixado para o fim o evento indiscutível que marcará o fim da história.

Muitos elementos da escatologia dependem de interpretação, como por exemplo, o milênio. Mas o retorno de Cristo é tema dado como aceito por todas as correntes escatológicas. Cristo vai voltar. Esta mensagem da igreja cristã está declarada, de forma muito clara, já na sua segunda pregação, como se pode ler em Atos 3.20: "e envie ele o Cristo, que já dantes vos foi indicado, Jesus". Este discurso com esta declaração se reveste de maior significado do que se fosse na primeira pregação da igreja, no dia de pentecostes. Porque o sermão pregado no dia de pentecostes, em Atos 2, foi dirigido a fiéis em geral. O segundo sermão, que afirma o retorno de Cristo, em Atos 3, foi no templo, o que provocou a reação da liderança judaica (At 4.1).

O assunto da volta de Cristo é muito amplo e para facilitar seu desenvolvimento, faremos quatro perguntas, as mesmas que Hammett faz em sua apostila. Mas o raciocínio será nosso e não dele. As perguntas são:

- (1) O que é a volta de Cristo?
- (2) Quando será a volta de Cristo?
- (3) Por que haverá a volta de Cristo?
- (4) O que devemos fazer?

Pensemos na primeira: *o que é* a volta de Cristo? Identificá-la, como fazem alguns teólogos liberais, como tendo sucedido com a vinda do Espírito Santo ou mesmo com a ressurreição de Jesus é ignorar o fato de que há cerca de 250 declarações sobre a segunda vinda de Jesus depois desses eventos. Assim como já está mencionada no segundo sermão da igreja, é também a última profecia do Novo Testamento, como se pode ler em Apocalipse 22.20. É a promessa mais repetida do Novo Testamento e ignorá-la ou recusá-la não faz sentido quando se aceita a Bíblia como ponto de partida para argumentação teológica. Esta vinda será do próprio Jesus, como os anjos disseram aos discípulos quando da ascensão (At 1.11). Não é a mesma coisa que a cristianização progressiva do mundo como a entendem alguns que também têm dificuldades em aceitar seu retorno. Será um ato histórico, visível e pessoal, do próprio Jesus (Ap 1.7). O texto de Atos 1.11 é bastante expressivo, como vimos. A ele se junta 1 Tessalonicenses 4.16: "o Senhor mesmo". Esta expectativa é de todo o Novo Testamento. Seu retorno será para consumação do reino e para estabelecimento do juízo divino sobre toda a terra.

Pensemos agora na segunda pergunta, a relativa ao *quando*. Esta vinda será em tempo inesperado. Ele mesmo fez questão de designá-la como a vinda de um ladrão (Mt 24.42-45). Ora, ladrão não marca hora, mas surge inesperadamente. Todas as tentativas de marcar datas para o retorno de Cristo resultaram em fracasso e no surgimento de alguma seita herética que, negando-se a morrer, precisou dar um jeitinho na sua argumentação. Um exemplo disto se vê no expediente de um exemplar antigo da revista "Desperta!": "Importantíssimo é que esta revista gera confiança na promessa do Criador sobre uma nova ordem pacífica e segura antes que a geração que



viu os sinais de 1914 EC desapareça"<sup>120</sup>. Alguns outros processos redundaram em situações ridículas, como o chamado alinhamento dos planetas<sup>121</sup>. As palavras de Jesus em Mateus 24.36 devem servir de advertência: "Daquele dia e hora, porém, ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, senão só o Pai". A expressão tão absoluta tem escandalizado muita gente por Jesus alegar sua ignorância sobre o assunto. Marcos a repete (13.32) e Lucas a omite. Porém, como disse Mussner: "Mas justamente a 'força' desta frase nos assegura a sua autenticidade. Esta frase não pode ser considerada como fruto da comunidade primitiva"<sup>122</sup>. Esta é uma declaração sobre a qual pairam poucas dúvidas a respeito da autenticidade: vem dos lábios de Jesus. Ele mesmo não sabia a hora de seu retorno. Qualquer pessoa que alega sabê-la está se pondo acima dele, o que é, no mínimo, um pouco estranho. Se Jesus não sabia, como é que um pregador pode dizer que sabe?

Pensemos agora na terceira pergunta, a relativa a *oporquê*. A resposta é simples: para consumação de todas as coisas. Na primeira vinda, ele realizou a obra de expiação. Na segunda, ele a consumará: "assim também Cristo, oferecendo-se uma só vez para levar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação" (Hb 9.28). Deve-se entender "salvação", aqui, como a sua consumação, para a glorificação. Esta vinda de Jesus trará a nossa glorificação: "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque assim como o é, o veremos" (1Jo 3.2). Vemos aqui uma parte do *porquê*: para a nossa glorificação. Mas há outra parte, ainda, a se considerar: para a salvação do poder da morte e da corrupção material de nosso corpo. Isso não sucederá pela transmigração da alma nem pela visão platônica da fuga da alma em sair do corpo, mas pela ressurreição. A este respeito devemos ler 1Coríntios 15.53-55. Seremos livres do poder da morte. Foi por isto que o Pr. Martin Luther King, Jr, Prêmio Nobel da Paz em 1964, e assassinado em 1968, pediu que na sua lápide houvesse a inscrição: "Enfim livre, graças ao Deus Todo-Poderoso, enfim, livre"<sup>123</sup>. Será a nossa liberdade do poder da morte e do poder do pecado. Será o momento em que deixaremos de viver no "ainda não", o momento contingente da vida cristã, e entraremos no "já", a plenitude das bênçãos dos filhos de Deus.

<sup>120</sup> "Desperta!l", 22 de agosto de 1985, vol. 66, num, 16, página 2, no expediente da revista. Nas edições atuais, a revista suprimiu esta observação. Afinal, quem viu os acontecimentos de 1914 deve ter hoje, 2001, no mínimo 87 anos. Mais uma vez as testemunhas de Jeová mudam sua doutrina escatológica por terem falhado em uma previsão.

<sup>121</sup> Veja, por exemplo, OLSON, Lawrence. *O Alinhamento dos Planetas*. Rio de Janeiro: CPAD, 1980. A vendagem do livro foi tanta que o exemplar que tenho é da 4ª edição. O livro foi recomendado pelo Conselho de Doutrina da Convenção Geral das Assembléias de Deus e chega ao ponto de mostrar o satélite artificial norte-americano, Skylab, que se desmontou no espaço e caiu sobre a Terra como sinal da segunda vinda de Cristo. O alinhamento dos planetas, um evento cósmico que aconteceu em 1982, foi um dos maiores "besteiróis" evangélicos do Brasil, chegando a criar um clima de histeria, alegando-se que cidades como Santos e Rio poderiam ter ondas de 2 metros de altura. No dia seguinte, o jornal "O Estado de S. Paulo" publicou um artigo intitulado "Viu, o mundo não acabou!". A postura evangélica foi bastante satirizada. Em tempo: A CPAD retirou o livro de circulação.

<sup>122</sup> MUSSNER, Franz. *O Que Jesus Ensina Sobre o Fim do Mundo?* S. Paulo: Edições Paulinas, 1990, p. 48.

<sup>123</sup> KING JR., Martin Luther. *O Grito da Consciência*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1966, na Nota do Editor.



Ainda podemos acrescentar aqui mais uma razão, a terceira, *ao porquê*. Será para a sua vitória final. No primeiro advento, ele veio e sofreu nas mãos dos pecadores (At 2.23). Agora voltará como Senhor e será reconhecido por todos. Valha-nos aqui, novamente, o texto de Apocalipse 1.7. Todos hão de reconhecê-lo e hão de saber que ele é aquele diante de quem todo joelho deve se dobrar (Fp 2. 9-11). Ele tomará "vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo" (2Ts 1.8). Ele será glorificado nos seus e será admirado pelo seu povo (2Ts 1.10). A distinção que dispensacionalistas (pessoas que dividem a história da revelação em épocas, que elas chamam de "dispensações") tentam fazer entre *parusia* e *epifania*, perde o sentido aqui. Sua vinda será um *apocalipsis*, uma revelação. Será uma *parusia*, termo usado para a chegada de um rei. E será uma *epifania*, termo usado para a manifestação de uma divindade.

**11. O juízo** - A volta de Cristo será também o momento do juízo. Revelará, então, muito do que está escondido na vida das pessoas e no próprio mundo. Conforme 1Coríntios 4.5, quando ele vier "trará à luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações e então cada um receberá de Deus o seu louvor". O texto, é verdade, parece aludir ao juízo para galardão dos crentes, como também em 2Coríntios 5.10. Mas ele julgará definitivamente os perdidos, como se pode ler em Apocalipse 20.11-15 e no conhecido texto de Mateus 25.31-46. Sobre este juízo, pensemos nas palavras de Berkouwer:

A igreja cristã não declara somente o retorno de Cristo. Tanto o Credo dos Apóstolos como o Credo Niceno claramente afirmam que ele virá como juiz dos vivos e dos mortos. Isto é uma reflexão verdadeira daquilo que o próprio Novo Testamento ensina. Paulo escreveu que Cristo "há de julgar os vivos e mortos, pela sua vinda e pelo seu reino" (2Tm 4.1). Ele foi ordenado por Deus para executar esta tarefa (At 10.42). Deus determinou um dia que o mundo será julgado por ele, com justiça (At 17.31). Ele executará este juízo como Filho do homem diante de quem todos hão de comparecer para ser julgados (Jo 5.22 e 27 e 2Co 5.10)<sup>124</sup>.

**12. Como proceder** - Fica definido no ensino de Jesus que há apenas dois lugares onde a pessoa pode passar a eternidade. Na parábola contada em Mateus 25.31-46, ou a pessoa está do lado direito ou do lado esquerdo. Do lado direito, os salvos. Do lado esquerdo, os perdidos. Não há uma coluna do meio. Na história do rico e Lázaro (Lc 16.19-31), também há dois lugares, um de gozo e outro de condenação, e não se passa de um para o outro.

Depois da morte vem o juízo (Hb 9.27) e o destino final da pessoa é decidido pela sua postura aqui na terra diante de Cristo, como lemos em João 3.14-16 e 5.24. Quem não crê, morre em seus pecados, como lemos em João 8.24. Quem crê, vai para o paraíso, como lemos na história do ladrão salvo na cruz, em Lucas 23.43. A atitude certa que se deve tomar é a do ex-cego de nascença: "Creio, Senhor! E o adorei." (Jo 9.38). O seguidor de Jesus é chamado à vigilância, como inúmeras palavras de Jesus nos mostram, entre elas a parábola das bodas (Mt 22.1-14), a parábola chamada equivocadamente de "das virgens" (porque o que está em foco não é a

<sup>124</sup> BERKOUWER, G. C. *The Return of CHRIST*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1972, p. 155.



virgindade ou não das acompanhantes da noiva, mas a subitaneidade da chegada do noivo) em Mateus 25.1-13, a dos talentos (Mt 25.14-30). Sua palavra para todos nós é "Vigiai, pois, porque não sabeis nem o dia nem a hora" (Mt 25.13).

Para o seguidor de Jesus, a atitude a tomar foi bem descrita nas palavras de Hoekema:

A ênfase mais comum é que nossa expectativa, pela volta do Senhor serve como um incentivo para um viver santo. Assim, ouvimos Paulo dizer, em Romanos 13, que a proximidade dessa volta deveria nos motivar a expulsar as obras das trevas e vestir as armas da luz; a não fazer provisão para a carne, mas conduzir-nos a nós mesmos, convenientemente como em pleno dia (vs. 12-14)<sup>125</sup>.

Alguns, na igreja de Tessalônica, queriam que a iminente volta de Cristo servisse de pretexto para o ociosidade. "Plantar para quê, se Cristo pode voltar a qualquer momento?", seria seu raciocínio em termos atuais. Paulo foi duro: "... se alguém não quer trabalhar, também não coma" (2Ts 3.10). A volta de Cristo não pode ser pretexto para atitudes incorretas, como a inatividade e o imobilismo social, geralmente fruto de alienação. Deve ser, sim, estímulo para um viver santo. A Igreja deve viver na esperança da volta do seu Senhor, mas sem com isto escatologizar toda a sua atividade, caindo num inativismo, já que o Senhor vem a qualquer momento.

**13. Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira - Transcrevo, agora o item XVIII- MORTE, da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira:**

Todos os homens são marcados pela finitude, de vez, que em consequência do pecado, a morte se estende a todos (1). A Palavra de Deus assegura a continuidade da consciência e da identidade pessoais após a morte, bem como a necessidade de todos os homens aceitarem a graça de Deus enquanto estão neste mundo (2). Com a morte está definido o destino eterno de cada homem (3). Pela fé nos méritos do sacrifício substitutivo de Cristo na cruz, a morte do crente deixa de ser tragédia, pois ela o transporta para um estado de completa e constante felicidade na presença de Deus. A esse estado de felicidade as Escrituras chamam "dormir no Senhor" (4). Os incrédulos e impenitentes entram, a partir da morte, num estado de separação definitiva de Deus (5). Na Palavra de Deus encontramos claramente expressa a proibição divina da busca de contato com os mortos, bem como a negação da eficácia de atos religiosos com relação aos que já morreram.

(1) Romanos 5.12, 6.1; 1Coríntios 15.21, 26, Hebreus 9.27; Tiago 4.14

(2) Lucas 16.19-31 e Hebreus 9.27

(3) Lucas 16.19-31; 23.39-46, Hebreus 9.27

<sup>125</sup> HOEKEMA, Anthony. *A Bíblia e o Futuro*. S. Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989, p. 168.



- 
- (4) Romanos 5.6 -11 e 14.7 -9; 1Coríntios 15.18-20; 2Coríntios 5.14-15; Filipenses 1.21-23; 1Tessalonicenses 4.13-17, 5.10; 2Timóteo 2.11; 1Pedro 3.18; Apocalipse 14.13
- (5) Lucas 16.19-31; João 5.28-29
- (6) Êxodo 22.18; Levítico 19.31, 20.6, 27; Deuteronômio 18.10; 1Crônicas 10.13; Isaías 8.19 e 38.18; João 3.18 e 3.36 e Hebreus 3.13.



## Matéria 2: OS SISTEMAS ESCATOLÓGICOS

1. *Os sistemas escatológicos* - A igreja primitiva esperava o retorno de Cristo para breve, em época bem perto de si. Sobre isso não pairam dúvidas. Mesmo assim (ou talvez exatamente por isto) ela nunca elaborou um sistema escatológico e o legou às gerações posteriores. Na realidade, ela não esperava muitas gerações vindouras. As informações do Novo Testamento são esparsas, pouco sistematizadas (talvez a única exceção seja 1Coríntios 15) e não permitem que se assegure que um determinado sistema de interpretação seja o mais próximo das Escrituras. Os defensores dos diversos sistemas esgrimem versículos bíblicos em prol de sua posição e contra a dos outros. É mais uma questão de opção do que uma questão de firmeza doutrinária ou teológica. Mesmo assim, deve-se evitar o sensacionalismo, que quase sempre é de mau gosto e conduz à precipitação. A Bíblia deve ser respeitada e não ser vista como uma espécie de horóscopo evangélico, onde se procuram (e quando se quer, se acham) Saddam Hussein, Mercado Comum Europeu, vaca louca, etc..

Na medida em que a volta de Cristo se protelava, a Igreja foi se ocupando com outros assuntos. Até mesmo porque uma cruel perseguição do império romano a fez ocupar-se mais do presente. Ela precisava preocupar-se mais em sobreviver na terra do que olhar para a volta de Cristo, num futuro que podia ser distante. Neste sentido, os sistemas escatológicos são muito mais uma explicação moderna do que um legado histórico ou apostólico. Alguns esboços de sua formulação começaram cedo na história da igreja. Vejamos Hägglund, sobre isso:

A escatologia dos Pais Apostólicos incluía a idéia que o fim dos tempos era iminente, e alguns deles (Papias, Barnabé) também sustentavam a doutrina de um milênio terreno. Barnabé aceitava a idéia judaica que o mundo existiria por 6.000 anos, prefigurados nos seis dias da criação. E, por conseguinte, dizia -se, que seguiria o sétimo milênio, em que Cristo reinaria visivelmente na terra com a ajuda dos seus fiéis (Cf. Ap. 20). Este daria lugar ao oitavo dia, a eternidade, que tinha seu protótipo no domingo. Papias, também, apoiava a doutrina de um milênio terreno, e descrevia a condição bendita que prevaleceria durante este tempo. Este ponto de vista ("milenismo" ou "quíliasmo") foi amplamente desacreditado em tempos mais recentes. Realmente, Eusébio o fez em sua avaliação dos escritos de Papias. (*História Eclesiástica*, III, 39) (sic)<sup>126</sup>.

Lamentavelmente, a questão do milênio tem se tornado mais importante, em boa parte das discussões, que a própria volta de Cristo. O texto de Apocalipse 20.1 -6 tem servido para as mais diversas interpretações, recheadas com passagens outras de outros livros e até mesmo do Antigo Testamento. Basicamente, a questão se resume a dois pontos. Um é o texto citado de Apocalipse, outro é a maneira como encaramos passagens do Antigo Testamento. Temos passagens que nunca se cumpriram literalmente. Um exemplo disto é o templo de Ezequiel 40-48 que nunca foi construído. Para os

<sup>126</sup> HÄGGLUND, op. cit., p. 20. Para conhecer mais o pensamento de Papias, Barnabé, Orígenes e outros pensadores da igreja sobre este assunto, veja SEEBERG, Reinhold. *Manual de la Historia de las Doctrinas*, vol. 1, El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1963.



amilenistas e pré-milenistas históricos, elas devem ser interpretadas espiritualmente ou aplicadas à igreja. Já os dispensacionalistas entendem sua interpretação literal e dizem que seu cumprimento se dará no milênio. Esta questão é séria e delicada. Eis uma boa observação de Hammett:

Às vezes esta questão de interpretação é bem difícil. Por exemplo, Isaías 67.15-25: vv. 17-19 parece ser uma descrição do estado final e eterno, a nova criação de Deus, mas vv. 20-23 falam sobre a morte e o nascimento das crianças. Isso é o céu? O milênio? Quem sabe? (sic)<sup>127</sup>.

Geralmente se ouve falar do pré-milenismo, do pós-milenismo e do amilenismo. São as três maiores correntes na discussão do assunto. Mas o pré-milenismo se divide em duas alas: o dispensacionalista e o histórico ou pós-tribulacionista. Seria muito bom, se tempo tivéssemos, se pudéssemos separar estes dois pontos, até mesmo porque os pré-milenistas históricos não gostam de ser associados com os pré-milenistas dispensacionalistas. Dependendo do tempo, assim faremos. Mas vejamos o que podemos aprender de cada escola.

*1. A idéia de um reinado de 1.000 anos* - A idéia de um milênio (mil anos de período de paz) já aparece no judaísmo posterior, principalmente no 4º Esdras. Significava um domínio de Iahweh na terra por meio de Israel. Tal idéia floresceu no período intertestamentário como alternativa à frustração com a queda de Jerusalém, o refazimento da teologia judaica, a necessidade de explicar alguns dogmas que não funcionaram, etc. O próprio judaísmo passou por transformações muito profundas, deixando de ser escriturístico e passando a ser rabínico. Ou seja, deixou de se basear nas Escrituras e passou a se basear nas explicações que os rabinos davam. A imaginação humana acabou prevalecendo sobre a revelação. Esta postura da literatura apocalíptica judaica foi assimilada em alguns escritos cristãos posteriores, com a idéia de um reinado literal de Cristo, durando mil anos, sobre a terra, para mostrar ao mundo o que seria uma sociedade humana sob o domínio de Deus. Em boa parte ela brotou da necessidade que os rabinos tinham de justificar o reinado de paz prometido a Davi, que não aconteceu, após o retorno do cativo.

*2. Um resumo histórico* - A difusão desta idéia se acentuou muito em meados do segundo século, como uma reação cristã a tendência gnóstica de diluir a escatologia na ascensão e volta da alma para Deus. Com Justino (100-165), a idéia ganhou corpo. Outros teólogos cristãos primitivos a endossaram, com visões materialistas e sensuais de um reino cristão. Um dos seus defensores foi Hipólito (160-236), que mais tarde se retratou. Orígenes (185-254) a combateu duramente, dizendo-a tolice. No fim do terceiro século, a idéia era quase totalmente rejeitada na Igreja. Agostinho (354-430) a aceitou por um pouco, mas depois recuou, alegando sentir vergonha de um materialismo tão grosseiro sobre a vida futura. Mais tarde, ele articulou o ponto de vista amilenista que dominou o Ocidente da Idade Média. Em 431, o Concílio de Éfeso declarou que a idéia do milênio era superstição e o condenou como tal.

<sup>127</sup> HAMMETT, op. cit., p. 188



Como se nota, a aceitação de um milênio sempre foi matéria controvertida no seio da Igreja. Grupos heréticos como ebionistas e montanistas o aceitaram e isso piorou sua aceitação, pelo radicalismo político desses grupos. Na Idade Média, o milênio foi considerado como heresia. Os reformadores recusaram-se aceitar a idéia, que floresceu, no entanto, entre os anabatistas radicais. Calvino rotulou os milenistas de "ignorantes" e "maliciosos". Muito voltados contra o poder civil, anarquistas políticos, tais anabatistas aceitaram com entusiasmo a idéia de um reino terreal de Jesus aqui na terra. A "tragédia de Münster", em 1534, com o anabatista Jan Mathys alegando ser Enoque e que estava precedendo o milênio de Cristo, foi um motivo a mais para se manter a idéia sob severas reservas, pelo seu desdobraimento, que era um desprezo à ordem atual das coisas. A Confissão de Augsburg (luterana) condenou a idéia como herética. A segunda Confissão Helvética, também protestante, a condenou. Nos séculos XVIII e XIX a doutrina ressurgiu com vigor, principalmente por causa das convulsões sociais, das quais ela parece ser uma espécie de contraponto. O dispensacionalismo, liderado por Edward Irving (1792-1834), presbiteriano carismático que terminou seus dias liderando uma Igreja Católica Apostólica, deu grande impulso à idéia de um milênio literal aqui na terra. Hoje, em círculos teológicos mais populares, a idéia encontra bastante aceitação a ponto de se pensar que é a única válida. Mas é refutada pela opinião teológica de mais peso. As denominações protestantes e evangélicas com uma teologia mais bem elaborada rejeitam a teoria. Mas alguns teólogos de peso a aceitam. No entanto, mesmo reconhecendo esta defesa individual, feita por alguns teólogos de renome, creio que as palavras de Berkhof são relevantes: "Até aos dias atuais, porém, a doutrina do milenismo ainda não foi incorporada em qualquer Confissão, e portanto ainda não pode ser considerada um dogma da Igreja"<sup>128</sup>.

Ditas estas coisas, vamos nos cingir às maiores correntes, do ponto de vista bíblico. São elas: pós-milenismo, pré-milenismo e amilenismo.

**4. O pós-milenismo** - Sua idéia básica é esta: Cristo vem após o milênio. Sua vinda será pós-milênio, portanto, daí o seu nome. Seu esquema, em linhas gerais, é como segue.

- I. *O mundo atual torna-se gradualmente milenário pela ação da Igreja*
- (1) O bem e o mal continuam juntos, crescendo lado a lado, como na parábola do joio e do trigo, em Mateus 13.24-30.
  - (2) O crescimento do evangelho transforma o mundo, derrota o mal, faz o bem reinar e inaugura o milênio. Com um conhecimento maior de Deus, os homens viverão como Adão deveria ter vivido. No fim deste período edênico (um novo Éden), os crentes se tornarão frouxos e Satanás sairá para enganá-los.
- II. *A ordem eterna*
- (1) No fim do reino milenário de justiça, Cristo voltará, impedindo novo desastre, como o acontecido no Éden.
  - (2) Ele vencerá Satanás.

<sup>128</sup> BERKHOF, Louis. *A História das Doutrinas Cristãs*. S. Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992, p. 239.



- (3) Ele ressuscitará todos os mortos.
- (4) Ele realizará o juízo final.
- (5) Os perdidos serão enviados à condenação.
- (6) Os salvos entrarão no céu.

No meu entendimento, a grande questão para o pós-milenismo é como conciliar a idéia com as declarações de apostasia do cristianismo no futuro. A pergunta de Jesus em Lucas 18.8 parece pesar contra esta idéia: "Quando vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?". Parece-me que Jesus não esperava uma cristianização progressiva do mundo, mas sim uma apostasia crescente de sua Igreja. Pareceu-me, a primeira vez que examinei a questão, e isso digo com respeito, que o pós-milenismo teria brotado da mesma terra que produziu o espiritismo: a concepção de que a humanidade caminha para uma época de ouro (a reencarnação levaria as pessoas à perfeição espiritual), o que é um resquício do humanismo antropocêntrico europeu que previa uma idade de ouro para o mundo. Mas observei que homens respeitáveis e sérios como Jonathan Edwards a preferiam. E a razão de Edwards era a sua inabalável confiança em que a Igreja tinha poder para abalar este mundo pela pregação do evangelho. Verifiquei que sua força motriz não vinha do Iluminismo, mas de uma visão apaixonada da necessidade da evangelização do mundo e da capacidade de homens consagrados, postos nas mãos de Deus, de assim fazer.

5. *O pré-milenismo* - Sua idéia básica é esta: Cristo vem antes do milênio. É por isso, por ele retornar antes, a corrente se chama pré-milenismo. Eis uma citação de Ladd, um dispensacionalista histórico:

Pré-milenismo é a doutrina que afirma que após a segunda Vinda de Cristo, ele reinará por mil anos sobre a terra antes da consumação final do propósito redentivo de Deus nos novos céus e nova terra na Era Vindoura. Esta é a forma natural de entender-se Apocalipse 20.1-6 (sic)<sup>129</sup>.

É a corrente mais popular em nosso tempo. Em parte porque é a mais sensacionalista (no sentido correto do termo, de apresentar lances políticos e interpretações sensacionais, identificando personagens históricos com o anticristo, e eventos históricos atuais como sinais da volta de Jesus), permitindo encaixar personagens atuais no seu enredo. E em parte por ter sido endossada por certas denominações como Assembléia de Deus, batistas regulares, batistas bíblicos e, parece-me, até onde sei, todos os grupos pentecostais. Alguns intérpretes (não todos, principalmente os históricos, mais austeros em suas formulações) se encaminham muito para a ficção escatológica. Já citei o alinhamento dos planetas, uma das mais tristes manifestações de falta de bom senso evangélico, mas houve, ainda, um hipotético computador-Besta do Mercado Comum Europeu (ocupando 6 andares de um prédio, em Bruxelas) e como este, o MCE, seria o novo império romano redivivo. Houve também o nascimento de um tal de Maytreia, que seria o anticristo e que já estaria no mundo, bem como a amostragem de

<sup>129</sup> CLOUSE, Robert (ed.). *Milênio - Significado e Interpretações*. Campinas: Edições Luz Para o Caminho, p. 17).



Saddam Hussein como o anticristo, a guerra do Golfo como sendo a batalha do Armagedon, etc. Várias passagens do Antigo Testamento são inseridas na sua interpretação, todas elas vistas por uma hermenêutica literalista. Vamos citar seu gráfico do Apocalipse, sabendo, como já disse, que passagens veterotestamentárias se encaixam em cada tópico e que são aqui omitidas para evitar tornar este trabalho muito extenso.

*I. Época da Igreja - Apocalipse 1 a 3*

- (1) Aumento do mal
- (2) Fracasso da Igreja

*II. A grande tribulação (sete anos) - Apocalipse 4 a 19*

- (1) Arrebatamento - a vinda de Cristo para os santos
- (2) Ceifa - a ressurreição dos santos
- (3) A Igreja retirada do mundo
- (4) O tribunal de Cristo sobre os crentes
- (5) Tribulação sobre os judeus

*III. O milênio - Apocalipse 20.1-6*

- (1) Vinda de Cristo com os santos
- (2) Respiça - ressurreição dos mortos e tribulação dos santos
- (3) Batalha do Armagedon
- (4) Satanás é acorrentado
- (5) Juízo tipo ovelhas e cabritos sobre as nações
- (6) O milênio

*IV. Pouco tempo - Apocalipse 20.7-15*

- (1) Satanás solto
- (2) Satanás encabeça revolta
- (3) Batalha de Gogue e Magogue
- (4) Satanás é derrotado
- (5) Os maus são ressuscitados
- (6) Juízo do "grande trono branco" sobre as nações

*V. A eternidade*

- (1) Os maus na inferno
- (2) Os justos no céu

Uma boa definição do pré-milenismo dispensacionalista se encontra nas palavras de Hoyt, escritor que defende esta linha de interpretação:

Será um reino *literal* no sentido pleno da palavra. Esse reino não é um ideal abstrato pelo qual os homens estão lutando, mas nunca atingirão. Será tão real quanto qualquer reino na face da terra, tão real quanto o reino histórico em Israel. O lugar verdadeiro que será o seu centro será Jerusalém e suas vizinhanças (Ob 12-21). Um Rei verdadeiro se assentará em seu trono material. [...] Este reino será um reavivamento e continuação do reino davídico histórico (Am 9.11; veja At 15.16-18) [...] Jerusalém se tornará a capital do grande Rei, da qual ele governará o mundo (Is 2.3, 24.23) (sic)<sup>130</sup>.

<sup>130</sup> Ib. ibidem., p. 71.



Boettner, que responde aos pré-milenistas no livro de Clouse, faz o seguinte comentário sobre o pré-milenismo histórico, corrente que é bastante moderada, por sinal:

... aparece certamente uma situação curiosa quando Cristo e os santos ressurretos e trasladados voltam à terra para firmar o reino milenial juntamente com homens ainda na carne. Esta condição, semi-celestial e semi-terrena, com Cristo reinando - aparentemente - em Jerusalém, com dois tipos radicalmente diferentes de pessoas (os santos, em corpos ressurretos glorificados, e os mortais comuns ainda na carne misturando-se livremente pelo mundo afora durante o período quase interminável de mil anos), me choca tão irreal e impossível que fico a pensar como alguém pode levá-la a sério<sup>131</sup>.

A observação de Boettner é tão acertada, na minha ótica, que nada tenho a acrescentar a ela, de minha parte. Mas não posso deixar de registrar uma palavra do Dr. Schally sobre o assunto:

Assim, conforme o ensino dos dispensacionalistas, no Milênio, a iniciarse com a volta de Cristo, sete anos após o arrebatamento, os israelitas terão, em tempo, restaurado o Templo, o sacerdócio e os sacrifícios de animais; estarão ainda sujeitos à lei mosaica, tendo Jesus, filho de Davi, como rei messiânico, mas certamente não atuando como sumo sacerdote, por não ser da linhagem de Arão<sup>132</sup>.

Descrevendo a complexidade de um reino com seres espirituais, seres materiais, judeus e descrentes vivendo juntos e espiritualmente servindo a Cristo, o Dr. Schally faz esta observação: "Não é de admirar que, numa situação complexa como a acima descrita, Scofield, na sua Bíblia (no rodapé do cap. 12 de Zacarias) afirme: 'O reino será estabelecido à força, e não por persuasão'<sup>133</sup>. Esta declaração de Scofield se choca frontalmente com Zacarias 4.6: "nem por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito". As pessoas acabam dizendo o que a Bíblia não diz...

**5. O amilenismo** - O *a* é o prefixo privativo, significando "não milênio". Também é chamado de não-milenismo. Basicamente esta posição não aceita a idéia de um milênio literal, alegando que ela é baseada num texto, apenas, de um livro altamente simbólico, no qual os números dificilmente podem ser considerados como literais. Nesta interpretação, literalizar a idéia é um risco.

O termo amilenismo não é muito feliz porque dá a idéia de que seus defensores não aceitam a idéia de um milênio ou que recusam os versículos de Apocalipse 20.1-6, o que não é correto. Jay Adans sugeriu outro termo, *milenismo realizado*<sup>134</sup>. Isso porque os amilenistas crêem que o milênio está em processo de formação. Mas o termo já se generalizou e é melhor aceitá-lo, dando as explicações e fazendo as ressalvas necessárias. Eis um esquema sucinto do amilenismo.

<sup>131</sup> Ib. ibidem, p. 45.

<sup>132</sup> SCHALLY, Harald. *O Pré-Milenismo Dispensacionalista à Luz do Amilenismo*. Rio de Janeiro: JUERP, 1984, p. 95, *in medio*.

<sup>133</sup> Ib. ibidem, p. 95, *in finis*.

<sup>134</sup> ADANS, Jay. *The Time is at Hand*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1907, ps. 7-11.



I. *O mundo atual* - Este estado de coisas continuará com o bem e o mal em coexistência até que chegue a segunda vinda de Cristo. É uma ordem social de natureza material e temporal que terá fim.

II. *A ordem eterna*

- (1) A segunda vinda de Cristo
- (2) A ressurreição de todos
- (3) O julgamento de todos
- (4) Os perdidos serão enviados à condenação
- (5) Os salvos entrarão no céu

O amilenismo sustenta que só haverá uma segunda vinda de Cristo, uma só ressurreição, um só juízo, terminando a ordem atual e estabelecendo a ordem eterna sem o intervalo de mil anos. O chamado milênio é um símbolo do espaço de tempo entre a primeira e a segunda vindas de Cristo, tempo em que Satanás está limitado ("amarrado") em sua ação pelo ministério do Espírito Santo e pela ação da Igreja. Neste sentido, estamos vivendo o milênio, que não deve ser visto literalmente nem como um reino visível, terreal, de Cristo aqui neste mundo, com sede em Jerusalém. No fim dos tempos em que vivemos, um *kairós* que é um *eschaton*, Satanás envidará esforços para uma ação mais ampla, visando derrubar os homens, o mais que puder. Mas seus esforços serão destruídos quando Cristo regressar. Neste entendimento, os tempos do fim serão marcados por uma agressividade satânica sem precedentes, visando destruir a presente ordem e, principalmente, a Igreja de Cristo.

No seu livro *O Milênio - O que Não É e o que É*, Fletcher encerra seu arrazoado com as seguintes palavras:

Não aguardamos um reinado físico de Cristo durante mil anos na terra, num reino potência mundial de hegemonia judaica, Jerusalém tornada centro de culto universal, num estado misto de mortais e imortais. A atual Jerusalém terrestre está em servidão com seus filhos (Gl 4.25) e é assemelhada a "Sodoma e ao Egito" (Ap 11.8), destinada à destruição pelo fogo (Lc 17.28-30, 2Pe 3.7, 10). Dos céus "aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas" (Fp 3.20-21). "Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus" (Tito 2.13) regozijamo-nos com a expectativa da redenção da criação "do cativo da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rm 8.19-23). Esta é a Ordem do Novo Mundo de Deus. "Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, aos quais habita justiça" (2Pe 3.13). Amém. Vem, Senhor Jesus!"<sup>135</sup>.

A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, como veremos, é um pouco ampla, mas favorece o amilenismo. Mas a própria CBB tem entendido que esta questão é aberta. Pelo teor dos meus comentários, parece-me que minha posição ficou clara. Mas acho que não fui tão passional. Pelo menos me conforta ver que Hammett faz a seguinte declaração: "Ao

<sup>135</sup> FLETCHER, George. *O Milênio - O que não é e o que é* Recife: Gráfica Missões Unidas, s/d., p. 76.



outro lado, a interpretação melhor de Apocalipse 20.1-6 é a interpretação pré-milenista. Então, eu sou pré-milenista, pelo menos às vezes<sup>136</sup>. Eu sou amilenista, sempre. Talvez seja um problema: dificilmente um autor na área de Teologia Sistemática fica infenso à disputa. No entanto, respeito as demais posições, crendo que não é matéria de fé e sim de posição, de interpretação.

Mas toda a polêmica sobre o assunto fica em suspenso diante de mais uma excelente observação de Hammett: "Estas são possibilidades, mas por que não temos mais informação sobre o milênio no NT? Há outras doutrinas que aceitamos com um só versículo?"<sup>137</sup>. Para evitar rupturas na Igreja por causa da divergência de interpretações é de bom alvitre acolhermos as palavras de Milne: "O centro da esperança cristã é Cristo e sua gloriosa vinda. Não devemos *já* permitir que as diferentes opiniões sobre o milênio dividam os que estão unidos em sua espera e amor pelo Senhor Jesus Cristo"<sup>138</sup>.

*6. Implicações teológicas, filosóficas e sociológicas da escatologia cristã - As implicações maiores que podemos alistar aqui são:*

- (1) Cremos que a atual ordem é passageira e será substituída, não por outra ordem humana, mas pela ordem de Deus.
- (2) Ao mesmo tempo, esta crença não deve ser um estímulo para o alheamento, mas deve ser um estímulo para um envolvimento na sociedade para que a influência cristã, reconhecendo nós a corrupção deste mundo, melhore o quanto possível esta ordem.
- (3) Qualquer que seja a corrente escatológica preferida, a questão central permanece: esperamos o retorno de Cristo para a implantação final do seu reino.
- (4) A questão da morte continua como um fantasma sobre toda a raça humana. A Igreja de Cristo tem a melhor explicação, pela sua cosmovisão, sobre o assunto. Não pode ela omitir-se do seu testemunho ao mundo.
- (5) A obra de Cristo anuncia a derrota final de Satanás, a superação da morte e anuncia ao fiel a certeza de uma vida com ele depois desta vida. O fiel tem a certeza de uma morada de descanso com o Senhor. Esta é a nossa grande esperança.
- (6) A Igreja não é um projeto que pode ou não dar certo, mas é um projeto com certeza de vitória. Só existe uma possibilidade para o desfecho da luta que se trava há milênios neste mundo e nas esferas espirituais: a vitória final de Jesus Cristo. A Igreja não trabalha com possibilidades de derrota ou de empate, mas é vocacionada para a vitória.
- (7) A obra de evangelização e missões é a tarefa que deve impregnar a mente da Igreja para que todo o mundo saiba sobre seu Salvador. No sermão de abertura do Congresso de Lausanne, Billy Graham concluiu com uma pergunta e resposta: "Por que Lausanne? Para que toda a terra ouça sua voz". A Igreja deve lembrar que toda a terra deve ouvir a voz do Senhor, antes que venha o juízo (Mt

<sup>136</sup> HAMMETT, op. cit., p. 190.

<sup>137</sup> HAMMETT, op. cit., p. 190.

<sup>138</sup> MILNE, op. cit., p. 275.



24.14). Este é o sinal maior da vinda de Jesus: a evangelização mundial para que toda a terra saiba que há um Salvador.

7. *A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira* - Este é último item da Declaração Doutrinária, não considerando ele as interpretações sobre milênio, mas apenas se referindo ao fim da história:

"Deus, no exercício de sua soberania, está conduzindo o mundo e a história a seu termo final (1). Em cumprimento à sua promessa, Jesus Cristo voltará a este mundo, pessoal e visivelmente, em grande poder e glória (2). Os mortos em Cristo serão ressuscitados e os crentes ainda vivos juntamente com eles serão transformados, arrebatados e se unirão ao Senhor (3). Os mortos em Cristo também serão ressuscitados (4). Conquanto os crentes já estejam justificados pela fé, todos os homens comparecerão perante o tribunal de Jesus Cristo para serem julgados, cada um segundo suas obras, pois através destas é que se manifestam os frutos da fé ou os da incredulidade (5). Os ímpios condenados e destinados ao inferno, lá sofrerão o castigo eterno, separados de Deus (6). Os justos, com os corpos glorificados, receberão seus galardões e habitarão para sempre no céu, com o Senhor (7)".

(1) Mateus 13.39-40 e 28.20; Atos 3.21; 1Coríntios 15.24-28; Efésios 1.10; 2Pedro 3.10.

(2) Mateus 16.27, 24.27-31 e 26.64; Marcos 8.38; Lucas 17.24 e 21.17; Atos 1.11; 1Tessalonicenses 4.16; 1Timóteo 6.14-15; 2Timóteo 4.1,8; Tito 2.13; Hebreus 9.28 e Apocalipse 1.7.

(3) Daniel 12.2-3; João 5.28-29, 6.39-40,44, 11.25-26; Romanos 8.23,; 1Coríntios 15.12-58; Filipenses 3.20-21; Colossenses 3.4 e 1Tessalonicenses 4.14-17.

(4) Daniel 12.2; João 5.28-29; Atos 24.15; 1Coríntios 15.12-24

(5) Mateus 13.49-50, 25.14-46; Atos 10.42; 1Coríntios 4.5; 2Coríntios 5.10; 2Timóteo 4.1; Hebreus 9.27; 2Pedro 2.9, 3.7; 1João 4.17; Apocalipse 20.11-15 e 22.11-12.

(6) Daniel 12.2-3; Mateus 16.27, 18.8-9, 25.41-46; Marcos 9.43-48; Lucas 16.26-31; João 5.28-29; Romanos 6.22-23; 1Coríntios 6.9-10; 1Tessalonicenses 1.9 e Apocalipse 20.11-15.

(7) Daniel 12.2-3; Mateus 16.27 e 25.31-40; Lucas 14.14 e 16.22-23; João 5.28-29, 14.1-3; Romanos 6.22-23; 1Coríntios 15.42-44 e Apocalipse 22.211-12.

A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira é razoavelmente genérica, permitindo que adeptos das diversas correntes se situem. Sua aprovação, há poucos anos, deixou um pouco desconfortados alguns pré-milenistas, pois lhes pareceu ser mais amilenista. Mas a posição da CBB é sensata: além de se centrar no essencial, deixando aspectos secundários de lado, ela foi firme em mostrar a expectativa cristã no que é comum a todos. Como a matéria é controvertida, trata-se mais de questão de opção do que, propriamente, de doutrina.



---

BIBLIOGRAFIA BÁSICA PARA TEOLOGIA SISTEMÁTICA (apresentação simplificada)

1. *Esboço de Teologia Sistemática*, Langston, JUERP
2. *Elementos de Teologia Cristã*, Uretta, JUERP
3. *Introdução à Teologia Sistemática*, Erickson, Vida Nova
4. *Palestras em Teologia Sistemática*, Thiessen, I. Batista Regular
5. *Systematic Theology*, Strong, The Judson Press
6. *Dogmática Cristã*, 2 volumes, Braaten e Jenson (eds.), Sinodal
7. *Systematich Theology*, 2 volumes, Chafer, Victor Books
8. *Teologia Sistemática*, Berkhof, Antorcha de Mexico
9. *La Religion Cristiana en Su Expresion Doctrinal*, Mullins, Casa Bautista de Publicaciones
10. *Conciso Dicionário de Teologia Cristã*, Erickson, JUERP
11. *Manual de Historia de las Doctrinas*, 2 volumes, Seeberg, Casa Bautista de Publicaciones
12. *Doutrinas Centrais da Fé Cristã - Origem e Desenvolvimento*, Kely, Vida Nova
13. *A História das Doutrinas Cristãs*, Berkhof, PES
14. *História da Teologia*, Hägglund, Concórdia
15. *Vocábulo de Deus*, Packer, Fiel
16. *Conheça a Verdade - Um Manual de Doutrina Bíblica*, Milne, ABU
17. *Doctrina Cristiana*, Conner, Casa Bautista de Publicaciones
18. *Las Enseñanzas del Señor Jesús*, Conner, Casa Bautista de Publicaciones
19. *Revelação e Deus*, Conner, JUERP
20. *O Evangelho da Redenção*, Conner, JUERP
21. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, 6 volumes, Champlin e Bentes, Candeia
22. *Dicionário de Teologia*, 5 volumes, Fries (ed.), Edições Loyola
23. *Evidencias Cristianas*, Mullins, Casa Bautista de Publicaciones
24. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, 3 volumes, Elwell (ed.), Vida Nova
25. *Imortalidade*, Shedd e Pieratt (eds.), Vida Nova
26. *Reflexões Sobre o Problema do Mal*, Grelot, Paulinas
27. *O Pecado Ainda Existe?*, Moser, Paulinas
28. *A Solidariedade da Raça*, Shedd, Vida Nova
29. *Doutrina Bíblica do Pecado*, Berkouwer, ASTE
30. *Two Hundred Years of Theology*, Berkouwer, Wm. Eerdmans Publishing Company
31. *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Léon-Dufour (dir.), Vozes
32. *Deus Estava em Cristo*, Baillie, ASTE
33. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Homem*, Stott, ABU Editora



## BIBLIOGRAFIA BÁSICA PARA ESCATOLOGIA (também em forma simplificada)

1. *A Agonia do Grande Planeta Terra*, Lindsey e Carlson, Mundo Cristão
2. *The Return of Christ*, Berkouwer, W. B. Eerdmans Publishing Company
3. *O Milênio - O Que Não é e o Que é*, Fletcher, Gráfica Missões Unidas
4. *A Vida No Além*, Summers, JUERP
5. *A Vida e Morte - Desafios e Mistérios*, Libânio e Oliveira, Paulinas
6. *Vida Para Além da Morte*, Boff, Vozes
7. *O Que Jesus Ensina Sobre o Fim do Mundo?*, Mussner, Paulinas
8. *Morte e Vida na Bíblia*, Marchadour, Paulinas
9. *A Vida Futura Segundo o Novo Testamento*, Gourgues, Paulinas
10. *Milênio - Significado e Interpretações*, Clouse (ed.), Luz Para o Caminho
11. *O Pré-Milenismo Dispensacionista à Luz do Amilenismo*, Schaly, JUERP
12. *A Bíblia e o Futuro*, Hoekema, Casa Editora Presbiteriana
13. *Escatologia, Final de los Tiempos*, Grau, CLIE
14. *A Escatologia do Novo Testamento*, Shedd, Vida Nova
15. *Israel nos Fins dos Tempos*, Jaffin, Candeia
16. *Morte*, Jüngel, Sinodal
17. *El Alfa y la Omega*, Erb, La Aurora
18. *Esperança e Escatologia*, Lepargneur, Paulinas
19. *A Nova Criação*, Rey, Paulinas
20. *Onde Estão os Mortos?*, Humbard, s/editora
21. *O Alinhamento dos Planetas*, Olson, CPAD
22. *E Depois... Vida ou Nada? - Ensaios Sobre o Além*, Aubert, Paulus
23. *A Segunda Vida - Uma Análise do Pós-Tribulacionismo*, Pereira, Vida Nova
24. *Depois da Morte*, Voke, ABU
25. *Opções Contemporâneas na Escatologia*, Erickson, Vida Nova
26. *A Ascensão de Jesus, Invenção ou Experiência?*, Lohfink, Paulinas
27. *Breve História da Escatologia Cristã*, Schaly, JUERP
28. *Vendré Outra Vez*, Ladd, Ediciones Certeza
29. *La Biblia Sobre la Vida Venidera*, Hendriksen, The Evangelical Literature League



Copyright©2001 by Igreja Batista do Cambuí

Departamento de Comunicações  
Igreja Batista do Cambuí  
Rua Vieira Bueno, 20 - Cambuí  
13024.040 - Campinas-SP  
E-mail: [ibc@ibcambui.org.br](mailto:ibc@ibcambui.org.br)  
Homepage: <http://www.ibcambui.org.br>

---